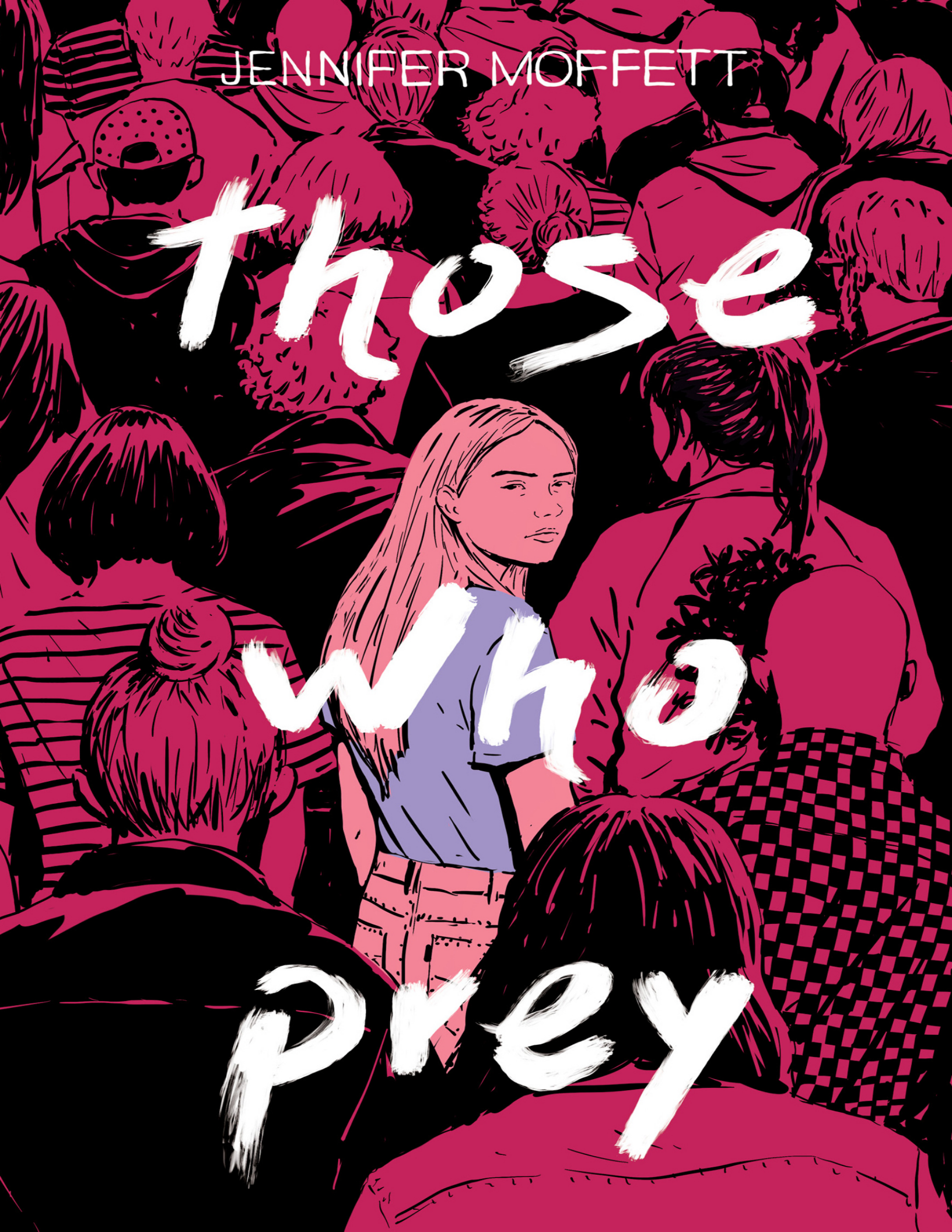
JENNIFER MOFFETT

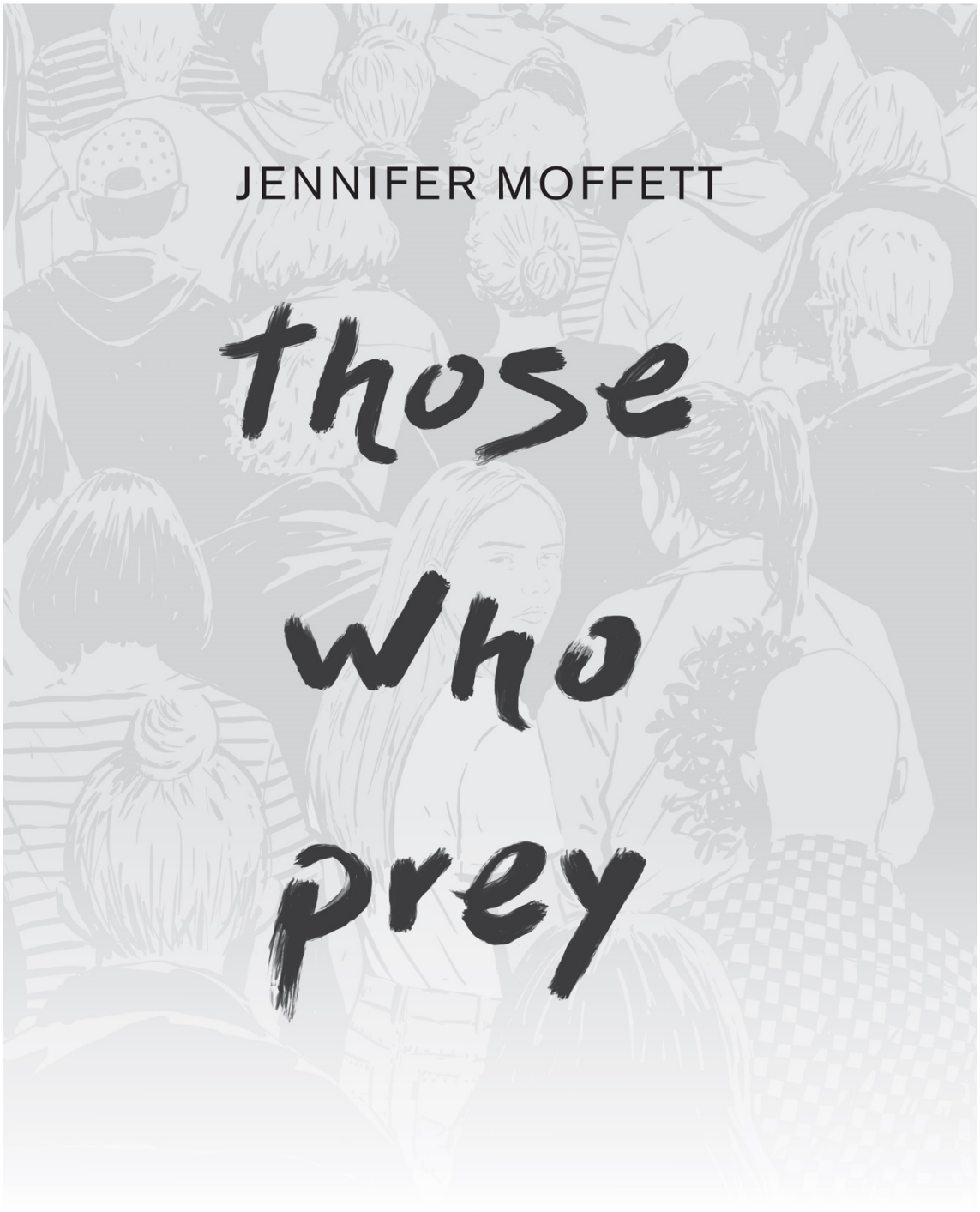
those who prey



Traduzido, revisado e diagramado por chaoticslates no twitter. Todos os direitos à sua editora e autora, apenas traduzimos a fim de levar reconhecimento para os livros no Brasil para que assim, possam ser publicados. Todos devem ter acesso à literatura, mas se você tem condições, por favor, apoie os autores e leia o original.



CHAOTIC
SLATES


JENNIFER MOFFETT
those who prey

Para Jeffrey

Itália, julho de 1994

Eu acordo do lado de fora, sob estrelas espalhadas.

Tento me mover, mas não consigo. Estou muito pesada, muito entorpecida. Uma brisa passa pelo meu rosto, agitando o cheiro de sujeira sob meu cabelo.

Minha mão está cerrada ao redor do cascalho. Lembro-me do som de algo sendo esmagado sob meus pés. A dor quando caí. Uma voz na minha cabeça. *Levanta. Corre.*

Uma mão acaricia meu cabelo. Eu ouço a voz da minha mãe. *Doce menina*, ela diz.

Estou paralisada de pânico. — Eu morri?

Shhhhhhhh. Ela está acariciando meu cabelo e cantarolando.

Uma brisa sopra em meu ouvido. Tento gritar, mas minha boca tem gosto de metal. Minha língua está pesada e grossa. Algo está rastejando no meu braço. Não, sob minha pele. Aranhas. Formigas. Milhões de insetos microscópicos. Cada poro do meu corpo está tenso, coberto de arrepios. Minhas mãos queimam com arranhões. Eu aperto o cascalho na minha mão enquanto as estrelas começam a girar em um padrão, como faróis movendo-se ao longo de estradas invisíveis no céu.

Um terror puro apaga meu desconforto. O zumbido para.

Mamãe? Eu fecho meus olhos com força. Eles se abrem novamente para o mesmo céu, as estrelas agora um borrão estridente. Estou sozinha.

Minhas memórias estão fora de alcance, avançando às minhas perguntas em clipes embaralhados. *Correndo. Correndo para longe — onde está — ai meu Deus*.

Meu primeiro pensamento coerente é como uma injeção de adrenalina: ninguém pode nos salvar.

EMILY X—

Uma viagem ao culto religioso que mais cresce no mundo com a novata ao lado.

Por Julia O. James

À PRIMEIRA VISTA, sua mochila é igual a tantas outras do campus: náilon escuro com vários bolsos e zíperes. Dentro, há chaves e um Walkman, fitas cassete e livros — de história da arte a ciências naturais — e uma série de cadernos correspondentes com o nome dela no topo de cada um.

Escondido dentro de um bolso externo, há um panfleto.

De acordo com o porta-voz da universidade, pelo menos quatro mil outros alunos receberam exatamente o mesmo panfleto este ano. — E isso é apenas uma estimativa deste único campus.

O título está impresso em negrito acima de uma foto que mostra jovens estudantes atraentes sorrindo uns para os outros em um pátio iluminado pelo sol:

7 Etapas para Multiplicar Cooperações: Guia do Aluno.

• • •

ENTREVISTA PARA EMILY X—

Artigo por Julia O. James

DRA. LUCY CRANSTON, *Professora de História da Arte de Emily (Boston)*:
Emily era uma aluna brilhante. Ela era sempre pontual e preparada para as aulas. Parecia um pouco distraída no final do semestre, mas isso é muito alarmante de se ouvir.

SUMMER, *amiga de infância de Emily (Oceanview, Mississippi):*
Eu deveria ter ligado mais ou enviado cartas.
F alávamos sobre eu voar para lá, mas minha agenda ficou louca e eu nunca tive folga do trabalho para visitá-la.

SADIE, *ex-colega de quarto de Emily no dormitório:*
Emily era um docinho. Provavelmente fui difícil para ela e lamento isso agora. Eu estava passando por uma séria merda pessoal. Sinceramente, não acho que ela percebeu que eu estava usando, tipo, o tempo todo.

PAI DE EMILY, *(Oceanview, Mississippi):*
Não tenho um comentário neste momento.

TAMARA, *meia-irmã de Emily (Oceanview, Mississippi):*
Eu disse a ela para não ir à escola em Boston, mas Emily nunca me escuta. Isso é tudo que posso dizer, já que eu não deveria dizer nada em primeiro lugar.

DEBORAH KLEIN, *madrinha de Emily (Zurich, Switzerland):*
Isso não é oficial. Não quero que você a retrate como uma espécie de garota descuidada em seu… espere. Você poderia confirmar isso para mim?

Emily é uma aventureira, uma pensadora profunda, uma garota brilhante, e acho que ela estava tentando se aproximar de sua mãe. Faz sentido, considerando as circunstâncias. Infelizmente, principalmente para seu pai, acredito que ela conseguiu.

PARTE UM

Boston, semestre da primavera de 1994

"A verdade, como a luz, cega. A mentira, ao contrário,
é um belo crepúsculo que valoriza cada objeto."

—ALBERT CAMUS

PASSO 1: Apresente-se a alguém novo. Tente um aluno sentado sozinho ou alguém que pareça chateado ou deslocado. Convide-o para uma atividade informal.

Rituais

Estou mergulhada em Henry James quando Christina Livingston invade a sala comunal. A maquiagem de sempre nos olhos e o cabelo desgrenhado indicam seu aparente estado mental. Ela procura freneticamente em cada canto da sala, até mesmo se agacha no chão para olhar sob as cadeiras e mesas.

Tentando não rir, imagino minha ex-colega de quarto, Sadie, zombando do primeiro pensamento que veio na minha cabeça: *dirigir aquele trem. Chapada de cocaína.* Era a música tema de Sadie para Christina, mas Sadie tinha outros trechos da letra em mente apenas para mim, como o refrão de "Here Comes Your Man" quando caras aleatórios que ela considerava indesejáveis passavam por ali.

Viro a página do meu livro e finjo ler, esperando que Christina vá embora. Ela é o tipo que procrastina até ter que ficar acordada a noite toda cheirando Ritalina através de um canudo plástico cortado para estudar para um teste. Ela costumava fazer isso no meu quarto com Sadie enquanto pensavam que eu estava dormindo.

Christina estala os dedos duas vezes em rápida sucessão. — *Ei*.

Eu olho para cima.

— Cadê meu caderno? — ela pergunta. Os ursinhos animados em sua camiseta chutam com alegria o caminho para um vórtice tingido como se estivessem zombando de mim. As sobrancelhas de Christina se erguem em uma expressão que é confrontadora e paciente. Como: eu tenho toda a manhã para encher o seu saco até que você me ajude a encontrar.

— Não tenho ideia — digo.

Ela inclina a cabeça e chega mais perto. — Bem, estava aqui há alguns minutos e agora se foi. Você é a única pessoa aqui, então o que você acha que aconteceu com ele?

— Eu não sei, Christina. Acabei de chegar aqui — é difícil soar bem quando se trata de Christina. Por que alguém iria querer suas anotações para outra coisa que não fazer besteira com o efeito sonoro de um ovo chiando em uma panela? *Seu cérebro sob efeito de drogas é assim*.

Christina coça para cima e para baixo o antebraço enquanto caminha. — Você sabe que eu realmente não preciso dessa merda vindo de você, *narc*.

O apelido me faz estremecer. É inevitável desde a manhã em que finalmente tive que contar a alguém sobre Sadie. Não havia outra escolha — sua pele estava muito pálida, seu pulso irregular. Mesmo quando a sacudi o mais forte que pude, ela não acordou e eu não tinha ideia do que ela tinha tomado. Eu tinha entrado em pânico.

— Sadie odiava você, sabe — Christina sibila. Minhas mãos começam a tremer. Eu sei que não devo dizer a ela que Sadie me agradeceu no pronto-socorro, de onde eu nunca saí de seu lado, embora os outros "amigos" de Sadie nunca a tivessem verificado uma única vez. Antes da partida abrupta de Sadie, eu pensei que eles eram meus amigos também, mas acho que a palavra tem uma definição mais vaga para o seu primeiro ano de faculdade. Foi preciso vir aqui para perceber o quão longe é 2.389 quilômetros (eu contei) para ficar longe de sua melhor amiga. Summer ficou em casa para trabalhar em um restaurante enquanto faz aulas de arte na faculdade comunitária. Ainda dói lembrar como Summer desligou nas últimas vezes em que tentei ligar para ela, fosse correndo para a aula ou saindo com os outros amigos que deixei para trás. Eu finalmente percebi e parei de tentar.

Eu me viro para ver os outros supostos amigos de Sadie se aproximando da porta procurando por Christina. *Merda.* Não estou com vontade de lidar com eles agora. Pego meu livro e saio correndo da sala. — Boa sorte com ela — digo ao passar, esperando uma reação simpática, mas eles me encaram com hostilidade silenciosa. Corro pelo corredor, onde cada porta de metal exibe ímãs personalizados e post-its coloridos com mensagens amigáveis. Eu resisto ao impulso de derrubá-los para fazê-los parecer a minha: uma lousa cinza e opaca.

Piscando para conter as lágrimas, bato a porta e tranco. O silêncio me vence. — Lar doce lar — digo sarcasticamente para o lado vazio de Sadie do quarto, onde orifícios na parede são a única evidência de que ela esteve aqui. Esta tem sido minha vida durante todo o segundo semestre, no meu dormitório, sozinha.

Em momentos como este, tenho duas opções: me enrolar na cama e me permitir chorar ou realizar o ritual que me mantém aqui mesmo quando quero ir embora.

Meus olhos vão para a cama antes de me recompor e caminhar até o telefone e pegar o receptor. O som de discagem ecoa em meu ouvido enquanto penso no que diria à pessoa que atender. Meu pai diria: *eu disse que não era uma boa ideia. Apenas volte para casa.* Mesmo quando ele está preocupado, sua voz é cheia de condescendência que diz que eu era muito jovem para me mudar para tão longe. Parte do ritual é nunca me permitir apertar os números quando estou muito chateada. O som de discagem é como um zumbido prolongado de resposta errada — *errado, tente novamente*. Às vezes eu até imagino uma líder de torcida insuportável: *dê mais uma chance à vida universitária!*

Antes, o sarcasmo mal direcionado de Christina sobre seu estúpido caderno seria algo do que Sadie e eu teríamos rido, facilmente descartado, mas agora é apenas mais um lembrete de que eu não pertenço aqui. Que nunca pertenci. Com os nós dos dedos brancos, desligo o telefone. *Não vou deixar que eles estejam certos sobre mim.* Pego minha mochila, já verificando minha lista de leitura enquanto a coloco por cima do ombro antes de sair correndo porta afora. A batida ecoa enquanto eu me apresso, me levando ainda mais longe de casa.

Quando saio do meu dormitório para o sol da primavera, quase encontro um grupo de garotas que estão muito ocupadas rindo de algo que uma delas disse para notar qualquer outra pessoa ao redor. Uma soa tanto como Summer que

meu coração se aperta. Ela provavelmente está em sua aula de cerâmica na faculdade comunitária agora, ou desenhando em seu terraço sob os sinos de vento ruidosos de sua mãe. Tenho saudades dela, mas fui eu que me debrucei sobre pilhas de brochuras lustrosas apresentando cidades brilhantes longe de casa e alunos sorrindo para professores que pareciam felizes e iluminados. (— *Tão* encenado — minha meia-irmã mais velha, Tamara, disse, revirando os olhos.)

E talvez Tamara estivesse certa. Talvez eu não pudesse ver além da ideia de novas possibilidades. Meu pai até se ofereceu para me deixar tirar um ano de folga primeiro, já que eu mal tinha dezessete anos na formatura. Eles me avançaram um ano no ensino médio para que eu pudesse "permanecer desafiada". Meu pai teve dúvidas sobre essa decisão quando chegou a hora de eu me mudar, mas eu estava mais do que pronta para um novo começo.

As calçadas nas fotos do folheto da faculdade tornaram-se caminhos desconhecidos por quadrantes verdes perfeitos. Eu os imaginei cobertos com camadas de folhas em tons de joias que se transformariam em labirintos cinza escuro esculpidos na neve poeirenta, e então salpicados com flores de cerejeira rosa nesta época do ano — longe de todas as coisas em casa que nunca parecem mudar.

Então, escolhi Boston, mesmo depois que meu pai relutou em deixar eu me mudar para tão longe. A menos que eu mudasse meu nome, as faculdades próximas seriam um pesadelo. As provações de papai começaram a atrair publicidade — descobriram que os setores lucrativos desafiadores, e as pessoas mais ricas no topo, também atraíram grandes inimigos. E há também a notória reputação de Tamara (por razões muito diferentes). Eu só queria a chance de começar a vida adulta com espaço para ficar por minha conta, sem pessoas esperando para me ver cair. Eu já comecei a preferir meu quarto trancado a atividades do ensino médio e eventos sociais. E tenho certeza que papai percebeu, ou pelo menos ele começou a me encarar com aquela expressão vidrada, aquela que me faz pensar se ele está preocupado por eu estar me transformando na pessoa de quem nunca podemos falar: minha mãe.

Por minha conta. Eu pedi isso. É o que eu pensei que queria. Mas é difícil ver as pessoas tão felizes onde pertencem quando meus "caminhos desconhecidos"

acabaram por serem calçadas regulares onde os olhos de outras pessoas raramente encontram os meus.

Então, agora, aqui estou eu, todos os dias, caminhando por pontes que cruzam interestaduais, vagando pelas sombras retangulares entaladas entre prédios altos, entrando e saindo de elevadores e subindo e descendo escadas rolantes de aço. E eu aprendi que se eu recusar me virar, fico longe o suficiente da possibilidade de desistir e ir para casa.



Meu local de estudo secreto é uma cafeteira próxima, onde minha cadeira favorita espera contra uma parede de tijolos quebrada e as pessoas se reúnem atrás de pilhas de livros sem qualquer expectativa de socialização. É onde o movimento externo dos pedestres e do tráfego cria uma energia periférica que me permite cair profundamente em mundos distantes que existem apenas entre as páginas.

Henry James e eu sempre tivemos problemas, o principal é que não consigo passar de duas páginas de suas frases prolixas sem meus olhos vidrados. Mas quando a história finalmente decola, posso ouvir as saias em camadas de musselina deslizando (*uma centena de babados e frescuras e nós de fitas de cor clara*). Cavalheiros batendo suas bengalas. E então todos ao meu redor estão tomando chá em xícaras delicadas. No exato momento em que o Sr. Winterbourne está refletindo sobre o nível de virtude de Daisy (*algumas pessoas lhe disseram que, afinal, as garotas americanas eram extremamente inocentes; e outras lhe disseram que, afinal, não eram*.), Uma voz masculina fala.

— Você realmente gosta desse tipo de coisa ou é para uma aula?

Olhando para cima, eu pisco enquanto o mundo ao meu redor volta ao foco.

Um garoto com cabelo escuro e ondulado olha para mim com expectativa da cadeira ao lado da minha antes de perguntar de novo: — Eu só estava me perguntando o que você acha do seu livro.

Ele se inclina em minha direção e tira o cabelo da testa em uma varredura casual. Os outros detalhes dele são registrados simultaneamente: camiseta azul

marinho, jeans surrados, botas de caminhada. Ele é alto, com uma construção muscular esguia, do tipo que você não notaria a menos que ele lhe desse um abraço. Praticamente o tipo de cara pelo qual a maioria das garotas mergulharia de bom grado em um poço de problemas.

— Err, hm — eu gaguejo, baixando meus olhos de volta para o meu livro. Já faz muito tempo que alguém se aproximou de mim assim. O primeiro semestre era cheio de atividades e festas para conhecer você – agora parecia que todos tinham se acomodado em grupos fechados, me deixando encalhada em uma ilha social com nada além de livros didáticos.

— É para uma aula — digo finalmente. — Acho que é bom se você gosta de frases longas e complicadas.

Ele sorri. — Eu prefiro Hemingway — diz ele.

Eu reviro meus olhos. — *Todo* cara gosta de Hemingway — ele ri e eu começo a relaxar. — Você é formado em inglês?

— Sim — o cara misterioso responde. — Você?

— Indecisa — inglês é um dos muitos cursos que ainda estou considerando. Eu me apaixonei por literatura no ensino médio, e papai diz que se formar em inglês seria uma boa preparação para a faculdade de direito, mas eu nunca quis seguir o caminho dele. Ele só não sabe disso ainda.

— Então, você lê para se divertir? — ele cutuca.

— Eh, não sei. Não tenho certeza se devo admitir isso, mas é minha terceira tentativa. Henry James é, tipo, o rei dos pontos e vírgulas.

Ele ri. — Bem, não há nada pior do que uma confusão de pontos e vírgulas — diz ele, desta vez revelando a sugestão de um sotaque familiar.

Eu me inclino para frente na minha cadeira. — De onde você é? — eu pergunto.

— Louisiana.

— *Sério?* — não são muitos os formados na Costa do Golfo que optam por mudar para o norte, mesmo que seja apenas pela preferência do sol sobre a neve.

— Sim, senhora. Mas não conte a ninguém — ele sussurra a última parte.

Desta vez, reconheço o sotaque suave, as sílabas borradas que a maioria das pessoas pronuncia de forma diferente.

— Acho que você também não é daqui.

— Uau. Como você sabe? — sou sarcástica. Aprendi a esconder meu sotaque sulista na escola falando rápido – ou não falando – para evitar a zombaria que inevitavelmente se segue, mas às vezes, como agora, não consigo evitar que ele relaxe em seu ritmo natural.

— Tá. Me deixa adivinhar de onde — ele aperta os olhos para mim. — Alabama.

— Não.

Suas sobrancelhas se erguem. — Não? Bem, acho que vai ter que me dar uma dica, então.

Eu penso por um segundo. — Nossos estados estão conectados.

— Então, estamos conectados, hein? — seus olhos brilham com intriga.

Algo estremece dentro do meu peito e se dissipa em uma leve tontura.

— Arkansas? — ele tenta.

Eu balanço minha cabeça que não, meus lábios selados em um sorriso.

Ele se inclina mais perto e estreita os olhos. — Eu sei — ele olha em volta como se tivesse certeza de que ninguém mais pode nos ouvir. — Diga "vocês" — ele sussurra.

Eu rio e olho diretamente em seus olhos verdes pálidos, as bordas enrugadas em diversão. — Vocês — eu sussurro como um segredo, colocando o acento forte.

Ele me segura com seu olhar. — Bem, mal posso esperar para conhecê-la melhor, Emily, para poder ouvir tudo sobre Mississippi — ele estende a mão. — Eu sou Josh — diz ele.

Estendo a mão para apertá-la, então faço uma pausa. — Espera. Como você sabe meu nome?

Ele acena com a cabeça para a mesa onde meu nome está marcado em letras maiúsculas na frente do meu caderno. Ele sorri para mim. — Achou que eu era vidente ou algo assim?

Soltando sua mão, tento não parecer envergonhada.

Seu rosto se contorce em uma expressão estranha como se ele tivesse acabado de pensar em outra coisa. — Alguns dos meus amigos vão se encontrar aqui amanhã. Quer se juntar a nós por volta das sete e meia?

— Ah, sim, claro — estou muito surpresa para dizer mais alguma coisa.

Josh pega seu livro e se levanta. — Ótimo. Estou ansioso para te ver então, Emily — e então ele se foi tão abruptamente quanto apareceu.

Eu olho ao redor do lugar desorientada, como se acordasse de um sonho. Um cara de moletom cinza está roncando no sofá esfarrapado ao meu lado. Um moedor de café pontua os sons fracos do jazz. Duas garotas com mochilas abrem a porta, deixando entrar o barulho do trânsito. Eu me pego olhando para a janela em busca de sinais de Josh. Não há nada, exceto a passagem constante de carros, mas ainda posso ouvir suas palavras de despedida: *estou ansioso para te ver*.

Sorrindo para a minha antologia, volto para Henry James. Eu nem mesmo noto os pontos e vírgulas desta vez enquanto as cenas voltam à vida.

PASSO 2: Conheça a pessoa que você convidou. Descubra o que vocês têm em comum. Faça uma conexão real.

Pollock Sabe Mais

Artes é minha aula favorita, mas hoje não consigo parar de olhar para os pedaços de tinta e gesso presos na minha mesa. Eles ficam dentro e fora de foco enquanto eu traço os padrões irregulares com meu dedo.

Dra. Cranston está palestrando, mas suas palavras não são registradas. Ela está andando na nossa frente, seu cabelo saindo em ângulos bagunçados. Quando ela clica no projetor de slides, eu olho. Uma pintura de Jackson Pollock aparece na tela gigante. — Estética —, diz ela. — Lembram daquela palavra que aprendemos no primeiro dia de aula? Qual é a nossa resposta pessoal à arte? Como tentamos *definir* isso? — ela vira as costas para a tela e acena com o braço em direção à imagem. — Vocês podem definir isso?

Eu fico olhando para as linhas curvas de tinta respingada onde as faixas pegajosas de branco parecem dançar na frente da escuridão atrás delas. A sala de aula está silenciosa. A Dra. Cranston pega os óculos de gatinho pendurados em uma corrente em volta do pescoço e os coloca sobre os olhos. Ela inclina a cabeça para nós, semicerrando os olhos naquele momento em que os professores esperam mais do que somos capazes de dar. Às vezes me pergunto se eles

esquecem que somos apenas adolescentes esperando para receber conhecimento pré-pago.

— Nada? — ela pergunta.

Uma voz masculina atrás de mim diz: — Respingos aleatórios — alguém ri.

Ela olha para o fundo da sala com irritação controlada. — Não quero dizer no sentido literal. Alguém mais?

— Caos —, responde uma garota com cabelos trançados na primeira fila, uma especialista em drama, sem dúvida, a julgar por sua pronúncia ofegante da palavra.

— Caos. Hmm. Gostei. Talvez — Dra. Cranston esfrega o queixo com otimismo cauteloso. O projetor reflete uma luz branca em seus óculos até que ela se vire para tocar na tela. — Mas e se *definir* não for o ponto? Talvez o objetivo seja experimentá-lo como um campo de energia, e, nas palavras de seu livro, como "remanescentes iluminam o ato da criação".

Enquanto todos os outros se movem para a frente para escrever, eu imagino as palavras — "energia", "remanescentes", "criação" — e olho para a luz salpicada de poeira do projetor.

Dra. Cranston clica no próximo slide, uma citação de Jackson Pollock. Ela lê em voz alta: — "Quando estou pintando, não tenho consciência do que estou fazendo". Já se sentiram assim com relação a qualquer coisa que fizeram? — ela examina a sala.

Penso em explorar museus — um lugar onde me sinta menos sozinha. Circular a mesma estátua ou contemplar a mesma pintura é uma forma de conectar as pessoas, mesmo que seja apenas por alguns momentos. Eu também adoro ser voluntária em uma cozinha comunitária próxima. Tudo começou com um dia obrigatório de voluntariado de calouros, quando Sadie e eu nos inscrevemos para visitar convidados idosos para uma refeição. Embora Sadie não tivesse aparecido, gostei de conversar com uma simpática senhora de oitenta anos chamada Helen. Desde que Sadie foi embora, Helen às vezes é meu único contato humano.

Dra. Cranston anda novamente, chamando minha atenção. — Aqui vai uma dica. Se algo faz você se sentir assim, provavelmente é o que você deveria estar fazendo com sua vida.

Eu fico olhando para minha mesa respingada de tinta e tento imaginar o lugar que vou passar todos os dias da semana depois da faculdade. Eu gostaria de poder imaginar, mas não consigo. É por isso que estou aqui. E é por isso que vou ficar.



Eu localizo Josh primeiro. Eu estava nervosamente animada para sair com ele — eu mal consegui me concentrar durante qualquer uma das minhas aulas hoje, não apenas artes, e passei um tempo embaraçosamente longo escolhendo minha roupa, apenas para acabar na mesma que usei o dia todo.

Josh está sentado em um sofá no fundo com dois outros alunos: um cara atraente e bem vestido e uma garota ruiva. Eles parecem relaxados, apenas felizes por estarem juntos. Hesito na porta, de repente sem saber como abordar sua dinâmica familiar. Então eu troco olhares com Josh, e minha apreensão diminui.

Ele se levanta para me cumprimentar. — Ei, estou tão feliz que você veio. Quero que você conheça meus amigos —, diz ele, me guiando na direção deles.

A garota de cabelo ruivo é ainda mais impressionante de perto. Ela está me olhando de uma forma curiosa, mas ainda amigável — o exato oposto dos amigos de Sadie.

— Esta é Emily — Josh diz. Sua mão está quente nas minhas costas. Posso sentir o cheiro limpo de sabonete irradiando de sua pele.

— Eu sou Heather — ela diz. Seus olhos estão arregalados e lacrimejantes e ligeiramente inclinados em contornos de gatinho, com o mínimo de maquiagem. Sua boca está franzida para o lado como se ela estivesse se divertindo.

— Prazer em conhecê-la — eu digo.

Eu olho para o outro sofá onde o cara mauricinho com cabelo castanho desgrenhado continua prendendo atrás das orelhas como se fosse um hábito. — Oi —, ele diz. — Sou Andrew — ele se levanta e aperta minha mão. Suas mãos são macias com dedos longos e finos, do tipo que você gostaria de enredar nas suas durante um filme. Ele é incrivelmente bonito, mas seu sorriso parece forçado. E ele continua olhando para os outros como se estivesse distraído.

— Quer um pouco de café? — Josh me pergunta.

— Quero — eu fico lá sem jeito enquanto ele se afasta.

Andrew se senta novamente e dá um tapinha no lugar vazio do sofá. — Senta.

Josh já está parado sob um quadro negro gigante abarrotado de opções rabiscadas a giz, então me sento ao lado de Andrew.

Heather se inclina para frente para colocar sua bolsa no chão. Quando ela se senta de novo, seus cabelos saltam com ela. Seus cachos estão soltos no estilo Julia Roberts, e Heather irradia a mesma energia. Sempre me perguntei como seria chamar a atenção de uma sala inteira. — Josh disse que você é do sul —, diz ela. — Eu tenho bons amigos de Nashville. Eles são as pessoas mais legais que já conheci na minha vida. Eles são como minha família.

— É. Acho que nós, sulistas, somos conhecidos por nossa hospitalidade —, digo. Heather me oferece um sorriso genuíno.

Andrew se vira para olhar em minha direção e cruza a perna, expondo um logotipo azul da Polo em sua meia bege. — Sabe, você não tem um sotaque forte. Não como aquele cara, pelo menos — Andrew aponta para Josh, que está casualmente encostado na parede de tijolos, ainda esperando meu café. Heather ri de Andrew como se fosse algum tipo de piada interna.

— Sim, basta perguntar a Dra. Davidson —, diz Heather. Andrew começa a rir.

— Quem é Dra. Davidson? — eu pergunto.

— Você terá que perguntar a Josh sobre isso —, diz Andrew. — É hilário.

— Me perguntar o quê? — Josh me entrega meu café e se senta ao lado de Heather.

— Dra. Davidson — Heather diz com um sorriso. Ela se inclina e dá uma cotovelada no braço dele.

— Não — Josh afunda de volta no sofá e sorri para mim. — É muito constrangedor.

— Deveria contar a ela —, diz Andrew. — Ela vai entender.

Tomo um gole do meu café e observo com expectativa.

Josh exala um suspiro dramático. — Eu disse "sim, dona" para minha professora de psicologia. Em aula. A propósito, não diga "dona" para uma professora, ou qualquer mulher ao norte de Nashville.

Heather e Andrew começaram a rir.

Um calor repentino se espalha pelo meu rosto. Na verdade, cometi exatamente o mesmo erro na minha primeira semana de escola. Felizmente, isso aconteceu na privacidade do escritório da professora, mas não correu bem. Ainda estou muito humilhada com a expressão de horror no rosto da minha professora para compartilhar isso com alguém.

— O que ela fez? — eu pergunto a Josh.

— Bem, ela me chamou de "docinho" e sugeriu que nos voltássemos ao início.

Heather se encolhe dramaticamente. — E... —, diz ela, batendo no braço de Josh como se o incitasse a terminar a história.

Josh olha para o teto com um constrangimento divertido. Ele dá de ombros, mas não dá mais detalhes. — E agora ela zoa ele — Andrew interrompe. — Juro. Eu vejo. Ela chama Josh de "Sr. Dona" na aula — Heather e Andrew começam a rir de novo.

Heather puxa os pés sob as coxas como se estivesse se sentindo em casa. Ela sorri para Josh. — Sério. Não estamos tirando sarro de você — ela tenta conter o riso, mas não consegue impedir outra explosão.

Percebo que Josh está rindo com eles, como se resignado com a humilhação.

— Não é a coisa mais hilária? — Heather me pergunta.

— Muito engraçado — eu concordo. A atitude descontraída de Josh é revigorante. Fiquei tão horrorizada quando cometi o mesmo erro que quase desisti da aula.

— Então, Emily — Heather muda sua atenção para mim. — Você está em uma fraternidade?

Soltei uma risada abrupta. — Hum, não.

Eu imediatamente lamento meu tom de julgamento. A vida grega nunca foi algo de que eu quisesse fazer parte, como muitas garotas com quem cresci. "Ah, Em. É uma boa maneira de conhecer pessoas", Tamara sempre dizia. Ela era rápida para julgar as outras irmandades. "Cheias de QRs", ela dizia, então acrescentava em um sussurro conspiratório: "Você sabe. *Questionáveis. Reputação*." (Ironia não era a especialidade de Tamara.)

— Desculpe, você está em uma fraternidade? — eu pergunto a Heather. Eu poderia facilmente vê-la como a garota na frente da foto do grupo, envolta em um Omega gigante ou um X ou um triângulo, uma recruta principal.

— Ah, não — Heather rejeita com um aceno de mão. — Tenho bolsa integral, então não há tempo para isso. Aliás, gosto de me concentrar em... coisas mais profundas —, diz ela. — Existem coisas muito mais importantes neste mundo do que assistir 90.210 com cinquenta outras garotas em uma sala comunal ou ficar tão bêbada a ponto de nem se lembrar do que fez.

— Amém —, diz Andrew, levantando sua xícara de café como se fosse um brinde.

Bebo meu café com um sorriso. Onde estavam essas pessoas no semestre passado?

— Acho que não a vi por aí, Emily —, diz Heather. — Em que dormitório você está?

— As Torres — eu respondo.

— Ah legal! Você gosta da sua colega de quarto? — Heather pergunta.

— Err. Uh. Eu não tenho uma —, eu falho. — Sadie, hum... — eu paro. — Ela voltou para casa no intervalo. Acho que ela sentiu falta do sol da Califórnia — percebo a ironia nessa afirmação, já que Sadie praticamente se escondia em nosso dormitório às escuras o dia todo e ficava fora a noite toda apenas para fazer tudo de novo por semanas a fio.

— Aff, estou com tanto ciúme —, diz Heather. — Minha colega de quarto me dá nos nervos. Ela nunca cala a boca. Graças a Deus ela está levando dezoito horas neste semestre e está sempre na biblioteca, ou eu juro que já a teria matado com minhas próprias mãos.

Eu rio educadamente. Sadie era agradável em seus dias bons, e eu sinto muita falta da nossa "camaradagem de criações opostas" (como ela chamava). Com ela fora, eu daria as boas-vindas a uma colega de quarto tagarela.

Eu sacudo a solidão invasora e acrescento: — Bem, se isso faz você se sentir melhor, nunca é tranquilo nas Torres, mesmo sem uma colega de quarto.

— É por isso que você estuda *aqui* —, diz Josh. Ele se vira para Heather. — Eu conheci Emily aqui lendo Henry James pela... Qual? Terceira vez? — ele se vira para mim e dá uma pequena piscadela. Eu coro.

Heather segura o café com as duas mãos, logo abaixo do queixo, os olhos arregalados de interesse. — Ah, me conta sobre a sua aula!

— Sim, é apenas uma aula de pesquisa, mas estou gostando muito — Heather, Josh e Andrew olham para mim, pedindo para continuar. Minhas palavras secam e eu mudo nervosamente com a consciência da atenção dirigida a mim de todos os ângulos.

Andrew deve notar meu desconforto e, felizmente, interrompe. — Eu adorei minha aula de pesquisa. Os clássicos e tudo. Claro, eu já tinha lido na escola preparatória —, diz Andrew.

— De onde você é? — eu pergunto a Andrew.

— O meio-oeste —, ele diz vago, endireitando a postura. Ele põe o cabelo atrás das orelhas de novo. — Mas fui criado por diretores de internatos — ele se inclina para pegar o café e olha para o relógio. — Gente, é melhor irmos logo ou vamos nos atrasar —, diz ele para Heather.

Heather olha para o relógio. — Ai meu Deus, para onde foi o tempo?

Meu humor de repente murcha enquanto eu os vejo juntando as coisas.

— Desculpe, temos um simpósio hoje à noite —, Josh me explica, jogando a mochila no ombro.

— Ah, sem problemas — eu insisto, adicionando um gesto casual e desdenhoso da minha mão para esconder minha decepção. — Vocês estão todos cursando a mesma aula?

— É também um estudo bíblico —, Heather diz com naturalidade.

Eu olho para Josh, surpresa. Ele não parece nem um pouco envergonhado. — Eu pediria para que você viesse, mas...

— É apenas para convidados —, Heather interrompe, soando apologética e condescendente. Ela coloca a bolsa no ombro e se levanta. — As tarefas de leitura devem ser concluídas com antecedência, como sua aula de literatura.

— Às vezes nos reunimos apenas para sair, no entanto — Josh diz rapidamente. — Talvez você queira se juntar a nós? Poderíamos nos encontrar aqui de novo.

— Claro — eu digo, ainda um pouco chocada com o fim abrupto de nossa noite.

Josh fica para trás enquanto Heather e Andrew caminham até a porta, observando até que estejam a uma certa distância antes de dizer em um falso tom sério: — Bem, acho que vou precisar do seu número de telefone, então — ele enfia a mão na mochila e me entrega uma caneta e um pedaço de papel.

Eu anoto meu número, tentando suprimir o sorriso no meu rosto, e entrego a ele. — Divirta-se — eu digo.

Ele se inclina para sussurrar enquanto passa. — Sim, senhora.

manipulação mística: quando as coisas parecem coincidentes, mas na realidade, são cuidadosamente planejadas e orquestradas

Pesquisa Primária

Eu endireito as coisas quando estou ansiosa.

As fotos na minha mesa são uma distração bem-vinda enquanto espero pela ligação de Josh. Meu pai sob uma barraca traseira, seu braço em volta do ombro sardento da minha madrasta, Patti, em um top de babados. Eu com Summer no barco do pai dela, a língua de Summer para fora em homenagem ao logotipo dos Rolling Stones em sua camisa. Fotos da festa de Tamara com sorrisos embriagados pairando sobre xícaras vermelhas Solo. Patti envia tantos desses que eu nunca tive que perguntar por que Tamara não me liga... tipo, nunca. Os motivos estão impressos sob os símbolos gregos rotulando cada um: *Woodstock. Sadie Hawkins. Spring Fling.* "Queria que você estivesse aqui." *Tá, certo.*

Depois, há a outra, a foto que papai colocou na minha mala antes de eu ir para Boston: uma foto em preto e branco da minha mãe. Está um pouco borrada e sua expressão está distante, como se ela estivesse perdida em um pensamento complicado sentada sob uma árvore no campus onde conheceu meu pai. Olhar para a foto dela é como olhar para um vazio em um teste quando você não consegue se lembrar da resposta e, mesmo quando você tenta e tenta, nada vem, exceto a frustração cegante de que você nunca vai acertar.

Eu suspiro e coloco a foto de lado. Minha atenção se move para minha janela. Milhares de luzes piscam e mudam do lado de fora, como uma constelação agitada que ecoa minha sensação de inquietação. Quando o telefone finalmente toca, meu coração salta quando atendo.

— Então você se divertiu? — Josh pergunta.

— *Você* se divertiu? — ainda sinto uma pontada de ressentimento por ter sido abandonada para o encontro exclusivo.

— Sim, na verdade. Tanto no café quanto no simpósio.

Eu faço uma pausa. — Assim. Você é religioso?

— Você não é? Sendo das profundezas tementes a Deus do Cinturão da Bíblia, onde há mais igrejas do que restaurantes?

— Bem, eu acho. Quer dizer...

— Estou brincando. Os simpósios não são nada parecidos com aquelas igrejas, é mais como sair com amigos — ele faz uma pausa. — Mas só por curiosidade, de que religião você é?

— Episcopal —, eu digo. — Da variedade de meio expediente —, acrescento com um sotaque sulista de falsa dignidade.

— Olá, meu nome é católico romano caduco. Prazer em conhecê-la.

Nós rimos quando pego o telefone e estico o fio até a minha cama. Conversar com Josh é a forma mais relaxada que já estive com alguém desde que me mudei para Boston.

— Mais alguma coisa que você queira saber? — Josh pergunta.

Eu quero saber tudo sobre ele. Eu me conformarei com: — Hmmm. Comida favorita?

— O que? Pergunta chata, mas tudo bem. Hmmm. Pizza —, diz ele.

— Ha! Resposta chata. Não sente falta da comida do sul?

— Ok. Vou admitir. Eu trocaria mil rolos de lagosta por uma fervura extra de lagosta picante qualquer dia.

— Acho o mesmo.

Um silêncio mais longo se expande. Corro para preenchê-lo. — Então, o que você odeia em Boston?

— Nada. Eu amo aqui.

— Sério? Tem que haver alguma coisa.

— Não. Sério. Fiz alguns dos melhores amigos que já tive.

Estou perplexa. Sempre fui boa em fazer amigos até que me mudei para cá, onde de alguma forma consegui afastá-los todos de uma só vez.

— Pelo seu silêncio, deduzo que você não teve a mesma experiência —, diz ele.

Eu suspiro. — Não muito.

— Bem, parece que não está procurando nos lugares certos. Quer saber o que eu acho?

— O que?

— Eu acho que você deveria sair com a gente de novo. Heather e Andrew gostaram muito de você. Heather não parava de fazer perguntas — ele faz uma pausa. — Eu, por exemplo, ainda não tenho certeza sobre você, no entanto.

Eu rio. — E por que isso?

— Ainda não sei. Acho que vai exigir alguma pesquisa.

— Pesquisa, hein? Microfilme? Microficha? Catálogo de cartões?

Josh ri. — Estou pensando em pesquisa primária.

— E o que isso significa?

— Significa que eu acho que preciso passar mais tempo com você para descobrir isso. Por que não se encontra com a gente amanhã? Vai conhecer meu colega de quarto desta vez.

Uma pontada de ansiedade rasteja em minha voz. — E se o seu colega de quarto não gostar de mim? — *Aff.* O que era para ser uma piada me faz parecer patética e desesperada.

Josh faz uma pausa. — Bem, Ben normalmente gosta das mesmas pessoas que eu gosto.

— Eu pensei que você disse que não tinha certeza sobre mim —, brinco.

Ele faz uma pausa. — Talvez eu tenha mentido.



Quando chego à cafeteria no dia seguinte, Heather está sentada sozinha no mesmo sofá de antes, arrumando uma pilha de blocos de anotações e lápis

minúsculos na mesa do sofá.

— O que é tudo isso? — eu pergunto. Reconheço o quadro do Imagem & Ação antes que ela responda.

— Emily! — ela diz, um sorriso genuíno aparecendo em seu rosto. — Você sabe jogar Imagem & Ação?

— Sim. Já joguei antes — eu me sento em frente a ela. — Então, quem vai vir? — tento parecer casual, mas minha voz estridente me trai.

Se Heather percebeu, ela não reagiu. — Ben, o colega de quarto de Josh, mas Josh provavelmente já te disse isso. E Andrew. E, claro, Josh — Heather sorri antes de despejar um pequeno Ziploc de cubos coloridos no tabuleiro. Ela olha para a porta e de repente acena para alguém atrás de mim. Meu coração dispara quando me viro para ver quem entrou.

Josh sorri enquanto eles vêm em nossa direção. Um cara mais baixo e atarracado, talvez mais velho, está ao lado dele, e acho que vejo Andrew um pouco atrás. — Oi, meninos — Heather diz com confiança.

O mais baixo estende a mão. — Oi, Emily. Sou Ben.

— Prazer em conhecê-lo — eu aperto sua mão e sorrio. Ele não sorri de volta, mas parece mais uma indicação de uma personalidade focada do que rudeza.

Andrew me dá um meio sorriso, e fico impressionada com o quão diferente ele parece. Seu cabelo está cortado bem curto e um pouco irregular. Parece que alguém tentou cortar o cabelo depois de uma noite de bebedeira.

— Cabelo bonito —, eu ofereço, sentindo que ele pode estar um pouco constrangido sobre seu novo visual.

Andrew estende a mão para afastar fios que não estão mais lá. — Obrigado —, diz ele categoricamente.

Josh se move para se sentar ao meu lado até que Ben gesticula para ele se sentar ao lado de Heather. Tento esconder minha decepção voltando-me para Andrew. Os olhos de Andrew disparam ao redor do círculo enquanto ele avança. — Você é uma boa artista? Espero que sim, porque parece que seremos parceiros.

Heather limpa a garganta. — Vamos continuar e começar, então? — ela muda um punhado de cachos de um lado do rosto para o outro.

Limpo nervosamente as mãos na calça jeans. A última vez que nos encontramos foi tão fácil, apenas conversando e nos conhecendo. Um jogo de

tabuleiro parece forçado — pressionado.

— Agora, quem quer rolar primeiro? — Heather pergunta.

Ben se recosta na cadeira de madeira entre os dois sofás e cruza o tornozelo sobre o joelho. — Bem, vou só observar hoje, já que temos um número ímpar — ele olha para Heather como se fosse culpa dela.

— Eu convidei Shannon — Heather diz. — Mas ela cancelou no último minuto — ela lança um olhar frustrado para Ben.

— Você pode ser o marcador de pontos —, diz Josh para Ben, como se estivesse acertando as coisas. — Não confiamos em Andrew com esse trabalho, o garoto competitivo de escola preparatória que ele é.

— Eu não gosto de perder —, Andrew sussurra para mim com um olhar conspiratório.

— Ótimo! — Heather olha para Josh enquanto entrega a Ben um bloco de notas. Ela parece grata, mas não tenho certeza de quê.

Não demora muito para quebrar o gelo. No meu segundo café, estamos rindo, rabiscando e adivinhando palavras. Até Ben abre um sorriso quando Josh desenha um barco, levando Heather a tentar "Rema, remar, remar o barco" repetidamente. Josh desenha figuras de palito se atirando em uma massa de água, e Heather rosna de frustração enquanto a areia escorre pela ampulheta. Seus olhos se arregalam de repente. — Bote salva *vidas*!

Heather agradece Josh por quebrar o placar empatado, enquanto vários clientes familiares olham para nós por cima de seus materiais de estudo. Fazer parte do grupo irritantemente barulhento — parte de qualquer grupo — é uma mudança bem-vinda para mim. Não posso deixar de sorrir. Como tenho estado tão alheia a ponto de nunca ter notado Josh e seus amigos saindo por aqui antes?

Ben interrompe meus pensamentos. — É a vez de Emily.

Eu pego a atenção e pego os dados. Rolar um cinco me leva a um quadrado bronzeado com um *A* no meio dele. — A categoria é... ação —, diz Andrew..

A energia muda repentinamente quando todos ficam quietos. O grito de sucção de uma máquina de café expresso enche a sala. Heather encara Andrew com uma intensidade aguda enquanto ele tira um cartão e o estuda cuidadosamente. Ele me lança um olhar ansioso antes de desenhar um boneco com *X* no lugar dos olhos. Ele adiciona uma boca enrugada com a língua de fora.

— Éeee.. Doente. Intoxicação alimentar — eu digo.

Andrew balança a cabeça. Ele desenha uma lápide sobre a cabeça do boneco.

— Morte? Morrer?

Ele desenha um grupo de círculos. Eles se tornam mais figuras de palitos de pé sobre o morto.

— Éee... funeral. Enterrar!

Andrew balança a cabeça e desenha mais círculos. Ele cria outra figura de palito com uma lágrima nos olhos e, maniacamente, bate com o lápis no grupo de figuras, deixando marcas feias em todos os rostos.

— Atormentado? — tento de novo.

Ele acena com a cabeça novamente, sinalizando com gestos para continuar. Eu olho para Heather, que está fixada na areia branca fluindo para a metade inferior da ampulheta. — Chateado! Lamentar?

Mais acenos entusiasmados. Andrew traça longas linhas retas indo do norte para o sul e depois do leste para o oeste. Ele conecta cuidadosamente as pontas.

— Cruz! — finalmente, algo que reconheço.

Quando ele está desenhando outro boneco na cruz, Heather faz um som alto de campainha. — Acabou o tempo!

Dou um encolher de ombros apologético para Andrew. — Qual era a palavra? — pergunto.

— Sacrifício —, diz ele em frustração. Levo minhas mãos ao rosto e peço desculpas, enquanto ele joga o bloco no quadro. — E não temos tempo para recuperar o atraso —, diz ele com um suspiro.

Ben verifica seu relógio. — Você está certo. Temos que correr.

Heather se recosta no sofá enquanto os garotos juntam suas coisas. — Aff — ela diz. — Acho que teremos que ficar aqui sozinhas. Espero que possamos sobreviver! — ela revira os olhos para mim enquanto acenamos tchau para eles. — Eles estão indo para um grupo de estudo masculino. Nenhuma garota é permitida e tudo isso — Heather se vira para mim. — Eu queria falar com você de qualquer maneira.

Eu inclino minha cabeça. — É?

— Eu preciso de uma nova parceira de estudo.

— Mas não temos aulas juntas...

— Não para a escola, para o simpósio! Se você quiser entrar, claro — ela faz uma pausa para tomar um gole de café. — Requer *muito* trabalho, tanto sozinha quanto junto.

A ideia de me comprometer com a lição de casa extra me faz parar. Minhas notas são boas, elas são a única coisa que consegui dominar aqui, mas não quero sabotar minha rotina. — Ah, hum, minhas aulas ocupam muito...

Heather me interrompe: — Ah, não se preocupa. Vou trabalhar com você de perto em cada etapa do caminho e, claro, Josh e os outros estarão lá para ajudar. E assim você pode ficar conosco o tempo todo para não sermos interrompidos como ontem.

Passar mais tempo com eles, mesmo em eventos de igreja, que nunca me atraíram muito, seria definitivamente preferível à minha vida de eremita acidental.

— Escuta —, ela continua — os líderes do grupo são *extremamente* exigentes quanto a oferecer convites, e é por isso que estou perguntando primeiro para ter certeza de que você está interessada. Eles levam o compromisso muito a sério, mas os assegurei que você é incrivelmente inteligente, alguém que não desistiria de um desafio — Heather inclina a cabeça com um sorriso sábio. — Posso dizer isso sobre você.

— Uau, isso é muito legal da sua parte — suas palavras gentis desencadeiam uma onda de afirmações que não sentia há meses.

— Não quero que você se sinta pressionada —, acrescenta ela com indiferença. — Eu sempre posso dizer a eles para dar o seu lugar a um substituto...

— Não — eu digo, me surpreendendo quando eu toco seu braço em um reflexo. — Eu adoraria.

PASSO 3: Mostre como as respostas da vida podem ser encontradas em nossos guias de estudo oficiais. Um convite exclusivo para o Simpósio do Reino é apenas para os discípulos mais brilhantes.

L.Y.L.A.S.

Meu despertador começa a tocar continuamente às 6h00.

Assim que começo a cair no sono, algo desliza sob minha porta. Eu me levanto para ver quem está lá fora, mas ninguém está no corredor. Meu nome está escrito em uma caligrafia gigante no envelope no chão. Eu viro e levanto o adesivo em relevo. Há um convite formal dentro:

Você está cordialmente convidada para o Simpósio do Reino.

É em um lugar chamado O Castelo nesta quinta à noite. Há um endereço e um pedaço de papel dobrado com uma nota manuscrita anexada:

Preencha o formulário anexo com sua Bíblia.
(Ambos são necessários para a entrada.)

L.Y.L.A.S. (Love Ya Like a Sister), Heather

O papel fechado é um questionário cheio de quadrados vazios e espaços em branco, rotulados com abreviações como *PBs* e *HSs* com notas de rodapé com as explicações de Heather. *PB — Papo de Bíblia: estudos guiados por parceiros com escrituras selecionadas. HS — Hora do Silêncio: um período guiado de reflexão pessoal*. No final, há uma linha dupla onde você totaliza os números. Semicerrando os olhos para me concentrar, li as instruções para processar meu primeiro desafio. Isso me lembra os balanços das aulas de contabilidade do ensino médio, que vinham com pacotes lacrados cheios de notas e faturas falsas e uma folha verde com duas opções: débito ou crédito. Lembro de minha sensação de realização quando todos os números aparentemente não relacionados somavam o mesmo total em ambos os lados. Levei a tarefa tão a sério quanto alguém começando seu próprio negócio, embora nada realmente estivesse em jogo além de uma nota secundária. Meu pai sempre me provocava dizendo que meu maior presente (— E *maldição* —, ele acrescentava) é nunca ser capaz de fazer nada pela metade.

Analisando as tarefas novamente, fico confiante de que posso vencer isso. Então, em pânico, percebo que preciso de uma Bíblia de verdade. Então eu pego minhas coisas, verifico meu relógio e corro porta afora.



A energia silenciosa da biblioteca é um lembrete de porque é um dos meus lugares favoritos. Adoro o zumbido elétrico das lâmpadas fluorescentes. O desafio de puxar uma gaveta do catálogo de fichas para encontrar um livro exato. A satisfação de escrever a combinação letra-número em um pedaço de papel com um lápis minúsculo de dez centímetros, exatamente como aqueles enfiados no fundo dos bancos da igreja lá de casa.

Depois dos B's, encontro as lombadas de tecido colorido da Grécia Antiga. Eu os toco com a ponta dos dedos, um hábito que nunca superei, enquanto deslizo por um mar de filosofia e um longo e brilhante trecho de autoajuda recém-adquirido. Então eu as vejo: bíblias sagradas. Eu puxo uma lombada de couro texturizado preto com uma fonte cursiva e sento no chão. As páginas se

abrem em um capítulo aleatório, e procuro palavras interessantes: "cambistas", "covil de ladrões", "Betânia", "a figueira secou." Eu nunca li a bíblia — quero dizer, *realmente* li. A abro novamente, desta vez para o final, onde os mapas de cores vivas com veias marrom-escuras se espalham por terras antigas, chegando até o Mar Morto. Eu fecho e esfrego minha mão na capa para alisar as páginas. O couro cheira a uma relíquia, desencadeando uma sensação de nostalgia que não consigo identificar. Um toque de cautelosa esperança me leva a permanecer com determinação. *Eu poderia começar agora*.

Eu passo pelo prédio para minha próxima aula sabendo que vou faltar pela primeira vez. Diminuindo o passo, saboreio as calçadas ladeadas por árvores salpicadas com flores de cerejeira rosa, como se uma procissão de floristas descuidados tivesse acabado de passar na minha frente. É *assim* que eu imaginei que Boston seria — as fotos pitorescas, exatamente como nos folhetos da faculdade. A cidade deve ter florescido durante a noite porque da última vez que notei as árvores, elas ainda estavam nuas. Paro para colher uma flor e coloco o caule acima da orelha, sorrindo enquanto atravesso a rua para chegar no T. Uma vez no salão, desembrulho minhas planilhas sob um salgueiro ao lado do lago cintilante.

Olhando para os versículos bíblicos obrigatórios escritos em minha folha, preencho cuidadosamente o questionário, incluindo quantos versículos li e quanto tempo passei estudando cada um. A tarefa é surpreendentemente satisfatória — HSs são muito parecidos com meu dever de casa de literatura e PBs como um estudo independente, então decido ir em frente e concluí-lo sozinha, em vez de esperar por minha parceira de estudo, como as instruções sugerem.

A última coisa na lista de verificação é fazer uma oração, mas não há instruções. Rezar é algo que eu nunca tentei sem roteiro. Crescendo, aprendemos uma oração específica para cada ocasião. Além disso, como alguém poderia saber se orei sozinha ou não? Meus olhos examinam a última pergunta da folha: *Descreva como foi fazer a oração em voz alta.*

Eu suspiro, decidindo tentar o método improvisado silencioso. Depois de alguns segundos, meus pensamentos correm em várias direções até que minha

mente congela. Fecho os olhos e me concentro no vazio por trás das minhas pálpebras.

Querido Deus... Não. Parece papai ditando uma carta.

Tá. Tente outra vez. *Deus?* Ugh. O que? Estou esperando uma resposta real?

O problema é que não sei pelo que devo orar. Todos os *A*'s? Paz mundial? Abro meus olhos novamente com um suspiro. *Talvez eu possa falsificar esta parte...*

Eu examino o lugar em busca de inspiração. Quando vejo um grupo de garotas com camisetas combinando (sem dúvida, fora de algum evento obrigatório), a clareza me atinge. Meus olhos se fecham enquanto oro: *Deus... ajude-me a me sentir menos... sozinha.* Só pedir traz um alívio enorme. Uma presença reconfortante me oprime, enquanto respiro profundamente e ouço a água batendo contra a margem. Meus olhos se abrem para ver ramos de salgueiro agitando círculos na superfície do lago como se eu tivesse sido puxada para uma cena direto de Shakespeare: *Salgueiro, salgueiro, salgueiro — um salgueiro cresce à beira de um riacho.* Eu estudo e oro até o anoitecer e juro que posso ouvir o som das cigarras vindo e indo, como algo sobrenatural me chamando para casa.

Fico sentada ali por tanto tempo — hipnotizada, calma, completamente em paz — que perco a noção do tempo. O refeitório está se preparando para fechar quando eu corro para pegar meu jantar usual para viagem antes de voltar para o meu dormitório. Abro a porta do meu quarto para encontrar um número três vermelho piscando na escuridão. Eu acendo as luzes e aperto o play na secretária eletrônica com um bipe alto. *Você tem três mensagens.* A primeira é Patti. *Pular. Bip.* No segundo, um cara chato de um grupo de estudo de matemática em que me inscrevi e pelo visto esqueci totalmente. *Próximo.* Respiro fundo antes de ouvir o terceiro. *Por favor, seja ele.*

— Oi, é o Josh. Me liga — eu rabisco seu número em minhas anotações de história da arte. Meu coração dispara enquanto eu disco. Ele atende na hora. — Oi — eu digo muito rápido. — É Emily. Eu só estou... te ligando... de volta — eu pareço ridícula. Por que sou tão ruim nisso?

— Então, o que achou dos meus amigos? — ele diz. Seu tom casual imediatamente me deixa à vontade.

— Acho que você terá *muitos* problemas por me colocar com Andrew —, brinco.

Sua explosão de risadas me faz dar um sorriso. — Não é o caso —, diz ele. — Achamos que vocês fariam uma equipe de Imagem & Ação melhor.

— Uh-huh. *Você* só queria ganhar — provoco. — Então, depois que você saiu, Heather me pediu para ser sua parceira de estudo. Ainda não tenho certeza se sei o que isso significa.

— Sério? Uau — ele parece surpreso. Heather definitivamente fez parecer uma grande honra conseguir um lugar, mas eu não esperava que Josh ficasse tão impressionado. — Bem — ele diz. — Uma coisa que significa é que veremos muito mais de você. Sou só eu ou parece que temos que partir muito cedo toda vez que estou com você?

— Não é só você —, eu digo, sorrindo ao telefone. — Mas eu entendo. É legal você ter amigos com os mesmos interesses — de repente, me ocorre que Heather é o tipo de pessoa que provavelmente gosta de se voluntariar e talvez gostaria de ir para o lar dos velhinhos comigo. — Tive muita dificuldade com isso. Quer dizer, em Boston.

— Hmm... Parece que você está com saudades de casa.

— Talvez — uma imagem da praia da minha cidade natal com meus amigos ao redor de uma fogueira passa pela minha mente. — Sinto falta da água.

— Acho que você ainda não olhou pela janela — ele é sarcástico.

Os outros dormitórios em frente à minha torre são uma grade de luzes contra a noite. Minha vista muitas vezes me faz sentir pequena e insignificante, como se estivesse perdida em um mar de janelas. O desânimo se infiltra em minha voz: — Sim, mas não é o mesmo.

— Eu sei o que você quer dizer — diz ele suavemente.

À medida que nossa conversa muda para casa, posso nos imaginar falando assim enquanto dirigimos por uma estrada interestadual aberta, através de montanhas verdes exuberantes até que se achatem em uma reta cortada pelo sol e com colunas de pinheiros. Sobre os rios e igarapés que serpenteiam por labirintos dourados de grama do pântano e entram no Golfo. *Casa.*

— Parece estar com sono —, ele finalmente diz em uma voz suave.

Eu suspiro, tentando manter meus olhos abertos.

— Escuta — ele diz. — Antes de eu deixar você ir. Não diga nada para Heather sobre eu ligar para você. É uma espécie de regra que eu lhe dê espaço neste ponto — ouço alguém na outra linha dizer algo ao fundo. — Eu tenho que ir. Ligo de novo — Josh sussurra. Ele desliga antes mesmo que eu possa dizer adeus.

Meu coração afunda. *Me dar espaço? E ele quer nos manter um segredo de Heather?* De repente, totalmente acordada, tento não ficar muito nervosa. Eu puxo minhas cobertas e me concentro na parte antes que as coisas fiquem estranhas: se ele não consegue parar de pensar em mim, então ele vai explicar.

Melhor ainda, talvez ele possa explicar pessoalmente.

PASSO 4: Memorize a Fórmula da Salvação: DISCÍPULO = CRISTÃO = SALVO.

O Castelo

Luzes piscam atrás do vidro da porta de madeira arredondada, onde os sons amigáveis de socialização ecoam do outro lado. Já passei pelo Castelo dezenas de vezes, mas nunca entrei. Sempre pensei que fosse apenas para festas de casamento e ex-alunos. Um lampejo de insegurança me faz parar. Felizmente, quando entro, Heather é a primeira pessoa que vejo na entrada.

— Emily! Você veio! — ela corre para me dar um abraço. — Vou levar isso para você — ela puxa o convite e a lista de verificação completa da minha mão. — Ouça, vou falar agora. Mas vamos nos encontrar logo depois — ela diz antes de correr para a multidão.

A sala está lotada de estudantes do sexo feminino. Uma mulher em um vestido preto formal toca um piano de cauda sob a enorme janela em arco gótico. Minha cabeça está latejando de entusiasmo, semelhante à semana de orientação, quando todos se uniram por meio de uma nova experiência compartilhada. O mesmo otimismo que senti lá corre através de mim agora, só que desta vez ninguém está fazendo piadas sobre ser forçada a estar aqui. Fomos escolhidos para fazer parte disso, e não porque estamos na mesma lista de verificação de todos os outros calouros.

Eu quase esqueci como é se sentir desejada.

Heather se aproxima de um pódio em frente à escadaria intrincadamente entalhada. Ela ajusta o microfone e limpa a garganta. — Bem-vindos ao nosso simpósio sobre parcerias de discipulado —, diz ela. Todo mundo se vira, ansioso para ouvir. — Em primeiro lugar, gostaria de agradecer a Reino em Campus por hospedar este evento — Heather lidera uma salva de palmas. — Sem seus esforços incansáveis, esses simpósios não seriam possíveis. E esse comparecimento incrível é um testemunho de seu sucesso — mais palmas.

Enquanto ela fala, não posso deixar de me distrair com esta sala: as paredes com painéis escuros, lareira de pedra e teto com vigas de madeira. Tudo parece de outro século. O candeeiro de vitral acima parece que deveria estar piscando em uma multidão de vestidos de veludo que vão até o chão. Aplausos altos me trazem de volta à realidade, assim como uma atraente senhora loira usando um vestido de seda fúcsia pega o microfone de Heather. Ela se parece mais com minha madrasta do que com qualquer professora que já vi em Boston.

— Muito obrigada —, diz a senhora com um surpreendente sotaque sulista. Ela coloca a mão no peito como se estivesse grata e a move para as costas de Heather em um gesto de orgulho. Heather sorri com sua aprovação. — Como líder do setor para nossas missões no campus, estou *muito* orgulhosa da dedicação de Heather em espalhar nossa mensagem sobre a importância do discipulado. E como nossa principal voluntária, Heather fez do projeto Boston Needs um sucesso maior do que nunca. Graças ao jorro generoso de doações especiais de alunos como vocês, quase setecentas famílias pobres e necessitadas foram atendidas. Com sua ajuda, esperamos *dobrar* esse valor na próxima vez!

Enquanto todos aplaudem, uma onda de curiosidade sobre o foco no trabalho de caridade me leva a fazer uma nota mental para perguntar mais sobre o Boston Needs. — Agora vamos à parte que vocês estavam esperando. Membros, é hora de encontrar seus convidados e mesas — a sala adjacente está cheia de pequenas mesas redondas cobertas com cartões de lugar. — Vamos passar o resto do simpósio nos conhecendo e determinando suas necessidades de discipulado neste belo local. Nosso objetivo é *ajudá-lo*, onde quer que você esteja em sua jornada. Esta é a razão de estarmos todos aqui, então vão! Vão, vão, vão!

O barulho crescente de pessoas procurando umas pelas outras amplificado pela sala. Eu começo a me mover com a multidão, mas Heather surge atrás de mim e agarra meu braço. — Ah, não, somos VIP —, diz ela.

Com a mão ainda no meu braço, Heather me conduz por uma escada de mogno. O barulho de vozes se acalma quando passamos por uma enorme janela em formato de castelo, onde as luzes dos carros piscam e brilham do outro lado da noite. Heather nos leva a uma sala vazia e coloca minha planilha do Papo de Bíblia sobre a mesa. — Senta, senta, senta —, ela instrui. Puxo uma cadeira enquanto Heather tira uma caneta de sua bolsa e começa a estudar minhas respostas. Ela faz um som de estalo. — Ok. Viu? Por isso é melhor esperar e estudarmos juntas como parceiras para os PBs —, afirma.

Logo, a planilha que passei horas preenchendo está coberta com tinta azul acusadora. Talvez eu devesse ter seguido as instruções e esperado para completar os PBs *com* Heather, embora achasse ter entendido as interpretações.

— Desculpe por fazer tudo de uma vez. Eu estava tentando... — eu paro, desesperada para preencher o silêncio com algo além dos golpes críticos da caneta de Heather, mas não querendo dizer a coisa errada. — Podemos discutir o que eu fiz de errado? Conversar realmente me ajuda a lembrar mais tarde...

— Onde está sua Bíblia? — Heather interrompe, levantando os olhos da minha planilha.

— Ah, uh, aqui — eu vasculho minha mochila e coloco sobre a mesa.

— Emily! — seu tom é aquele usado para cachorros que fazem algo ruim e fofo ao mesmo tempo. — Sua Bíblia tem uma data de entrega!

Eu ri. Então eu percebo que ela está falando sério enquanto espera que eu elabore.

— Eu não tinha uma, então peguei na biblioteca.

Heather pisca para mim. Eu me inquieto sob seu olhar.

— Como você não tem uma Bíblia? — sua voz está tensa, sua boca uma linha reta e apertada.

— Eu acho que deixei em casa? Mas posso conseguir outra. Quer dizer, comprar uma.

Heather pega minha versão King James, examina a capa e a coloca de volta na mesa. — Bem, não compre este. Certifique-se de obter a tradução do NIV. É

mais fácil seguir os guias de estudo com precisão com a versão mais moderna.

— Eu meio que gosto desses "teus" e "vós".

Ela sorri, mais uma vez gentil (se não um pouco divertida). — Bem, pense nos guias de estudo como as *Notas de Cli ff*, então. Eles vão economizar muito tempo com a interpretação.

— Toc toc — a senhora que estava falando antes entra na sala. Heather furtivamente desliza minha Bíblia da biblioteca sob a mesa e empurra a dela entre nós para compartilhar antes de me apresentar a Meredith.

— Bem, olá, Srta. Emily. Estou tão feliz em conhecê-la — ela é ainda mais bonita de perto. Ela se comporta como se fosse famosa, como se soubesse que todos estão olhando para ela.

Apertamos as mãos enquanto eu respondo: — Prazer em conhecê-la também.

— Agora, não ligue para mim —, diz Meredith. — Eu só vou ficar aqui caso você tenha alguma dúvida — ela se acomoda na outra cadeira da nossa mesa enquanto Heather continua lendo.

Eu sorrio, mas Heather parece mais constrangida agora enquanto olha minha planilha. Suas sobrancelhas franzem em concentração, como se fosse uma tarefa que ela precisasse de nota.

— Eu ouvi você falando sobre o seu programa Boston Needs. Adoraria saber mais —, digo a Meredith, preenchendo o silêncio da sala. — Fui voluntária e doei para o Jantar com os Velhinhos durante todo o semestre.

Os olhos de Meredith brilham com interesse. — Isso é maravilhoso! — ela diz.

— Talvez pudéssemos até mesmo nos juntar a eles? Eu poderia colocar você em contato com o diretor.

Meredith se mexe em sua cadeira, mas seu pequeno sorriso nunca deixa seu rosto. — Bem, normalmente mantemos nosso trabalho comunitário separado de outras organizações, para que o Reino possa distribuir as doações onde elas são necessárias, sem conflitos externos e para ter certeza de que todo o dinheiro realmente vai para as causas.

— Ah. Claro — eu digo. Não tenho ideia de como esse lado de uma organização sem fins lucrativos realmente funciona, então não questiono. — Bem, eu ainda adoraria estar envolvida com seu projeto comunitário.

— Isso é ótimo, Emily. Coletamos doações especiais para o Boston Needs em nossos serviços no Boston Garden. Eu adoraria ver você lá para que possamos conversar mais e conectá-la.

Heather repentinamente empurra minha planilha marcada de volta para mim com um olhar solene. — Acho que devemos estudar juntas na próxima vez — ela parece preocupada e olha para Meredith.

Meu rosto fica quente de vergonha. Meredith pigarreia educadamente. Ela pega meu cartão que marca meu lugar da mesa e escreve algo sob meu nome. — Aqui — ela diz, me entregando. Ela olha para Heather e bate a parte de trás da caneta na mesa para fechá-la com decisão. — É uma loucura como é simples. Você nem mesmo precisa de uma Bíblia para isso. É tudo que você precisa saber.

O cartão diz: *DISCÍPULO = CRISTÃO = SALVO.*

— Com Emily, acho que podemos apenas ir para a parte mais importante —, continua Meredith. Heather não parece notar o tom de repreensão de Meredith dirigido a ela. — Emily não precisa de tanta orientação quanto alguns, mas parece que ela precisa de uma oração.

Ambas pegam minhas mãos como se fosse a coisa mais normal do mundo. Hesito, sem saber o que devo fazer. Embora inesperado, o gesto é surpreendentemente reconfortante. Eu sigo suas dicas quando elas baixam a cabeça e fecham os olhos.

— Querido Deus. Obrigado por Sua sabedoria e proteção. Obrigado por Emily, por seu espírito de generosidade e por guiá-la até pessoas que se *importam* com ela — sua voz é composta mas afetuosa, não ostentosa como os irritantes pregadores da televisão, mas também não mecânica como as recitações que eu cresci dizendo. É como se ela estivesse falando com um amigo muito respeitado. — Por favor, a proteja da dor, do estresse e da tristeza. E a guie nesta jornada — ela aperta minha mão antes de dizer amém e me soltar.

Quando eu abro meus olhos, elas estão sorrindo. Meredith olha para o relógio e se levanta. Exceto por seu cabelo loiro, eu percebo que ela não é nada como minha madrasta de perto. Meredith parece subestimada sem esforço e, como resultado, mais impressionante, como uma modelo em uma revista. Talvez focar nas coisas internas irradie para fora com o tempo. Patti adora se enfeitar, mas sempre há algo "estranho" no final, como uma cor de lábios muito brilhante ou

cílios desgrenhados por passar rímel distraída. As pessoas costumavam dizer que Patti era o oposto de minha mãe — nunca para mim, é claro, mas eu ouvia coisas. Desde que perdi minha mãe quando era muito jovem, é difícil para mim lembrar muito sobre ela, então arquivei essas coisas como anotações para um álbum de recortes.

— Bem — Meredith diz. — Foi um prazer te conhecer, Emily — sua mão acaricia suavemente meu ombro. — Espero te ver novamente em breve. Até então, minha maior esperança é que você continue orando por conta própria. O segredo da reza é que realmente funciona, às vezes das maneiras mais inimagináveis.



— Uau — Heather diz, olhando pela janela do meu dormitório. Depois do simpósio, ela ficou estranhamente quieta, então sugeri que voltássemos aqui para sair.

— Sim — eu digo. — É uma vista maluca.

— Bem, esqueça a vista — Heather diz, casualmente apontando para o meu pescoço. — Eu não conseguia parar de olhar para esse colar incrível no simpósio. É lindo demais. Nunca vi nada igual.

— Obrigada — eu toco as saliências irregulares dos amuletos da minha mãe pendurados no meu pescoço. Minha mão paira ali instintivamente, como se protegendo a única coisa que é mais valiosa para mim.

Antes de me mudar para Boston, o usei no meu último dia de escola. Eu o tinha desde sempre, mas nunca tive uma ocasião em que parecesse apropriado usá-lo. Quando pai percebeu, ele lutou para engolir enquanto seus olhos ficavam vidrados em um olhar distante. Eu sabia por quê. *Ela não estava aqui para me ver eu me formar.* O que ele não entendeu é que o usar de alguma forma me fez sentir como se parte dela estivesse comigo. Então eu o trouxe para a faculdade, onde poderia usar ele livremente. A ideia de ficar sem ele superava a possibilidade de o perder. Quando Sadie e Christina começaram a ficar chapadas, eu nunca

tirei — nem mesmo dormia com ele — por medo de que uma delas o roubasse para vender pelo dinheiro das drogas em um momento de desespero.

Enquanto eu observo Heather explorar meu quarto, eu não consigo nem imaginar ela fazendo algo assim. Ela para na minha mesa, pega as fotos e as coloca de volta na mesa. Ela levanta a foto de papai e Patti. — Awww. Você é próxima dos seus pais?

— Eu acho — digo. Não gosto de falar sobre minha família, especialmente com pessoas novas, mas estou aliviada que as coisas pareçam normais com Heather, ainda mais porque ficou um pouco estranha depois de nosso tempo com Meredith no Castelo. Meredith levou meu guia de estudo marcado com ela em seu caminho para fora e eu poderia dizer que isso incomodou Heather um pouco.

— Você deve sentir falta deles, estando tão longe — Heather diz.

Penso em papai. Mesmo eu sendo criança, eu poderia dizer que ele mudou no dia em que perdemos minha mãe. É como se, naquele momento, quem ele era tivesse sido varrido por completo. De repente, sua vida estava cheia de coisas novas — trabalho, clubes, eventos comunitários, diretoria — coisas que levariam tempo, mas nunca penetrariam fundo o suficiente para atravessar a parede que protegia seu coração. Sempre suspeitei que ninguém jamais saberia o peso do que ele havia perdido. Nem mesmo eu. Então, quando ele se casou com Patti, um ano e meio depois, todos disseram o que eu já sabia: ele se tornou um homem novo em folha.

— Sim — eu digo para Heather. — Quer dizer, eu acho. Meu pai fica ocupado, mesmo quando estou em casa, então estou acostumada a não ver muito ele.

Heather me dá um sorriso simpático, como se entendesse. Seus olhos voltam para a foto. — Sua mãe é linda —, ela diz. — Como ela é?

Chocada com sua pergunta, noto com alívio que ela ainda está segurando a mesma foto. — Ah. Essa é Patti, minha madrasta. Não tenho ideia de como minha mãe era.

Heather olha para ele novamente em confusão. Sua expressão se suaviza enquanto um silêncio constrangedor se expande entre nós.

— Minha mãe morreu quando eu era pequena —, explico sem nem pensar. É surreal dizer isso. Todos em casa já sabiam, então nunca houve necessidade de dizer isso em voz alta. De repente, me sinto exposta.

Heather se inclina para frente e coloca a mão no meu braço com gentileza. Seus olhos estão brilhando de preocupação. — Emily, sinto muito. Eu não fazia ideia.

Posso dizer que ela quis mesmo dizer isso, mas uma ansiedade desconhecida rasteja na minha garganta.

— Quer falar sobre?

Eu olho para baixo e fico surpresa quando uma lágrima cai no tapete abaixo de mim. Nunca falei sobre minha mãe, não de verdade. Nem mesmo com Summer. Não é como se eu tivesse evitado, só nunca precisava ser dito. Eu era a garota sem mãe. O que mais havia para dizer? Agora, a perspectiva de falar sobre ela com uma estranha, com *qualquer* pessoa, me oprime. — Quer dizer, não, não consigo me lembrar... — *Por que não consigo me lembrar?* Minha garganta aperta.

— Em — Heather aperta meu braço e eu olho para sua expressão séria. — Ela está no céu. E é uma coisa real, assim como a oração. Você sabe disso, certo? — seu sorriso brilha com a confiança de uma pessoa que acredita mesmo nisso, que se importa o suficiente para querer que *eu* acredite.

— Você vai poder ver ela de novo —, diz ela.

Suas palavras me atingem com uma dor física: eu nunca quis nada mais do que esta promessa.

PASSO 5: O que seu discípulo deseja mais do que tudo? Mostre como os passos do Reino para a salvação são a única maneira de alcançar isso.

Minha Mãe É Um Peixe

Dizem que eu era muito jovem para lembrar da morte da minha mãe, mas a verdade é que me lembro exatamente o que aconteceu naquele dia.

As pessoas acreditam no que é mais conveniente quando elas próprias estão tentando lidar com uma tragédia. Quando você é pequeno, os adultos tentam adoçar qualquer coisa horrível demais para explicar. Eles vão até mesmo fazer as pazes enquanto seguem com um sorriso ansioso que deve ser reconfortante. Assim que consegui registrar a expressão conflitante como pena, soube que sempre seria conhecida como a garota que perdeu a mãe.

Naquela época, ninguém queria falar sobre o que aconteceu. Mas detalhes específicos me assombraram todos esses anos, como clipes de um filme, aqueles flashes pacíficos de imagens mundanas para despistar os espectadores antes que o impensável aconteça. Um barco de pesca deslizando atrás do cais rochoso. O prédio alto de concreto atrás de nós, toalhas penduradas sobre grades. Um bando de pelicanos marrons. A costa repleta de pranchas de bodyboard e brinquedos de praia coloridos.

Estávamos em Orange Beach, bem perto do Pass. Costumávamos ir lá todo verão. Minha mãe sempre nadava no oceano, logo atrás das ondas quebradiças — o tipo que surpreende com sua força em águas rasas, depois recua tão rápido que você tem que esperar antes de voltar para a areia seca. Ainda me lembro da emoção de ser derrubada pela parede de água. O borrão pungente da água salgada em meus olhos após cada ataque.

De volta à costa, exausta e sem fôlego, me virei para acenar para minha mãe. Ela sorriu e acenou de volta. Eu a observei desaparecer em uma onda. Ela ressurgiu mais longe a cada vez até que se tornou um ponto distante balançando no vasto oceano. Pai estava lendo um livro sob um guarda-sol azul. Seus olhos se enrugaram em um sorriso, primeiro para mim e depois periodicamente para o horizonte distante onde minha mãe ainda estava nadando.

Trabalhei para criar o vestido de sereia mais elaborado já feito. Meus dedos traçaram o contorno de uma cauda de sereia e então comecei a preenchê-la com as conchas em meu balde laranja, apenas parando para missões de coleta apressadas na borda de espuma clara da maré.

Eu nem percebi que algo estava errado até que ouvi estranhos gritando em direção à costa. Papai se levantou tão rápido que bateu com a cabeça no guarda-sol. Os jovens surfistas avançaram com suas pranchas para ajudar. Mesmo sob o rugido cortante do helicóptero da Guarda Costeira, eu apenas sentei lá metodicamente arrumando conchas em meu vestido de sereia, porque eu sabia muito bem que minha mãe estava sentada bem ao meu lado, seu cabelo molhado caindo em seus ombros bronzeados como algas descendo até seus braços, seu sorriso habitual me dizendo que estava tudo bem porque ela estava bem ali e nada mais acontecendo ao meu redor era real. O colar de amuletos que ela sempre usava brilhava contra sua clavícula. Ela estava cantarolando “You Are My Sunshine” quando tocou meu rosto. "Minha doce menina", disse ela. E eu sabia com toda certeza que ela estava bem porque nós terminamos aquele vestido de sereia juntas — sua grande mão cruzando sobre a minha mãozinha repetidamente até que cada concha estivesse pressionada no lugar.

Mesmo sentada sob as luzes esterilizadas da sala de espera do hospital, insisti que ela devia estar bem porque terminamos nossa sereia. (*Eu estava segurando uma concha! Eu tinha provas!*) Ainda me lembro de um estranho alto na sala de

espera, um homem idoso, olhando para mim como se estivesse hipnotizado e desamparado, com lágrimas escorrendo pelo rosto enrugado. Foi quando uma aterrorizante lama de medo deslizou em minha consciência, sufocando minha respiração. Num piscar de olhos, vi que a sereia estava desbotada, seu rosto era uma cratera de areia escavada, as conchas espalhadas pela maré alta e sugadas de volta para o oceano agitado. Senti o pânico gelado se espalhar por todo o meu corpo quando um som horrível forçou seu caminho para fora da minha boca. Nunca vou esquecer como aquele homem idoso me olhou com horror, como ele agarrou as mãos sob os braços cruzados, como ele finalmente teve que ir.

E então toda a vida que eu conhecia desbotou para o preto.

Mas minha compreensão do que aconteceu não durou muito. Ela era minha mãe — ela não poderia ter morrido. Então, inventei outra versão menos traumática: minha mãe se tornou uma sereia. Eu diria isso para quem quisesse ouvir.

Fiz desenhos de minha mãe sereia na escola e contei a todos histórias sobre sua vida no fundo do mar. Quando isso começou, minha professora me mandou até a simpática senhora do escritório perto da diretora para desenhar mais para ela e "apenas conversar sobre as coisas". Eu contei à sra. Sanderson como mamãe me mostra sua cauda viscosa, como a de um peixe, e como ela brilha em todas as cores imagináveis. *É tão real*. Ela sorri e beija minha testa, depois sai nadando para ficar com suas outras amigas sereias. Ela diz que sempre pode cuidar de mim dessa maneira, mas eu a ouço apenas em minha mente porque ela já está nadando para longe. Sua voz soa como Glinda, a Bruxa Boa, do meu filme favorito.

Um dia, a Sra. Sanderson segurou minhas duas mãos. Ficamos ali ao lado de uma janela gigante projetando um mundo Technicolor com raios de sol brilhando através de galhos de carvalho gigantes e flores amarelas revestindo as calçadas embaixo. Ela pressionou os lábios e apertou minhas mãos com tanta força que quase doeu, e então me disse a única coisa com a qual todos pareciam concordar quando se tratava de explicar a morte de minha mãe.

— Querida —, disse a Sra. Sanderson. Lembro dela alisando meu cabelo atrás das orelhas e gentilmente colocando as mãos em meus ombros como se para me impedir de flutuar. — Sua mãe passou a estar com o Senhor.

Era como se o mundo inteiro fora de sua janela escurecesse e desbotasse, e mesmo agora eu às vezes me pego esperando que ele brilhe de volta ao Antes. Mas não há como voltar ao Antes quando você está preso no Depois.

E aquele dia na escola foi a última vez que desenhei uma sereia ou falei da minha mãe.

PASSO 6: Mostre como seguir os passos do Reino vai tirar todos os seus fardos. Busque um compromisso, mesmo que o compromisso seja apenas para tentar o próximo passo.

Mulher no Espelho

Na semana seguinte, Heather vasculha as roupas no meu armário, onde cada cabide rejeitado guincha com empurrões rítmicos para a esquerda.

— Por que você nunca usa nada disso? — ela pergunta.

Heather decidiu que deveríamos encontrar as roupas perfeitas antes do meu primeiro culto na igreja no domingo. — É importante parecer o mais afiada possível. Nossa aparência reflete nosso compromisso espiritual. E, para ser honesta — ela levanta um par de jeans desgastados do chão — você realmente precisaria de ajuda nesse caso.

— Ei —, protesto da minha cama cheia de cadernos, onde estou estudando para uma prova de artes. — Estive ocupada.

— Você não quer que Josh preste atenção em você? — Heather não consegue mencionar o nome de Josh sem usar aquele tom sugestivo ou adicionar um sorriso malicioso. Eu ignoro a isca. Ela ainda não sabe que ele me l~iga e tenho medo de dar a ela uma reação para interpretar. Na verdade, não vi Josh desde o Imagem & Ação, mas suas ligações são os pontos positivos do meu dia. De alguma forma, ele sempre consegue me pegar quando Heather não está por

perto, o que é raro hoje em dia. Depois de nossa conversa sobre minha mãe, Heather rapidamente se tornou mais do que apenas uma parceira de estudo da Bíblia; somos amigas, e para Heather isso significa passar quase todos os momentos livres juntas.

Eu estudo as obras de Picasso da minha lista. A primeira é uma imagem abstrata colorida de duas figuras frente a frente. A mulher à esquerda empurra uma das mãos contra uma barreira vertical espessa; seu outro braço estendido para agarrar uma versão distorcida de si mesma. *Esta é a* Mulher no Espelho. *A barreira é o espelho. Checado.*

— Um passarinho me disse que Josh tem falado sobre você com seu parceiro discipulador. O que você acha? — ela arqueia uma sobrancelha e volta a vasculhar as roupas novamente.

Eu paro para envolver minha cabeça em torno dessa nova informação. — Quem? Ben?

— Sim. Josh não faz *nada* sem a aprovação de Ben, e Ben pode ser muito... bem, vamos apenas dizer, teimoso.

Lembro de como a presença de Ben no jogo Imagem & Ação despertou uma sensação de nervosismo. Foi muito contrário ao meu primeiro encontro apenas com Josh, Heather e Andrew. Uma inquietação se infiltra em meus pensamentos.

Heather inala um suspiro agudo. — Ooooh, Em. Esse é fofo. Posso pegar emprestado? — ela puxa uma saia verde floresta e um top frisado combinando.

— Pode ficar — eu digo.

— Espera. Ainda têm etiquetas nelas — Heather diz, franzindo a testa. — Tem certeza?

— Está tudo bem. Não me importo.

Nunca gostei das roupas que minha madrasta Patti comprou para mim, mas não tenho coragem de contar a ela. Durante todo o colégio, ela tentou arduamente se relacionar comigo das únicas maneiras que conhecia, sendo as compras a principal. Então, quando dei a notícia para Patti e pai sobre ir para Boston para fazer faculdade, ela passou meses vasculhando catálogos para adquirir um guarda-roupa de inverno para mim, algo que eu nunca precisei na Costa do Golfo. O problema é que ela nunca processou o fato de que eu não me

visto como minha meia-irmã, Tamara. Patti literalmente desmaiaria se soubesse que eu usava o mesmo 501 e um moletom desbotado quatro dias seguidos sem lavar.

Eu olho de volta para a lista de arte que resta para memorizar. Uma pontada de ansiedade passa pela minha mente. Eu verifiquei apenas três coisas. É a primeira vez que me permiti ficar para trás em história da arte — em qualquer uma das minhas aulas — e meu exame é amanhã de manhã. Eu nem fui ao café para estudar desde que jogamos Imagem & Ação.

Embora a Hora do Silêncio e os Papos de Bíblia tenham prejudicado meus estudos, estou ansiosa por eles. Meus HSs, os períodos solitários de reflexão e oração, me deixam centrada de uma forma que nunca experimentei antes, e gosto do desafio dos PBs, dos guias de estudo com espaços em branco e do som escorregadio que as páginas de papel fino fazem quando procuro as respostas. Quando a interpretação de um versículo me confunde, Heather me guia ao seu verdadeiro significado.

Heather quase mora no meu dormitório agora. Até começamos a nos encontrar na hora do almoço, às vezes trocando o refeitório pelas barracas de comida no Quincy Market, tentando algo novo a cada vez. Desde que conheci Heather, Boston se tornou uma cidade empolgante que gosto de explorar, mas também me sinto mais em casa — algo que nunca esperei sentir.

Eu olho para a próxima imagem enquanto Heather luta com o zíper da saia de camurça. Eu sorrio com a maneira idiota que ela está se contorcendo para fazer o zíper funcionar. Nunca conheci ninguém com mais determinação do que Heather.

— Espere até ouvir ele falar —, diz ela, enquanto fecha a lacuna teimosa com um rápido *zip*.

— Quem? — estou olhando minhas anotações de novo, de repente oprimida pelo estresse de ter que memorizar mais de cem imagens em meu livro de história da arte, que está aberto em uma reimpressão de página inteira de *O Nascimento de Vênus*, de Botticelli.

— Hum. Terra para Emily? — Heather se vira para me lançar um olhar de desaprovação. — O Líder —, ela responde. Ela puxa a blusa pela cabeça e, em seguida, solta o cabelo do decote. Talvez seja o meu cansaço ou o desespero

absoluto para estudar para este exame, mas naquele momento, o reflexo de Heather parece assustadoramente semelhante a ruiva de Botticelli empoleirada no topo da meia concha no meu livro. Só que uma versão dos anos noventa, vestida com Ralph Lauren.

Eu sorrio enquanto olho de volta para minha lista e escrevo: *Heather = Vênus*, em seguida, coloco uma marca de seleção ao lado da palavra *Botticelli* com uma pequena onda de alívio.

Heather começa a vasculhar meu armário novamente. Ela puxa uma roupa Laura Ashley com estampa floral verde e rosa, do tipo com gola Peter Pan e calças em formato de balão. — Nãão, não, não —, digo, lembrando do dia em que recebi a roupa pelo correio. O bilhete dizia: "Achei que ficaria fofo em você. Com amor, Patti." Também lembro de como Sadie entrou em nosso dormitório no momento em que eu estava experimentando, e começou a rir de mim pelo resto do dia.

— Ah, isso vai combinar perfeitamente com o verde da minha roupa — Heather diz. Ela o pendura na porta do meu armário e fica ao lado dele. — *Viu?* — ela implora.

Eu imagino minha madrasta assistindo isso se desenrolar com um sorriso de lábios apertados, seus olhos brilhando em aprovação. *Oh, Emil-eeeeee*, ela diria. *Me deixa muito feliz que você gostou.* Talvez eu mande para Patti uma foto minha e de Heather juntas para apaziguar suas duas preocupações persistentes: más escolhas de moda e falta de amigos. — Tá bom. Pode ser — eu digo, determinada a voltar às minhas anotações.

Tenho exatamente duas horas para terminar de estudar se quiser ter uma noite de sono decente e acordar a tempo para meu HS antes do exame. Tento bloquear minhas outras atribuições e o calendário lotado de prazos que se aproximam.

— Resolvido, então — Heather diz. Ela tira a saia, veste a calça jeans e olha para o relógio. — Eita! Quase nos esquecemos do nosso PB!

Meu rosto fica entorpecido de pânico. — Heather. Eu *tenho* que estudar arte. Estou com medo de falhar neste exame.

— Tive uma ideia —, ela diz, pegando um cartão de índice da minha mesa. — Podemos ter um PB mais curto... sem Bíblias — seus olhos brilham em desafio.

Eu suspiro. — Ok, contanto que você *prometa* que será rápido — sento e prendo meu cabelo, ainda hesitante, mas grata por sua concessão. Heather me entrega um cartão de índice e me leva para a cadeira da minha escrivaninha.

— Ok. Fecha os olhos — eu faço o que ela diz e inspiro. — Pense nas suas frustrações. Pense em coisas específicas. Como uma lista. O que a frustra mais do que tudo? Pode ser pessoas, lugares, situações, qualquer coisa. Basta pensar sobre isso e, em seguida, anotar tudo neste cartão.

Abro os olhos e levo minha cadeira até a mesa. Minha mente começa a vomitar frustrações mais rápido do que consigo escrever. Exaustão. Este dormitório. Ruído. Prazos. Papéis. Exames. Não ter tempo suficiente para visitar museus. Sadie. Os amigos de Sadie olhando através de mim. RAIVA. (*Por que estou com tanta raiva?*) Minha mãe nunca vai me ver me formar na faculdade. Ou me casar. Minha mãe nunca vai me conhecer. Eu nunca vou conhecer ela. Pai.

A raiva se apodera de minhas mãos enquanto escrevo. Então, uma onda de tristeza se sobrepõe à raiva.

— Terminou? — Heather está sorrindo com o sucesso dessa atividade, mas seu tom muda quando ela percebe minha expressão. — Confia em mim, vai se sentir melhor em um segundo.

Ao olhar para meu cartão repleto de palavras rabiscadas, me sinto destruída e exposta. — Você vai ler isso? — eu pergunto.

— Claro que não. Isso é apenas entre você e Deus. Dobre ao meio, se quiser.

Eu dobro o cartão e pressiono a borda para frente e para trás.

— Se concentra apenas em uma coisa: sua vida sem *nenhuma* dessas frustrações. Qual seria a sensação? Ajoelha no chão, fecha os olhos e segure o cartão na mão.

Eu sigo suas instruções.

Heather se move enquanto fala. — Pense em sua vida livre de cada item deste cartão conforme você o rasga.

Eu rasgo lentamente. É um som satisfatório. Eu empilho as metades e as rasgo novamente. E então eu rasgo repetidamente. Eu olho para a bagunça retalhada.

Heather vai até minha janela e a puxa o máximo que pode abrir. O barulho do tráfego aumenta enquanto o vento sopra na sala. Eu inalo a brisa fria

enquanto ela me olha com expectativa. — Agora pegue esses pedaços e os deixe ir.

Juntando os pedaços de papel, me aproximo da janela. À distância, a superfície do rio reflete uma mancha brilhante de edifícios. Lá embaixo, as pessoas caminham em todas as direções. Jogo os pedaços pela janela, onde desaparecem na noite como confetes secretos. Conforme os fragmentos de palavras caem na calçada, eu imagino um pedaço caindo na bolsa de um transeunte desavisado, cheia de necessidades mundanas, carregado para longe demais para ser recuperado. Parece que as palavras dessa lista nem pertencem mais a mim.

Heather bate a janela com força. — Tudo se foi —, diz ela com um largo sorriso. — Viu como é fácil?

Eu fico olhando pela janela para a noite piscando. Uma sensação de paz me domina. Não me lembro de nunca ter me sentido tão *livre*. Por anos, carreguei fardos que ninguém jamais notou ou quis se preocupar — até agora. Pessoas que conheço há apenas algumas semanas têm me mostrado mais bondade e cuidado do que pessoas que conheci em toda a minha vida. Eu olho para Heather, um sorriso reconfortante e de apoio em seu rosto, e não posso deixar de acreditar que talvez este seja realmente o caminho.

bomba de amor: o uso de atenção e afeto para influenciar um indivíduo; induz uma elevação social e infunde uma confiança profunda; pode levar a atração física

O Lugar Que Você Mais Sente Falta

O primeiro está delicadamente empoleirado na minha mesa de Artes.

Não vejo um animal de origami desde o ensino fundamental, quando a mãe de um colega mostrou à minha classe como fazer eles. Recebemos quadrados de papel fino e brilhante e uma lista de instruções para dobrá-lo em direções específicas. Ainda lembro da bagunça que fiz na minha tentativa naquele dia, mas este é um cisne perfeito com um pescoço alongado feito de papel de caderno. Está na minha mesa como um elaborado ponto de interrogação.

Eu deslizo em minha cadeira e olho para o garoto ao meu lado. Seu rosto está enterrado em seu braço. Eu me viro. A garota atrás de mim está examinando suas anotações.

— Com licença. Você sabe quem deixou isso? — eu seguro o cisne.

— Não — ela diz, olhando para mim por um mero segundo antes de olhar de volta para seu livro. Ela puxa a trança francesa pendurada no ombro e fecha os olhos com força, enquanto murmura respostas para as possíveis perguntas que a Dra. Cranston pode nos lançar.

Eu provavelmente deveria estar estudando também, mas agora estou muito distraída. Estou sentada no mesmo lugar desde a primeira semana de aula — isso tinha que ser para mim, certo? Pego o cisne e vejo a tinta vermelha na parte de baixo do papel dobrado, meu nome escrito em um minúsculo rabisco masculino ao longo do outro lado do pescoço. *Abra*, diz.

Eu cuidadosamente puxo sua cauda até que a voz da Dra. Cranston interrompe.

— Guardem seus livros e anotações, pessoal. Está na hora do exame.

Eu deslizo o cisne em minha mochila e tento me concentrar no que memorizei na noite anterior.



Assim que o exame termina, saio correndo da sala de aula. Os alunos fluem ao meu redor enquanto se coroam com fones de ouvido, seus walkmans assobiando uma cacofonia de música lo-fi de onde quer que eles pararam antes da aula. Eu puxo o cisne da minha mochila e me inclino contra a parede para puxar suas dobras, lutando para chegar à mensagem dentro:

O próximo está
em uma lagoa
nas costas de um cisne.
Hoje à uma.

Tento imaginar Josh escrevendo essas linhas ou mesmo dobrando este pedaço de papel. Simplesmente não parece ser ele com base no pouco que sei. Mas quem mais seria? Eu vagueio pelas portas de vidro e na luz do sol. Enquanto estou cruzando a Commonwealth, um ônibus passa perto demais. Ele buzina um aviso assim que eu acho. *Os Barcos Cisne*.

Quando chego ao Common, há uma fila de turistas. Os Barcos Cisne sempre pareceram o equivalente a um passeio de carrossel no shopping, mas hoje estou ansiosa para embarcar. Eu examino os bancos do barco. Nada. A última fileira está vazia, então eu deslizo exatamente quando o jovem motorista do barco se

acomoda em um assento de metal parecido com o de um trator atrás de uma grande representação entalhada de um cisne.

Enquanto partimos, tento relaxar. Uma sensação de liberdade me atinge quando o barco se separa da terra, mas não consigo parar de procurar Josh nas margens gramadas. A brisa me faz sorrir. As árvores pairam educadamente ao longo da margem curva, a parede de edifícios criando uma sólida fortaleza atrás delas. E, por um momento, esqueci por que estou aqui.

— Você é Emily? — uma voz atrás de mim pergunta.

Eu me viro para ver o motorista do barco tirando algo do bolso da camisa. Ele está sorrindo quando me entrega um peixe origami.

— Você sabe quem deixou isso? — eu pergunto.

— Um cara alto — ele diz. — Como um aluno ou algo assim — percebo por seu movimento constante que ele está pedalando em nosso barco. Ele olha para mim como se estivesse se concentrando em nossa rota. Eu me viro para abrir o peixe:

Venha me encontrar em
Um lugar que você mais sente falta
Perto de inúmeros barcos
Paredes de vidro no interior
Onde os peixes podem se esconder, mas não há maré.

Minha mente gira. Paredes de vidro no interior. Onde os peixes podem se esconder.

No momento em que o Barco Cisne atraca, corro para o T e verifico o mapa da parede para encontrar a parada do aquário. Quando chego lá, eu empurro as portas de metal e passo ao redor da multidão de pessoas. O cheiro de água salgada preenche o ar. Um arrojado senso de aventura me consome enquanto seguro o peixe origami. Tenho quase certeza de que estou procurando Josh. Uma pontada de insegurança se infiltra quando eu o imagino tendo todo esse trabalho. Nunca recebi tanta atenção antes; até mesmo meu namorado do colégio não era tão atencioso. É o suficiente para me deixar tonta.

Olho em volta novamente para ver uma multidão de famílias com crianças, turistas com mapas, guias encurralando as pessoas em uma balsa. Assim que começo a duvidar da minha compreensão do enigma, alguém bate no meu ombro. O sorriso de Josh é malicioso.

Eu golpeio seu braço reflexivamente. — Sério? — eu seguro o origami.

— O que? Você fez isso para mim? — ele sorri.

Eu golpeio seu braço de novo, minha pressão indo com tudo.

— Ei agora — ele envolve seu braço em volta do meu ombro enquanto caminhamos juntos. — Apenas venha comigo — ele me entrega um tíquete enquanto passamos pela linha que serpenteia ao redor guiando. Eu me firmo contra ele, lutando contra os efeitos que me deixavam tonta no nosso primeiro encontro... Espera. É um encontro?

Meus nervos começam a se acalmar enquanto Josh me leva até o patamar em espiral em torno do tanque cilíndrico que sobe até o teto. O brilho estranho da sala adiciona uma sensação de intriga, como se estivéssemos em algum tipo de missão. Eu rio com esse pensamento, e ele me lança um olhar zombeteiro.

— Porque estamos aqui? — pergunto.

— Não é isso que você disse que sente falta? — ele pergunta.

— Tanques de peixes? — eu brinco.

— Não, boba. A água.

— Eu sei —, eu digo com um olhar de lado. Não posso acreditar que ele planejou tudo isso para mim. Meu sorriso não vai deixar meu rosto. Continuamos caminhando ao longo das paredes de vidro em espiral para cima, como se estivéssemos hipnotizados, varridos com o mesmo impulso dos peixes. — É incrível para mim como eles amontoaram todo o oceano neste lugar minúsculo —, diz ele.

Um peixe amarelo brilhante dispara ao longo da janela enquanto circulamos para cima. Tento segui-lo, mas ele nada para o meio, fora de vista. Me viro para ele. — Seus amigos estão aqui?

— Não.

— Uau. Então, estamos realmente sozinhos? — eu zombo de um suspiro. — O que Ben e Heather diriam?

Josh não responde. Ele de repente parece desconfortável, olhando para os pés ao invés do peixe. — Desculpe, eu estava apenas brincando... — eu digo, me chutando por trazer isso à tona e arruinar o momento.

Ele me olha. — Eu sei que você deve achar que tudo isso é estranho. E eu acho que é — ele vira as costas para se apoiar na parede de vidro. Quando ele olha para mim de novo, eu me concentro em uma montanha gigante de coral para evitar contato visual para que ele não veja o que sim, acho um pouco estranho que o Reino esteja tendo um impacto tão positivo em minha vida, mas as estipulações aleatórias estão se tornando extremamente frustrantes. — Eu só queria encontrar uma maneira de ver você de novo, sem ninguém por perto —, ele continua.

— Quer dizer, Andrew não está virando a esquina esperando que eu o desaponte em Imagem & Ação de novo?

Josh ri, mas sua expressão ainda é pensativa. Ele parece estar lutando para encontrar uma explicação, mas não consegue descobrir como começar.

— Olha. Estou feliz que você fez isso —, eu digo, sentindo o suficiente da vantagem para ser assertiva. — Quero dizer, ninguém nunca fez um origami para mim antes — eu sorrio para ele. — É só que... eu não entendo por que você não me ligou apenas para me convidar para sair. Posso ir em frente e dizer que a resposta é sim — eu empurro seu peito de brincadeira. Ele ainda parece sério.

— Mas eu não podia dizer sim. Quer dizer, ainda não, então temos que ter cuidado.

Eu calmamente traço meu dedo ao longo do vidro do aquário. Um grande peixe desliza do nada, me assustando antes de nadar para longe. Minhas emoções estão mudando tão rápido que é difícil apontar qualquer coisa além da confusão. — Ok. Não entendo.

— É... é complicado. Existem regras que eu deveria seguir, e você também, até que seja salva — ele exala como se estivesse aliviado por finalmente ter dito isso.

Eu corro meu dedo ao longo do colar da minha mãe por hábito. — O que você quer dizer com salva?

— Salvo significa batizado. E Heather pode tornar o caminho para essa etapa muito intenso. Olha. Eu quero sair com você. Por que acha que estou arriscando? — seus olhos parecem genuinamente conflitantes, e eu me permito

olhar para eles por alguns segundos a mais sob o brilho fraco das luzes do aquário.

— Tenho estudado com Heather todos os dias. Eu vou até a igreja com ela em breve.

Josh passa a mão pelo cabelo. — Há mais do que isso. Quero dizer, há mais para aprender nos PBs, e quando você é batizado, provavelmente é um pouco diferente do que você está pensando. Você tem que estar toda submersa.

— Isso não é grande coisa. Metade dos meus amigos em casa foram batizados dessa forma.

— Mas... — ele mexe em sua camisa antes de olhar nos meus olhos; sua expressão é séria, quase vulnerável. — É muito mais do que um detalhe técnico —, diz Josh.

— Então o que é? — eu pergunto. Estreito meus olhos em concentração, ansiosa para entender, mas também esperando que não seja algo como acreditar que todos nós somos secretamente habitados por alienígenas. Uma mãe com um carrinho se aproxima de nós para olhar mais de perto o vidro. Josh e eu damos um passo para o lado, abrindo espaço para eles.

— Ok — ele continua. Ele cutuca meu braço e nós entramos em outro local vazio perto do vidro para privacidade. Ele está quase sussurrando. — Imagina as piores coisas que já aconteceram com você. Ou as piores decisões que você já fez. Tudo em sua vida que você já se arrependeu — seus olhos brilham com uma sinceridade rara em caras da minha idade. — Você já quis se sentir livre dessas coisas para sempre? Saber que não há como elas voltarem para te assombrar?

— Sim — eu digo sem hesitação. Fico olhando para os peixes de novo, finjo vê-los nadando, mas as palavras de Josh estão mexendo com algo em um canto escondido do meu coração. É difícil lembrar de uma época em que não estive deprimida nos dias bons e com uma dor aguda de partir o coração nos dias ruins.

— Aqui está o que eu sei —, ele continua, me tirando de meus próprios pensamentos. — Essas coisas negativas podem ser apagadas por completo. Tudo isso. Tudo em seu futuro pode ser liberado de seu passado. Eu gostaria de poder descrever o sentimento que tive em meu batismo. Foi puro... alívio — sua expressão fica tímida, como se ele estivesse um pouco envergonhado por ter revelado algo tão pessoal.

— Parece incrível — eu digo, ansiosa para dissipar qualquer constrangimento. — Quero dizer, me inscreva para a vida de negatividade zero — eu levanto minha mão para fingir ser voluntária. Brincar fecha a porta para a parte protegida do meu coração que estava se mexendo apenas alguns momentos atrás.

Enquanto Josh ri, posso ver o alívio substituir sua inquietação de antes. Então ele se inclina para mim e passa a ponta do dedo pela minha bochecha. — Você é incrível. Sabia?

Minha cabeça parece que está nadando para o lado, embora eu esteja tentando tudo ao meu alcance para permanecer composta. — Então — eu digo, minhas defesas protetoras ainda estão ativas. — Questão importante. Depois que eu mergulhar, ainda teremos que nos esconder aqui com essas arraias?

Josh solta uma risada. — Só se você quiser — ele me lança um olhar divertido, um olhar há-mais-sobre-você-do-que-eu-esperava, antes de casualmente pegar minha mão. Enquanto enrosco meus dedos nos dele, algo me atinge: talvez seja finalmente possível ser eu mesma aqui em Boston. Ou um eu ainda melhor. A confiante eu quase adulta vivendo em uma cidade grande de mãos dadas com um cara legal que eu poderia gostar de verdade.

Caminhamos até outra janela e paramos onde a vista parece tão diferente que parece um mundo separado. Algumas crianças do ensino fundamental em uniformes escolares se aglomeram em nossa janela. Elas gritam e saltam para trás quando uma enorme arraia desliza contra ela, revelando sua barriga. Josh gentilmente me puxa para andar por cada canto do aquário inteiro, sem dizer muito além de apontar peixes legais, nossas mãos ainda conectadas, até que não temos outra opção a não ser descer em espiral e sair do prédio.

Sua mão solta a minha quando ele abre a porta, e minha decepção me pega desprevenida. A claridade externa é cegante, talvez muito forte para segurar as mãos ao ar livre. Ficamos parados sem jeito, expostos ao sol da tarde depois de estar no aquário escuro, sem saber o que fazer a seguir.

— Então... — eu digo como uma pergunta aberta.

Ele olha em volta como se examinasse a multidão antes de olhar para mim com uma expressão tensa. — Então, você pode me prometer uma coisa?

Eu levanto meu queixo, curiosa. — O que?

— Olha. Eu sei que já disse para não falar sobre nossas ligações para Heather, mas você acha que poderíamos manter o hoje só entre nós? Me sinto péssimo perguntando porque ela é sua amiga. Mas ela pode não entender...

Eu exalo um suspiro desafiador. — Entender o quê? Estamos apenas... saindo. Eu realmente não entendo por que isso é tão importante — eu olho para longe, irritada com seus sinais confusos. Por que ele mataria o clima assim?

Josh abre a boca para dizer algo e depois fecha. Ele abaixa a voz e olha nos meus olhos. — É uma espécie de regra que eu não posso oficialmente entre aspas sair com você até que termine todas as etapas. Ninguém quer que você se sinta pressionada. E eu realmente quero... sair com você — ele sorri. Borboletas rodopiam pelo meu corpo, dissipando um pouco da minha irritação.

Embora o sigilo seja irritante e eu não goste da ideia de esconder coisas da minha única amiga em Boston, pelo visto o Reino é importante para Josh. E se ele está disposto a quebrar as regras por mim, o mínimo que posso fazer é ficar quieta.

Desesperada para prolongar este dia o máximo possível, examino o porto de Long Wharf, passando pela confusão de pessoas e tendas. Os pequenos mastros de veleiros distantes levitam sobre a água. Um chifre de água explode no amontoado triangular de velhos edifícios de tijolos. Meu olho capta uma balsa parada inquieta em seu cais. — Bem, eu não vejo Heather em lugar nenhum por aqui. Você?

— Não — ele diz.

— Acho que sei como podemos sair um pouco mais hoje — digo.

Desta vez, eu pego sua mão e o levo para o cais.



— Você está *atrasada* — Heather inclina a cabeça para trás e olha para mim por baixo do nariz.

Também estou suada e tentando recuperar o fôlego. Depois da balsa, percebi a hora e corri de volta para o meu dormitório, mas não fui rápida o suficiente. Heather já estava esperando por mim na minha porta.

— Sinto muito. Perdi a noção do tempo... — eu paro, não querendo dizer muito.

Ela faz uma cara de nojo quando passo por ela para entrar no quarto. — Por que você cheira a peixe?

— Eu estava caminhando — eu mexo em minha camisa. — Pelo rio.

— Ah — ela parece surpresa por eu não estar fazendo algo que justifique um discurso. — Bem, me liga da próxima vez para que eu possa ir com você. Meredith está me preocupando com os exercícios. Preciso perder pelo menos sete quilos para cumprir meus objetivos.

Soltei um suspiro de alívio. — Eu prometo.

— Escuta, tenho que marcar nossa reunião, e você fede. Por favor, tome um banho antes de vir. Sua aparência afeta diretamente minha capacidade de liderar...

— Eu estarei pronta — eu interrompo, já tirando as roupas do meu armário.

Seus olhos se estreitam com a minha grosseria. — Não se atrase —, Heather ordena ao sair, fechando a porta com mais força do que o necessário.

No momento em que ela se foi, meus olhos queimam de lágrimas. Sua explosão de negatividade foi inesperada. E dói saber que Josh provavelmente está certo — ela não entenderia por que estamos quebrando as regras. Cada vez que começo a sentir que as coisas estão indo bem, obstáculos se acumulam na minha frente de novo. Eles se estendem em minha mente, tanto quanto posso imaginar: reuniões, estudos, aulas, HSs, PBs, responder a Heather, saber as respostas certas. Quero experimentar a sensação de nosso barco se afastando da terra novamente, sentir Josh envolver meu ombro com o braço.

Embora eu seja grata pela comunidade do Reino, a pressão extra de tantas tarefas obrigatórias é como estar em uma montanha-russa que nunca desacelera. E sua grosseria agora era totalmente desnecessária.

O desejo de falar com meu pai de repente supera minha capacidade de me convencer do contrário. Talvez isso faça com que nós dois nos sintamos melhor. Eu pego o telefone antes que eu possa reconsiderar. Meu coração bate mais rápido quando pressiono os números. A paralegal do meu pai, Jean, atende na outra extremidade.

— Ei, sou eu, Em. Meu pai está aí?

Jean faz um gemido de desculpas do outro lado da linha. — Ah querida. Na hora errada! Eles foram para Oxford. Ele não te contou?

Eles não contaram. Então, novamente, eu não consegui me lembrar da última vez que nos falamos. Patti e Jean sempre informam suas atualizações quando ele está ocupado com um julgamento. O peso do arrependimento se instala na boca do meu estômago.

— Você poderia tentar ligar para o condomínio, mas não há como dizer onde eles estão agora. Ele liga para as mensagens, no entanto. Você quer que eu dê uma a ele?

— Só diga que finalmente irei ao Garden neste fim de semana — uma lágrima desce pelo meu rosto. Jean não parece notar minha mudança de tom.

Ela ri. — Ooooh! Ele vai adorar.

— É — eu digo. — Obrigada, Sra. Jean.

Estou olhando para o rio Charles, mas vendo o pântano sinuoso atrás de nossa casa, onde papai grelha bifes, bebe Heinekens e costumava brincar com nossa velha cadela, Sasha. A dor surda de saudade de casa rasteja em meu peito. Eu a desligo com o clique final do meu telefone.

Todas aquelas vezes que não liguei porque não queria preocupá-lo, nunca me ocorreu que ele não estaria lá de qualquer maneira.

PASSO 7: Brilhe pelo exemplo. A imitação leva à salvação.

Imitação Barata

Eu nunca imaginei o Boston Garden neste contexto.

Jogo do Celtics lotado? *Sim*. Concerto do Grateful Dead? *Sim*. Mas um culto religioso com oito mil pessoas presentes não era algo que eu esperava ver em um local tão famoso. A multidão grita em antecipação coletiva, como fãs de música antes de um show que esperaram meses para ver.

Meu pai uma vez me contou tudo sobre o piso de parquet do "The Garden". Foi quando ele finalmente absorveu o fato de que eu estaria estudando aqui. Papai estava compartilhando fatos triviais sobre um assunto aleatório (sua maneira de se relacionar) quando me disse que a quadra de basquete — feita de 247 painéis de madeira, para ser exata — era famosa por "pontos mortos" ou lugares onde a variação na madeira afetava a forma como a bola quicava. Apenas o time nacional sabia onde os pontos mortos estavam escondidos para que eles pudessem usar isso a seu favor.

Eu sigo Heather em busca de dois assentos vazios em um mar de fileiras ocupadas que se estendem pela curva em frente ao palco. Alguns universitários ao lado do corredor viram para ver Heather enquanto eu me arrasto, envergonhada com a roupa Laura Ashley que ela escolheu para mim. Estamos atrasadas porque ela insistiu em arrumar meu cabelo um pouco antes de sairmos,

o que resultou em quarenta e cinco minutos fazendo cachos em espiral com um pequeno modelador. Ela cuidadosamente correu os dedos pelos cachos elásticos, transformando-os em ondas suaves, assim como os dela, enquanto me lembrava de trazer minha doação para o programa Boston Needs. — Eles distribuem um prato de doação durante o culto, então é melhor estar pronta antes de chegarmos lá.

Hoje, o ar está carregado de emoção. A multidão é turbulenta, feliz e diversa — muito mais do que as igrejas em casa. Fileiras de cadeiras dobráveis se alinham no chão de frente para o grande palco, que é ancorado por pilhas de alto-falantes e plantas verdes brilhantes. Crianças pequenas estão espalhadas desenhando em seus boletins na frente da primeira fila. Quando a música começa a tocar, todos se levantam para bater palmas e dançar, formando uma corrente com as mãos de cada um ligadas às costas do outro. Uma música é familiar:

People all over the world
Join hands
Start a love train, love train

Entre as músicas, ouço um francês rápido atrás de mim. Há casais com bebês, pessoas mais velhas e jovens (*muitos* jovens) de todo o mundo. Nunca vi tanto entusiasmo durante uma cerimônia religiosa, ou tantas pessoas diferentes se reunindo sob o mesmo teto de uma igreja. Em casa, as igrejas sempre pareceram uma validação exclusiva de círculos sociais preexistentes cheios de pessoas que já eram parecidas. Isso é o oposto. É como um anúncio multicultural da Benetton para Deus — um lugar onde todos são não apenas bem-vindos, mas também *celebrados*. Eu não consigo parar de olhar em volta com admiração. Heather abre um sorriso sábio, como se soubesse que eu adoraria isso.

Estico o pescoço para ver se consigo identificar Josh na multidão. Heather disse que todos os estudantes universitários frequentam o serviço religioso do Boston Garden. Então me lembro da roupa que ela me convenceu a usar, e sou grata por me misturar à vasta multidão de pessoas.

A cantoria para abruptamente e uma expectativa palpável cobre o público. É uma espécie de silêncio tipo Larry-Bird-atirando-um-lance-livre-na-prorrogação.

Todos os olhos estão focados no palco. Fileiras e mais fileiras de rostos revelam a mesma expressão ansiosa. Então, todos ao meu redor, incluindo Heather, começam a puxar pequenos cadernos e canetas.

— Devo anotar? — eu sussurro para Heather.

— É melhor se eu fazer para você agora —, ela sussurra de volta. Em seguida, o Líder assume o comando do palco. Estamos muito longe para vê-lo claramente, mas seu rosto está projetado na enorme tela do JumboTron. Ele parece uma pessoa normal em torno da idade do meu pai, talvez mais jovem, com cabelo loiro bem cortado e um terno caro. Ele me lembra os jovens advogados que papai convida para jantar. Eu reconheço a mesma confiança e arrogância, aquela habilidade sem esforço de cativar qualquer público. É a voz dele que me atrai. Ela tem o instinto seguro de saber quando acalmar e quando exigir a atenção de todos.

Eu me acomodo em meu assento e ouço o fluxo das palavras, a onda de risos de suas piadas, o ocasional "amém" ou "isso mesmo" da multidão. Mesmo sendo tão diferente da pequena igreja onde cresci, a grande multidão é estimulante, como uma afirmação de que estamos todos do mesmo lado, torcendo por uma causa nobre. É como se ele estivesse colocando uma mão quente em nossos ombros, tudo ao mesmo tempo, nos garantindo que ele é o homem escolhido que assumiu a liderança — aquele que nos trará todos para casa.

— Hoje estabelecemos um recorde! *Oito. Mil* — torcida selvagem ondula pela multidão. Eu deslizo para a ponta do meu assento e olho ao redor. Uma garota à minha direita desencadeia uma explosão de alegria. O Líder levanta a mão para nos silenciar. — Oito mil discípulos estão aqui para celebrar nossa vitória. Vitória de *Deus*. O que vocês acham disso? — eu pulo, antes mesmo de Heather, para celebrar com todos os outros. Arrastada pelo impulso da multidão, meus olhos estão grudados no palco para ver o que acontecerá a seguir.

— Quantos de vocês são bons em matemática? — ele pergunta. Mais aplausos, com algumas zombarias dos alunos, incluindo Heather. Eu rio enquanto o Líder ri no palco. — Não se preocupem. Eu também lutei com isso, mas anotei antes. Aqui. Vejam se vocês conseguem acompanhar isso. Um pequeno grupo de hebreus, pouco menos de cem, foi para o Egito e voltou quatrocentos anos depois com dois milhões. Menos de vinte anos atrás,

começamos esta mesma igreja em Boston com apenas trinta discípulos de Jesus. Basta olhar ao seu redor agora! Isso é quase *trinta* vezes maior. Agora vamos multiplicar um pouco mais, porque é isso que fazemos — ele sorri. — Temos sedes na Europa. Na Austrália. Na África. No Pacífico Sul. E temos planos para todas as nações deste mundo. Agora, não é preciso ser um gênio da matemática para descobrir que não levaremos quatrocentos anos para alcançar nosso objetivo.

Imagino essa multidão se multiplicando em tantos lugares, consumida pela mesma emoção deste serviço. É incrível a quantidade de pessoas que poderíamos ajudar em todo o mundo. O Líder para no meio do palco e bate os punhos. — Vamos chegar a um milhão no ano 2000, porque um milhão de seguidores podem mudar o mundo inteiro! — Heather e eu levantamos para aplaudir novamente. A multidão está frenética. Estou hipnotizada pelas fileiras de expressões cativadas, todas focadas no Líder enquanto ele caminha para frente e para trás como um leão enjaulado.

— Agora, aqui está a parte difícil. Para uns, mais do que para outros, talvez —, acusa a câmera. — A boa palavra diz em nossa caminhada espiritual que aprendemos por imitação. Isso não está vindo de mim. Isso está vindo de Paulo, e ele recebeu diretamente do Senhor. *Imitação* — ele faz uma pausa, se inclina para a plateia e abaixa a voz como se estivesse disciplinando uma criança. — E deixe eu dizer uma coisa. Se você não está seguindo de todo o coração, e quero dizer *cem por cento* — ele faz uma nova pausa — então você é apenas uma *imitação barata* — ele diz as duas últimas palavras como se se referisse a algo sujo e nojento.

Me viro para Heather, que anota isso e sublinha as palavras duas vezes. O Líder para de falar por tanto tempo que me deixa um pouco ansiosa. Todos esperam em silêncio que ele continue, como em um show quando a banda está tentando decidir o que tocar a seguir. Alguns membros da igreja finalmente fazem seus pedidos. *Diga! Continua!* Eu me inclino para frente assim que ele para de andar. — A verdadeira imitação leva à salvação. E todos nós sabemos que existe um paraíso. Amém?

— *Amém* — digo isso em voz alta com Heather neste momento.

— Mas não se esqueçam que isso significa que também há um inferno. E, pessoal, *haverá* um julgamento.



No momento em que o serviço termina, Heather corta a multidão como um casco de barco cortando água. Eu a sigo em direção a um corredor que parece levar aos bastidores. De repente nervosa, me pergunto se deveríamos estar aqui. Como se sentisse minha relutância, Heather se vira para acenar antes de empurrar a porta. Lá dentro, Meredith está cumprimentando um círculo de pessoas ao seu redor, como uma celebridade recebendo pedidos de autógrafos. Um enorme bolo decorado como um atlas em escala é exibido em uma mesa coberta por um pano. Velas altas perfuram as nações onde o Reino já tem igrejas.

— Ei — alguém diz por cima do meu ombro. Eu me viro para ver Andrew sorrindo. Ele se inclina para mim e dá um tapinha nas minhas costas em um abraço distante.

— Não sabia que você tinha interesse em um estágio —, ele me diz. Antes que eu possa perguntar sobre o que ele está falando, Heather puxa meu braço para nos manter em movimento, muito focada em manter nosso lugar na fila para até mesmo dizer oi para Andrew. Eu encolho os ombros me desculpando. Andrew faz uma careta fingida para a nuca de Heather me oferecendo sua simpatia. Tento não rir enquanto ele se afasta para falar com Ben do outro lado da sala.

Quando finalmente nos aproximamos, os olhos de Meredith brilham em reconhecimento a Heather. — Ei, querida — ela diz, mas seus olhos mudam de forma intermitente para ver quem está atrás dela.

Eu me aproximo de Heather.

— Bem, olá, Emily. Como você está? — Meredith diz, radiante.

— Ótima — eu digo, ainda tonta com a energia da multidão.

— Olha essa roupa adorável — Meredith diz para mim. — Minha filha Rachel tem uma parecida. Você sabia que ela acabou de fazer dezesseis anos? Não posso acreditar que minha garotinha já está crescida — seu olhar muda de volta

para Heather, que brinca com seu cabelo e roupas sob o olhar de Meredith. — Heather, querida. O que diabos você está vestindo? — Meredith pergunta com uma pequena risada.

A decepção de Heather obscurece seu sorriso. — Ah — Heather olha para sua roupa, alisando o tecido com as palmas das mãos. — Uh... é...

Meredith estreita os olhos para Heather, seu sorriso nunca deixando os lábios. — Você não acha que a saia é um pouco apertada?

As bochechas de Heather imediatamente pegam fogo. Eu abaixo minha cabeça, como se olhar para meus sapatos fosse me tornar menos testemunha do constrangimento de Heather.

— Você tem orado e jejuado como falamos? — Meredith pergunta a Heather enquanto examina as pessoas atrás de nós novamente.

— Sim, claro, eu...

Uma garota aleatória passa por nós. Meredith a abraça e desvia sua atenção de nós por um momento. Outra garota cortando o bolo me entrega um pedaço grande e tenta dar um para Heather, que rapidamente levanta a mão para recusar.

Meredith se volta para nós enquanto a garota que me abordou se afasta. — Olhem. Espero que fiquem por aqui para a reunião. Há algo muito empolgante que quero compartilhar com vocês duas — ela está olhando direto para mim.

— Claro — Heather diz, suas bochechas ainda em chamas.

Meredith inclina a cabeça para Heather. — Eu gostei da maneira como você puxou o cabelo para cima — Heather sorri. Seu cabelo está torcido para trás e cortado de forma que uma bagunça controlada de cachos se espalhe assim. Percebo que o cabelo de Meredith está puxado para cima de maneira semelhante, mas sem os cachos. — Você também, Emily. Ora, você e Heather quase poderiam ser irmãs. Que maneira perfeita de ilustrar a ideia de imitação —, diz ela, radiante de deleite. — Tão criativo!

Eu toco meus cachos que demoraram tanto para fazer. — Ela insistiu — eu cutuco Heather.

— Bem, eu acho que você deveria usar assim todos os dias — Meredith diz antes de se virar para outro aluno esperando por ela.

Mesmo com o elogio ao cabelo, posso dizer que Heather ainda está chateada com o comentário de Meredith sobre a saia, pela maneira como ela puxa a bainha enquanto empurramos o grupo de pessoas bloqueando um aglomerado de cadeiras.

Ficamos sentadas em silêncio enquanto Heather continua mexendo em suas roupas. — Se serve de consolo —, eu ofereço — acho que você está ótima.

Heather para de ficar inquieta e fica parada. — Meredith é a irmã do Líder. E *minha* PD. Ela está apenas me mantendo nos padrões mais elevados — os olhos de Heather estão orgulhosos e distantes, assumindo a mesma indiferença com que Meredith a havia cortado momentos atrás. Nos sentamos e enfio o garfo no fragmento amarelo da América Central antes de dar uma mordida no bolo. Assim que eu cavo na crosta de gelo azul do oceano, Josh se aproxima. Meu coração salta e tento desesperadamente manter minha reação neutra com Heather bem ao meu lado.

— Oi, Heather — Josh diz.

— Josh —, ela responde.

Ele se vira para mim. — É bom ver você, Emily. Não falo com você há anos — ele está quase rindo. — Como você esteve?

— Ótima — eu engasgo. Heather me observa de perto, mas é tão difícil não sorrir de volta para ele. Os olhos de Josh brilham com travessura, e compartilhamos um olhar de quem sabe: *ela não descobriu.* De repente, o grito alto de feedback chama a atenção de todos. Meredith vai até o meio da sala, ajustando o microfone preso ao vestido, enquanto os alunos se acomodam em cadeiras vazias. Josh pisca antes de se afastar e se encostar na parede ao lado de Ben e Andrew.

— Tenho certeza de que todos vocês estão se perguntando por que estamos comemorando com o maior bolo que já pedimos. Bem, estamos aqui para falar sobre meu marido — ela faz uma pausa e olha ao redor da sala. — Como vocês provavelmente perceberam, ele estava doente demais para estar aqui hoje, mas tudo bem, porque não se trata apenas do nosso querido Will. *Esta* é a missão mais importante de nossa vida que ele foi escolhido para liderar, a expansão do Reino. Estamos no processo de avaliar possibilidades para igrejas em todas as nações do mundo. E estamos procurando jovens como vocês para servir como

estagiários. Estou falando de lugares interessantes como Inglaterra, Índia, França, Itália.

Heather se mexe em sua cadeira. — *Voglio andare na Itália* —, diz ela para si mesma. — Eu orei e orei por isso —, ela sussurra para mim, segurando meu antebraço para dar ênfase. O senso de urgência de Heather permeia seu aperto. Nunca estive fora do país e me imagino na Itália, o lugar onde todas as pinturas e esculturas do meu livro de história da arte ganham vida. Eu olho para Josh e meu estômago vira quando o imagino lá comigo, me guiando por praças românticas. Eu estou longe o suficiente nas etapas para ser elegível para um estágio no exterior? Enquanto Meredith descreve lugares distantes onde o Reino está fazendo a diferença, eu ouço, quase sem piscar, observando cada detalhe até que ela estende os braços para acentuar suas considerações finais: — Como indivíduos, podemos realizar muito. Mas, como Reino, podemos realizar *qualquer* coisa.

Quando a reunião termina, Josh me encontra de novo, se inclinando para perto enquanto passa. — Falo com você esta noite —, ele sussurra. Eu sorrio e por instinto verifico para ter certeza de que Heather não ouviu. Felizmente, ela está ocupada conversando com outra garota, de costas para nós. A conversa animada de estagiários em potencial aumenta ao nosso redor, mas parece que Josh e eu somos os únicos na sala. Ele toca brevemente minha mão antes de se afastar.

sessão de ruptura: um colapso induzido por confronto que ocorre depois de confessar seus segredos; frequentemente visto como um despertar espiritual com a promessa de aceitação e perdão; pode causar uma mudança radical na identidade.

Pecados a Queimar

V*amos rezar* se tornaram as duas palavras favoritas de Heather.

E sua maneira favorita de terminar cada oração é a mesma todas as vezes: — Perdoe nossos pecados. Amém.

Meus pecados sempre foram uma ideia abstrata, até que Heather me pediu para trazer uma lista para o nosso próximo encontro. Estávamos terminando um PB quando ela se sentou sorrindo como se tivesse um grande segredo para me contar e não pudesse esperar mais. — Seu próximo passo é o passo final antes do batismo. E eu disse a Meredith que você estaria pronta na próxima reunião em casa. Este é o passo mais importante porque leva à liberdade espiritual *total* — ela fez um som agudo abafado, mas eu não consegui passar das palavras "pecado" e "lista" como o título de uma tarefa. — Como escrevo eles? — continuei perguntando.

Heather me garantiu que Josh não estaria lá; era um estudo doméstico planejado apenas para meninas. Bem, exceto por Will, a quem estou muito curiosa para conhecer pessoalmente. Mesmo assim, Heather prometeu que seria

a única a ver minha lista. E embora eu não gostasse da ideia de Heather saber de todos os meus pecados, deixei de lado isso para me concentrar nas vantagens após o batismo: liberdade espiritual. Um sistema de apoio em Boston. E, claro, mais tempo com Josh. (Ao ar livre. *Como um casal!*) Só de pensar nisso me deixou tonta o suficiente para engolir meus medos e pegar a caneta e o papel.

Quando chego à casa de Meredith e Will no dia do meu batismo, minha lista diz:

1. Álcool. (Heather disse para incluir isso.)
2. Maconha. (Tentei duas vezes, mas não fiquei chapada).
3. Relacionamento físico com um namorado do colégio.
4. Caderno de poesia bastante explícita da minha aula de redação.
5. Um *B* em química no ensino médio (meu único *B* na vida).

Minha "Lista de Pecados" não parece tão ruim para mim, especialmente considerando minha educação. Não consigo imaginar como seriam as listas de meus amigos do ensino médio ou, pior ainda, a de Tamara. Ela passou um mês inteiro em uma clínica de reabilitação à beira-mar na Califórnia no verão após seu segundo ano de faculdade. Meu pai disse que eles poderiam ter economizado dezenas de milhares de dólares enviando-a para uma das ilhas barreira com um pouco de comida e uma barraca até que ela simplesmente decidisse não beber tanto. Patti não contou a ele sobre os vários comprimidos que encontrou sacudindo na bolsa de Tamara.

Sempre fui a boa menina, a sensata que leva todos para casa. No entanto, aqui estou eu sentada em frente a Heather, olhando para as paredes cor de lavanda do quarto da filha adolescente de Meredith. Estou nervosa por entregar minha lista, meu coração batendo tão forte que tenho medo de que se olhar para baixo, vou realmente vê-lo bombeando contra meu peito.

— É isso —, diz Heather com um sorriso tenso, o mesmo tipo que um professor usa quando não tem certeza se um aluno terá sucesso ou não. — Seu passo final para a salvação.

Meus olhos continuam indo em direção à porta, ansiando por uma fuga, enquanto Heather abre minha lista. Eu me concentro nas coisas do quarto de

Rachel como uma distração — um travesseiro com babados, uma caixa de som, um pôster de Amy Grant dobrado no meio curvado em cima de um blazer com estampa animal. Os olhos de plástico dos bichinhos de pelúcia me olham fixamente da almofada em forma de tigela de uma cadeira papasan. Eu pulo com o som de uma porta batendo no corredor e procuro me certificar de que nossa porta está fechada.

— Eu sei que isso é assustador, Em — Heather me tranquiliza, colocando sua mão na minha com um sorriso caloroso. — Mas eu tenho que saber seus pecados exatos para ajudar a determinar suas fraquezas espirituais. É meu trabalho te ajudar a encontrar a direção no caminho da retidão. — Ela olhou de volta para a minha lista com uma expressão séria.

Josh me disse que isso seria intenso, embora eu não tivesse ideia de *quão* intenso até agora. Isso vai acabar logo. *Quão ruim pode ser?* Sento em silêncio, esfregando o suor das mãos na calça jeans. As sobrancelhas de Heather franzem enquanto ela lê. Quando ela finalmente olha para cima, ela não está feliz.

— Emily? Você vai ter que ser *completamente* honesta comigo aqui. Eu tenho que saber *especificamente* contra o que você tem lutado para que possa lidar com seus pecados. É a única maneira de se tornar mais próxima de Deus.

— Ok — eu digo com cautela. Eu deixei algo de fora? Como ela saberia?

— Você confia em mim? — ela pergunta. Quase soa como uma acusação.

Eu pisco. — É claro.

Um breve sorriso cruza seu rosto antes de ela olhar para minha lista. — No número três, por exemplo, o que exatamente significa "relacionamento físico"?

— Hum... — eu paro, sabendo que fui vaga. Nunca me senti confortável discutindo qualquer coisa sexual, mesmo na frente de amigos. Papai e eu nunca tivemos “a conversa” quando eu era mais jovem, embora Patti me disse para perguntar a ela tudo o que eu quisesse saber. Ela disse que poderia precisar de uma taça de vinho primeiro. Acabei nunca fazendo perguntas. Em vez disso, recolhi quieta tudo o que precisava saber de amigas na escola e, com mais frequência, de Tamara.

— Olha — Heather diz, colocando minha lista de lado. — Como sua PD, *qualquer* coisa que você me dizer é confidencial. Para te ajudar, tenho que saber

tudo. Se você não consegue nem mesmo dar o salto para confiar em *mim*, como vai confiar totalmente em Deus?

— É apenas... difícil — eu gaguejo. — É estranho falar sobre coisas assim.

Ela solta um suspiro dramático. — Ok. Posso tornar isso um pouco mais fácil, mas você tem que *prometer* responder a todas as perguntas com honestidade.

— Ok — *isso vai acabar logo. Isso vai acabar logo. Isso vai acabar logo.*

— Você só teve relacionamento físico, entre aspas, com esse namorado em particular do colégio? — ela usa os dedos para enfatizar as citações.

— Sim.

— Você realmente teve relações sexuais com ele?

— Sim — eu murmuro rápido.

— Quantas vezes?

— Uma vez — tento bloquear a memória estranha. *Eric Bolton.* Era algo que eu preferia não lembrar. Na época, eu não tinha certeza se me sentia desapontada por ter sido um erro tão desagradável, ou aliviada porque a grande provação finalmente tinha acabado.

— Você já fez sexo oral com ele?

Eu brinco com minhas unhas enquanto as encaro com atenção. — Sim — eu admito.

— Quem fez, você ou ele?

— Ambos —, eu sussurro. Meu rosto está pegando fogo. Eu olho para baixo, para um elástico de cabelo com bolinhas espreitando por baixo da cômoda e me encolho quando ouço Heather rabiscar algo na minha lista.

— Sexo anal?

— Não.

— Tem certeza? Muitas pessoas fazem isso porque pensam que não contará como primeira vez.

— Tenho certeza de que me lembraria disso — eu rio nervosa.

Seus olhos brilham quando ela se inclina para frente. — Isso não é uma *piada*, Emily — ela sibila. — Estamos em *guerra* com as tentações que espreitam neste mundo. É da sua *alma* que estamos falando aqui. Se você não se sente quebrada pela cruz de Jesus, então você deve simplesmente voltar para o seu dormitório sem mim.

Sua seriedade me surpreende. Meus olhos ardem com as lágrimas.

Heather se senta e se recompõe. — Você ainda está em contato com esse cara?

— O que você quer dizer? — eu passo meu dedo trêmulo em meu olho e seco no meu jeans.

— Você o vê quando vai para casa? Ele esteve aqui para visitar?

— Não e não — eu digo. Eu terminei com Eric muito antes de ir para a faculdade, e ainda me sinto culpada por isso porque ele gostava de mim de verdade. Eric era o tipo de pessoa com quem *pensei* que deveria estar, mas honestamente não gostava muito dele. Além disso, eu já percebi que minha felicidade dependeria de sair de casa, e não ia deixar ninguém ficar no meu caminho.

— Você sente falta dele? — Heather pergunta. Ela inclina a cabeça como se estivesse preocupada comigo.

Eu paro, imaginando o que ela quer que eu diga. Não quero que Heather pense que tenho o coração frio ou vulgar, ou algo assim, mas estou aliviada por morarmos em estados diferentes. Eric parecia carente depois disso. Tamara, que, é claro, descobriu sobre isso, explicou como o significado de virgindade é um grande mito e como o ato em si é apenas um ensaio. Fiquei envergonhada por ele depois, por coisas como seu cabelo crescendo um pouco mais na parte de trás, ou o fato de que seu carro sempre cheirava a pesca e equipamentos esportivos. Fiquei surpresa com o quão pouco me importei quando Eric começou a sair com Rebecca Randall, uma garota popular do time de dança. Na verdade, foi um alívio.

— Não, eu não diria que sinto falta dele —, digo finalmente para Heather.

Ela me olha com desconfiança.

— De qualquer forma, ele tem uma namorada séria agora —, acrescento.

Heather suspira de alívio. — Bom. Isso vai acelerar o processo, porque qualquer relacionamento como esse teria que ser completamente cortado antes que você pudesse ser batizada.

Pelo menos Josh já está salvo.

— Você já foi abusada sexualmente por um membro da família ou outro adulto?

— *O que?*

— Emily, está tudo bem para me dizer. É parte de deixar Deus curar seu passado para que você possa seguir em frente. Eu tenho que saber absolutamente tudo.

— Não, nunca fui abusada.

— Estuprada?

— Não.

— E quanto a namoradas? Você já experimentou, tipo beijou ou tocou outra garota?

— Não — estou olhando para o chão.

— Nem mesmo a garota da foto no seu quarto? Aquela em que vocês duas estão usando biquínis em um barco?

— Não! Heather, já terminamos? Eu só transei com *um* cara. O que mais você quer que eu diga?

— Certo, tudo bem — Heather joga as mãos para cima em frustração. — Não precisa ser tão defensiva e orgulhosa *comigo*. Esses são *seus* erros, Emily. E como sua PD, sou responsável por permitir que você os admita para que possamos pedir a Deus que cuide do resto. Se você não sente vontade de fazer isso, então Deus a ajude no Dia do Julgamento.

— Mas...

— Tiago 5:16 diz: *"Portanto, confessem seus pecados uns aos outros e orem uns pelos outros para que possam ser curados"*. Se você se recusar a chegar a um ponto de tristeza segundo Deus, então todo o seu progresso será em vão. — Heather reorganiza seus cachos, um hábito que ela usa para um efeito dramático e algo que eu me peguei fazendo ontem. — Agora, continuando.

O processo está longe de terminar. Quando Heather termina, minha lista se expande de meros cinco itens para 37 pecados, incluindo masturbação (#8), meus pensamentos específicos durante a masturbação (#9), atitude rebelde (#15), não imitar minha PD — *ela* — em minha melhor capacidade (#29), e ser confirmada em uma igreja diferente quando era mais jovem (#34). Quando ela termina, estou segurando minha Lista de Pecados como se fosse a única cópia impressa de combinação de uma bomba nuclear.

Assim que me levanto, Heather diz: — Espera. Eu sei que isso tem sido muito desconfortável para você. Mas eu tenho uma última coisa — ela diz. — E é muito

importante.

Eu me sento de volta, meu coração disparado. O que mais poderíamos ter deixado para trás? Acabei de dizer a ela as coisas mais embaraçosas que já disse a alguém antes.

Heather olha para mim e faz uma pausa antes de falar. — Você já odiou a Deus?

Uma pontada de culpa aperta meu peito. De repente, estou com medo.

— Estou falando muito sério, Emily. Você está com raiva de Deus por qualquer coisa que já aconteceu com você?

Estou procurando pistas em seu rosto, mas sua expressão não muda. Algo dentro de mim está resistindo ao impulso de sequer considerar uma resposta. — Acho que não —, digo com cuidado. Eu agarro meus joelhos. Nunca me ocorreu ficar com raiva de outra pessoa pela onda de escuridão que às vezes cai sobre mim, e como uma vez, inexplicavelmente, eu quis andar direto para o oceano à noite, sem nenhum plano de nadar de volta. Como a única coisa que me impediu foi saber que isso mataria meu pai. E como às vezes acordo com memórias específicas da infância, mas nem sei se são reais ou imaginárias. Eu sei que nunca posso me permitir formar essas palavras, mesmo em particular.

— Ok. Deixa eu perguntar desta forma. Você culpa Deus por tirar sua mãe de você quando você era uma garotinha?

Sim.

Sua pergunta — e a resposta imediata da minha mente — tira o fôlego de mim. Não é só Deus que culpo. A imagem do meu pai naquele dia na praia — lendo, sem prestar atenção, complacente — surge na minha cabeça. *Por que ela estava lá sozinha? Por que ele a deixou ir lá? Por que ele não a salvou?* A culpa e o ressentimento misturados com uma raiva crua crescem com tanta força e velocidade que não posso detê-los. Tento pressioná-los para baixo, para baixo, para baixo, até que quase posso ignorá-los de novo, como fiz durante toda a minha vida. Meu coração dói mais do que posso suportar enquanto as lágrimas começam a correr pelo meu rosto.

Heather voa para o meu lado, seu braço em volta de mim. Ela me deixa chorar em seu ombro. — Está tudo bem —, ela sussurra. — É por isso que confessamos, Em. Eu posso dizer que você está quebrada. Nós apenas temos que lembrar que

não podemos carregar nossos pecados por conta própria — ela se afasta com otimismo abrupto.

Ela coloca minha Lista de Pecados na minha mão e eu imediatamente a dobro, tentando conter a náusea que sobe pela minha garganta. Quando me levanto, Heather precisa me firmar. Enxugando meus olhos uma última vez, respiro fundo e a sigo para fora da sala. Eu faria qualquer coisa para fazer esse sentimento horrível ir embora.

Meredith está nos esperando na cozinha em meio a uma elaborada exposição de salgadinhos e biscoitos recém-assados, todos artisticamente dispostos em seu balcão em uma natureza morta de normalidade. Ela sorri para mim e levanta as sobrancelhas em uma expressão de "estou torcendo por você". Eu sorrio de volta fracamente. Seu gesto é gentil, mas parece incongruente com o peso da situação. Como ninguém poderia ter me avisado sobre a seriedade desse pedaço de papel no início da minha vida? Talvez eu tivesse feito escolhas diferentes se soubesse. Talvez tudo tivesse sido diferente.

— Emily — Meredith sussurra animada, me puxando de volta ao momento presente. — Eu quero que você conheça meu marido. — Ela se vira e acena em direção a um corredor, convocando um homem alto e atraente com óculos de aro metálico.

— Olá. Você deve ser Emily. Sou Will — ele se inclina para frente e aperta minha mão enquanto aperto minha Lista de Pecados dobrada na palma suada da outra. — E sem formalidades de "senhor" comigo — ele pisca. Sua atenção relaxada é reconfortante e também meio estimulante, como quando um professor quer conversar sobre uma tarefa A+ depois da aula. Will até se parece um pouco com meu professor de literatura: jovem e acessível, com um magnetismo silencioso, definitivamente o oposto do irmão carismático demais de Meredith no palco da igreja.

Will coloca a mão no meu ombro enquanto me leva para as portas francesas que se abrem para o quintal. Ele se inclina para sussurrar, e sua pele parece pálida além da palidez normal de inverno do nordeste. — Agora, Emily. Essa parte pode ser difícil, mas a melhor coisa a fazer é manter o foco — ele dá um tapinha no meu ombro duas vezes. — Basta lembrar que esta é uma das decisões mais importantes que você fará —, diz ele. Eu forço um sorriso nervoso, ainda

segurando minha Lista de Pecados, e o sigo para o quintal perfeitamente ajardinado onde os outros discípulos e seus PDs estão esperando. Heather está sorrindo para mim, seu orgulho em plena exibição.

— Me sigam —, Will diz ao grupo que está prestes a ser batizado e nos conduz pelo pátio pavimentado. Estamos todas segurando pedaços de papel semelhantes, enquanto ele nos arruma em semicírculo ao lado de sua piscina forrada de pedras. Uma tenda de madeira é montada na grama perto do fundo; uma grande estrutura em forma de cruz surge vários metros atrás dela. Enquanto Will tira os sapatos na beira da piscina, noto um grande curativo aparecendo por baixo de sua manga enrolada quando ele levanta o braço para sinalizar instruções.

Finalmente, ele começa: — Novos discípulos! Este é um passo muito importante, provavelmente o *mais* importante, em seu caminho para a salvação, então vocês precisarão seguir minhas instruções exatas. Primeiro, preciso que fechem os olhos e estendam a mão direita com a palma para cima.

Eu estendo minha mão, minha outra mão segurando minha Lista de Pecados. Um pequeno objeto cai na minha mão direita. Seu toque frio parece metal.

Will levanta a voz. — Alguém pode me dizer o que estão segurando?

Ninguém responde. Eu giro o objeto pontiagudo em minha mão, ansiosa demais para falar.

— Uma tachinha? — alguém à minha esquerda adivinha..

— Sim, mas é muito mais poderoso do que um mero objeto. É a sua passagem para sair do pecado. Longe das garras de Satanás —, diz ele.

Alguns "améns" estranhos rompem o silêncio nervoso.

— Agora quero que cada um de vocês apartem a tachinha, só um pouquinho, na palma da mão —, diz Will. — Vocês podem sentir?

Minha tachinha está de lado. Eu reajusto a ponta afiada.

— Vocês tem *alguma* idéia do que Jesus deve ter sentido quando pregaram aqueles pregos em suas mãos? Sabem por que foi necessário, né? Ele teve que o fazer por causa de vocês. Sabem a agonia que ele sente quando vocês cometem, e quando continuam a cometer, todos aqueles pecados em suas listas? — ele berra. — Vocês o *mataram* com o comportamento orgulhoso. Vocês o *mataram* com a atitude rebelde. Vocês o *mataram* quando foram longe demais com seus

namorados. Vocês o *mataram* quando deram aquela tragada num cigarro ou aquele gole na cerveja.

— E o *matam*, de novo, quando vocês escolhem ficar ali e ignorar sua Palavra. É a *única* coisa que ele pede de vocês. Esse pedaço de papel que vocês estão segurando na mão esquerda dói nele mais do que dez *mil* pregos! — Will está gritando.

Estou parada e quieta enquanto a vergonha floresce dentro de mim.

— Vocês o *colocaram* naquela cruz, onde ele sangrou até a morte em agonia, e é *hora* de todos responderem por isso!

Alguns discípulos próximos soluçam. A mesma culpa, ressentimento e raiva que senti antes borbulham de novo, mas desta vez é dirigido a mim mesma. A mesma pergunta fica se repetindo em minha mente: *O que eu fiz?* Tento me concentrar no som calmante da água fluindo para a piscina através de uma elaborada fonte de pedra.

— Mas eu tenho boas notícias — o tom de Will muda para reconfortante. — Esta noite, estamos dando a vocês a oportunidade de começar do zero. Para se entregar completamente à cruz de Jesus Cristo. Para abrir seus olhos à vontade dele. *Abram seus olhos.* Agora peguem essa tachinha e perfurem seus pecados. Esta é a chance de colocá-los ao pé da cruz.

Eu empurro minha Lista de Pecados e sigo a fila que se forma ao longo da piscina. Os outros discípulos antes de mim prendem suas listas na pilha de lenha na frente da cruz e vão embora. Quando chega a minha vez, meu pulso acelera enquanto prendo o meu em um pedaço de madeira.

— Emily —, diz Will.

Eu estremeço, surpresa ao ouvir meu nome primeiro.

Ele ilumina os rostos que revestem a piscina e desce, totalmente vestido, até a parte rasa. Então ele se vira para mim e estende a mão. Eu tiro os sapatos e entro. A água quente é estranhamente reconfortante. Minhas roupas incham e dilatam, dificultando a manobra. Will pousa as mãos nos meus ombros antes de falar com todos nós. Eu fico olhando para a cruz, que parece mais alta desse ângulo.

— Emily. Você promete se comprometer a viver uma vida como um verdadeiro discípulo, conforme descrito por Jesus Cristo, a fim de receber o perdão por seus pecados através do Espírito Santo?

Meu coração está batendo forte. Minhas emoções negativas estão mais distantes agora, como se estivessem se separando de mim, se preparando para flutuar. — Eu prometo — digo.

Eu ouço um *barulho* alto quando alguém acende a madeira segurando nossas Listas de Pecados. Will junta minhas mãos nas suas, as coloca sobre meu nariz e me afunda em um mergulho avassalador. Meus olhos se abrem debaixo d'água, um reflexo que nunca fui capaz de corrigir. Uma torre distorcida de chamas estremece acima da água. O cloro queima minhas narinas quando inalo acidentalmente um pouco de água. Assim que eu começo a gorgolejar e me debater, o braço de Will me puxa para cima, me liberando do silêncio. Meus ouvidos estão claros para os sons de aplausos e palmas e "améns" enquanto as chamas crepitam ruidosamente através da fogueira.

Eu examino os rostos daqueles alinhados ao longo da borda da piscina, onde cada discípulo parece sereno e feliz por mim. Lágrimas quentes escorrem pelo meu rosto. O alívio corre através de mim enquanto a ansiedade do interrogatório de Heather vai embora.

O calor das mãos de Will repousa sobre meus ombros enquanto todos aplaudem. Uma intensa onda de alegria me atinge. Isso me consome da mesma forma que pedaços de madeira queimam meu passado escrito à mão.

Enquanto eu luto para subir os degraus, outra discípula vai para a água. Ela me dá um abraço enorme e segura minhas mãos.

— Você está *salva* —, diz ela, com o rosto maníaco de alegria.

Ela solta minhas mãos, deixando uma mancha de sangue onde estava sua palma direita. Antes que eu possa dizer qualquer coisa, ela corre em direção a Will, deixando uma linha fina de vermelho girando atrás dela. Ela fica suspensa por vários segundos, iluminada pelas luzes subaquáticas e, em seguida, se dissipa na grande massa de água ao seu redor.

(REPETIR) PASSO 1: Apresente-se a alguém novo. Tente um aluno sentado sozinho ou alguém que pareça chateado ou deslocado. Convide-os para uma atividade informal.

Linha Lateral

— Com licença, você tem um segundo?

Uma garota carregando uma mochila superestofada me lança um olhar irritado enquanto continua pelo pátio.

Não? Então tá bom.

Isso não está indo bem e é minha culpa. Quase não se passou uma semana desde meu batismo, mas minhas responsabilidades se multiplicaram — com os convites a outras pessoas para ingressar em nossos estudos sendo o primeiro da lista. Estou consumida por um fervor inquieto, como se alguém tivesse acendido uma luz interna que eu não sabia que tinha, mas não descobri como a usar. Eu simplesmente não consigo superar a estranheza de abordar desconhecidos, mesmo que eles sejam alunos como eu. Posso ouvir meu sotaque sulista toda vez que falo. Então eu fico constrangida e me calo, ou apenas fico ali em pânico, esquecendo o que ia dizer. Estou preocupada que se não conseguir gerar mais interesse, terei que faltar mais aulas e estou quase esgotando minhas ausências.

Um cara bem-vestido usando um boné de fraternidade está vindo na minha direção.

Eu posso fazer isso. — Com licença — eu digo.

Ele para. Seus olhos brilham em um azul claro no brilho do sol enquanto ele sorri.

— Eu só queria convidar você para um grupo de estudo da Bíblia no campus —, gaguejo.

Eu espero por sua resistência, mas ele inclina a cabeça como se estivesse intrigado. — Estudo da Bíblia, hein?

— Sim. Somos um grupo não denominacional de alunos que estuda o que a Bíblia ensina sobre a vida.

Ele sorri. Minhas esperanças aumentam. *Por favor, por favor, diga sim.*

— Você sabe quantos convites para o seu estudo recebi esta semana? *Sete* — ele cospe. — Você não tem nada melhor para fazer do que assediar as pessoas para se juntarem ao seu culto esquisito?

Ele se afasta, me deixando atordoada e confusa. *Qual é o problema dele?*

Procuro a orientação de Heather e a localizo do outro lado do pátio, perto de um edifício com topo de torre, conversando com três garotas bem vestidas. Elas parecem tão felizes e à vontade, como as fotos de todos os folhetos da universidade. Eu não posso evitar minha admiração ciumenta pela maneira indiferente de Heather de atrair as pessoas.

Eu me inclino na direção delas até estar ao alcance da voz.

— Então, nos vemos mais tarde no jogo de vôlei? — Heather diz para as meninas.

Jogo de vôlei? Heather não mencionou isso como algo que eu poderia dizer.

Estou prestes a me aproximar delas no momento em que duas mãos gigantescas cobrem suavemente meus olhos.

— Adivinha quem é? — meu estômago vira quando reconheço a voz de Josh.

Eu coloco minhas mãos sobre as dele. — Josh?

Ele ri quando me viro. — Você está recrutando? — ele pergunta.

— Tentando — eu digo.

— Ah. Não está indo tão bem?

Eu torço meu nariz em resposta.

— Ei. Não se preocupa com isso. Olha. Aqui vai uma dica — Josh diz baixinho, se inclinando para mim. — Procure pessoas com quem você gostaria

de falar de qualquer maneira. Elas serão mais propensas a se conectar com você.

— Sim. Acho que você teve sorte quando tropeçou em mim, então — eu brinco.

— Claro que sim — seus dedos varrem meu cabelo atrás da minha orelha, e é quase o suficiente para apagar minha insegurança sobre esse processo.

— Eu não sei —, eu digo. — Talvez esta parte não seja para mim. Heather é tão boa nisso.

Josh põe a mão no meu ombro. — Heather tem jeito com as pessoas —, diz ele. — Ela traz mais alunos para o Reino do que qualquer outro PD neste campus. Seja você mesma — sua mão desliza pelo meu braço, do ombro até minha mão. Ele entrelaça seus dedos com os meus.

— Hum, olá? — Heather interrompe em sua voz mais irritante de professora. — DPA durante o recrutamento é um pouco inapropriado, não acham?

Josh automaticamente abaixa a mão ao lado do corpo. Minhas bochechas ficam vermelhas — de vergonha ou aborrecimento, não tenho certeza. Agora que fui batizada, Josh e eu podemos ficar juntos, mas Heather não desistiu de sua vigilância ou julgamento.

— Então — Heather se vira para mim — quantas pessoas você convidou?

Seu tom de confronto me deixa inquieta. — Dez no total, até agora?

As sobrancelhas de Heather franzem. — Por que sua resposta soa como uma pergunta? Alguém parece interessado?

— Talvez —, eu digo com otimismo.

Heather tem aquele olhar — estou prestes a dar um conselho. Eu a cortei antes que ela tivesse tempo de me envergonhar na frente de Josh.

— Por que você não me contou sobre o jogo de vôlei? — eu pergunto.

Ela parece surpresa por um momento, e então se recompõe com um movimento seguro de seu cabelo. — Ah, é apenas um evento que estamos patrocinando para o grupo Reino em Campus — ela se vira para Josh. — Você vai ir, né?

— Pode apostar —, ele diz.

— Eu teria mencionado isso, Emily, mas estava preocupada que você se sentisse desconfortável. São principalmente PDs *experientes* e novos membros em potencial —, diz ela com autoridade.

Josh coloca o braço em volta de mim em um gesto desafiador. — Pode ser bom para Em *observar* o lado do recrutamento, em vez de apenas jogá-la aqui no pátio sem qualquer preparação —, diz ele a Heather em um tom autoritário.

Heather dá um sorriso falso para Josh. — Tudo bem então. Agora, alguns de nós precisam voltar ao trabalho. Tantas almas, tão pouco tempo —, diz ela antes de se afastar para se aproximar de uma garota sentada sozinha em um banco.

Com as costas de Heather, Josh me pega de surpresa com um beijo rápido na bochecha. — Vejo você no jogo às quatro, tenho que correr para a aula —, diz ele, sorrindo enquanto caminha.

Eu o vejo se afastar, minha bochecha formigando.



No evento de vôlei, Heather voa de pessoa para pessoa sem fazer uma única pausa. Ela não se preocupa em me reconhecer além de seu gesto de sorriso e aceno de "desculpe, estou ocupada", então eu ando até encontrar Andrew. Ele dá um tapinha no meu braço quando percebe que estou procurando Heather preocupadamente. — Não se preocupe, Em — ele diz. — Nem todos podemos ser tão produtivos quanto sua PD — quase detecto um toque de sarcasmo em sua voz, mas é tão sutil que digo a mim mesma que pode ser minha imaginação. — De qualquer forma, estou vendo seu boy — ele aponta para Josh em pé na rede de vôlei. — Você deveria ir encontrar um assento e apreciar a vista —, diz ele com uma piscadela antes de caminhar em direção a uma mesa de concessão.

Eu aceito o seu conselho quando o som de socos profundos de um punho lançando uma bola de vôlei começa a animar as linhas laterais. — Vá, Jessie! — uma garota sentada perto grita com as mãos em concha ao redor da boca. Jessie ri enquanto ela anda para frente e para trás, os braços estendidos com as mãos conectadas em um *V* na frente dela.

Isso é exatamente o que eu imaginei que a faculdade seria em meio à agitação de grandes atividades. Bato palmas para os jogadores, feliz por me sentir parte de algo. E é um alívio poder se sentar às laterais em vez de recrutar ativamente,

gaguejar e suar. Josh está jogando vôlei, enquanto Andrew e Ben marcam o placar. Vejo Heather conversando com o mesmo grupo de garotas do pátio.

Uma voz familiar interrompe a comoção ao ar livre. — Ora, olá, senhorita Emily. Como vai? — Meredith se senta ao meu lado, mas eu não a reconheço no começo. Seu apertado rabo de cavalo loiro, o tipo alegre preso no alto da cabeça, a faz parecer muito jovem. Com seu corpo esguio em uma camisa de botão branca e shorts cáqui, Meredith poderia facilmente passar por uma veterana. São as joias que a denunciam. A maioria das universitárias não usa botões de quilate e colares para jogar vôlei.

— Estou ótima —, eu digo.

— Não, quero dizer, como você *está*? Você sabe... espiritualmente — ela me olha com uma expressão carinhosa.

— Ah. Bem — parece que estou questionando minha própria resposta. Estou preocupada que ela mencione o fato de que não consigo nem mesmo convencer uma nova pessoa a vir para nossos grupos de estudo.

— Ouvi coisas boas sobre o seu progresso —, diz ela. — Você tem se mantido atualizada com seus HSs e PBs, e sei que não é fácil com uma carga completa de aulas. Alguns alunos lutam em sua caminhada espiritual por causa da escola e outras distrações externas, mas você realmente mostrou que suas prioridades estão no lugar certo.

— Obrigada — eu digo, uma onda de orgulho levantando minha voz mais alto do que o normal. Após meu batismo, Heather aumentou nossa programação de estudos e acrescentou tempo para recrutamento. Tive de faltar a algumas aulas e parar de ser voluntária no Jantar com os Velhinhos apenas para acompanhar. Foi um pequeno preço a pagar.

— Então, você já pensou mais sobre o nosso encontro? — Meredith pergunta.

— Qual deles?

Meredith me encara. Ela não parece chateada, apenas séria. — Sobre nossas missões mundiais e as muitas oportunidades para os alunos participarem.

— Ah. Você quer dizer o estágio?

Seus olhos se arregalam de entusiasmo. — Sim. O estágio — ela se inclina para frente. — Sentimos que você foi chamada para fazer parte disso, Emily.

Todos nós — ela diz com um sussurro conspiratório. — Incluindo meu irmão.

O Líder? Eu me sento direito. Aprendi o suficiente para saber que a atenção do Líder é muito importante. Meu coração aperta com a ideia de não estar em casa no verão para passar o verão no Golfo do Mexico com meus amigos — sem prazos ou pressões programados — apenas o zumbido do motor de um barco e música seguindo nosso rastro.

— Não tenho certeza sobre meus planos de verão ainda... — eu digo, me contorcendo.

Meredith interrompe. — Recentemente, houve uma missão na África para ver onde teríamos o impacto mais eficaz em um continente tão enorme com tantas almas perdidas. E eu posso te dizer... — seus olhos brilham através de uma pausa dramática. — *Milagres* aconteceram lá.

Mais do que um pouco intrigada, espero que ela continue. Meredith mexe em sua aliança de casamento enquanto seus olhos seguem a bola de vôlei com cada solavanco, mantendo-a no ar. Sem saber o que fazer, me viro para assistir ao jogo. Josh está na frente da rede, onde ele salta para bater a bola no chão do outro lado. Todos aplaudem e gritam. Seus olhos escaneiam as laterais até que ele me encontra, com um sorriso enorme no rosto. Nada poderia impedir meu próprio sorriso em troca, e é claro que Meredith notou.

— Você sabia que conheci meu marido quando tinha sua idade? — ela diz, sua atenção voltada para mim. — Nós dois estávamos em Vanderbilt, em Nashville, onde cresci. Eu era uma caloura e ele era um lançador do time de beisebol. Passei muito tempo sentada nas arquibancadas e assistindo ele jogar... — sua voz some quando ela olha para baixo, ainda torcendo o anel. Ela olha para mim com um sorriso rápido. Ela parece envergonhada por ter revelado algo tão pessoal, mas feliz em compartilhar a memória.

Ela rapidamente se livra de tudo o que está sentindo e continua. — Bem. Eu sei que Josh espera que você se junte à missão na Itália.

— Por que você diz isso? — eu pergunto, me fazendo de sonsa.

— Ah, é só um palpite. Eu não sou *tão* velha, você sabe. Ainda me lembro de como os meninos da idade dele agem quando estão interessados em alguém — o calor sobe em minhas bochechas. *Itália com Josh...*

— E quanto a Heather? Ela vai? — pergunto, tentando desviar a conversa e meus próprios pensamentos.

Meredith torce o nariz e faz uma pausa cuidadosa. — Heather tem o dom de virar os números ajudando os alunos a encontrarem o caminho até Jesus. Acreditamos que seus dons são mais bem utilizados aqui neste campus, onde ela pode fazer o máximo para o Reino.

— Ela quer muito ir para a Itália. Ela poderia recrutar tantas pessoas lá —, digo, por obrigação ou culpa, não tenho certeza. A Itália é o sonho de Heather, mas quando imagino estar lá com ela e Josh, fico em conflito.

O rosto de Meredith muda para a expressão indiferente que notei pela primeira vez na igreja. — Heather fará o que Deus pede dela —, diz ela. — Eu disse para estudar enquanto jejua e ora. Deus a conduzirá à decisão certa. Ele sempre faz.

Eu olho para Heather, já conversando com um novo grupo de meninas. Ela pode ser difícil às vezes, mas foi minha primeira amiga de verdade aqui. Meu olhar muda para Josh, e uma imagem de nós dois relaxando juntos na Itália passa pela minha mente. Um sorriso surge no meu rosto.

— Vou perguntar ao meu pai sobre a Itália.

O rosto de Meredith se ilumina. — Maravilhoso! E podemos tornar isso muito fácil para você. Você pode guardar suas coisas em nossa casa durante o verão, de graça. Dessa forma, não teria que mexer com uma unidade de armazenamento —, diz ela, casual. Ela se endireita e ajusta o rabo de cavalo. Seu cabelo loiro brilha ao sol. — Queremos que você pense em nós como uma grande família, pessoas que cuidam de você quando você está tão longe da sua.

Uma tristeza inesperada temporariamente turva o jogo de vôlei e tudo o mais ao meu redor. — Obrigada. Eu direi a ele — eu murmuro.

— Faça isso — Meredith diz antes de levantar e tirar a poeira de seu short. Ela se abaixa e coloca a mão no meu ombro. — É tão bom conversar com você, Emily. Estou ansiosa para ouvir de você em breve.

Do outro lado do jogo, Heather está olhando na minha direção. Quando eu vejo seu olhar, ela vira as costas e começa a falar com as mesmas meninas, que estão rindo como se fossem todas melhores amigas.

efeito de incentivo: quando um membro recompensado serve como inspiração — ou exemplo corretivo — para outros membros competindo pelo mesmo incentivo em um grupo.

Dom Para Números

Heather está atrasada para nosso PB matinal. E Heather nunca se atrasa. Eu ligo para o quarto dela, mas o telefone continua tocando. Quando eu bato em sua porta, ela se assusta ao me ver. — O que você está fazendo aqui? — pego meu caderno e a Bíblia. — Estou aqui para estudar —, digo, confusa.

— Ela não te contou? — Heather diz, perturbada. Seus olhos estão vermelhos e inchados. — Não sou mais sua PD. Eles estão atribuindo a você uma nova PD para se preparar para a missão mundial na Itália.

Eu recuo. — O que? Mas eu nem sei ao certo se vou —, digo, com pânico na voz. — Nem falei com meu pai ainda.

Quando um grupo de garotas passa por mim no corredor, Heather mantém o braço no batente da porta, bloqueando minha entrada. Sua boca está fechada em uma carranca.

— Bem, não é como se você pudesse dizer não — seu tom é distante e amargo.

— Talvez eles ainda estejam decidindo quem vai — eu ofereço, desamparada. — Ainda há tempo para eles mudarem... — eu paro de falar quando vejo

lágrimas escorrendo de seus olhos.

Sem saber o que fazer, dou um passo à frente para lhe dar um abraço. Suas costas são retas e tensas como um poste de metal. Quando eu me afasto, ela não se move. Ela olha através de mim. — Eles disseram que eu tenho um dom para números, mas que os *seus* dons seriam mais úteis para as missões mundiais especiais —, ela sussurra em meio a mais lágrimas.

O que eles poderiam considerar um dom melhor do que o de Heather?

Heather enxuga os olhos com a manga e me encara. — Eu vi você conversando com Meredith no jogo de vôlei. O que você disse? Você deve ter dito algo para fazer ela mudar de ideia. Ela me disse que eu tenho um coração desafiador.

— Não! Isso não é verdade! Eu não disse nada, exceto que esperava que você também fosse. Ela estava falando sobre Josh — eu recuo, de repente percebendo que posso ter falado demais.

Ela zomba indignada. — Bem, isso faz sentido. Acho que meu erro foi focar na minha salvação e não em *seduzir*... — Heather exala pela boca para se recompor. — Deixa eu adivinhar. Josh também vai.

Eu olho para o chão.

— Você deveria ir embora —, ela diz, como se estivesse falando com uma estranha irritante.

Seguro minha Bíblia e caderno contra o peito. — Heather, *por favor*. Eu me sinto tão mal com tudo isso. Podemos apenas conversar?

— Não — ela bate a porta na minha cara com decisão.

O ímã da porta dela cai no chão. Eu fico olhando para ele em estado de choque e, em seguida, me curvo para pegá-lo e colocá-lo de volta no lugar.

O resto do dia é um borrão. Minhas emoções ofuscam tudo ao meu redor. Eu vou para a aula e volto para o meu dormitório. Ligo para Josh, mas ele não atende. Eu estudo e tiro uma soneca. Vou para o refeitório jantar sozinha. A solidão se insinua com sua intensidade fria — uma lembrança da vida antes de eu

conhecer Heather. Pego minha comida e olho para o porta-guardanapos de metal até perder a noção do tempo. As pessoas se sentam, conversam, comem e se levantam novamente, apenas para serem substituídas por outras pessoas. Eu sento lá até minhas pernas começarem a adormecer. Eu imagino meu dormitório elevando-se acima do barulho e do tráfego. Eu tenho que voltar para casa. *Casa*.

Enquanto atravesso o campus, uma mulher com cabelo curto e óculos para bem na minha frente. — Emily?

No começo, eu não a reconheço. Então eu noto a camisa azul com o logotipo do Jantar com os Velhinhos. — Oi, Jackie — eu digo para a coordenadora com quem eu trabalhava no refeitório.

— Eu estava no campus dando um workshop informativo. Você sabe, nós sentimos falta de ver você — ela diz com um sorriso genuíno.

Um sorriso cobre meu constrangimento. Tenho estado tão ocupada com Heather e o Reino que nem pensei em quanto tempo se passou desde que estive lá ajudando. Agora, todo o meu tempo e doações estão indo para uma causa que é "mais eficaz e confiável", de acordo com Meredith.

— Sabe, Helen perguntou sobre você —, ela continua. Ela me olha com preocupação. — Como você está se sentindo? Você parece... não exatamente você.

Tento encontrar palavras para expressar minha culpa e vergonha quando penso em Helen esperando que eu volte, mas mal consigo falar. — M-me desculpe —, gaguejo, incapaz de esconder minhas emoções. Eu digo de novo enquanto me afasto.

Eu volto para o dormitório de Heather, determinada a acertar as coisas com ela. Apesar de sua frieza, ela se tornou minha melhor amiga em Boston. E espero que uma viagem à Itália não mude isso.

Quando bato na porta de Heather, ninguém responde. Tento de novo. Ainda sem resposta. — Heather? — Eu giro a maçaneta. Está destrancada. Eu entro. O quarto está escuro, as cortinas completamente fechadas. Está muito quieto.

— Heather? — eu digo de novo, baixinho, no caso de ela estar dormindo.

Um som abrupto me alarma.

Demoro alguns segundos para registrar o que é. Eu olho ao redor da sala. Ninguém está lá. Sacos plásticos estão espalhados pelo chão, o que é incomum

para Heather, que sempre mantém tudo em seu devido lugar.

Então ouço o som novamente, vindo do banheiro. Eu ponho meu ouvido contra a porta de metal fria, onde uma lasca de luz brilha embaixo.

— Heather?

Eu ouço vômitos violentos com gemidos altos e soluços no meio. — *Heather?* — eu tento a maçaneta, mas está travada.

Eu saio correndo de seu quarto e caminho pelo corredor para chamar a RA, que está esparramada em sua cama lendo uma revista.

Tento recuperar o fôlego por tempo suficiente para falar. — Minha amiga na sua ala está muito doente. Ela está trancada no banheiro.

— Deixa eu adivinhar —, diz a RA, enquanto vira a página da revista, despreocupada. — Heather, a aberração de Jesus — ela se senta para desligar a televisão e se vira para mim. — Você deve ser sua, como se chama, discípula?

— Sim — eu digo, irritada um pouco. — E a amiga dela.

— Bem, não se preocupe. Ela vai ficar bem — a RA olha para mim daquela maneira arrogante de veterana e diz: — Tudo o que direi é, você colhe o que planta.

A frustração passa por mim. — Ela está *doente*. Alguém deveria ajudá-la.

A RA me olha de cima a baixo, desta vez como se sentisse pena de mim. — Eu não entendo por que vocês todos enrolam o cabelo para ficar como o dela. É *muito* estranho.

Toco meu cabelo, confusa. *Parece melhor assim.* Abro a boca para repreendê-la, mas ela já está folheando sua revista novamente, então bato a porta sem responder.

Corro para a sala de estar no final do corredor e vasculho a cozinha em busca de biscoitos e refrigerante de gengibre. Encontro um pacote fechado de biscoitos de água e sal e pego, prometendo a mim mesma que o substituirei mais tarde.

Eu volto para o quarto de Heather, e fico surpresa ao ver ela em sua mesa com uma Bíblia aberta sob uma lâmpada — a única luz acesa. A sala está arrumada, todos os sacos plásticos se foram. Seu cabelo está puxado para trás e preso em uma presilha gigante, e a lâmpada dá aos cachos difusos ao redor de seu rosto um brilho etéreo. Sua expressão é distante e serena.

— Heather? — digo, tímida, caminhando em direção a ela. — Você está bem?

— Claro que estou bem. Achei que tinha sido clara antes, quando pedi que você fosse embora — ela não olha para mim, e posso dizer por sua postura que ela ainda está magoada e chateada. Ela não parece estar doente, no entanto.

— Sua colega de quarto está aqui? — pergunto.

— Ela fica na biblioteca o dia todo — Heather faz uma pausa para me encarar. Então ela olha de volta para a Bíblia como se eu a tivesse interrompido rudemente.

— Tem certeza de que está bem? Achei que você estava doente e... — ergo os biscoitos desajeitadamente. — Eu trouxe isso para você. — Quando eu dou um passo à frente, bem ao lado de sua cama, um som alto e enrugado sob meu pé me faz pular para trás.

Os olhos de Heather se arregalam quando ela vê o pacote de biscoito Oreo que acabei de esmagar. Está vazio, exceto por alguns farelos aninhados nas bordas brancas brilhantes. Seu rosto fica tão pálido que quase parece translúcido. Eu me estico até a lata de lixo ao lado dela e jogo fora. Heather olha para sua mesa como se eu nunca tivesse entrado para ver como ela estava, como se eu nem estivesse na sala.

É como se eu nunca tivesse existido para ela. Eu coloco de leve os biscoitos em sua mesa, bem ao lado de sua Bíblia e uma grande lata de Altoids. — Desculpe. Eu pensei que você precisava disso — eu digo.

Quando ela não responde, saio na ponta dos pés do quarto dela e fecho a porta.

controle dos arredores: uma tática que isola membros de um grupo insular; impõe limitações nas comunicações entre o grupo e o mundo exterior; cria uma sensação de alienação geral; pode aprofundar laços entre membros isolados.

A Ponte

De volta ao meu dormitório, pego a chave do meu quarto e paro quando noto algo colado na minha porta. Meu coração dá um salto quando vejo o que é: um avião de origami.

Deixo cair minhas chaves no chão para desfazer as dobras de papel que escondem a mensagem:

Há apenas um lugar (mas é próximo)
Onde os barcos passam enquanto os aviões cruzam alto
E carros e trens o atravessam.
Me encontre esta noite às oito e quinze.

A felicidade supera brevemente minha tristeza e confusão quando subo na escada rolante às 19h30. O céu escureceu para um azul vívido que torna tudo abaixo dele mais visível e radiante. A lembrança incômoda de Heather me ignorando em sua mesa vai ficando cada vez mais distante enquanto eu observo as incontáveis janelas iluminadas do lado de fora — o quarto minúsculo de

Heather entre os quarteirões da cidade repletos de prédios brilhando de cima a baixo com quadrados, todos pequenos sob essa perspectiva. Eu agarro o corrimão de borracha em movimento e vejo as milhares de luzes viajando com um propósito aleatório.

A caminhada não fica longe do meu dormitório, mas a escada em espiral para o topo da Ponte BU é íngreme e barulhenta. Estou tonta quando chego ao topo. Um professor de corrida bufa em reconhecimento ao passar e desce os degraus de metal. Eu ando até o meio da ponte e paro para ver a curva escalonada e brilhante dos edifícios ao longo da água. Me lembro da orientação de alguém dizendo que a Ponte BU é o único lugar onde você pode ver um avião acima de um carro acima de um trem acima de uma bicicleta acima de um barco. Tem sido um dos meus lugares favoritos desde então — o lugar perfeito para alcançar distância.

— Você chegou cedo — Josh diz em meu ouvido.

Eu pulo.

— Ei — ele diz, rindo. Ele coloca a mão no meu ombro afetuosamente. — Estou sempre te assustando, né? Desculpa.

— Não. Tudo bem. Eu só não vi você chegando —, eu digo.

Sua mão desce para o meu braço e procura minha mão. — Engraçado, porque eu vi você no momento em que cheguei no topo da escada —, diz ele. — Sabe, ainda me lembro da primeira vez que te vi lendo um livro naquela cadeira, completamente alheia ao resto do mundo ao redor.

— Esta sou eu. Alheia. — Eu rio amargamente, minhas interações com Heather avançando de novo.

Josh coloca a outra mão na minha e se inclina para mim. — Não — ele diz. — Você é o oposto disso, na verdade. Você é observadora, gentil e aventureira. — Ele beija minha mão. — Eu admiro você por todas essas coisas —, diz ele.

Os carros passam por nós em um ritmo constante enquanto damos um passo para o lado para um grupo de estudantes com estojos de guitarra pretos cobertos por adesivos se dirigirem para Cambridge. Eu me afasto dele para me inclinar contra a grade de metal fria, onde o vento é mais forte.

— Volta aqui — ele diz. Ele coloca as mãos na minha cintura e me puxa para mais perto.

— Josh... — quero fazer muitas perguntas a ele sobre Heather, Meredith e a Itália, mas não quero interromper nossa conexão, então não digo mais nada.

Enquanto eu envolvo meus braços em torno dele, minhas borboletas dão lugar a algo quente e estimulante. Conforme os carros passam, é como se o tempo fosse suspenso.

— Você tomou uma decisão sobre este verão? — ele pergunta.

Eu penso em Heather. Como ela estava fria e afiada esta tarde. Penso em minha família em casa, não afetada por minha ausência. Eu penso em como me senti sozinha e perdida por tanto tempo. E, finalmente, penso em minha mãe e desejo tanto que ela pudesse me ajudar a decidir. *A vida é passageira. Como poderia não aceitar esta oportunidade?*

— Eu vou com você —, eu digo, meu rosto pressionado em seu ombro.

Ele beija o topo da minha cabeça, a outra mão segurando meu cabelo, e eu o deixo me segurar assim por um longo tempo. O vento sopra ao nosso redor e as pessoas continuam a passar em ambas as direções, mas de alguma forma parece que estamos separados do resto do mundo.

Neste momento, tenho certeza de uma coisa: *Josh e eu fomos escolhidos para isso.* Eu *fui escolhida.*

EMILY X—

(continuação)

Eles vão te dizer que os números não mentem.

Os Boletins da Vitória semanais confirmam múltiplos sucessos em sua missão de salvar o mundo. Os boletins estão abarrotados de números, junto com palavras como "Incrível!" "Glorioso!" "Surpreendente!" As estatísticas são transformadas em gráficos artísticos, que são então projetados em grandes telas para os membros, que muitas vezes ficam de pé e torcem por cada sucesso todos os domingos.

Aqui estão apenas alguns “fatos do Reino” de boletins anteriores:

Participação média em Boston este ano: quase 8.000

Batismos em Boston YTD: 727.

A maior contribuição única especial da igreja para missões: quase US$ 1,5 milhão.

Doação para voluntários de organizações sem fins lucrativos de Boston: perto de 5.000.

Fundos arrecadados para os pobres e necessitados: quase $700.000.

Publicações do Reino vendidas: quase 10.000!

Estagiários escolhidos para missões mundiais: 79.

Número das principais cidades com igrejas do Reino plantadas com sucesso: 67... e aumentando!

Como é possível que uma das religiões organizadas de crescimento mais rápido do mundo tenha sido recentemente

banida de 39 campus universitários dos EUA?

ENTREVISTAS PARA EMILY X—

Artigo por Julia O. James

HEATHER: Emily *nunca* deveria ter sido escolhida em vez de mim, então, sim, eu estava furiosa. Eu nem recebi crédito por recrutar ela. *Josh* recebeu, embora eu tenha feito todo o trabalho.

Eu sei que é um pecado dizer isso, mas o que aconteceu na Itália foi certo para todos eles.

RACHEL: Eu não queria ir para a Itália. Minha mãe nem queria ir para a Itália. Estávamos ocupadas fazendo as malas para a mudança para a Califórnia, para que papai pudesse nos encontrar lá em agosto. Então, meu tio veio uma noite, entregou uma passagem e disse que ela não tinha escolha. "Depende de você consertar isso", disse ele. Ele bateu a porta quando saiu.

CAPELÃO UNIVERSITÁRIO: Eu conhecia o clube universitário oficial. Não tínhamos ideia de que estava conectado a algo assim. Nós os banimos de nossos campus antes mesmo do pai de Emily ameaçar com o processo. Levamos a segurança de nossos alunos muito a sério. Depois de vinte anos como capelão, posso dizer honestamente que o Reino é um dos grupos mais destrutivos que já vi.

ANDREW: Emily é uma daquelas pessoas com quem você se sente instantaneamente conectado porque ela é uma pessoa genuína. Lembrando, gostaria de tê-

la convencido a não ir para a Itália, mas Josh e Ben teriam — literalmente — me matado.

[ASSISTENTE DO DORMITÓRIO DE EMILY]: Aquela garota era uma vadia louca. Heather era. Não Emily. Emily parecia legal. Eu não conhecia ninguém chamada Kara.

MEREDITH: Eu nunca tinha ouvido falar de uma estagiária chamada Kara.

PARTE DOIS

Itália, maio de 1994

" Aqueles que o podem fazer acreditar em absurdos,
podem fazê-lo cometer atrocidades."

–VOLTAIRE

Cruzando

A ligação foi desse jeito.

— Pai?

— Oi, docinho. Como foi o Boston Garden? — a pontada de saudade de casa me desconcertou por alguns segundos e tive que me concentrar no propósito da minha ligação.

— Ah, foi bem — eu disse em minha voz mais alegre. — Quer dizer, foi muito legal ver ele.

— Você foi a um jogo?

— Uh... — Como eu poderia explicar tudo o que aconteceu? Por onde eu começaria? — Mais como uma tour — Era mais fácil mentir.

— Patti amou as fotos que você enviou pelo correio com sua amiga. E ela ficou emocionada por você estar usando a roupa que ela mandou, mas eu quase não reconheci você! Você deve estar pronta para voltar para alguma boa e velha comida sulista, coloque um pouco de carne de volta em seus ossos! — Ele riu. — Ah. Espera um pouco... — Ele disse algo para Jean em demandas abafadas. — Desculpa. Eu tenho uma teleconferência com um juiz em cinco minutos. Então. Quando veremos você de volta aqui, querida?

Meu coração acelerou quando respirei fundo. — Eu queria falar com você sobre isso, na verdade.

— Vá em frente.

— Bem, tem esse estágio...

— Uau — ele interrompeu. — Um estágio durante seu primeiro verão na faculdade? Impressionante.

— É na Europa. Itália, para ser exata.

Ele assobiou o som de desenho animado caindo. — Não sabia que você estava interessada em viajar pelo mundo.

— Bem, eu não tinha pensado nisso até ser selecionada —, disse eu.

— Selecionada — ele repetiu. — Então, *para quem* você vai *trabalhar*? — Sua voz mudou para um tom formal de negócios. Sempre me esqueço de como ele pode ser intimidante sem avisar.

Fiz outra pausa, sem saber como responder. — É através da universidade, então seria com outros alunos do meu campus —, eu disse timidamente. Não era mentira de verdade, já que a Reino em Campus é um grupo oficial aprovado pela universidade. Ele não teria entendido mesmo se eu explicasse.

— Parece promissor, especialmente se você puxar mais quatro pontos neste semestre —, disse ele. Sua voz sumiu momentaneamente quando percebi em pânico que não tinha ideia de como estava me saindo nas aulas. Mas não poderia ser bom. Depois de estourar minhas ausências, eu pretendia entrar em contato com meus professores, mas estava muito distraída com tudo o mais acontecendo.
— ...Tamara pode ser capaz de te dar alguns bons conselhos sobre como viajar para lá. Além disso, não se esqueça que minha amiga Deborah agora leciona Direito em Zurique. Não é muito longe, e ela não via a própria afilhada desde que você era pequena. Eu vou sentir sua falta em casa. Você ainda é minha bebê, sabe.

Meu coração se apertou com uma dor insuportável. — Eu sei, pai — eu digo.

Um som buzinou em sua linha. — Querida, tenho que atender isso. Olha, parece uma grande oportunidade. Mal posso esperar para ouvir mais sobre os detalhes. Te amo —, disse ele.

— Também te amo, pai.

Ainda não afastei minha tristeza desde que desligamos.

Jogo da Confiança

Meus primeiros dois dias na Europa foram puro movimento.

Will e Meredith iniciaram uma competição para ver qual estagiário poderia chegar à villa com mais dinheiro economizado em um planejamento frugal. Pesquisei todas as rotas do *Let's Go Europe* e acabei com um voo para Amsterdã (o mais barato que consegui encontrar), um trem para Florença com um passe Eurail de taxa de estudante e, agora, um ônibus público, que deve parar na base de uma colina que leva à vila onde Will e os outros estagiários estarão esperando.

Meredith me ligou na manhã seguinte que encontrei Josh na Ponte BU para coordenar meus planos de viagem, até mesmo me levando para almoçar em um restaurante chique, onde trabalhamos nos detalhes e na logística para me levar à missão na Itália. Nós nos encontramos quase todos os dias até eu partir — uma distração bem-vinda, já que Josh teve que voar cedo com Andrew e Ben para ajudar nos preparativos da missão.

Não tive tempo de voltar para casa antes de partir para a Itália. Papai não ficou feliz com isso, mas ele estava no meio de um teste, então ele finalmente concordou em depositar o dinheiro que eu precisava para a viagem para que eu pudesse voar para fora de Boston. Meredith contratou carregadores para transportar minhas coisas do dormitório para a casa da piscina. E eu estava tão ocupada com a organização da partida que não retornei mensagens de Summer ou Tamara — ambas ligando para me desejar uma boa viagem.

Meredith até me levou ao aeroporto e caminhou até o meu portão. Ela deve ter percebido minha ansiedade em deixar o país sozinha quando empurrou meu cabelo para trás com olhos suavizados. — Ah, querida, não fique nervosa. Os estagiários experientes já estão lá esperando por você. — Ela agarrou minhas duas

mãos nas dela. — Olha. Só entre nós, a missão da Itália é a mais importante de todas.

— Sério? — ouvi que havia missões em todos os lugares, de Hong Kong à Rússia. Por que a Itália era tão especial?

Seus olhos brilharam com uma excitação orgulhosa. — Poucas pessoas sabem disso, mas Will e eu estamos nos tornando co-líderes na igreja. Na *Califórnia*. Têm se falado sobre isso desde a África, apenas com os principais anciãos, então mantivemos isso em segredo. A coisa mais importante que seu grupo pode fazer é manter o foco e nunca esquecer nossos objetivos. Quanto mais sucesso tivermos nesta missão, mais rápido poderemos espalhar a mensagem do Reino como um incêndio em toda a América, se estendendo até a Califórnia.

Sua expressão era inflexível e expectante. Esta não foi a primeira vez que Meredith mencionou a África e como isso mudou tanto para ela e Will. Ela sempre foi tão reverente e reservada ao tocar no assunto, às vezes até usando a palavra "milagres". Eu perguntei sobre isso uma vez, mas ela olhou para mim da mesma maneira que costumava repreender Heather por fazer a coisa errada. — A crença inabalável é o que a levará para o céu algum dia. Perguntas apenas conduzem a um coração orgulhoso. — Depois disso, fiquei com medo de perguntar a coisa errada, ou da maneira errada, e isso ser interpretado como duvidar dela. Então, nunca perguntei de novo.

Uma vaga inquietação me levou a respirar fundo enquanto observava um avião pousar na pista próxima com o movimento silencioso de um pouso bem-sucedido. Eu olhei para ela e apertei suas mãos. — Faremos o nosso melhor —, disse eu.

— Não se esqueça de que você foi escolhida, Emily —, disse Meredith. — E eu acho que você conhece pelo menos uma garota que teria matado para estar em seu lugar.

Agora, depois de dois dias de viagens constantes, não tenho certeza se mesmo Heather gostaria de estar no meu lugar. Estou desesperada para chegar à villa. Além de não ter acesso a um chuveiro e ter muito pouco dinheiro para comida (tudo estava indo para a competição missionária), eu não estava preparada para a sensação de solidão enquanto viajava sozinha. Estive cercada por pessoas em todos os lugares que estive, mas não consigo me lembrar da última vez que

realmente falei com alguém. Isso me lembra o período de tempo após a partida de Sadie, antes de eu encontrar o Reino — antes de Josh me encontrar. Eu repasso meu tempo em Boston com Josh como um filme secreto. Será um grande alívio ver um rosto familiar — embora, no fundo, eu saiba que Josh se tornou muito mais do que isso.

Eu descanso minha cabeça contra a janela do ônibus quando entramos em uma pequena cidade perto de Florença, passando por faixas curvas de lojas, prédios de apartamentos e edifícios antigos. É como uma dimensão onde a Idade Média de alguma forma colidiu com a vida moderna. Embora não saiba ler nem falar italiano, reconheço certas palavras: "*perfumeria*", "*pizzeria*", "*ca ffeteria*". É estranho ver lojas de câmeras, supermercados e restaurantes rotulados em outro idioma. As pessoas entram e saem de portas executando tarefas comuns. Elas devem passar direto por todas essas coisas lindas todos os dias, sem ao menos uma segunda olhada, realizando tarefas em sua rotina glamorosa, mas comum.

Meu ônibus para em um estacionamento vazio com um chiado. Todos ao meu redor se levantam para sair. Pego minhas malas e sigo a multidão, sem saber o que fazer a seguir. Eu olho em volta e entro em pânico quando não vejo ninguém familiar. Um italiano vestindo uma camisa de futebol me ajuda com minhas malas. Seu sorriso parece genuíno.

— *Grazie* — eu digo timidamente.

Ele me pergunta algo em italiano e eu congelo. Não tenho ideia do que ele está dizendo. Uma voz feminina atrás de mim responde em italiano, e ele sorri educadamente e se afasta.

Eu me viro para ver uma garota alta e magra com longos cabelos escuros. — Você deve ser Emily — ela diz. Se não tivesse dito meu nome, eu a teria confundido com uma local.

— Oi — eu digo. — Quer dizer, sim, eu sou Emily. E você é... — falar é estranho. Já se passaram dias desde que mantive uma conversa. Tento me lembrar de todos os alunos do Reino que vi em Boston, mas não consigo lembrar dela.

— A pessoa que irá mostrar a você para onde ir — ela sorri. Não é do tipo tranquilizador, é mais como uma divertida "piada particular". — Sou Kara —, diz ela com uma risada breve, estendendo a mão. Seus dedos estão adornados com pilhas de anéis.

— Emily — eu digo. Eu aperto sua mão e seus olhos vagam para o amuleto da minha mãe descansando contra o meu peito.

— Amei o colar —, ela diz.

— Obrigada... — minha voz some. Minhas mãos mexem nele por instinto. Kara está olhando em volta como se estivesse examinando a área, já pronta para a próxima tarefa.

Eu balanço, repentinamente instável de exaustão. *Por que eles mandariam uma estranha para me encontrar? Onde está Josh? E Will? Ou mesmo Andrew?* Eu me abaixo e agarro a alça da minha mala, pronta para seguir seu exemplo. Todos por quem passamos falam italiano. Do outro lado da rua, os prédios de apartamentos com venezianas verdes se avultam sobre nós. Meu fuso horário entra em ação novamente, como um brilho ondulado infectando minha visão periférica.

— Você está bem? — Kara toca meu braço para me firmar.

O estresse da viagem me atinge quando minhas mãos começam a tremer. Tento me lembrar da última vez que dormi ou comi.

— Ei. Vai ficar tudo bem —, diz ela. — Os primeiros dias podem ser um pouco difíceis, mas não se preocupe. Eu sou profissional. — Ela ri. Até meus pensamentos parecem de cabeça para baixo. Apenas colocar um pé na frente do outro é um desafio. Perguntas passam pela minha mente como sons maníacos vindos de outro lugar. *Quem é essa garota?* estando no topo da lista. Eu faço o meu melhor para suprimi-las enquanto sigo Kara. Sinto que estou planando acima do solo.

Kara pega minha bolsa como se sentisse minha instabilidade. — A villa não fica longe daqui. É bem no alto desta colina, na verdade — ela diz, rolando minha bolsa atrás dela com uma raquete.

Eu agarro as alças da minha mochila, tentando esconder o que sinto por ter que subir a pé uma colina íngreme após dias de viagem sem parar. *Um carro seria bem-vindo.*

A estrada estreita tem largura suficiente para dois carros pequenos, e temos que pisar na grama quando ouvimos um se aproximando. Quase não há tráfego enquanto subimos a colina. Eu olho ao redor para a paisagem pontilhada de edifícios antigos em meio a olivais e vinhedos. Os ciprestes majestosos se

estendem em pontos irregulares contra o céu. Papoulas vermelhas brilhantes brotam sem controle nos campos e através das rachaduras na parede revestida de pedra. A parede se curva até um portão alto e enferrujado ancorado por dois dos ciprestes mais enormes que já vi.

Fico envergonhada com o quanto arfo e ofego enquanto subimos a colina. — Não há um carro ou algo para nos levar para cima e para baixo? — eu pergunto, enxugando o suor da minha testa.

— Achei que, depois de sua longa viagem de ônibus, você gostaria de esticar as pernas —, responde Kara. Eu me irrito com seu tom quase zombeteiro. — Juro que estamos quase lá, é só passar por aquele portão.

Nossos passos percorrem um caminho largo de cascalho por mais alguns longos minutos antes de passarmos pelos ciprestes e pelo portão. Entramos em um pátio aberto, onde um emaranhado de trepadeiras cheias de flores se espalham sobre uma pérgula frágil que precisa de conserto logo. Andrew é a primeira pessoa que vejo. Ele parece feliz e descansado, e eu sinto um sorriso se espalhar pelo meu rosto quando ele me vê.

— Em! — Andrew grita, correndo para me dar um abraço. — É tão bom ver você! — fico surpresa de ver que ele está aqui. Além de me garantir que Josh estaria aqui, Meredith era muito reservada sobre quem mais faria o corte. Eu inalo sua colônia, o cheiro familiar de Andrew: Calvin Klein's Obsession.

— Você também — eu digo, de repente oprimida, lágrimas inesperadas brotando dos meus olhos.

Andrew dá um passo para trás. Suas sobrancelhas franzem em confusão. — Você está bem? — ele pergunta.

Não sei. Eu não digo isso em voz alta, mas ouço as palavras claramente em minha mente..

Kara me dá um tapinha no braço. — Ei. Você pode deixar suas malas aqui, mas vamos entrar e fazer o check-in no escritório.

— Vamos conversar em breve —, diz Andrew, me dando um pequeno aceno, sua expressão ainda mostrando preocupação. *Devo parecer um destroço.* Quase espero *não* ver Josh agora.

Atravessamos um arco de concreto e um longo corredor, no final do qual está uma porta de madeira antiga e imponente. Kara bate com força. Eu ouço o

farfalhar de papéis passando pela porta. — Entre. — Eu reconheço a voz. *Will*.

Kara a empurra com uma mão, a outra no meu ombro. — Olha quem está aqui —, diz Kara com um tom otimista.

O rosto dele se ilumina quando me vê. — Emily! Entre! Como foi sua viagem? — Ele parece mais relaxado aqui. Seu cabelo cresceu, fazendo com que pareça mais desgrenhado, e ele parece estar deixando crescer um pouco de barba. Não consigo imaginar Meredith aprovando seu visual. A intensa quantidade de tempo que passei com ela antes de voar me ensinou que ela adora ordem, limpeza e aparência bem cuidada.

— Ótima — eu minto. Estou fazendo o meu melhor para me controlar, mas a tontura e a fome estão ameaçando me dominar.

Will endireita as várias pilhas de papéis e passaportes em sua mesa. — Estou guardando nossas coisas em um cofre aqui no meu escritório para que nada seja roubado —, diz ele.

— Ah. Tá bom — puxo a bolsa pendurada no pescoço sobre a cabeça e pego meu passaporte, passe Eurail, cartões de crédito e os cheques de viagem que Meredith me ajudou a conseguir no escritório da American Express em Boston. Ela disse que eu poderia assiná-los quando chegar aqui, mas até então eles poderiam ser substituídos se roubados. Eu toco minha clavícula, procurando o colar da minha mãe, que escorregou por baixo da minha camisa. Em vez de pedir a ele para colocar no cofre, rapidamente decido mantê-lo escondido.

Ele olha para mim. — Você está bem, Emily?

— Uh, sim. Acho que sim. Quer dizer, eu não durmo desde... — eu ouço minha voz sumir enquanto procuro em meu cérebro a data de hoje para combiná-la com o dia em que deixei Boston, mas está tudo confuso.

— É uma longa jornada, eu sei. E você percorreu o caminho *realmente* longo para ser mais fecunda e generosa com a nossa missão. Agradecemos esse tipo de dedicação. Então... — ele se afasta e desliza para trás de sua mesa. — Vamos ver como você se saiu.

Meu cérebro é como um carro enguiçado tentando entrar em movimento. Kara me cutuca. — A competição —, ela sussurra. Kara paira sobre Will enquanto ele conta o dinheiro e digita os números em uma calculadora.

Ele olha para cima e sorri. — Temos uma vencedora —, diz ele. — Isso significa que você e Kara podem ficar com o prédio particular.

— Isso! — Kara diz baixinho.

— Vamos guardar tudo no cofre para você —, diz Will. — Então, você receberá tudo de volta quando eu terminar os livros e nosso orçamento — ele classifica os cartões, dinheiro e cheques de viagem, fazendo pilhas organizadas para cada um.

Percebo o telefone em sua mesa. — Posso ligar para casa? Prometi ao meu pai que ligaria para ele quando chegasse aqui.

Will folheia alguns papéis em sua mesa. — Preferimos fazer a ligação inicial. Os pais gostam de saber que você está em boas mãos. Pretendo cuidar disso esta tarde. Aqui. Preencha isto —, diz ele, me entregando um formulário para contatos de emergência.

— Ah. Ok — eu digo. Eu o preencho, entrego a ele e me viro para sair com Kara, que está quase fora da porta.

— Espera — ele diz. Ele vasculha uma gaveta e tira uma carta de correio aéreo em branco. — Você precisará escrever para casa hoje para que possamos ir em frente e enviá-la — ele olha para Kara.

— Posso ajudar ela com isso esta tarde —, diz ela.

Will empurra a cadeira para trás e se levanta dramaticamente. — Tudo bem, então — sua voz ecoa pela sala. — É hora de começar.

— Ah — eu digo, surpresa. — Na verdade, eu esperava me limpar, talvez tirar uma soneca...

Os olhos de Will piscam por um momento. — Não há um momento a perder, Emily. Existem almas esperando para serem salvas — minha cabeça cai de vergonha. Meu primeiro dia, meu primeiro *minuto*, aqui e já estou decepcionando Will. As palavras de Meredith ecoam na minha cabeça: *Nosso futuro depende da Itália.*

Kara me cutuca para frente e me leva para fora do escritório. Passamos por um espaço aberto e em uma grande sala onde os outros estagiários estão esperando.

Josh é a primeira pessoa que vejo, e o alívio me inunda, qualquer preocupação sobre minha aparência se foi. Ele levanta as sobrancelhas e sorri para mim, como

se não tivesse certeza até agora que eu estaria mesmo aqui. Meu coração bate forte quando eu sorrio de volta. Eu me movo em direção a ele, mas Kara gentilmente agarra meu braço. — Você fica aqui —, diz ela, me guiando em direção a um semicírculo de cadeiras. Eu me viro para olhar para Josh. Ele apenas oferece um encolher de ombros apologético. Depois de semanas imaginando esse cenário, é decepcionante vê-lo de passagem e sem oportunidade de conversar.

Kara me instrui a sentar ao lado de uma garota que eu nunca vi antes. Ela é muito pequena e parece mais jovem do que o resto de nós. Kara me deixa pairando com os outros PDs, incluindo Josh, em direção ao fundo da sala.

— Oi — eu digo baixinho. — Eu sou Emily.

— Lily...

Ela mal consegue pronunciar seu nome antes que outra garota, de pé bem atrás dela, diga: — Shhh! Estamos prestes a começar. — Lily passa a mão pelo cabelo castanho espesso e sorri nervosamente. Todos os outros sentados no círculo de cadeiras estão solenes e em silêncio, enquanto os PDs conversam com calma. Eu olho em volta. Depois de ver tantos lugares incríveis pelas janelas do meu trem e ônibus, este quarto sombrio com paredes de estuque rachadas e decoração minimalista é mais do que um pouco decepcionante. *Você não está aqui para umas férias cinco estrelas. Você está aqui para salvar pessoas*, eu me lembro.

Will entra pela frente da grande sala.

— Discípulos —, ele berra. — Emily. Lily. Andrew. Todd. Eu preciso que vocês fiquem sentados nas cadeiras.

Nosso semicírculo está voltado para uma mesa de madeira encostada na parede. A mesa é coberta com grandes sacolas de papel marrom, como lembrancinhas enormes esperando para serem coletadas no fim de uma festa de aniversário.

— Kara. Shannon. Josh. Ben. Por favor, fiquem atrás de seus discípulos.

Eu vejo Kara e o resto dos PDs vindo em nossa direção. Kara sussurra algo para Josh ao passar, o fazendo sorrir. Uma pontada de ciúme passa por mim. *Para. Não é nada*, digo a mim mesma. *Temos toda a viagem para passar juntos.* Eu me recomponho enquanto os PDs se acomodam atrás de nós. Will continua: — Agora, quero que ponham vendas em seus novos discípulos.

Quê?

Ele entrega a cada um deles um lenço vermelho ou azul para colocar em volta dos olhos. O meu é vermelho. Eu respiro profundamente pelo nariz enquanto Kara dá um nó na parte de trás da minha cabeça, garantindo a escuridão total. Eu forço meus olhos para espiar. Não consigo ver nada.

— Agora todos ouçam com atenção, porque eu quero que vocês entendam a importância de sua relação Disciplinador-Discípulo. Esta é a base para cada coisa que vocês farão nesta missão — eu sinto Will andando diante de nós. — Sim, estamos aqui para multiplicar nosso ministério e espalhar a Palavra de Deus às almas perdidas aqui neste lindo país, mas cada um de vocês aqui nesta sala também está aqui para avançar seu relacionamento pessoal com Deus. E todos nós sabemos como conseguir isso discipulando uns aos outros.

— Para ser discipulado, se deve ter um coração ensinável e confiante —, ele continua. — Discípulos, vocês devem estar dispostos a fazer tudo o que seu Parceiro Discipulador, PD, aconselhar a fazer, sem questionar. Provérbios 3:5 diz: "Não te estribes no teu próprio entendimento". Não se deve filtrar o que escolher de seu PD; é tudo ou nada. Um coração confiante permitirá que vocês confiem além de sua própria compreensão. Como podem fazer o que é certo se não estiverem dispostos a obedecer totalmente? — sua voz se move na nossa frente, ao nosso lado, atrás de nós, na frente de novo. Misturado ao meu cansaço e fome, o efeito é quase estonteante.

— Agora quero que todos fiquem de pé — ele faz uma pausa. — Emily, Todd, Lily, Andrew. Seus PDs o conduzirão por esta próxima etapa. Vocês aceitarão este teste de fé? Vão confiar neles sem questionar? Seu coração será aberto e obediente? — cada pergunta termina com o tom elevado de um pregador. Ele soa mais como o Líder do que o Will de que me lembro de meu batismo.

As mãos de Kara aquecem meus ombros enquanto ela me guia para frente com um esforço deliberado. Eu tropeço algumas vezes para acompanhar seu ritmo. Will continua um tamborilar constante de palavras enquanto circulamos em torno de sua voz. É como se estivéssemos cercados por ele, e ele está se aproximando. — Confiar. Seguir. Imitar. Somente essas ações os levarão a ser um

discípulo de Jesus. Sua parceria de discipulado por si só pode guiá-lo para um relacionamento de sucesso com Deus.

Ele faz uma pausa enquanto continuamos nos movendo em torno dele. — Medo. Orgulho. Dúvida. Um coração rebelde. Todas essas coisas se somam a essa temida palavra de seis letras: P-E-C-A-D-O — enquanto ele sibila as letras, minhas coxas batem na mesa e quase grito. Sua voz para. A sala fica em silêncio até que Will começa a falar novamente, desta vez baixinho e muito perto de mim.

— Agora, Emily. Eu preciso que você coloque as mãos em volta do lado de fora da sacola na sua frente — Will diz, sua voz se afastando.

Toco o papel áspero com a ponta do dedo. Algo se move dentro da bolsa — algo vivo. Eu imediatamente pulo para trás.

Kara se mantém firme atrás de mim, segurando meu ombro. Ela me empurra de volta para a mesa. — Você pode fazer isso —, ela sussurra. — Os PDs estão assistindo. Você vai ficar bem, eu prometo — eu mal posso ouvir suas palavras tranquilizadoras, embora ela as esteja sussurrando bem em meu ouvido. Minha cabeça está latejando por causa do fuso horário e, agora, de medo.

Will levanta a voz, como se falasse com todos. — Emily? Você confia em Kara sem questionar? Você confia em Jesus para falar através dela? Você vai aceitar o desafio que Ele lhe deu?

Sua provocação me atinge com uma rapidez repentina, como o momento em uma cerimônia de casamento quando uma resposta pública é necessária. Posso sentir que todos estão esperando em silêncio pela minha reação.

Minha mão treme enquanto eu traço a borda rígida ao longo do topo da sacola de papel. Em uma explosão rápida, a coisa na bolsa ataca meu dedo. Um grito que nem parece meu enche a sala. Eu instintivamente levanto meu dedo latejante à boca e sinto o gosto de sangue. Parece que tudo ao meu redor está de cabeça para baixo, e a única coisa que me mantém de pé é a mão firme de Kara nas minhas costas. Eu posso ouvir todos ao meu redor se mexendo em nervosismo. Uma das garotas solta um grito breve e ansioso. Will os cala.

Eu luto contra a vontade de arrancar a bandana e gritar com todos, ou empurrar outra pessoa para fazer isso. Kara toca minha mão e a guia de volta para a bolsa.

— Confie em mim —, ela sussurra.

Sua voz é sincera. E eu percebo que não a conheço mesmo, mas algo neste momento me diz para confiar em Kara. *É um sinal.* Sinto os PDs me observando e sinto o medo dos outros discípulos que estão com os olhos vendados. Meu cansaço dá lugar a uma espécie de apatia vertiginosa. *Qual é a pior coisa que poderia acontecer?*

Prendo a respiração e alcanço o fundo da sacola, devagar desta vez, e meu medo se desvanece no momento em que sinto uma pequena massa de pelo macio e ouço o miado abrupto de uma gatinha. Ele alcança minha mão, a agarrando com suas garras afiadas para roer meu polegar. Quando começa a ronronar, as lágrimas inundam meus olhos e gotejam no lenço de algodão. Meu coração bate em um staccato irregular do meu peito até a ponta dos dedos. Eu quero cair de joelhos e chorar.

Kara remove suavemente minha venda. Os outros internos vendados se mexem, quietos. A garota, Lily, que estava sentada ao meu lado, está empurrando nervosamente o ar com as mãos, sem saber o que aconteceu. Sua ansiedade é palpável. Josh e Todd — os estagiários masculinos que podiam ver — estão sorrindo, tentando não rir e quebrar a tensão cuidadosamente orquestrada.

Will grita mais instruções enquanto me dá uma piscadela rápida. — Kara, leve Emily para o quarto dela. Emily, leve sua sacola com você. E lembre de que confiar em sua PD é como confiar em Deus. Você será recompensada com inúmeras bênçãos. Amém?!

— Amém! — todo mundo responde.

Sigo Kara por uma cozinha rústica com uma porta de casa de fazenda que leva a outro pátio. Eu cuidadosamente retiro o gatinho da bolsa e o seguro contra o meu peito. Ele balança em meus braços enquanto dou passos lentos para frente, ainda um pouco trêmula. O cheiro forte de ervas frescas enche o ar enquanto Kara aumenta nosso ritmo. Meu pé esquerdo cai com um estalo nos cascalhinhos. A brisa quente da Toscana atinge meu rosto. Eu paro para respirar fundo e olhar para o mundo ao meu redor, onde colinas multifacetadas se afastam de nós em todas as direções. A vista é tão bonita que quase parece um cenário falso.

De repente, Kara para e tira o gatinho das minhas mãos. Ela o puxa cuidadosamente até o pescoço. — Já dei um nome —, diz ela.

Eu ouço pés esmagando o cascalho atrás de nós. Alguém está rindo. — Você estava tão assustada. Era apenas feito de borracha —, diz uma voz masculina distante para outra pessoa. Uma risada nervosa preenche a distância, o tipo de risada que diz: graças a Deus, o pior já passou. Eu me pergunto o que estava em sua sacola quando noto que Kara está na metade da colina.

Ela desaparece dentro de uma pequena construção de pedra sem janelas visíveis além de um retângulo ao ar livre de argila entrecruzada embutida em um lado.

Eu corro para alcançá-la.

Por dentro, as paredes são de pedra como o exterior, e fico aliviada em ver que há uma pequena janela na parede posterior. Um beliche de metal flanqueia a parede perto da janela. Ambas as camas são cobertas com colchas velhas e incompatíveis, e há uma pia do outro lado do quarto.

— Esta é a sua cama. A minha está aqui em cima — Kara diz do beliche de cima.

Eu olho em volta. — Onde é o banheiro? — eu pergunto.

— Na casa principal. Ou lá fora — ela aponta para a janela que emoldura uma pequena vista do vinhedo próximo. Kara se estica na cama para brincar com o gatinho. Ela deve ter notado minha surpresa. — Não se preocupa —, ela diz. — Teremos muito mais liberdade aqui.

Percebo que minha bagagem está empilhada ao pé da cama. — Como isso aconteceu? — eu pergunto.

— Eu sei. É como um milagre. — Ela ri. Ela parece sarcástica, mas é difícil dizer. — Tenho certeza de que um dos caras trouxe aqui para você. — Ela ergue os olhos para avaliar minha reação. Josh já contou aos outros sobre nós? De qualquer forma, decido não responder. Eu não sei o quão próxima Kara é dele, e eu não quero dizer nada fora de hora.

Eu olho para Kara com a intenção de examinar. Sua estupidez despreocupada torna isso impossível. Seu cabelo balança acima do gatinho enquanto ele salta para atacá-la repetidamente. Ela ri. — Dolce pede desculpas pelo arranhão. — Ela tira algo do bolso. — Aqui — ela diz enquanto se abaixa para me entregar um Band-Aid. — Isso deve ajudar.

Eu sorrio. — Gostei do nome — eu envolvo meu dedo, que ainda dói, mas não está mais sangrando. Eu quero gostar de Kara. Eu sei que tornará a vida aqui mil vezes mais fácil se eu fizer isso. Já posso dizer que ela está muito mais relaxada do que Heather. Podemos até mesmo nos divertir juntas.

Eu quero fazer muitas perguntas a ela. Tenho a estranha sensação de que entrei no set de um filme e ainda não sei minhas falas. Procuro um lugar para colocar minhas coisas.

— Onde está o armário? — eu pergunto.

— Não há um —, diz ela — mas podemos compartilhar as gavetas —, diz ela.

Eu rolo minha mala até o velho baú de madeira, abro a fechadura e começo a desempacotar.

— Então, como você conheceu Josh? — ela pergunta um pouco casual.

— Josh? — tento jogar fora.

— Ele é a razão de você estar aqui, certo?

Agora estou de guarda. — Eu acho. Foi ele quem convidou, quer dizer, vim aqui para fazer parte da missão.

— Você está apaixonada por ele? — ela pergunta provocativa.

A picada de vergonha provoca um calor repentino em meu rosto. Acho que morar com Kara não vai ser fácil. Grata por estar de costas para ela, dobro um top de algodão e coloco na gaveta. Eu dobro outro antes de responder. — Isso importa?

— Hmmm — ela diz, como se refletisse com um vago senso de autoridade.

Heather e eu tivemos nossa cota de embaraçosas trocas de confronto em Boston. Foi exaustivo porque Heather era a mestra da deflexão. Pelo menos eu sabia o que esperar dela. Recomeçar com Kara é novo e, francamente, um pouco assustador.

— Então, o que trouxe *você* aqui? — eu pergunto, esperando mudar de assunto. Tento me controlar dobrando todas as minhas roupas e as guardando com cuidado. Isso de alguma forma me mantém calma.

— Eu? Eu não tive escolha — ela ri de algo que Dolce faz.

Não tenho certeza se ela quer que eu faça perguntas sobre isso, então eu não faço. Sei que não devo deixar um PD desconfortável ou defensivo.

— Se você quer saber a verdade, minha mãe me mandou —, ela se voluntaria.

— Então ela sabe por que você está aqui?

— Sim — ela diz. Uma pontada de ciúme me atinge. Não havia jeito de meu pai ter me dado sua bênção se soubesse a verdade sobre minha missão aqui. *E é por isso que estou aqui em vez de lá.*

— Sua mãe está no Reino? — eu pergunto, afastando minha amargura.

Kara faz uma pausa. — Poderia dizer isso.

Fecho minha mala vazia e começo na minha mochila, mas não há nenhum outro lugar para guardar minhas coisas. Por que essa chamada casa sem banheiro ou armário e uma seção ao ar livre de uma parede conta como algum tipo de recompensa, eu não sei dizer. — Posso perguntar por que você queria que vivêssemos aqui sem chuveiro ou banheiro?

— Prefiro manter distância dos outros — ela olha para mim. — Acredite. Você vai entender em breve.

A declaração dela parece estranha, ainda mais de alguém que acabou de me pedir para enfiar cegamente minha mão em uma sacola. Eu não quero distância dos outros. Especialmente quando Josh, a única outra pessoa que eu conheço de verdade, é um deles.

— Você não conhecia Shannon de Boston? — ela pergunta.

— Shannon? — minha mente fica em branco.

— A garota desempacotando as caixas no pátio? PD de Lily.

Ah. De repente, me lembro de Shannon. Eu a vi na casa de Will e Meredith em Boston na noite em que fui batizada. Tento me lembrar do que Heather disse sobre ela. Só lembro que era crítica — então, novamente, qualquer coisa que Heather disse sobre alguém geralmente era.

— Posso ter visto Shannon em um evento da igreja — digo. Fecho uma gaveta e olho para Kara. — Acho que minha PD, quero dizer, ex-PD, Heather, a conhecia, mas eu não a conheço —, eu digo.

— Hmm. Acho que Heather não gostava dela. Shannon é viajada —, diz Kara. — E não necessariamente do tipo bom.

— Você conheceu Heather?

— Não realmente. Eu já ouvi falar dela. De Shannon, na verdade. Ela disse que você ocupou o lugar de Heather, o que é uma grande coisa. Ouvi dizer que isso te torna especial — ela sorri para mim.

Minha defesa aumenta novamente. — Não acho que isso seja verdade. Heather é mais valiosa em Boston. Ela é o grande negócio.

— Sim, também ouvi isso.

A voz de Kara está cheia de sarcasmo. De repente, não quero nada mais do que sair desta villa e ficar longe dela, e encontrar Josh. — Vamos nos encontrar com os outros hoje de novo?

Kara sorri para mim, e quase parece simpática, como se ela sentisse pena de mim. — Acho que você deveria descansar um pouco — ela sugere.

É como se ela apenas dizendo a palavra — "descanso" — tivesse lançado um feitiço em mim. Minha exaustão me vence mais uma vez, a pequena onda de adrenalina do rolê vendado com Dolce correndo de volta para fora. Eu praticamente tropeço na minha mala quando vou desabar no beliche de baixo.

Quando eu volto a mim, meu cérebro começa a vasculhar os eventos recentes enquanto tento em vão me lembrar de ter adormecido. Eu me abaixo e sinto minha calça jeans, velha da viagem de trem. Eu quero voltar a dormir, mas as cenas de ontem (*ou ainda é hoje?*) começam a se repetir em minha mente, enquanto a respiração de Kara no beliche acima de mim forma um ritmo calmante. *Eu não estou sozinha.* E isso é reconfortante. Meu corpo está pesado, mas minha mente está alerta. Sons noturnos enchem a sala: o farfalhar das folhas, o leve guincho de um inseto, a ondulação do ar noturno. Fecho meus olhos novamente para deixar meu corpo vagar, esperando que minha mente me siga.

Então eu ouço passos.

Abro os olhos e me concentro nas molas interconectadas sob o colchão de Kara. Eu ouço de novo, desta vez em uma sucessão descarada em direção ao nosso prédio. Me viro de lado para me apoiar nos cotovelos. Meu coração dispara. Ouço alguém se mexer do lado de fora das aberturas de argila na parede. Uma sombra passa. Eu a vejo passar. Eu olho para a janela. É fechada por duas venezianas de madeira conectadas por um trinco instável. Eu ouço as venezianas

se movendo. — Olá? — sussurro. Me levanto e vou na ponta dos pés até a porta. Olho para as costas de Kara antes de me inclinar para fora.

— Olá? — pergunto mais alto.

Tudo está quieto. Eu caminho todo o caminho ao redor do nosso prédio, meus dedos traçando o exterior de pedra irregular e a grade de argila. Ninguém está aqui.

A noite está clara e limpa. Eu me empoleiro na borda próxima e olho para os vinhedos escurecidos, os ciprestes altos marcando a existência de outras vilas. Observo uma colônia de minúsculos morcegos voando ao redor de uma árvore próxima. Esfrego meus braços enquanto Dolce pula bem ao meu lado, me fazendo engasgar. Minha respiração fica superficial e rápida. Eu me pergunto se alguém está me observando, se eles estão tentando não rir do fato de que um gatinho quase me matou de susto — duas vezes agora. Eu olho em volta novamente. Está completamente silencioso. As luzes distantes de outras vilas brilham contra a noite.

— Pare de me assustar —, digo a Dolce, exalando de alívio. Ela mia na vinha. Estendo a mão para coçar sua cabeça, mas ela se move fora de alcance. A vejo escalar a saliência com passos lânguidos e conhecedores, então pular e desaparecer em uma longa fileira de uvas.

Como a Família

Querido Papai,

Saudações direto da Itália!

Meu vôo demorou uma eternidade, mas gostei muito da viagem de trem. Acho que a Itália tem as paisagens mais bonitas, e a Alemanha está em segundo lugar.

Até agora, estou aprendendo um pouco de italiano e vendo muitas igrejas. Todas as catedrais são muito incríveis.

Os outros estagiários são super legais. Nossa casa tem vista para as colinas da Toscana, e temos até uma gata! Já fiz muitos amigos. Mal posso esperar para revelar minhas fotos para que você possa ver por si mesmo!

Dá um abraço na Patti e na Tamara por mim! Arrivederci!

Ah, e mais uma coisa. Eu nunca soube que comida italiana poderia ser tão boa!

Com amor,
Emily

Meu estômago ronca quando escrevo a última linha. O café da manhã foi um pãozinho e duas fatias de laranja que ingeri rápido demais. — Você acha que tem

mais comida? — Pergunto a Kara, lhe entregando a carta.

— Provavelmente não — ela diz com um encolher de ombros. — Estamos sob um orçamento operacional estrito.

— Ah. Bem, talvez possamos correr para a cidade? Eu posso nos levar para o café da manhã. Só preciso pegar meus documentos e dinheiro —, digo.

Seus olhos brilham com preocupação antes de olhar para a minha carta. — Vamos ter que esperar até que nossas atividades acabem, mas eles estão mais seguros trancados no escritório de qualquer maneira. Confie em mim.

Abro a boca e hesito. — Olha — ela diz, seu tom apaziguador. — O que é importante agora é mostrar a sua família que esta viagem é uma experiência positiva e transformadora — ela dobra minha carta de volta e a balança para dar ênfase. — Pessoas felizes em casa nos deixam livres para provar que nossa missão é um sucesso. E quanto mais cedo isso acontecer, mais cedo teremos coisas como comida melhor.

A voz de Will vem do pátio através de nossa porta aberta, chamando todos para uma reunião. Kara e eu corremos para a vila principal, onde alguns dos estagiários já estão sentados no chão. Eu localizo Josh na mesma hora. Ele está muito envolvido em uma conversa com Andrew para me notar. Eu esperava falar com Josh sozinha agora, mas entre as tentativas de dormir fora do meu fuso horário e as atividades programadas, não tivemos um momento para nós mesmos.

Will levanta os braços para sinalizar a necessidade de nossa atenção. — Fiquem todos no chão em círculo —, diz ele. Me sento ao lado de Kara e Shannon se senta à minha esquerda. Depois do incidente da sacola ontem, todos parecem desconfiados das atividades organizadas.

Will senta em uma cadeira, sorrindo vagamente para a janela como se perdido em pensamentos. Assim que todos estão calados e quietos, ele examina nossos rostos. — Antes de mergulharmos na missão de compartilhar nossa fé com novas almas, precisamos fortalecer os laços espirituais entre nós. Então, quero que todos ofereçam algo sobre si mesmos que nos ajude a nos conhecer um pouco melhor. Certifique-se de incluir um fato que a maioria das pessoas não saberia.

Tento não demonstrar meu descontentamento com este anúncio. Eu sempre odiei esses cenários de "nos conhecermos melhor" na escola. É tão estranho

quando todos estão assistindo, esperando que você diga algo profundo ou autodepreciativo ou espirituoso sobre você. Sempre senti que falho sob a pressão de tentar falar enquanto penso no que dizer ao mesmo tempo, ainda mais quando falo sobre mim.

Will se inclina para trás como se estivesse relaxando antes de um show. Sua cadeira o deixa mais alto do que o resto de nós, que estamos sentados de pernas cruzadas no chão. Ele se inclina e coloca os cotovelos nos joelhos, apenas o suficiente para se dobrar ao nosso nível. — Olhem. Posso ver que vocês estão um pouco inquietos. É compreensível —, diz ele. — O jogo da confiança foi uma forma intensa de começar. Né, Emily?

O calor sobe em minhas bochechas quando seu olhar cai sobre mim, junto com os olhares de outros estagiários. — Mas todos nós sobrevivemos —, diz ele com uma risada. Um suave barulho de risadas dos outros parece acalmar o círculo. — E aqui está o ponto. Vocês confiaram. Vocês não filtraram ou resistiram, embora alguns de vocês tenham acabado de conhecer seu PD pela primeira vez, pelo amor de Deus. Sabiam que seu PD não faria nada para prejudicar vocês porque eles são discipuladores nomeados no Reino de Deus. A única função de seu PD é os levar a ser mais como Jesus por meio da confiança e da imitação. Não se esqueçam de que a fé em Deus reflete diretamente por meio da fé em seu PD.

O "amém" que se segue vem de várias vozes masculinas, incluindo a de Josh. Desta vez, o som é mais forte e reverente. As vozes convergem para mim como alguém de quem se orgulhar, alguém que teve sucesso. Kara se inclina para mim para uma batidinha no ombro, mas eu ainda não quero ser a primeira.

— Então — diz Will, se endireitando na cadeira. — Emily, já que você foi a primeira a confiar totalmente, vamos te deixar ser a última no círculo hoje.

Eu expiro com alívio. É quase como se ele tivesse lido minha mente.

— Acho que isso significa que vamos começar com... Andrew — Will coloca a mão no ombro de Andrew afetuosamente.

Andrew fica sentado muito quieto, um sinal de calma total ou terror oculto. — Bem —, ele murmura. — Sou Andrew. Eu vou para o MIT, onde estudo engenharia...

— Andrew —, interrompe Will. — Não seja humilde. Diga a eles por que você escolheu o que estudar. E fale.

Andrew hesita e depois continua. — Eu sou um bolsista integral — ele olha para baixo como se estivesse envergonhado. — Hmmm. O que mais? Eu sou do meio-oeste — longa pausa.

— Conte a eles sobre seu pai — Will diz alegremente.

Andrew parece surpreso. — O que tem ele?

— Diga a eles quem ele é — Will olha para nós. — Ele é importante.

— Ele é um político —, disse Andrew rapidamente. Ele olha para baixo como se estivesse envergonhado com isso. Quando Will está prestes a dizer mais alguma coisa, Andrew se ilumina e interrompe. — Ah, meu fato mais interessante é que ganhei um concurso de soletrar em todo o estado na sexta série.

— Cara —, interrompe Todd. — Você pode não querer que as pessoas saibam disso. — Todd ri de sua própria piada, o que nos leva a rir com ele. Fico aliviada em ver Andrew sorrindo.

Olho para Josh, que foi nomeado o novo PD de Andrew em Boston algumas semanas antes de partirmos, logo depois que eu me comprometi a me juntar à missão. Josh olha fixamente para o meio do círculo. Talvez ele esteja pensando no que dirá quando for sua vez. Me ocorre que não sei qual será o fato interessante — eu deveria saber?

— Todd? — Will diz. — Sua vez.

— Oi. Sou Todd. Sou da Geórgia e vou para o Boston College com um tipo diferente de bolsa. Eu jogo para o time de beisebol, o que leva ao meu fato secreto. Bem, acho que não é um grande segredo, posso jogar uma bola de beisebol a cento e quarenta quilômetros por hora — Todd olha em volta com uma expressão presunçosa no rosto, como se esse anúncio merecesse elogios.

Algo surge na expressão de Will quando Todd fala, e não acho que seja apenas porque Meredith me contou sobre Will ser uma estrela do beisebol naquela época. Todd é o exemplo perfeito do que Heather sempre chamou de membro "afiado", uma das coisas que ela disse para observar ao convidar as pessoas para nossas atividades — alto, musculoso e extrovertido. Atletas e extrovertidos são recrutas cobiçados no Reino, e quanto mais atraentes, melhor. PDs como estes

tendem a receber novos membros de alta prioridade, razão pela qual Ben é o PD de Todd.

Ben é o próximo. — Sou Ben e sou graduado em biologia originalmente da Flórida — me viro para Kara para ver sua reação, para ver se talvez eles se conheçam, mas ela nem está olhando para ele. — Ah, e quase esqueci — Ben diz indiferente. — Fui nomeado apóstolo esses dias.

Isso provoca alguns suspiros. Eu olho ao redor para obter clareza. Ainda não ouvi falar do termo "apóstolo", então não tenho certeza do que significa.

Will se endireita na cadeira. — Parabéns, Ben. Eu não sabia disso — seu sorriso é tenso.

— Bem — Ben diz, seus olhos no nível de Will. — O Líder disse que tudo depende do sucesso desta missão.

Will não responde enquanto muda sua atenção de propósito. — Josh?

Josh olha para Ben antes de falar. — Ei. Sou Josh. Eu sou de Louisiana, caso vocês não saibam pelo meu sotaque — todo mundo ri. — Não consigo pensar em nenhum segredo ou fato interessante. Não consigo lançar nada a cento e quarenta quilômetros por hora, com certeza.

Todd ri alto. — Muitos não conseguem, cara.

Will intervém para persuadi-lo. — Agora, Josh, lembre-se de que somos como uma família aqui na Itália. Como irmãos e irmãs em Cristo, devemos confiar uns nos outros sendo abertos. Além disso, como Ben lembrou a todos nós, nosso sucesso com Deus está interligado — o comentário parece agudo. Eu olho para Ben para ver uma reação. Ele está tão estóico como sempre.

Após uma pausa, Josh continua em silêncio. — Em casa, meu pai trabalhava com aplicação de lei. Me manteve na linha, eu acho. Muitas pessoas não sabem disso — ele não enfatiza a palavra "trabalhava", mas também não a explica, e ela paira ao nosso redor como um ponto de interrogação palpável. — E minha mãe... — a voz de Josh desaparece, como se ele parasse para pensar em algo para dizer e então ficasse aéreo por falta de sono.

— Parece que Josh precisa dormir fora do fuso horário —, Will brinca, rápido para acabar com o constrangimento com um olhar para Josh antes de examinar o grupo. — E agora nossas amáveis senhoras.

Shannon fala primeiro, como se tivesse sido abordada diretamente, embora Lily esteja sentada ao lado de Josh. O cabelo com mechas descoloridas de Shannon está preso em um elástico e penteado de forma alegre, sua maquiagem repleta de sombra e rímel. — Sou Shannon e tenho certeza que sou a estagiária mais velha daqui. Se não sou a mais velha, então estou no Reino há mais tempo. Cresci em Boston e meus pais estão na igreja desde que eu era pequena. Eu nem tenho certeza se sou uma veterana ainda, já que mudei meu curso muitas vezes. É tão difícil decidir qual caminho melhor beneficiaria o Reino — algo sobre a ansiedade excessiva de Shannon me lembra Heather, embora Heather provavelmente se recusasse a comparar. — Ah — Shannon continua — Lily é minha discípula em Cristo — ela toca Lily no joelho, como se para sinalizar sua permissão para falar.

— Oi, sou Lily. Cresci na Cidade do México, onde meu pai é dono de uma empresa de comércio internacional. Viajei minha vida inteira e falo quatro idiomas — ela sorri e move sua longa franja para o lado. Lily é naturalmente linda e nunca exigiria muita maquiagem, ainda mais a técnica pesada de Shannon. — Shannon é minha PD e minha melhor amiga. E muitos de vocês podem não saber que sou uma gêmea de meu irmão, Marc. Ele é meu outro melhor amigo — eu sorrio com a genuinidade de Lily. Ela é alguém de quem eu poderia me ver ficando próxima, o que é bom pensar sobre o fato de que meu relacionamento com Kara teve um começo difícil. Na deixa, Kara me dá uma cotovelada para chamar a atenção.

— Ah. Olá, sou Emily. Eu sou da Costa do Golfo. Ainda não sei qual vai ser o meu curso, mas adoro arte e literatura. Hmm. Fato interessante. Acho que nasci com guelras. Quer dizer, adoro nadar. O lance de "guelras" é algo que meu pai sempre me disse, porque ensino as crianças a nadar durante o verão. Bem, não neste verão, já que estou aqui. A cada dois verões — *Porcaria.* Odeio divagar quando estou nervosa, mas nunca fui capaz de me conter.

Na tentativa de encerrar minha vez, olho para Kara, que parece divertida. Ela se inclina para trás, seu comportamento calmo e frio, quase como se ela estivesse acima desta atividade, acima do resto de nós. — Sou Kara. Fato interessante: *não* estou na faculdade. E meu único propósito na vida é avançar nossos esforços nesta missão mundial. Todos devemos nos sentir com sorte por termos sido

escolhidos para fazer parte desta oportunidade de mudar o mundo — as palavras parecem quase sarcásticas vindo dela. Quando ela olha para Will, ele sorri para ela de uma forma que é quase grata.

— Bem — diz Will. — Acho que é a minha vez.

— Muitos de vocês sabem que fui escolhido para liderar a exploração da nossa missão mundial há um tempo, quando visitamos diferentes países para procurar possíveis lugares para começar igrejas — ele fala com cuidado, como se cauteloso sobre sua escolha de palavras. — O que muitos de vocês *não* sabem é que quando estávamos na África, eu morri.

Murmúrios sobem ao redor da sala. É óbvio que ninguém viu essa declaração chegando, mas Kara parece imperturbável. As palavras de Meredith sobre a África surgem na minha cabeça: *Milagres aconteceram lá*.

— Está bem. Eu prometo que não sou um fantasma — Will diz com uma voz suave. — Todos vocês provavelmente estão se perguntando: "Se ele morreu, então como ele está sentado aqui nos contando sobre isso?" Bem, é fácil. Fiquei do outro lado, por um bom tempo, na verdade, mas o Senhor decidiu que não era minha hora. E quando voltei, estava em uma pequena cabana no meio de uma aldeia distante. Eu não tinha a menor ideia de que estava em coma há dias.

Will se inclina para frente e sussurra com força: — Deus não estava pronto para que eu deixasse este mundo, irmãos e irmãs, porque *esta* era a Sua vontade para mim.

Shannon está chorando (e se certificando de que todos nós a ouçamos). Ela enxuga os olhos de modo dramático com a manga da camisa, deixando uma mancha escura. — Como isso aconteceu? — ela pergunta.

Will se mexe em sua cadeira. — Isso é irrelevante agora porque não é *nada* comparado com o que fomos escolhidos para fazer aqui. Agora estamos enfrentando o verdadeiro desafio. Um ainda maior do que a luta pela minha vida na terra — ele se abaixa novamente e levanta a voz. — Discípulos, amanhã cedo, eu quero que vocês vão com seus PDs e tragam almas para salvar. Não percam de vista nossa *grande missão*. Eu quero ver esta vila *cheia* de novos convertidos esta semana. É por isso que fomos colocados nesta terra. *É por isso* que fomos enviados aqui.

Will termina a reunião com uma oração enquanto damos as mãos em círculo. — Agora sigam seu PD para seus PBs —, diz ele com um gesto de dispensar. Na época em que ouvi pela primeira vez as siglas inexplicáveis em voz alta em Boston, parecia tão estranho. Mas aqui está reafirmando que uma combinação de letras simples pode significar muito para nós, mas soar indecifrável para os outros, e é apenas porque não tivemos a chance de compartilhar nossa mensagem positiva com eles.

— Vamos —, diz Kara, enquanto vejo Josh e Andrew entrarem em outra sala no fundo da vila. Kara me leva a uma varanda perto do pátio com vista para as colinas. — Se vamos orar na Itália, podemos também aproveitar o cenário que Deus criou para nós, certo? — ela brinca.

A paisagem espalhada na nossa frente é impressionante, mas em vez de inspirada, não consigo deixar de me sentir inquieta, especialmente depois da história de Will no final. Em Boston, orar sempre foi a resposta. Fecho os olhos com força e oro por nossa missão, por nossas almas, por orientação — ainda assim, tenho que me obrigar a ignorar as dores agudas que atravessam meu estômago vazio. Não consigo parar de pensar em comida para o café da manhã — omeletes de presunto e queijo, panquecas com bacon, croissants amanteigados. Meus olhos queimam como se eu estivesse prestes a chorar. Não tenho certeza se é por causa da fome ou da fé. Abro os olhos para ver Kara me olhando como se esperasse alguém terminar algo que não tem nada a ver com ela.

— Preparada? — ela diz, alegre.

De volta ao nosso quarto, Kara sobe em seu beliche para ouvir música. Ela tem estado quieta e distante desde a reunião, então eu evito todas as perguntas que quero fazer a ela. A revelação de Will está mastigando meu cérebro. Não consigo parar de imaginar ele deitado em uma cabana distante lutando contra a morte com todas as suas forças. Eu fico lá sem jeito, querendo conversar, mas sem saber o que dizer. Ela vira a cabeça e sorri enquanto afasta um lado dos fones de ouvido da cabeça. — Ei. Vamos apenas descansar. Tá? — ela diz antes de o reposicionar sobre o ouvido, encerrando uma conversa em potencial. Meu fuso horário tira qualquer vontade de discutir. Deito em cima dos lençóis e fecho os olhos, caindo na estática abafada das músicas que não consigo decifrar.

Está escuro lá fora quando eu acordo. Enquanto meus ouvidos procuram sons reconhecíveis, ouço duas pessoas conversando do lado de fora de nossa parede aberta. Uma que eu conheço é Kara, e a outra soa como um homem.

A frase "Eu não sei" é tudo que posso entender do lado de Kara da conversa.

Eu ouço a palavra “escolhida” do homem, mas soa como parte de uma pergunta.

Então silêncio.

Eu rolo com cuidado para fora da minha cama sem fazer nenhum som e vou na ponta dos pés em direção à porta. Eu congelo ao som da voz do cara. Ben.

A voz de Kara está mais alta desta vez. — Eu disse que não tenho ideia do que você está falando.

Ben: — O livro de Atos, capítulo 28, diz que Paulo...

— Eu sei o que diz — Kara se apressa.

— Bem, acho que você *sabe* do que estou falando, então — pausa. — Irmã.

— Cuidado, *irmão*. Ninguém sabe as maiores lutas como a família.

Alguém se move. Corro de volta para a minha cama e fecho os olhos. Ouço Kara voltar para dentro e vasculhar nossas gavetas. No momento em que reúno coragem para abrir meus olhos, tudo que vejo é ela saindo pela porta. Eu fecho meus olhos novamente, afastando minha frustração por não entender o que está acontecendo.

Meus olhos estão pesados. Outra onda de exaustão me puxa para baixo, sufocando minhas perguntas com a promessa de felicidade inconsciente. Desde que cheguei na vila, essas ondas tomaram conta do meu corpo como uma força inevitável. O fuso horário e a fome são uma combinação poderosa. Cada vez que acordo, não me lembro como ou quando adormeci. Às vezes, eu esqueço completamente onde estou até que as molas de metal entrelaçadas sob o colchão de Kara entram em foco acima de mim. Eu as estudo em silêncio como se elas tivessem as respostas.

Sorrisos Pegajosos

Na manhã seguinte, uma mão me cutuca para me acordar. O cheiro do cabelo limpo e molhado de Kara desperta meus sentidos. Abro os olhos e os esfrego para acordar. A luz do sol projeta um retângulo brilhante no chão de nosso quarto.

— Hora de salvar almas — Kara diz alegremente, a cabeça inclinada para o lado enquanto penteia os brilhantes fios de cabelo escuro.

Com muito sono para falar, atravesso o quarto para encontrar algo para vestir.

— Estarei lá fora secando meu cabelo da boa maneira antiga —, diz Kara. Demoro um minuto para perceber que ela quer dizer sob o sol. Meu cérebro tenta entender e processar o aqui e agora, mas estou exausta demais. A conversa que ouvi ontem à noite permanece no fundo da minha mente até que finalmente se desvanece em algo como o fragmento de um sonho meio esquecido.

Will está esperando por nós no pátio. — Ok, preciso que todos confirmem que vocês tem os passes de ônibus levantando as mãos — todos confirmam. — PDs — ele grita. — Vocês estão no comando. E discípulos? — ele sorri como se quisesse nos assegurar. — Sua única instrução é seguir seu PD. Entendido? — dizemos "sim" em uníssono antes de partir para direções diferentes. Tento andar devagar, na esperança de alcançar Josh, mas Kara está quase correndo em direção ao ponto de ônibus. Olho para trás uma última vez para ver Josh e Andrew conversando com Will e Ben antes que eu tenha que correr para alcançar Kara.

O ônibus para logo após Kara e eu chegarmos ao ponto. Quando os outros chegam, os motores estão funcionando e quase não há assentos. Josh me oferece

um pequeno sorriso enquanto passa, em direção à parte de trás do ônibus. Minhas esperanças afundam quando outra chance de conversar passa.

O ônibus sai ruidosamente pela rua estreita. Kara olha pela janela enquanto eu sento pacientemente esperando nosso destino. A rota do ônibus é paralela a um rio flanqueado por uma parede de tijolos vermelhos, onde as pessoas se inclinam como se observassem algo nas margens baixas abaixo. Edifícios antigos e estreitos se alinham na margem oposta do rio. Viramos em uma rua lateral pouco antes de um prédio amarelo-limão com venezianas marrom-escuras, todo fechado.

Não tenho ideia de para onde estamos indo. Eu olho para Kara sentada ao meu lado, sua mochila no colo, seus braços magros em volta dela. Ela se mexe em seu assento, em seguida, olha para mim, sorri e olha pela janela de novo, uma sequência de gestos que a faz parecer amigável e desconhecida ao mesmo tempo.

Tudo o que sei sobre Kara diz que ela não se importa com o que pode acontecer ao redor. É tudo "se misture e apenas seja". Mas é difícil me misturar aqui, especialmente quando todos ao meu redor falam italiano. Sinto que estou atrapalhando — nos trens, no ônibus, nas ruas — porque ainda não sei o caminho, e Kara age como se vivesse aqui há anos. Ela assume o comando de uma forma que parece fácil, não como a personalidade de Heather de "assumir o comando ou assumir tudo".

Kara bate na lateral do meu braço. Ela aponta para o Duomo à distância.

Eu sorrio em apreciação, percebendo que estou vendo as fotos em nossos livros agora, na vida real. O ônibus passa sem cerimônia e tento ignorar minha decepção. É estranho estar tão perto sem nenhum plano de ir para lá. Eu perguntaria se poderíamos parar, mas Will tem que aprovar todos os fundos que gastamos e eu já sei qual será a resposta. O que quer que tenhamos é para a missão, não para passear.

— Sabe para onde vamos primeiro? — pergunto.

— Sabe, o legal de ser um discípulo é que você não precisa se preocupar com nada disso, certo? — ela parece alegre. Percebo que ela vira os olhos para mim como se verificando minha reação.

É como se Kara estivesse me testando toda hora, mas estou exausta demais para decidir se é só porque ainda não a conheço ou porque estou morrendo de

fome ou... *Mantenha o foco*. Minha memória da voz de Ben falando com Kara na noite passada volta aos meus pensamentos. Se vou passar a maior parte do meu tempo com ela, provavelmente devo tentar conhecê-la melhor.

— Então, você conheceu Ben na Flórida? — pergunto.

Kara parece momentaneamente pega de surpresa pela minha pergunta. Mas sua expressão é agradável quando ela se vira para olhar pela janela. Ela fica quieta por alguns segundos. — Temos amigos em comum — seu tom é honesto, mas posso dizer que ela está escolhendo as palavras com cuidado.

— Josh? — eu imediatamente me arrependo de perguntar isso.

— Nãããão — ela diz arrastando sua resposta com um tom meio zombeteiro. Ela me lança um olhar engraçado, ou um olhar que diz que ela *me* acha engraçada.

Pego o dedo que Dolce arranhou. Não dá mais para ver a ferida, mas ainda lateja.

Eu decido mudar de assunto. — Eles falam inglês onde estamos indo? — não tínhamos nos afastado muito da vila ainda, e ninguém sequer mencionou ter aprendido italiano.

— Não importa — Kara diz, desta vez nunca se virando da janela.

O tempo das perguntas claramente acabou. Eu me afasto de Kara e vejo Shannon e Lily algumas fileiras atrás, rindo de algo juntas. Uma pontada de solidão familiar me atinge. A Itália está começando a parecer como Boston se parecia antes de eu conhecer Josh e Heather.

Nosso ônibus faz uma curva e desliza até parar em um estacionamento, e Kara me cutuca para me levantar. Saímos no momento em que as portas se abrem. Fumaça fica espessa ao nosso redor enquanto os habitantes locais param para acender um cigarro antes de seguir em diferentes direções. Quando chegamos a uma parte vazia da calçada, Kara para para abrir sua mochila

— Está pronta? — ela pergunta, puxando um rolo de adesivos. Ela os levanta. Cada círculo é um rosto sorridente amarelo brilhante.

— O que devemos fazer com isso? — eu pergunto.

— Nosso objetivo é fazer o maior número possível de italianos... *sorrir*.

— Sério?

— Sempre levo o Reino a sério — é impossível dizer se ela está mesmo falando sério, mas eu aceito o monte de adesivos e sorrio de qualquer maneira.

— O que devo falar? Como as pessoas vão me entender? — pergunto.

— Não importa. Apenas sorria, seja amigável e doe *cada um* deles — ela enfia a mão na mochila e me entrega uma pilha de cartas com palavras impressas em italiano, o símbolo da cruz preenchendo o canto superior direito. O pavor toma conta de mim enquanto me lembro do dia perto da escultura de pássaros na BU. Já era difícil recrutar quando eu falava a mesma língua que todo mundo. Isso está começando a parecer impossível. Parece que foi há um ano, mas mal se passou. Penso em Josh e sua mão cobrindo meus olhos. Me pergunto em que direção ele e Andrew seguiram depois que desceram do ônibus. Mantenho a esperança de que talvez possamos os encontrar enquanto recrutamos.

Kara me cutuca antes de se aproximar de alguém que está entrando em uma loja que parece um supermercado. Tiro um adesivo, coloco na ponta do dedo indicador e me dirijo a uma mulher baixa e atarracada de vestido preto carregando uma bolsa de lona. Eu sorrio e estendo meu adesivo para ela pegar, me esquecendo dos cartões na minha outra mão. Ela o pega e o coloca em na bolsa, então dispara uma série de palavras para mim em italiano enquanto sai correndo. Fico estranhamente exultante ao ver o rosto amarelo brilhante sorrir para mim enquanto ela entra.

Depois de entregar mais cartas, Kara me puxa de lado. — Está demorando muito. Precisamos de um lugar melhor — ela se vira como se estivesse pensando e agarra meu braço. — Vem comigo —, ela diz.

Corremos pelas ruas de paralelepípedos sombrias, onde as lojas fervilham de atividade. Eu começo a rir sem querer — estou correndo pela *Itália*! Mulheres magras pairam em frente às portas, fumando e conversando em italiano. Os restaurantes tilintam com os preparativos do almoço, onde aromas saborosos vazam para a rua. Eu daria todo o dinheiro que trouxe para comer o que quer que eles estejam cozinhando. Com uma repentina pontada de preocupação, lembro que não tenho acesso a *nenhum* dinheiro meu agora. Me concentro em seguir Kara.

Continuamos nos movendo em direção a uma abertura no final da rua, onde os paralelepípedos estão encharcados de sol. Ao nos aproximarmos de uma

grande praça, sinos tocam em uma igreja distante. Os pombos se espalham em rajadas pela praça. Meu coração salta quando vejo Ben e Todd parados perto de uma fonte. Eles estão conversando com uma garota loira que é mais alta do que os dois. Eu me viro para Kara a tempo de ver seus olhos estreitarem de preocupação.

— Vamos dizer oi —, sugiro, grata por ver rostos familiares, mas Kara agarra meu braço.

— Espera — ela diz.

A garota alta tem um cartão na mão igual aos que entregamos. Suas pernas são tão longas e frágeis que a fazem parecer desajeitada, como uma girafa bebê tentando se equilibrar. Seu efeito sobre Todd é evidente. Ela ri de algo que Todd diz. Ben está olhando para uma estátua como se estivesse tentando decifrá-la.

Kara me puxa para outra direção. — Precisamos fazer alguma coisa. Acredite em mim quando digo que *não* queremos ser a única equipe sem convidados em nosso primeiro encontro.

Nós vagamos para trás, nas profundezas de uma rua sinuosa diferente. Minha mente volta a girar. Estou completamente desorientada. Tento descobrir onde estamos, mas só vejo placas que não consigo entender. *VIA DEL* isso e *VIA POR* aquilo. Se Kara me deixasse aqui, eu nunca encontraria o caminho de volta. É ela que tem o mapa e, presumo, o dinheiro. Tento limpar meus pensamentos acelerados e só sigo sem questionar. Kara diminui a velocidade em frente a uma cafeteria movimentada lotada de moradores locais tomando cappuccinos e expressos em pé contra uma bancada. A multidão transborda para a calçada onde alguns jovens italianos estão conversando e provocando uns aos outros. Eu gostaria de poder entender o que eles estão dizendo e me pergunto por que ninguém nos encorajou a estudar italiano antes da missão.

Kara caminha direto para o grupo de caras. Permaneço fora do grupo, autoconsciente, como se tivesse acabado de violar o território de outra pessoa. Isso é tão absurdo quanto se dirigir a um grupo de motoqueiros do lado de fora do bar decadente sob a ponte em minha cidade natal. Imagino que Kara poderia entrar naquele mesmo bar e ninguém iria piscar. Ela tem uma presença de comando que transcende quaisquer barreiras, incluindo a linguagem, pelo visto.

Os caras param quando Kara se aproxima. Um deles faz um barulho, quase como um assobio amigável. Kara tira um adesivo e o coloca no nariz de um cara. O grupo explode em gargalhadas. Há um que é visivelmente diferente dos outros: mais alto, um pouco mais confiante, muito mais atraente, claramente o alfa do grupo. Vejo Kara descobrir isso. Ela tira um adesivo e vai até ele, fica bem na cara dele e espera que ele pegue. Ele tira o adesivo do dedo dela e o coloca em seu casaco, olhando para Kara em busca de aprovação. Os outros ao redor dele começam a circundá-los com brincadeiras monótonas. *Bella, BEL-la. Bel-LIS-sima*. Em seguida, Kara fica na ponta dos pés e lentamente o beija na boca. Ela se afasta, entrega a ele todo o rolo de adesivos e coloca o resto dos cartões-postais no bolso de trás da calça jeans dele. Ela dá um tapinha sugestivo e volta para mim.

Os outros caras estão rindo e passando as cartas. Um deles começa algum tipo de música. Aquele que Kara beijou parece muito satisfeito consigo mesmo.

O que diabos ela está fazendo? — Nunca vi *esse* método de recrutamento —, digo a Kara.

— Emily. Se você quer ter sucesso no Reino, é melhor se preparar para fazer o que for necessário —, diz ela. Ela pega meu rolo de adesivos e os enfia na mochila, fechando o zíper com calma finalização.

Tento imaginar a reação de Heather a esse cenário se eu tivesse feito a mesma coisa em Boston. — O que beijar um completo estranho tem a ver com a nossa salvação?

— Tudo — ela diz, me dando um olhar sério. Então ela ri.

Deve ter visto a preocupação e confusão em meu rosto. — Emily — ela puxa meu braço. — Quantos deles você acha que vão aparecer?

— Suponho que todos e mais alguns.

— Tá bom, então — ela diz com finalidade. — Vamos comemorar. Não conta para ninguém, mas eu tenho algum dinheiro para nós. E conheço um lugar com os *melhores* paninis.

— O que fazemos com o meu? — eu pergunto, segurando meus cartões postais.

Ela os agarra de minhas mãos, nunca diminuindo os passos. Ela os joga na primeira lixeira que passamos, de forma decisiva e sem uma segunda olhada.

Quando voltamos para a vila, cheias e exultantes de um dia de passeios turísticos não planejados, ouço Will gritando de raiva. À medida que nos aproximamos, cada centímetro de satisfação de comer o melhor sanduíche que já provei é substituída por uma náusea crescente.

Will caminha perto de Josh e Andrew no pátio; todos os outros estão reunidos nas proximidades.

Ah não, eu me preocupo. E se estivermos com problemas por ser as últimas a voltar?

Will segura uma pilha de cartas como uma exposição em um tribunal. — Você sorriu? Você fez contato visual? Você tentou cumprimentar eles em sua própria língua?

Josh está olhando para o chão, e Andrew encara Will, que está com o rosto vermelho e lívido. Ben fica de lado como se estivesse ajudando nesta aula muito pública. Meu estômago embrulha enquanto nos aproximamos do pátio.

— Isso não é uma piada, pessoal. Estas são as almas das quais estamos falando. Almas. *Perdidas* — Will olha para Andrew como se estivesse falando com ele. — Nós. Estamos. Em. Guerra. Com. O. Pecado.

Tenho medo de que Will grite comigo e Kara, mas em vez disso ele se afasta de Josh e Andrew como se fosse nos incluir em sua palestra.

— Não entenderam isso ainda? Vocês são os escolhidos, *escolhidos*, enviados aqui para trazer essas almas perdidas para Jesus. Foi para isso que vocês se inscreveram, e se não quiserem levar isso a sério, então todos podem pegar o avião de volta e ir para casa.

Will faz um som de nojo e joga uma enxurrada de cartas em Andrew, em seguida, faz um gesto para que Josh fique ao lado dele. Tento chamar a atenção de Josh, mas ele mantém o olhar no chão. Will se volta para o resto de nós. — Sabe, esta é uma boa oportunidade para uma aula. Quero que todos vocês ouçam e entendam isso — ele coloca o braço em volta do ombro de Josh. — Josh e Andrew se separaram, e Andrew não entregou um único cartão, mas Josh não soube até que eles voltaram para cá. Então, alguém por favor me diga. Quem é o culpado aqui?

Todo mundo está em silêncio. Andrew se abaixa e começa a pegar suas cartas.

— O PD — Ben finalmente diz. Seu tom é autoritário, como se estivesse ajudando Will, em vez de só responder à sua pergunta.

— Isso mesmo, Ben. Uma falha em controlar seu discípulo é uma falha para o Reino. Mas Josh é novo nisso, então vou dar a ele a chance de fazer algo que agrade a Deus para compensar esse fracasso. Amém?

— Amém — todos nós dizemos isso.

— Agora quero que todos vocês entrem para seus PBs para conversar sobre isso. Nós. Devemos. Melhorar. Vão!

Kara me deu um olhar de "avisei" e corremos para o nosso quarto.

— O que foi aquilo? — eu pergunto. Eu não consigo esquecer a expressão de vergonha no rosto de Josh.

— Simples. Eles não deram todas as cartas — Kara alimenta Dolce com uma sacola de comida de gato que de alguma forma apareceu em nosso quarto enquanto estávamos fora. Posso ouvir Dolce ronronando e mastigando a comida em êxtase.

— Mas não é culpa deles —, eu argumento. — É mais difícil do que parece para alguns de nós. E nem sabemos o idioma! Ninguém nos deu nenhuma instrução antes de partir, a não ser gastar o mínimo de dinheiro possível para realmente chegar aqui — minha voz enche nosso quarto e de repente percebo o quão chateada pareço, o quão chateada estou.

— Por que você acha que eu não fiz você distribuir cartões? — Kara está olhando para mim, com as sobrancelhas levantadas. — Quer um conselho? Fica fora disso.

Estou confusa e grata ao mesmo tempo. Meus olhos se enchem de lágrimas. Eu os seco com minha camiseta.

Kara inclina a cabeça como se ela não tivesse certeza do que fazer comigo. — Olha. No que me diz respeito, esta missão é cada um por si. E, agora, você e eu estamos bem.

Respiro pelo nariz e inclino a cabeça para trás. As rachaduras no teto se espalham em todas as direções como correntes elétricas fossilizadas. O quarto parece estagnado e úmido. Quero rastejar para a minha cama e dormir até acordar em casa.

Kara pega sua mochila novamente. — Vamos, Em. Vamos sair daqui. Eu conheço o lugar perfeito.

Fora da Bolsa

No topo da estrada, Kara para sob um arco de tijolos que se abre em um enorme campo de ciprestes. A vista é surpreendente. As colinas abaixo se desenrolam em quadrados retalhados de verdes e marrons divergentes, e vilas alinham as estradas que fazem curvas para baixo em cidades distantes. Eu paro para puxar meu cabelo úmido para trás com a xuxinha no meu pulso. Eu não tinha ideia de que a Itália era tão quente.

— Argh. Quem diria que a Itália seria tão parecida com a Flórida? — Kara diz, como se estivesse lendo minha mente. — Mas já estamos quase lá.

Ela está no fundo do campo, descendo por entre as árvores. Elas se estendem para cima em enormes colunas escuras, como resquícios naturais de uma época antiga. Eu finalmente a alcanço e me sento em frente a ela, sob apenas um bloco de sombra. É um pequeno alívio, mas bem-vindo. Ela abre a mochila e tira uma folha de papel de uma pasta grossa. Ela olha para mim, em silêncio, como se pensando no que dizer a seguir. — Eu sei que este deveria ser o nosso PB, mas eu só quero conversar primeiro —, diz ela, ainda segurando a folha de papel.

Certo. Com Kara, não há como prever o que ela vai dizer ou fazer, então pisco pacientemente e espero pelo melhor.

— Vamos começar contando como você conheceu Josh.

Minha mente volta para a Lista de Pecados que queimei, para as perguntas invasivas que Heather perguntou sobre meu relacionamento anterior. Fico preocupada que esta conversa esteja indo na mesma direção. — Nos conhecemos em Boston. Na faculdade — eu digo, esperando que seja o suficiente.

— Sim, eu sei disso. Mas só estou curiosa sobre o caminho exato que a trouxe até aqui. Você veio por causa de Josh, né?

— Não, não exatamente — eu digo. Kara levanta as sobrancelhas em expectativa. Com um suspiro resignado, desisto e começo do início. Conto a ela sobre a cafeteria e uma sensação de alívio me surpreende. Então, conto a ela sobre o jogo Imagem & Ação. As formas de origami que Josh fez para mim. O dia no rio em que Josh me pediu para ir com ele. Tudo se espalha quando conto a Kara tudo o que aconteceu em Boston, tudo que não pude contar a Heather. Ela escuta, paciente e quieta, sem emoção, só concordando quando eu começo a falar sobre Heather.

— E como você conheceu Heather?

— Ela era amiga de Josh e Andrew.

— Ela era sua única PD?

— Sim. Bem, até um pouco antes de eu partir para a Itália. Fui designada pela irmã do Líder, a esposa de Will, mas nos encontramos apenas algumas vezes antes de eu vir. Mas ela é legal. Ela me deixou deixar minhas coisas na casa deles, então eu não tive que descobrir uma unidade de armazenamento.

Kara arqueia uma sobrancelha. — E ela era PD de Heather também?

— Sim.

Kara desvia o olhar. Ela parece distraída pela árvore ao nosso lado. Ela estende a mão para pegar uma grande baga roxa de um galho, olha para mim e olha de volta para ela enquanto a gira com os dedos, como se estivesse procurando por falhas. Pela primeira vez desde que conheci Kara, ela parece vulnerável enquando me pergunta como Meredith era.

— Ela é bonita, como uma modelo. E pode ser muito legal. É difícil de explicar, mas as pessoas simplesmente são atraídas por ela —, eu digo, sabendo que sou uma dessas pessoas. — Mas parece ter discípulos favoritos, e é dura com os outros.

— Você era uma das favoritas?

— Acho que sim, mas ela nunca disse isso nem nada — de repente, estou autoconsciente. — Ela sempre pegava no pé de Heather para fazer dieta e perder peso. Ela nunca me incomodou com esse tipo de coisa.

Eu procuro no rosto de Kara uma reação. A expressão dela não muda. Ela joga a fruta longe de onde estamos sentadas. Kara fica quieta antes de perguntar

em um tom que diz que é a principal coisa que ela queria saber o tempo todo. — Como ela é com *ele*?

— Com o Líder?

— Não, Emily. O *marido* dela.

Encolho os ombros. — Eu nunca os vi muito juntos fora dos eventos da igreja. Quer dizer, eles ficavam sempre juntos, como na mesma sala, mas sempre conversando com pessoas diferentes ou fazendo coisas diferentes — suor começa a escorrer pela minha testa e costas, a sombra não ajuda mais a combater o calor da tarde. Heather sempre controlava o PB falando e "guiando" (como ela chamava), e então ela me deixava sozinha para terminar minha HS e completar uma Folha de Responsabilidade. Sempre foi muito ordeira e profissional. Não está fora do assunto como este. — Estou confusa. Este não deveria ser nosso tempo de PB? — eu pergunto.

— Fica pra depois. Você sabe por que ela não veio para a Itália?

— Ela disse que eles estão se preparando para se mudar para a Califórnia.

— Você quer dizer Flórida —, ela diz.

Eu limpo minha testa. — Não. Ela me disse que eles estão indo para Los Angeles. Ela e Rachel ficaram em Boston para fazer as malas e coordenar a mudança.

— Rachel...

— A filha deles — posso ouvir a frustração em minha voz e quase começo a me desculpar porque Kara parece muito chateada.

Seus olhos se movem como se estivessem processando algo. Ela inala profundamente pelo nariz e se levanta enquanto enfia o caderno na mochila. — Escuta, eu tenho que ajudar em algo na vila —, ela diz.

— Ah. Tá bom. Devo ir?

Ela parece distraída. — Não. É apenas para PDs. Fica aqui e termina seus gráficos e HS. É o lugar perfeito para ficar sozinha.

— Espera. Isso contou como...?

— Sim — ela interrompe, me entregando uma folha de papel. Ela desliza o braço pela alça da mochila e desaparece atrás de um cipreste.

Quando eu começo a fazer meu Gráfico de Avaliação de Tempo, noto um novo versículo impresso em uma caligrafia pequena e apertada no final da

página: *Efésios 5: 15-16: Tenham cuidado com a maneira como vocês vivem; que não seja como insensatos, mas como sábios, aproveitando ao máximo cada oportunidade, porque os dias são maus.*

Eu coloco minha testa em minhas mãos. Como devo aproveitar ao máximo meu tempo quando minha PD foge e me abandona no meio de um campo? Por que Kara sempre me deixa confusa e frustrada? Sim, Heather era autoritária. E definitivamente crítica. Até irritante, às vezes, mas eu sempre sabia o que ela estava pensando. Não sei por que fui designada para Kara em primeiro lugar, apenas para morar fora da vila, longe dos outros estagiários. Não ajuda que ainda não consegui falar com Josh, mesmo de passagem. Uma forte brisa sopra pelo campo. Olho em volta. Sou apenas eu e as árvores. Me levanto. Se eu me apressar, talvez consiga alcançar Kara.



Estou no caminho errado. Eu sei. Nunca tive um bom senso de direção e não estava prestando atenção para onde Kara me levava porque não tinha ideia do que ela estava fugindo. Eu deveria voltar. Todos os ciprestes parecem iguais e não me lembro por onde entramos. O medo paira sobre mim, se infiltra em minhas entranhas, mas continuo andando, esperando que a próxima curva revele um caminho familiar.

Passo por um canteiro de papoulas — já passei por elas antes? Eu paro e me viro completamente. Os vinhedos e os bosques de oliveiras retorcidas parecem todos iguais. As estradas estreitas e sinuosas parecem iguais. Até as vilas parecem iguais. Minha dúvida se transforma em medo, enquanto tento ignorar minha persistente sensação de pânico.

Continue caminhando. Você vai acabar em algum lugar. Mas de que adiantaria? Não tenho meu passaporte nem dinheiro.

Enquanto enxugo meus olhos, um gato dispara pela estrada e entra em um caminho estreito, rápido demais para eu dar uma boa olhada. — Dolce —, grito, mas ela continua caminhando como se estivesse em uma missão. Eu sigo sua cauda saltitante por uma fileira de vinhedos. Galhos estalam sob meus pés

enquanto corro para acompanhar. A gata para e esfrega o lado do corpo nas videiras. Sua cauda se curva no ar como um ponto de interrogação, pouco antes de deslizar por outra fileira. Eu fico parada, esperando por um som. O farfalhar das árvores faz cócegas em meus ouvidos. Caminho até o final da fileira, onde vejo grandes degraus de ardósia que levam a uma colina.

Eu subo os degraus. A encosta é íngreme e, no topo, um retângulo azul de água cintila em frente a uma pequena vila. A grama está bem aparada e a piscina limpa, mas a vila parece desocupada. A gata está coçando as costas contra o concreto ao redor da piscina brilhante. Suas patas apontam para o céu, e vejo que uma delas é laranja. *Com certeza não é Dolce.*

Pela primeira vez em dias, eu rio incontrolavelmente. Me sinto exultante, desequilibrada e desconectada de tudo que conheci. Sento ao lado da gata e tiro os sapatos. Correndo para a borda, coloco meus pés na água fria. De repente, ficar sozinha parece bom. Me inclino para trás, meus pés ainda na água, e absorvo o calor do sol.

Aperto meus olhos contra o céu brilhante. Nuvens volumosas flutuam lentamente acima. Eu imagino como seria se eu não estivesse aqui para nossa missão, se eu fosse apenas uma estudante no exterior, livre para vagar e viajar. Sem convites ou adesivos para distribuir, sem estranhos para abordar. Sem pressão. *Eu poderia deixar essas pessoas. Eu poderia fazer Josh vir comigo.*

Uma porta de metal se abre de repente. Puxo meus pés para fora da água assim que um homem de cabelos grisalhos emerge de um pequeno galpão ao lado da piscina. Seus olhos disparam em minha direção assim que ele começa a resmungar em italiano rápido.

— Desculpa —, eu digo enquanto tento colocar meus sapatos.

Ele continua falando em italiano como se esperasse que eu entendesse. Ele não parece zangado, apenas confuso.

Eu olho para a gata rolando no concreto. — A gata? Eu pensei que era...

Ele inclina a cabeça para o lado. — Califórnia, sim? — ele me pergunta lentamente.

Não tenho certeza do que dizer, eu sorrio e balanço a cabeça em negativa. Eu instintivamente corro para os degraus. Quando chego ao final, faço uma pausa,

surpresa por não ouvir nenhum protesto do homem. Ele está assobiando enquanto continua seu trabalho.

Volto para a estrada sem saber para onde ir, mas desta vez estou calma e em paz, como se o absurdo da situação fosse de alguma forma espontaneamente se consertar. Naquele exato momento, olho para baixo da colina e vejo uma cruz gigante contra o céu. À medida que me aproximo, vejo Andrew segurando a cruz em pé enquanto Josh cava um buraco fundo. Um pouco além da cruz, vejo nossa vila. O alívio é avassalador. Continuo andando até chegar a eles. Eu sorrio.

— Oi — eu digo.

Josh parece surpreso em me ver. Ele está suado e sem fôlego. — O que você acha? — ele pergunta.

— Eu acho que você me salvou — eu digo.

Os olhos de Andrew se arregalam, mas Josh está sorrindo como costumava fazer em Boston.

— Não. Quer dizer, eu estava perdida. Literalmente. Kara me levou a um campo para o nosso PB, e então ela teve que ir embora e não consegui encontrar meu caminho de volta.

— Eu a vi entrando no escritório mais cedo —, disse Andrew. Ele congela como se estivesse se controlando, sem saber se deveria ter dito aquilo antes de pensar a respeito. Ele fica olhando para Josh enquanto tenta equilibrar a cruz, que deve ser pesada.

Eu quero desesperadamente falar com Josh em particular. — Ei — eu digo para Josh. — Você acha que poderíamos... conversar?

Ele olha para mim e se vira para ajudar Andrew. — Estou um pouco ocupado agora.

Eu exalo minha frustração. Mesmo que talvez ele ainda esteja chateado com Andrew, por que ele não aproveitaria a primeira oportunidade que tivemos em três dias para conversar um a um? Minhas bochechas ficam vermelhas quando me viro para sair. Os sons ásperos de escavação continuam enquanto caminho em direção à vila para encontrar Kara. Se Andrew acabou de vê-la, então ela provavelmente ainda está lá.

A porta do escritório está fechada, mas posso ouvir a voz abafada de Kara falando com Will. Eu começo a bater, então paro. As vozes parecem tensas. Ouço

Kara dizer: — Você prometeu — sua voz é suave, mas com raiva.

— Deus tem um plano para mim — ele responde. Sua voz é calma e distante, como se esperasse pacientemente que ela terminasse de ter um ataque para que ele pudesse ficar sozinho em paz.

— Na Califórnia?

— Pare de fazer perguntas sobre minha esposa, Kara. Eu sabia que não devia confiar em você como uma PD.

Kara fala em um tom mais baixo. — É mesmo? Quais foram suas outras opções? Ter Shannon como a minha e me perguntar sobre todos os meus pecados para que ela pudesse contar a sua família em Boston?

Há um longo silêncio. Eu prendo minha respiração.

Kara fala tão baixinho que quase não consigo ouvir o que ela diz a seguir: — Toda a minha existência é um pecado e você sabe disso.

Ouço um movimento na sala e me afasto, minha mente correndo mais rápido do que meus pés enquanto corro de volta para a segurança do nosso prédio.

Eu desacelero meu ritmo quando viro a esquina para a nossa entrada privada. Conforme me aproximo, vejo que nossa porta está rachada. Kara a trancou quando saímos; lembro dela lutando para colocar a chave certa da primeira vez. Ou talvez tenha sido ontem? O tempo já começou a se confundir aqui.

— Olá? — empurro a porta do quarto escuro.

Quieto.

As venezianas estão bem fechadas. Meus olhos demoram um pouco para se ajustar à escuridão. Uma onda de exaustão me deixa tonta. Começo a rastejar para o beliche de baixo para descansar, nem mesmo me preocupando em fechar a porta. Eu faço uma pausa. Há algo aos pés da minha cama — uma fronha de pano volumosa fechada com um barbante marrom, amarrada em um pequeno pedaço de papel dobrado. Puxo o barbante, abro o bilhete e o seguro contra a luz da porta.

CONFIE EM MIM está escrito em letras maiúsculas.

A fronha se move. Eu congelo quando percebo que algo está dentro dele.

Meu primeiro pensamento é Dolce. Então eu ouço seu assobio alto do beliche de cima seguido por um rosnado gutural. Olho de volta para a fronha para vê-la deslizando para a beira da cama, se movendo por vontade própria. *Isto*

é ridículo. Estendo a mão para pegar a bolsa para parar com essa bobagem, assim que ela tomba e cai ao lado do meu pé com um baque significativo, o barbante que a segura se solta.

Antes que eu possa reagir, uma enorme cobra preta desliza para fora da bolsa, lentamente se curvando para o lado. É um daqueles momentos em que alguém poderia imaginar que você gritaria, mas o verdadeiro terror é uma coisa engraçada, e às vezes deixa você incapaz de se mover, como se pesasse quatro mil quilos que nem mesmo lhe permitem respirar. Fico lá e vejo a cobra deslizar para o canto do quarto em um movimento fluido horripilante, como se estivesse tentando encontrar uma saída. Ela levanta a cabeça para testar o ar, então rasteja pela luz do sol em direção à porta.



Eu não tenho ideia de quanto tempo estou sentada em cima do beliche de Kara, meus joelhos sob o meu queixo, todos os seus lençóis e travesseiros espalhados pela sala, quando ela finalmente entra.

Depois de um olhar, ela corre até mim. — O que foi?

Ainda estou segurando o bilhete que diz *Confie em mim.* Eu empurro para ela, minha mão tremendo com violência. Os olhos de Kara cerram para a mensagem. Ela devolve para mim, mas eu o deixo cair em sua cama. Minha respiração fica superficial e começo a respirar fundo. O quarto parece ondulado enquanto minha visão se estreita em um túnel escuro.

— Ah meu Deus. Sério, Emily. O que aconteceu? — Kara tenta me fazer descer, mas dou um tapa em sua mão, com muito medo de ficar no chão.

— Uma cobra —, eu digo.

Kara exala. — O que? Emily. Você tem que se acalmar.

— Tinha. Uma. Cobra. Na. Minha. *Cama*. E você quer que eu *me acalme*? — minha voz trêmula está além do meu controle. Empurro seu braço novamente quando ela tenta me guiar para baixo.

— Não estou vendo nada — percebo que Kara está olhando ao redor do quarto. Ela pega os lençóis e os sacode. — Tem certeza? — ela me pergunta.

— Ela saiu pela porta — eu digo. Eu me enrolo de lado tentando respirar. *Só respire*.

Ela olha para mim com preocupação enquanto dobra os lençóis. Ela os coloca em uma pilha organizada em cima de nossa cômoda. Ela se ajoelha no chão e olha embaixo da cama. Prendo minha respiração até que ela apareça novamente. — Está bem. Honestamente, Emily. Você pode relaxar. Não tem cobra aqui, juro. Tem nada aqui além de nós.

— Kara. Tinha uma cobra. Em uma bolsa. Com uma mensagem.

Kara fica quieta, pensativa. — Não foi para você —, ela finalmente diz.

— O que você quer dizer?

Kara rasteja até a cama e se senta de pernas cruzadas aos meus pés. Ela coloca a cabeça entre as mãos por alguns segundos. Então ela olha para mim, seus olhos diretos e honestos. — Foi para mim.

— Eu não entendo — eu digo. As palavras estão distantes, como se não fossem minhas. Não sei dizer qual caminho é para cima ou para baixo. Tudo o que aconteceu se instala em cima do meu peito e de repente não consigo respirar.

— Uau — ouço Kara dizer. Eu salto para frente com o desejo irresistível de correr, mas Kara me impede e me guia para deitar. As palavras "eu preciso sair" se repetem em um loop constante em minha mente. Sinto meu peito arfando. Na verdade, dói e a sensação me assusta. Minha mente gira como se alguém tivesse girado muito forte. Não consigo formar um pensamento coerente. Assim que o giro começa a desacelerar, uma compreensão terrível floresce dentro de mim: *eu vou morrer.*

Eu rolo para balançar para frente e para trás.

Kara balança meus ombros. — Você vai hiperventilar se não me ouvir —, diz ela. Até mesmo seu longo cabelo preto parece ameaçador enquanto ela desdobra as pernas e se inclina sobre mim.

Eu vou morrer. Você não entende. Eu vou morrer.

Lágrimas escorrem pelo meu rosto, acumulando em meus ouvidos, mas me sinto completamente separada do meu corpo.

Ouço Kara pular e correr pela sala. Ela sacode um saco de papel da gaveta, sobe na minha cama para me alcançar e o coloca na minha boca. — Aqui, respire isso. Devagar.

Eu me concentro em respirar. *Um, dois, para dentro. Um, dois, para fora.* Uma sensação persistente de pânico desliza de volta em meus pensamentos, ameaçando prender minha respiração e nunca mais devolvê-la. *Um, dois... ah meu Deus, eu vou morrer porque não consigo respirar.*

Meus olhos se enchem de lágrimas novamente enquanto o terror se recusa a ir embora. Tento mover meu braço. Parece que já está flutuando para cima, mas quando eu olho para baixo, ele está plantado no meu cobertor. Minhas vias aéreas estão contraídas. Eu suspiro por ar.

Kara remexe em uma de suas bolsas e pega duas pílulas azuis. Ela as mostra para mim na palma da mão. — Emily, você tem que me ouvir. Você tem que abrir a boca e engolir isso. Elas ajudarão a tornar mais fácil respirar.

Estou com muito medo até de falar. Seus dedos as empurram entre meus lábios. Ela abriu a tampa de uma garrafa d'água. As pílulas já estão se expandindo em minha boca, a enchendo com um gosto ácido pútrido.

— Beba —, diz ela, inclinando a garrafa na minha boca. Tomo um gole, surpresa que meu corpo está me permitindo engolir qualquer coisa. — Você está tendo um ataque de pânico, mas vai ficar bem. São Xanax.

O mundo fica mais lento enquanto tento relaxar. Como pude perder o controle de mim mesma tão de repente?

— Por que alguém deixaria uma *cobra* para você?

Ela faz uma pausa. — Tenho certeza que foi só uma piada.

— Uma piada? Quem acharia isso engraçado? — estou com medo de novo. Tento me concentrar nas rachaduras no teto. Eu as sigo para cada ponta.

— Prometo que não é grande coisa, Emily. Como uma piada interna. Não se preocupe.

Meu corpo começa a relaxar em câmera lenta.

— *Desculpa* por ter assustado você. Desculpa mesmo —, diz ela.

Sorrio para mostrar a ela que vou ficar bem, embora meus pensamentos estejam me dizendo o contrário.

Ela sorri de volta, mas há uma preocupação distante em seus olhos. Ela vai até a cômoda, pega lençóis novos e os leva para o beliche de baixo. — Não se preocupa. Você pode dormir aí se quiser — ela arruma a cama de baixo. — Pense em algo bom.

— Encontrei uma piscina hoje — eu digo. Não tenho ideia de por que isso surgiu em meus pensamentos. Lembro da sensação da água em meus pés. Como as nuvens se moviam lentamente pelo céu, como se tentassem me mostrar algo importante. E percebo que foi algo bom. Estou mais calma agora, meus pensamentos confusos e vagos.

— Isso é *ótimo* —, diz Kara, jogando o cobertor sobre a cama. Ela aperta meu braço. — Você pode me levar lá. Né?

Esta é a última coisa que me lembro dela dizer.

Uma Alma Salva

Nosso primeiro grande estudo bíblico foi um fracasso total.

Estranhos com os adesivos aparecem. Nós sorrimos. Eles sorriem de volta. O convidado de Kara a olha como um pedaço de carne, mas vai embora assim que percebe que não terá a chance de ficar sozinho com ela. Ela fica amuada em um canto na maior parte do tempo — ela está quieta e distante desde a nossa conversa durante meu ataque de pânico ontem. Nós cantamos. Alguns participam. Nós oramos. Eles escutam. Estudamos com eles e depois vão indo embora um por um. *Dizem* que vão voltar, mas todos nós sabemos, mesmo com o sol submergindo nas colinas da Toscana e nos banhando com uma luz dourada que deveria nos encher de esperança, que a chance de algum deles voltar é improvável.

Will sai pisando duro para seu escritório com Ben, enquanto o resto de nós nos dispersamos em silêncio. Eu sinto a dúvida e a decepção — elas já estão infectando o grupo. *E se a missão falhar?* Fico com muito medo de perguntar isso em voz alta enquanto Kara e eu caminhamos em direção ao nosso prédio. Eu vejo duas figuras se mexendo na vinha.

— Olha — eu digo, cutucando Kara.

Todd e a garota que ele convidou estão envolvidos em uma conversa particular.

— Olha só. E Todd salva o dia —, diz Kara. — Ou noite — ela boceja.

— Por que você não falou com aquele cara que você convidou? — pergunto a Kara..

— Para o quê?

— Talvez ele voltasse.

— Duvido —, diz Kara. — De qualquer forma, o segredo é ficar um passo à frente. Vamos apenas convidar algumas pessoas novas na próxima vez para manter nossos números altos.

Manter nossos números altos? — Achei que a chave era salvar as pessoas —, digo.

Kara me lança um olhar. Desta vez, posso dizer que ela está estudando minha expressão, olhando para ver se estou falando sério.

— Você acha que alguém que apareceu esta noite vai voltar? — eu pergunto.

— Não —, diz Kara. Ela soa como se nem se importasse.

Eu paro na nossa porta, examinando os cantos do nosso quarto.

— Em, para com isso —, diz ela. — Quantas vezes eu tenho que te dizer? Era. Uma. Piada.

— Sim, uma que você nunca me explicou, e ainda não estou rindo.

— Confia em mim —, diz ela, subindo na cama de baixo novamente. — Viu? Você pode ficar com a cama de cima permanentemente. Estou preocupada nesse ponto.

— Estou muito energizada para dormir —, eu digo. — Acho que vou dar um passeio. — olho ao redor do quarto novamente para qualquer sinal de movimento.

— Tanto faz —, diz Kara. Ela puxa os fones de ouvido de baixo do travesseiro e os coloca.

Eu saio na noite e olho ao redor. Todd e sua amiga se foram, então decido caminhar pelo vinhedo. Penso em Josh, me perguntando onde ele está e se ele não está muito "ocupado" agora para conversar, quando vejo uma figura entre as fileiras. Meu coração dispara enquanto tento me concentrar. É um homem, mas muito baixo para ser Josh. Vejo uma luz minúscula perto de sua mão subir até a boca enquanto sinto o cheiro da fumaça do cigarro. Tento contorná-lo, mas ele me ouve e se vira.

— Emily.

Eu paro, não tenho certeza do que fazer.

— Ah, não se preocupa. Sou eu — reconheço a voz de Andrew.

Ando em direção a ele. — Achei que não devíamos fumar. Não é contra as regras do Reino?

— Eh — ele encolhe os ombros. — Quer um? — ele aponta para o bolso.

— Não, obrigada. Mas como você conseguiu isso? Eles te deram dinheiro? — pergunto. Pelo que eu sei, Will ainda tem todos os nossos passaportes e cheques de viagem guardados em seu escritório.

— Shhhh — ele diz. — Eu os roubei da nova namorada de Todd.

Isso me pega de surpresa e rio sem pensar. É tão bom rir.

— *Shhhhhh* — ele diz novamente, rindo através de uma tosse involuntária.

— Ei, sinto muito por ontem —, eu digo.

— Ah, a palestra sobre que decepção eu sou? — ele revira os olhos em um gesto forçado para parecer imperturbável. Ele dá outra tragada e expira. — Digamos que estou muito acostumado com isso depois de todos esses anos. Isso me lembra de estar em casa quando meu pai estava por perto.

Uma onda de simpatia toma conta de meus pensamentos. — Tenho certeza de que seu pai não se sente assim —, eu ofereço. — Pais ocupados como os nossos têm problemas para se comunicar. Ou é o que minha madrasta sempre diz, de qualquer maneira.

— Bem, pelo menos você tem sorte o suficiente para que os seus sejam divorciados —, diz ele. — Os meus são muito presos às aparências para ter uma chance de felicidade com outras pessoas.

Ele obviamente não sabe sobre minha mãe, e eu não me incomodo em contar a ele.

— Tenho certeza de que os dois estão muito orgulhosos de você. MIT é algo grande — eu digo.

— Não —, diz ele com indiferença. — Tente novamente.

Permanecemos em um silêncio constrangedor.

— *Isso* deveria me consertar.

Fico olhando para ele em confusão. — Isso?

— O Reino. Pode consertar qualquer pessoa. Para qualquer coisa. Mesmo se você já tentou de tudo. Qualquer alma pode ser salva se você seguir o caminho certo. Eles não te contaram? — seu tom sarcástico está me deixando desconfortável.

— Então. *Você* sabe o que estamos fazendo? — ele pergunta.

— O que quer dizer?

— O que todos nós *estamos fazendo*. Aqui. Lá. Todos nós estagiários. Espalhados pelo mundo.

Fico olhando para o chão. Eu estaria mentindo se dissesse que não tenho me perguntado a mesma coisa desde que chegamos.

Ele dá uma tragada, inclina a cabeça para trás e expira no ar. — Você já esteve na casa do Líder?

Eu penso sobre isso e percebo, só vi o Líder no palco, pregando. — Não. Você já?

— Sei onde ele mora. E nenhuma casa é de menos de um milhão em seu bairro.

Eu franzo minha sobrancelha. — O que está dizendo, Andrew?

— Estou dizendo que todo o dízimo obrigatório, aqueles arrecadadores de fundos para missões mundiais extras, eles obviamente não estão pagando por nossa missão nesta vila em ruínas, com comida apenas o suficiente para sobreviver. O motivo pelo qual não pude distribuir todas as minhas cartas foi porque estava com muito enjôo de fome. Josh e eu pensamos que Will iria entender, mas...

Pare. Pare. Pare. Pare. Fecho meus olhos e penso em Heather orando comigo. Da minha mãe no céu. De como o Reino me encontrou quando eu estava perdida. Mas meu coração dói só de pensar na minha família e amigos curtindo o verão sem mim em casa. Imaginei essa viagem como uma aventura, Josh e eu finalmente juntos. A confusão me consome enquanto novos medos rastejam.

— Meus pais tentaram me convencer a não vir aqui, sabe — continua Andrew. — Eles me mostraram artigos no *Boston Globe* sobre nossa igreja, mas Ben disse que esses artigos são "pornografia espiritual" — ele ri. — Pode acreditar que esse é o termo para artigos sobre nossa igreja? Que irônico.

— Eu não tenho ideia do que você está falando — eu estalo, desconfortável. Quando começo a sair, vejo de relance sua expressão e paro. Ele parece que está prestes a chorar.

Ele dá outra tragada e solta a fumaça em uma longa expiração. — No final das contas, meus pais deixaram isso comigo. Disseram que é hora de eu tomar minhas próprias decisões, incluindo meus próprios erros. Eles não quiseram me

dar dinheiro, então tive que trabalhar em três empregos diferentes até o dia em que saí, apenas para cumprir o dízimo o mínimo necessário.

— Por que você veio, então? — pergunto.

Andrew olha para o chão enquanto um silêncio desconfortável permanece entre nós. — O engraçado é que entrei nessa missão por *eles*. Will prometeu que me tornaria uma pessoa mais forte, o tipo de filho que meus pais poderiam... — sua voz falha antes de sumir. Ele encara a distância.

— Ei — eu digo suavemente. Eu quero tanto fazer ele se sentir melhor, ajudar ele a ver que estamos fazendo algo importante. — Tenho certeza de que se seus pais entendessem o quão importante é isso, eles ficariam *muito* impressionados. Fomos escolhidos. Estamos aqui por uma razão, temos que estar — não sei dizer se estou tentando convencer ele ou a mim mesma, especialmente porque não tive coragem de contar a meu próprio pai alguns detalhes sobre esta missão. É como se eu pudesse convencer Andrew de que isso amenizaria meu próprio medo de que tudo isso pudesse desmoronar, de que talvez já esteja desmoronando.

Andrew aperta suavemente meu braço com a mão. Seus olhos estão inchados e vermelhos. — Continue acreditando, Em. Faça o que tem que fazer — ele se afasta e olha nos meus olhos com sincero carinho. — Apenas não se perca no processo.

— Todos entrem *agora*! Estamos tendo uma reunião de emergência! — a voz de Ben ecoa pela propriedade.

— Parece que estamos sendo convocados — disse Andrew. Ele dá uma última tragada no cigarro, o esmaga com o pé. Ele estende o braço para mim com um sorriso triste. — Vamos?

Eu enlaço meu braço no dele, e caminhamos de volta para a vila em silêncio. Quando chegamos, todos já estão reunidos em semicírculo na sala de jantar. Will caminha na frente da sala. Ben fica de lado, os braços cruzados e postura ereta. Ele corta os olhos para nós. — Se sentem —, ele sibila.

Eu pulo um pouco com a nitidez em sua voz. Me apresso para pegar meu lugar ao lado de Kara, e Andrew pega o seu ao lado de Josh.

Depois de um momento, Will para de andar para nos encarar. Ele está mais pálido do que o normal e suando, mas a raiva em seus olhos compensa sua aparência irregular. — África? *Milhares.* Índia? *Milhares* — ele volta a se mover

com uma qualidade quase selvagem. — Chegaram a mil só em Londres! Acabei de falar com os anciãos de Boston, e sabem o que eles me disseram? — ele se inclina diretamente no rosto de Andrew. — Nossos números *não... parecem... bons*.

Inclino minha cabeça para não chamar atenção para mim. Percebo Andrew olhando para a parede em silêncio. Suas mãos estão tremendo.

Meu coração bate forte enquanto Will se afasta para se dirigir a todos. Seu tom muda para uma súplica e, por um momento, ele parece à beira das lágrimas. — Onde está o nosso foco? Estamos desinteressados? Esquecemos nossa missão? Permitimos o pecado em nossas vidas? Precisamos orar e jejuar?

Ninguém se move ou fala.

— Olha. Eu poderia ficar aqui o dia todo e ralhar com vocês, mas seria uma perda de tempo — Will levanta os braços e todos nós nos levantamos. Shannon começa a balançar os braços para o alto, assim como alguns alunos de Boston fariam na igreja. Lily faz o mesmo timidamente. Kara e eu ficamos paradas e quietas como os outros.

Will continua andando, bem como o Líder nos serviços do Boston Garden. — Precisamos estar recrutando, amém?

Gritamos: — *Amém!*

— Mostrando o caminho, o único caminho, para a salvação no Reino de Deus.

— *Amém.*

— Batizando irmãos e irmãs.

— *Amém.*

— *Não podemos perder o nosso foco. Nem mesmo por um único minuto.*

— *Amém.*

— *Estamos aqui para multiplicar membros.*

— *Amém.*

— *Para aumentar os números.*

— *Amém.*

— *Digam por que estamos aqui — grita Will.*

— *Para salvar almas — dizemos.*

— *Por que estamos aqui?*

Desta vez, praticamente gritamos: — PARA SALVAR ALMAS! — eu mal reconheço minha voz quando digo isso.

Uma Pessoa

Batizamos Eva Jane Johnston em nossa banheira.

Nós nos aglomeramos de mãos dadas enquanto ela cai em uma posição reclinada, seus shorts jeans e camiseta DKNY escurecendo na água. Estar amontoados naquele banheiro minúsculo nos lembra que somos uma família unida, e converter alguém como Eva nos faz sentir importantes. Will está beatífico, seu entusiasmo é contagiante, e todos nós estamos sorrindo mais agora do que em toda a semana que passamos aqui.

Josh se espreme entre mim e Kara para a cerimônia. Sua mão quente se fecha em torno da minha. Não tivemos um único momento a sós, mas enquanto estou aqui segurando sua mão, posso dizer que ainda estamos conectados como se estivéssemos em Boston. Nossas orações ecoam no azulejo do pequeno banheiro, nossas vozes intensas e etéreas, como sons em uma catedral fechada.

Will submerge o braço sob os ombros de Eva. Seus longos cabelos loiros se espalham enquanto ela mergulha na água. A banheira é muito curta para as pernas de Eva, então seus joelhos ossudos ficam para fora da água de maneira estranha. Will fecha o nariz dela e submerge a cabeça, em seguida, empurra os joelhos para o lado para se certificar de que ela está completamente embaixo d'água e, naquele momento, Eva se torna o membro mais importante da nossa família na Itália.

Ela vem à superfície com um suspiro dramático e um chiado. Nós aplaudimos. Nós nos abraçamos. Cantamos louvores. Eva se levanta e a água escorre de seu corpo. Ela abraça cada um de nós, deixando uma marca úmida na frente de nossas roupas e poças d'água no chão. Ela joga os braços em volta de Will e o beija na bochecha. — Estou muito orgulhosa de fazer parte disso —, diz

ela, radiante, olhando ao redor do banheiro para cada um de nós. Temos que nos firmar e nos agarrar um ao outro para não escorregar e cair no caminho para fora.

Eva é designada a Shannon para um discipulado intenso. Ela segue Shannon como um cachorrinho hiperativo, constantemente perguntando a ela o que fazer, o que ela pensa, o que ela quer. — Como faço para lidar com isso? — é sua pergunta de sempre. Algo em sua dinâmica me faz sentir pena de Eva.

Will decidiu que ela pode continuar trabalhando como modelo, desde que continue no caminho certo com seus PBs e HSs e contribua com sua parte na missão. Pelo que posso ver, Eva não parece ter nenhum interesse em dinheiro, ou mesmo um conceito de seu poder; ela está tão ansiosa por aprovação que provavelmente teria bebido aquela banheira inteira de água do banho apenas para permanecer nas boas graças do Reino.

Shannon está muito feliz por ter duas discípulas, mas está claro que Lily está sendo desprezada. Shannon e Eva começam a jejuar juntas. — Para melhorar as chances de nossa missão —, dizem elas, os braços em volta dos ombros uma da outra. Quase não se passou uma semana desde o batismo de Eva, quando vou tomar um banho uma manhã e vejo Shannon remexendo nas roupas de Eva. Eu olho ao redor da sala, mas Eva não está lá.

— O que você está fazendo? — eu pergunto.

— Eva está trabalhando —, ela diz distraidamente, ainda se olhando no espelho. — Ela disse que eu poderia pegar algo emprestado para vestir.

Shannon parece tão diferente parada ali com calças pretas e um suéter largo. Seus traços faciais marcados e cabelo com permanente parecem fora de lugar nas roupas de Eva. A única coisa que elas têm em comum fisicamente é o tamanho das roupas. Shannon tem jejuado desde o dia em que a conheci. Pela primeira vez, sou grata por ter Kara como minha PD.

A abordagem de Kara é tão diferente, ou talvez "sem intervenção" seja a melhor maneira de descrever. Ainda não entendo o que Kara espera de mim. Ela não me ofereceu muita direção espiritual além de deixar claro por sua evasão geral e longos períodos de silêncio que ela prefere ser deixada sozinha. Mesmo à noite, Kara raramente está por perto quando adormeço. Eu aproveito o tempo sozinha para colocar em dia meus HSs, mas nesta noite em particular eu decido dar outro passeio no vinhedo. Algo na Toscana começou a me lembrar de casa: as

estradas sinuosas ladeadas por flores silvestres, a paisagem tranquila, o céu noturno aberto com estrelas.

Quando paro para recuperar o fôlego, o som fraco de vozes vem de além de uma fileira de vinhedos. Lily está falando. Quando chego mais perto, ouço Andrew. Em uma pequena clareira além de um pedaço de ramos de oliveira retorcidos, posso ver os dois sentados em um cobertor. Eles parecem alegres e à vontade, então sigo as vozes.

— Oi —, digo sem jeito, com medo de estar me intrometendo no tempo deles juntos.

Lily engasga. — Ah! Emily, você me assustou! — ela ri nervosamente.

Andrew se levanta. No início, ele parece com medo. — O que você está fazendo aqui? Você está nos seguindo?

— O que? Não. Só estou dando uma volta — eu aponto para meu short de ginástica. — O que vocês estão fazendo? Onde está Shannon? — eu pergunto a Lily. É uma pergunta inocente, mas posso ver por que eles não pensam assim no início. Devemos ficar perto de nossos discípulos, e eu nunca as vi separadas. Além disso não devemos ficar sozinhos com o sexo oposto, uma regra estrita do Reino. Percebi por que Andrew está na defensiva, mas estive com ele por um tempo na outra noite, e ele não pareceu perturbado.

— Provavelmente com Ev-ah —, diz ela, dando ênfase ao som "ah", como se estivesse dando a ele um sotaque esnobe de algum lugar que não seja uma pequena cidade no Texas, onde Eva cresceu. Lily me lança um olhar desafiador. — Onde está Kara?

— Dormindo —, minto. Não acho que Lily esteja tentando ser agressiva, mas às vezes é difícil dizer em nossas circunstâncias estritas. A verdade é que nunca sei onde Kara está. Eu sei que ela quase nunca está em nosso quarto ou comigo quando deveríamos estar recrutando juntas.

— Lily e eu estávamos conversando sobre família —, diz Andrew. Ele olha para Lily como se dissesse que sabe que estou bem com tudo isso.

— Ah. Você quer dizer nossa nova adição? Bem, eu não acho que Eva está tendo dificuldade em se ajustar — eu digo.

— Não, Em. Em *casa* — Andrew parece irritado por eu não entender. Fico até um pouco envergonhada porque minha família real não foi meu primeiro

pensamento.

— Estou com saudades do meu irmão —, explica Lily. — Tenho tido sonhos estranhos ultimamente e quero muito falar com ele. Nunca ficamos mais de uma semana sem conversar.

— Então liga para ele —, digo com indiferença, mas de repente percebo que já se passaram quase duas semanas e ainda não liguei para casa ainda, em parte porque não tive a oportunidade, em parte porque estou com medo de que papai pergunte demais e eu dizer a coisa errada. Espero que a carta seja o suficiente.

Então Lily começa a chorar. Ela parece tão pequena e vulnerável sentada no chão, seus longos cabelos escuros caindo sobre o rosto. — *Não posso* ligar para ele.

— Shannon não deixa —, diz Andrew.

— Por que? — pergunto.

— Podemos fazer perguntas como essa? — Andrew pergunta sarcasticamente. Ele se levanta e lança um olhar furioso para mim. — O que Kara permite que você faça, Emily? — ele desafia.

— Quase tudo.

— Sorte sua — ele se encaixa.

— Ei. Eu não pedi para ter Kara. Sinceramente, nem mesmo sei o que devo fazer na metade do tempo.

— Se você foi abençoada com esse luxo, por que não cala a boca e aprecia isso. Eu mataria por essa oportunidade —, diz ele. E, sem nem mesmo um gesto educado de despedida, ele caminha de volta para a vila. Eu não posso dizer se ele está bravo comigo ou só com toda a situação.

— Por favor, *por favor*, não conte a Shannon sobre isso —, Lily diz para mim, seus braços estão em volta de si mesma, como se ela estivesse com medo. Eu me sento ao lado dela. Ela fica muito parada e quieta.

— Emily — ela diz. Ela levanta a cabeça para olhar para mim, seus olhos cheios de dor. — Sinto falta da minha família. Quero ter certeza de que eles estão bem — ela faz uma pausa. — Eu quero ir para casa —, ela sussurra.

— Ah, Lily. Tenho certeza que você se sentirá melhor se puder apenas ligar para eles. Vou te ajudar. Vamos descobrir.

Lily joga os braços em volta de mim em um abraço violento e se afasta. Seus olhos estão selvagens. — Você é tão legal. Você realmente faria isso por mim?

— Claro — eu digo.



Na manhã seguinte, pergunto a Kara se posso recrutar com Lily.

— Claro — diz ela sem hesitação.

Eu estudo seu humor.

Kara arregala os olhos com impaciência. — Sério, Em. Está bem. Preciso cuidar de algumas coisas por aqui de qualquer maneira — diz ela.

— Tá. Mas você pode convencer *Shannon* a me deixar recrutar com Lily sozinha? — nós duas sabemos que esse é o verdadeiro obstáculo, mas dizer em voz alta soa como um pedido estranho.

Por um segundo, Kara parece intrigada, como se ela fosse fazer perguntas, mas sua expressão muda rapidamente. — Com uma condição.

— Sim — eu digo. — Qualquer coisa.

— *Se* você me levar para aquela piscina que você encontrou — diz ela..

— Combinado — eu digo. — Espera. Você acha mesmo que pode convencer Shannon sem que ela suspeite de nada?

Kara me lança um olhar que diz que sou uma idiota só por perguntar.

Assim que chegamos à cidade, Lily encontra um telefone público e insere um cartão laranja.

— Onde você conseguiu isso? — pergunto.

— Andrew — ela dá um sorriso largo enquanto disca uma sucessão de números.

— Qual era o problema dele na outra noite? — eu pergunto.

— Ah. Não sei. Ele fica irritado com tudo. Will está bem chateado com ele — Lily se vira para o telefone público e começa a falar um espanhol apressado. Tento ler seu tom e expressões. Seus olhos se arregalam e vidram em lágrimas quando ela diz o nome do irmão. E então uma palavra que entendo: *Não, não, não, não, não.*

Ela desliga o telefone e cambaleia, seu peito arfando a cada respiração.

— Lily? Você está bem?

Ela me olha quase como se não soubesse quem eu sou e então começa a correr. Eu vou atrás dela. — Lily! — eu grito, mas ela continua correndo pela rua estreita e sinuosa. Eu mal consigo acompanhar. Ela está gritando como se estivesse com dor física. Eu corro mais rápido até quase cair sobre o corpo dela contra um prédio. Ela está chorando violentamente.

— Lily. Ei. Está tudo bem. É a Em. Me diz o que aconteceu — acaricio suas costas suavemente, então me sento ao lado e coloco meu braço em volta dela. — Está tudo bem. Está tudo bem — eu digo. Ela olha para mim, as lágrimas ainda rolando pelo rosto. — *Alguien ayúdeme* —, ela sussurra. Ela começa a se balançar, entoando como uma oração.

— Está tudo bem, Lily. Vamos voltar para a vila e pedir ajuda. Precisamos descobrir o que fazer.

Ela agarra meu braço e começa a gemer. Ela volta a resmungar em espanhol.

— Lily. Você pode me contar o que aconteceu? Eu quero te ajudar.

Então ela grita de novo, desta vez tão alto que eu não sei o que fazer. Alguns italianos colocam a cabeça para fora das lojas próximas. Um idoso italiano de avental branco se aproxima de nós. Lily agarra o braço dele. Ela parece estar implorando a ele.

— *Alguien ayúdeme!*

Vários espectadores se viram para me encarar ali. O velho me olha com cautela e me pergunto se ele acha que eu a magoei.

Eu cuidadosamente coloquei minha mão em seu ombro. — Lily. Está tudo bem. Está tudo bem. Deixa eu te ajudar.

Lily se vira para mim, seus olhos vidrados com uma tristeza distante. Ela encosta a cabeça no meu ombro. O homem de avental acena com a cabeça e se afasta, olhando para trás com preocupação enquanto resmunga algo em italiano. Lily fala baixinho, como se estivesse dizendo algo a si mesma. — Marc sofreu um acidente. Ele está no hospital. Eu não sei... — sua voz some. Ela segura meu braço, como se para me apoiar.

— Vai ficar tudo bem —, eu digo. — Nós vamos conseguir um voo para casa. Todos nós podemos orar por ele. Vai ficar tudo bem — tento tornar minha voz

suave e confiante como a de Kara.

Vamos direto para a vila procurar Shannon, que está estudando com Eva no quarto que todos dividem. Lily começa a chorar incontrolavelmente ao ver Shannon. Eva aparece para confortá-la, mas Shannon faz um gesto para ela recuar.

Shannon se vira para mim, lívida. — O que você fez com ela?

— O irmão dela sofreu um acidente. Isso é tudo que eu consegui descobrir. Ela está histérica.

Shannon parece preocupada por um segundo, e então estreita os olhos para mim. — Espera. Onde ela ouviu isso?

De repente, lembro que não devíamos fazer nenhuma ligação e Shannon disse a ela para não ligar para casa. Eu não digo nada sobre Andrew dar o cartão — ele está em maus lençóis. Lily fica histérica novamente. Shannon esfrega suas costas, olhando para mim o tempo todo. Eva, entediada com a falta de atenção, sai da sala.

— Lembra do que conversamos? — Shannon diz a Lily como se estivesse convencendo uma criança de algo por meio de uma série de perguntas fáceis. — Lembra o que estudamos sobre família? Lucas 14:26?

— Sim — sussurra Lily.

— Lembre-se de sua alma, Lily. Você não quer perder tudo, não é? — Shannon cutuca. Lily olha para o chão, balançando a cabeça enquanto as lágrimas escorrem pelo seu rosto. — Não — sussurra Lily. Shannon a guia para se deitar na cama e a cobre com um cobertor com cuidado.

Shannon se vira e faz um gesto para que eu saia. — Sai — ela dispara.

Eu olho para Lily, que está calma agora. Ela olha para a parede, sua expressão serena, mas lágrimas silenciosas continuam a cair em seu rosto.

Não consigo tirar essa visão da minha cabeça enquanto caminho de volta para o meu quarto.

A Parte Funda

Kara está vasculhando uma caixa cheia de suas fitas de música quando eu entro. Ainda estupefata com o que acabei de testemunhar, tento me convencer de que interpretei mal a interação delas. Kara olha para mim. — Uau — ela diz, seus olhos se arregalando enquanto ela se levanta. — O que aconteceu com você?

Tento ignorar o peso em meu peito — a pressão que torna tão difícil respirar. Se eu pudesse tirar a expressão atordoada de Lily da minha mente. Ela parecia morta, dizendo sim ou não como resposta automática. Minha raiva aumenta como um calor crescente quando penso na maneira como Shannon tratou Lily. Mas em segundos, minha mente começa a racionalizar o comportamento de Shannon — talvez ela estivesse só tentando acalmar Lily, a lembrando de se concentrar em nossa missão. Meus pensamentos são como um cabo de guerra incontrolável.

— Ei —, diz Kara, com a cabeça inclinada de preocupação. — Quer falar sobre?

— Eu... — Aff. Nem sei por onde começar. E se Kara for até lá e agitar Shannon, tornando tudo ainda pior para Lily? — Estou bem — engulo sem jeito.

— Acho que sei algo que vai nos animar — Kara diz.

— E o que é? — eu pergunto, desconfiada de suas possíveis sugestões.

Kara diz com sua voz zombeteira: — A piscina que você encontrou?

Solto uma risada porque posso admitir que não esperava por *isso*. — Você ao menos tem uma roupa de banho? E tinha um homem limpando. Não acha que os proprietários podem se importar? — não estou disposta a uma aventura espontânea com Kara, ainda mais depois do que aconteceu com Lily. O humor

de Kara parece malicioso e, até agora, quebrar as regras não tem funcionado. Ainda assim, nada seria melhor do que ficar longe dos acontecimentos deste dia.

Kara me olha como se eu fosse idiota enquanto fecha a caixa de fitas e a coloca cuidadosamente de volta em seu esconderijo. — Emily. Em primeiro lugar, estamos na Europa. Nem precisa de roupa de banho para ir à praia pública, e você disse que o velho era italiano. Ele provavelmente é o zelador. A maioria dessas vilas são alugadas — ela abre uma caixa de plástico e insere uma fita adesiva em seu walkman. — Podemos ir até lá esta noite assim que escurecer. Ele já terá partido há muito tempo.

— Mas e quanto a Lily? — digo instintivamente.

Kara coloca os fones de ouvido em volta do pescoço com impaciência. — Olha. Parece que você precisa me dizer o que aconteceu hoje.

— Houve um acidente. Algo aconteceu com o irmão da Lily e ela ficou muito chateada na cidade...

Os olhos de Kara se arregalam. — Emily. Como ela soube disso?

Eu congelo. Realmente pensei que estava ajudando Lily, não sabia que seria uma grande coisa se Lily ligasse para casa. — Eu posso ter... a ajudado a ligar para casa.

— *Merda* — murmura Kara. Sua expressão fica séria. — Me fala o que Shannon disse. Palavra por palavra, se puder.

— Shannon ficou muito brava comigo, e então ela disse a Lily para se lembrar de Lucas 14 e alguma coisa. Você sabe o que isso significa?

— Que versículo? — Kara pergunta agitada.

— Não consigo me lembrar. Ela disse algo sobre a família e que não queria que ela perdesse tudo.

Kara inala de raiva. — Faz sentido... — sua voz some enquanto ela balança a cabeça.

— O que? — pergunto a Kara.

Ela faz uma pausa como se estivesse considerando o que me dizer e então sobe em seu beliche sem dizer nada. Após alguns segundos de silêncio, Kara começa a recitar o verso. — "Se alguém vem a mim e não odeia pai e mãe, esposa e filhos, irmãos e irmãs, sim, até mesmo sua própria vida, tal pessoa não pode ser meu discípulo".

— Por que diabos ela diria isso para Lily agora?

— Você realmente não entende como isso funciona, né? Shannon é uma sobrevivente. Seus pais vivem em Boston. Eles são radicais quando se trata de discipulado. As áreas cinzas não existem com eles.

— Isso é... horrível. Minha PD em Boston era bem radical, mas não consigo imaginar ela citando um verso como *esse*.

— Porque você nunca esteve na mesma situação de Lily. Se ela sentisse que você tinha que escolher um lado, você ficaria surpresa com o que ela diria.

Lembro de como não tive permissão para ligar para meu pai naquele primeiro dia. Um buraco no fundo do meu estômago se forma; isso me diz que o que Kara está dizendo é verdade.

— Seus pais estão vivos? — pergunto.

Uma pausa estranha se segue. — Crepúsculo. É quando vamos fugir para a piscina — diz Kara, ignorando minha pergunta. — E não se preocupe com Shannon — ela me tranquiliza. — Eu vou falar com Will. Você não vai ter problemas — ela clica em reproduzir para encerrar a conversa, enviando sons abafados pelos fones de ouvido.



Quando o céu rosa e laranja começa a colorir as colinas, saímos de nossa vila e eu vou na frente até a piscina.

— Se alguém nos vir, dizemos que vamos para o nosso lugar para o PB. Entendeu?

— Entendi — eu digo. Meu estômago está dando cambalhotas. *E se formos pegas?* Depois de ver como Will gritou com Andrew, não quero saber como ele reagiria. E ainda assim eu saí com Kara sem relutar porque ela parecia tão reconfortante, como se ela tivesse controle sobre os outros. Ver como Shannon tratou Lily me deixou grata por ter Kara como minha PD, com espinhos e tudo. Levo a sério as palavras de Andrew em nossa última conversa: *Por que você simplesmente não cala a boca e aprecia isso?*

O ar é fresco e terroso. Nossos passos são quase inaudíveis enquanto subimos a colina. Luzes distantes da cidade cintilam a quilômetros de distância, como se espelhando as estrelas. Antecipação e excitação surgem através de mim. Quem diria que seria tão bom ficar longe por um tempo?

A piscina parece ameaçadora no escuro, muito diferente do que eu me lembrava. As árvores silenciosas parecem nos observar. Eu começo a andar até onde posso ver a vila próxima. O som alto do mergulho de Kara me para no meio de um passo. Suas roupas estão amontoadas perto da parte rasa, mas ela está no meio da piscina. A ouço vir à superfície. — O que está esperando? Vem logo! — ela mergulha de volta na água e nada até a outra extremidade.

Puxo minhas roupas em uma pilha organizada e mergulho na água fria. Eu empurro a escada para trás e olho para as estrelas. Minha pele formiga e deixo escapar um pequeno grito enquanto nado para o outro lado da piscina. A água é fria, mas ao mesmo tempo reconfortante. Me sinto em casa.

Meus pés arranham a parte rasa onde Kara está sentada nos degraus inferiores, a água indo até o pescoço. Eu fico de joelhos na parte rasa, mantendo uma distância respeitosa. Ela parece perdida em pensamentos.

— Ei — diz. — Por quê você está aqui?

— Porque você me fez trazer você? — posso ouvir o sarcasmo brincalhão de volta na minha voz. Aqui na água, tão longe de Will e dos outros, abraço a sensação de liberdade. Estou me sentindo mais como eu mesma desde que cheguei aqui.

— Para! — ela espirra água na minha direção. — Estou falando sério. Por quê você está *aqui*? Na Itália.

— Estou aqui para a missão. Para nos tornarmos melhores do que éramos antes. Para salvar outros.

— Sério. Você cai nessa?

— Não há nada para cair —, digo, agora deixando a frustração escapar. É quase como se Kara quisesse provar que eu estava errada em entrar. — Fui salva e agora estou melhor. Muito melhor.

— Então, toda a coisa de "Lista de Pecados". Você fez uma, né?

Faço uma pausa. Nem gosto de *pensar* sobre as listas de pecados, muito menos discutir sobre em voz alta — *pelada*. Não consigo impedir a pequena

risada que escapa dos meus lábios. É engraçado: em comparação com os "jogos de confiança" e ter alguém deixando uma cobra aleatória na minha cama, sentar nesta piscina pelada com Kara parece normal.

— Não é todo mundo que tem que fazer uma Lista de Pecados? — pergunto. Agora estou curiosa.

— Depende de como você define "todos".

As palavras que ouvi Kara dizer a Will se repetem em minha mente: *Minha existência inteira é um pecado.* Tento reunir coragem para perguntar a ela sobre isso, mas ela interrompe meus pensamentos.

— Então você acredita que seus pecados foram embora, simples assim? — Kara pergunta.

— Eu os assisti queimar. E tudo que sei é que isso me fez sentir livre deles. Como se eu pudesse começar do zero.

— É incrível o quanto algumas pessoas acreditam em uma besteira total — Kara parece amarga, não muito diferente de Andrew na outra noite.

— Kara, para...

— O que? Eu não posso dizer a palavra "besteira" para descrever besteira? Você está pelada na piscina de outra pessoa agora. É um pouco tarde para ficar tensa com as regras, não acha? — ela ri.

Eu balanço na água. — Ei. Fui batizada em uma piscina — digo, tentando mudar a conversa para um clima mais leve.

— Pelada? — Kara brinca. — Aposto que todos amaram isso!

— Não — rio. — Mas você é minha PD e me *disse* para fazer isso. Imitação cem por cento, né? Você é totalmente responsável por mim.

— Boa defesa. Talvez você seja advogada algum dia, afinal.

— O que você quer dizer? — pergunto a ela.

— Que nem seu pai. Né?

A maneira como ela diz isso me deixa inquieta. E há outra coisa. — Eu nunca te disse o que meu pai faz — eu digo.

Ela faz uma pausa, passando as mãos sobre o cabelo molhado. — Em. Se você ainda não percebeu que todos nós somos livros abertos aqui, então Deus a ajude.

Eu nado para longe dela para segurar a borda da piscina. Tento me lembrar do que contei a alguém sobre meu pai. Heather e Josh são as únicas pessoas em

quem consigo pensar, mas acho que nunca disse o que ele faz para viver. Uma sensação inquietante envia uma onda de calafrios por mim. Aperto minha mandíbula para evitar que meus dentes batam.

— Não se preocupa. Seus segredos estão seguros comigo — ela nada para o meio, mais perto de mim.

— Não tenho nenhum segredo —, eu desafio, deslizando de volta para mais fundo na água.

O sorriso presunçoso de Kara é uma vitória por si só. — Todos temos segredos.

Me agarro à escada e tento não tremer. Kara parece gostar de soltar fatos aleatórios e desconcertantes todo dia.

— Nós poderíamos sair, sabe — diz Kara descaradamente sobre o som de seus braços batendo na água.

Meu estômago vira com a sugestão dela. — O que?

— Isso nunca passou pela sua cabeça? — ela volta brincando, se movendo em direção à parte rasa.

— Não — minto. Penso em Josh, e a culpa me atinge. *Não vim aqui apenas por ele.* — Estamos todos aqui por um motivo, Kara — digo, ouvindo minha própria dúvida.

— Ah, vamos lá. Você e eu sabemos que esta missão nunca funcionará. Boston já sabe disso. Acha que até mesmo um punhado de italianos vai abandonar a Igreja Católica e se inscrever em uma missão que requer controle total e completo de suas vidas? O que o Papa diria? O que suas *mães* diriam? Além do mais, não é disso que se trata de qualquer maneira. Tem tudo a ver com Will se fazendo parecer bom para o Líder para que ele possa continuar avançando, e claramente esse plano não está indo muito bem.

— Isso não é verdade. Quer dizer, não acho que é — tento pensar sobre meu tempo com Heather, sobre o que me atraiu primeiro, sobre minha própria mãe.

— Por que você se *inscreveu*? — Kara pergunta, como se pudesse ler meus pensamentos.

— O quê, ainda não sabe? Achei que você tivesse dito que todos nós somos livros abertos — eu atiro de volta. Kara não está se mexendo, no entanto. Ela me

encara, esperando minha resposta. — Eu queria ser salva — então, mais baixinho. — Eu quero ver minha mãe algum dia.

— Ah. Sinto muito — a expressão de Kara se suaviza. — O que aconteceu com ela? Quer dizer, sei que ela...

— Ela se afogou quando eu era pequena — digo isso com naturalidade, pegando o colar em volta do meu pescoço. Meus olhos estão cheios de lágrimas, então me afasto.

— Ei. Sinto muito mesmo. Eu não estava pensando e realmente sinto muito por ter mencionado sua família — diz ela.

— Foi há muito tempo — mergulho na água e nado de volta para a parte rasa. Eu empurro minhas mãos no fundo da piscina e salto para trás, como costumava fazer quando era criança. Faço isso de novo e de novo. Fico tonta, mas a emoção de estar desorientada é boa enquanto exalo uma espiral violenta de bolhas no abismo escuro.

De repente, a água brilha como holofotes em um campo de futebol, iluminadas apenas por baixo. Eu grito pela água e subo à superfície em busca de ar. Esperando o velho italiano, fico surpresa ao ver um grupo de estranhos se elevando na beira da parte rasa. Um cara alto no meio, segurando casualmente uma enorme garrafa coberta por uma cesta, tem um meio sorriso no rosto, enquanto os outros estão paralisados de surpresa com seus copos de vinho tinto e toalhas penduradas em seus braços e ombros.

— Parece que temos visitantes — diz o cara com a garrafa.

Todos estão quietos enquanto eu afundo e viro para nadar até a parte funda, tentando esconder o fato de que estou pelada. Kara nada além de mim na outra direção onde os estranhos ainda estão de pé. Quando chego à escada onde minhas roupas estão espalhadas, ouço Kara dizer: — Obrigada — me viro para vê-la enrolando a toalha do cara da garrafa em torno de si. — *Kara* —, digo baixinho. Os outros se acomodam em espreguiçadeiras como se nada de estranho estivesse acontecendo.

— Que tinta legal — diz ele para Kara.

Uma garota com cabelos com mechas pretas e loiras pega minha camiseta ao lado de sua cadeira e a joga na escada. — Obrigada — digo.

— Vocês estão mochilando ou algo assim? — o cara sentado ao lado dela me pergunta.

— Um... — eu começo a dizer.

— Sim —, responde Kara.

— Ei, Kevin — alguém diz. — Olha essa tatuagem — um cara atarracado com cavanhaque vestindo uma camisa xadrez de botões se aproxima.

Kara agarra sua toalha e a puxa ao redor do peito, em seguida, caminha até a parte funda. Eu já tinha vestido minha camiseta e shorts de volta na água, e agora estou de alguma forma com medo de sair. Kara claramente não compartilha da minha apreensão.

— Tatuagem? Oooo. Eu quero ver — diz a garota de cabelo com mechas.

Esperando que Kara caminhasse para mostrar à garota, eu congelo quando noto seus dedos do pé enrolando na borda da piscina. Ela deixa cair a toalha, arqueia os braços acima da cabeça e mergulha fundo na água brilhante, mas não antes de revelar a maior e mais elaborada tatuagem de cobra que já vi — a cauda descansando na região superior da coxa, seu corpo se curvando ao redor de seu quadril e desaparecendo em torno de suas costas.

— Jesus. Cristo. Onde você fez isso? — a garota que me entregou minhas roupas pergunta a Kara logo depois que ela sai do mergulho.

Kara para no meio da piscina e responde: — África.

Maçã de Eva

O beliche de Kara está vazio quando acordo. É tão cedo que ainda está escuro lá fora. Uma sensação de pavor se apodera de mim. Tento não entrar em pânico. *Ainda*.

Talvez ela esteja na vila principal tomando banho. Acho que há cinquenta por cento de chance, no máximo. Senti uma faísca entre Kara e aquele cara, assim como a garota quieta do grupo que alegou estar com sono demais para nadar e escolheu ficar de mau humor na beira da piscina, recusando todos os convites para entrar.

Lembro de voltar sozinha ontem à noite, pingando todo o caminho. Quando Kara se recusou a sair da piscina com seus novos amigos, voltei com medo de entrar em apuros. Todo mundo estava bebendo vinho e jogando Marco Polo quando eu saí, e duvido que tenham notado quando me despedi. E se ela não voltasse?

Saio da cama e me visto, lembrando a mim mesma que terei que ter cuidado para não encontrar ninguém, caso Kara não esteja lá e alguém pergunte onde ela está.

A vila principal é quieta e silenciosa, com apenas uma janela acesa com um brilho inconstante. Tento me lembrar de quem é o quarto enquanto vou na ponta dos pés até a lateral do prédio. Prendo minha respiração quando ouço a voz de Ben.

Will parece perturbado. — Estamos com muito pouco.

Me esforço para ouvir as palavras abafadas. Dou mais alguns passos e me agacho o mais perto que posso da janela.

— Kara trouxe apenas uma caixa — diz Ben. — Posso ir à cidade e ver se encontro uma farmácia, mas não falo italiano e nem conheço o protocolo local para comprar — a voz de Ben está nivelada e calma, como alguém que não se importa com o resultado desse aparente dilema.

Me inclino para frente, ouvindo através de um silêncio crescente.

A voz de Will é baixa como um rosnado. — Entendi.

Ouço uma porta bater e, em seguida, o ranger da cadeira de uma pessoa com raiva sentando. Eu cuidadosamente recuo e espreito ao virar da esquina para ver Ben caminhando em direção à estrada. Seu passo não é de raiva; é certeza, quase arrogância.

Volto para o nosso quarto para encontrar Kara colocando maquiagem, algo que eu nunca a vi fazer. Seus fones de ouvido estão ligados e ela balança a cabeça entre os toques em seu rosto, que se ilumina em um sorriso quando me vê. Tento não parecer surpresa com seu bom humor.

— Você se divertiu noite passada?

— Você se divertiu? — ela sorri para mim.

— Na verdade. Tive que voltar sozinha graças a você. Você ao menos percebeu que eu fui embora?

— É claro. Você é uma menina crescida.

— Alguém tem que ser — sai mais afiado do que pretendia.

— Precisamos recrutar esta manhã — ela me lembra, mudando de assunto.

Eu suspiro. — Certo. Onde?

— Numa vila próxima? — eu a vejo escovar o cabelo, apenas para torcer e prender em um coque bagunçado. Com seu cabelo fora do caminho, e agora que sei que está lá, posso ver apenas parte de sua tatuagem de cobra.

— Então, você estava na missão na África com Will quando ele disse que morreu? — pergunto. Talvez ela pudesse explicar os milagres de que Meredith falou com tal reverência enigmática.

Kara se vira para mim, repentinamente séria. — Não. Eu inventei a coisa da África. Além disso, não quero falar sobre nossas missões. Só quero fingir que somos jovens normais viajando pela Europa. Em uma aventura, não uma missão estúpida que ninguém quer participar. Já terminei com o Reino há muito tempo, caso você não saiba.

Meu coração pula de frustração. E medo. — Por que você veio aqui, então? — *E por que diabos você foi designada como minha PD?* Quero perguntar.

— Porque minha mãe achou que seria uma boa ideia por muitos motivos — ela solta um bufo incrédulo. — Tentei dizer que nada de bom poderia vir disso, mas ela se recusou a ouvir e acabei aqui.

Não consigo dizer nada.

— Emily, vou ser muito honesta com você. Você se importa?

Espero a explicação de que preciso desde o primeiro dia.

— Você precisa parar de fazer tantas perguntas e vir comigo — diz ela.

Eu respiro fundo, frustrada. — Por que? — pergunto.

— Porque, como sua PD, acho que é o melhor para você — ela coloca as mãos nos meus ombros e inclina a testa para baixo como se estivesse se comunicando com uma criança. — Estou preocupada com a sua alma, Emily.

Olho para ela em confusão

O tom de Kara flutua de um momento para o outro, e às vezes é muito difícil dizer se ela está brincando ou não.

Ela estreita os olhos em uma expressão séria. — Acho que você precisa alimentar ela com um café da manhã gigante e levar para outro mergulho frio na piscina.

— Pelada? — digo. Posso ouvir o tom de julgamento em minha voz, e não tenho certeza se estou orgulhosa ou envergonhada disso. Quero perguntar a ela sobre a tatuagem. Sobre a África. E Will. Sobre a conversa que acabei de ouvir. Mas está claro que nunca vou obter respostas dela.

Kara ri. — Não, boba. Vamos comprar roupas de banho.

— Com que dinheiro? Ainda não tenho meus cartões de crédito ou cheques de viagem. Ou meu passaporte e passe Eurail, por falar nisso.

Kara sorri com conhecimento. Ela tem um plano. É claro.

— O que os outros vão dizer quando não voltarmos aqui para o almoço? — pergunto, resignada. Cheguei a aceitar que, uma vez que Kara tem em mente fazer algo, não há como pará-la.

— Suponho que dirão: "Oba! Mais comida para nós" — ela inclina a cabeça para trás, rindo de sua própria piada. — Além disso, eles deveriam estar recrutando, que é o que faremos também.

— Então você vai recrutar Kevin e...

— David? — ela sorri com uma expressão sonhadora e distante. — Com certeza *não*. Sem chance. E eles *nunca* saberão porque estamos aqui de verdade.

Estou cheia de medo, confusão e uma irritante sensação de raiva. — Não, obrigada, Kara. Se divirta — digo enquanto me enterro de volta na cama e puxo as cobertas sobre a minha cabeça para desligar o som dela abrindo gavetas e enfiando coisas em uma mala. Fico aliviada quando ela sai, sabendo que não conseguiu me convencer a seguir ela.

Logo depois que Kara vai embora, ouço risos, pessoas falando em inglês, todas com vozes alegres.

Ouço o sotaque arrastado de Eva do lado de fora, e depois outra rodada de risadas. Uma sensação de pavor cresce em meu peito enquanto me visto e tropeço na luz do sol. Dolce corre para mim e esfrega minha perna. Eu coço seu queixo e desço para o vinhedo, onde ouço mais vozes. Quando me aproximo, alguém me chama. *Josh*.

Paro na beira da toalha de piquenique de Josh, onde ele dá um tapinha no chão para que eu me sente ao lado dele. — Vem comer — diz ele, segurando um prato. Eu aprecio a propagação de comida fresca em vários cobertores. *De onde veio tudo isso?* Josh sorri quando me sento ao lado dele. *Finalmente podemos conversar.*

Estou pensando no que dizer a Josh quando Eva pula com um cacho de uvas e grita: — Ei! Adivinha quem eu sou?! — ela está parada como uma estátua segurando as uvas logo acima da boca de Todd. Todos estão ocupados comendo, então ela faz um som dramático de ganido e diz: — A deusa das uvas! Duh.

Forço um sorriso enquanto mordisco um biscoito de limão. Todos parecem meio forçados, mas de um jeito meio desequilibrado. É como se eles estivessem bêbados com o estômago cheio. *Como vou puxar Josh sem ninguém perceber?* Assim que começo a sussurrar para Josh, Andrew ataca Eva: — Não existe deusa das uvas — ele revira os olhos. — Tem o Dionísio, o deus do vinho, mas Dionísio é um *ele*, então não funciona bem para você. — Seu tom infecta o piquenique com uma tensão repentina, mas Eva parece alheia a qualquer coisa, exceto representar essa cena bizarra com Todd.

— Certo, tudo bem — Eva faz beicinho. — Eu só estava tentando ser uma deusa, sabe, como aquelas fantasias de Halloween — Todd morde uma uva baixa do cacho na mão de Eva e geme dramaticamente de satisfação enquanto ela sorri para ele e sobe mais as uvas, o provocando. Eu olho para Josh, esperando que sua reação me dê uma pista sobre o que está acontecendo com todos, mas ele está cuidadosamente empilhando salame e queijo em um biscoito de água e sal.

— Eva! — Shannon vocifera, com as mãos nos quadris. — Você não é a deusa de nada. E nós nem mesmo brincamos sobre deuses pagãos — diz em uma voz calma. — É uma blasfêmia para o Reino.

Todd enfrenta Shannon. — Ei. Talvez você possa nos dizer por que temos toda essa comida hoje — ele provoca. Eu olho para Josh novamente buscando orientação. Ele levanta as sobrancelhas em um gesto de isso-é-divertido-mas-não-é-nosso-problema. O rosto de Shannon fica vermelho. Não posso deixar de sentir uma pontada de satisfação; a atitude autoritária de Shannon ultimamente passou de irritante a inquietante e ela precisava ser colocada em seu lugar. Mas o ar está carregado de uma sensação de motim hoje, e a mudança de dinâmica está me deixando inquieta.

— Ah, eu sei a resposta — Andrew interrompe, ansioso para agitar o pote. — Eva comprou comida para todos nós com seu contracheque — ele se vira para apontar para Shannon. — E onde você conseguiu essa roupa, Shan? Eu nunca tinha visto isso antes. Você as *fez*?

Eva sorri em triunfo. Pego Andrew lançando um olhar ansioso para a vila. De repente, percebo que Lily não está aqui. *O que está acontecendo? E onde estão Will e Ben?*

Enquanto Shannon fica de mau humor, Eva corre para o lado dela e a abraça. — Ah, vamos lá, Shannon. Estamos apenas brincando. Você sabe disso, né? Eu sinto muito.

Shannon se afasta. — Discutiremos isso mais tarde. Podemos adicionar à sua *lista* de coisas para discutir — ela sibila.

A expressão de Eva muda para preocupação. Ela pega uma maçã do nosso prato de comida e caminha até a beira do vinhedo em direção ao meu prédio, como se estivesse fugindo de Shannon.

— Josh — finalmente digo enquanto ele coloca um biscoito na boca.

— Desculpa. Estou morrendo de fome — diz ele, rindo com a boca cheia de biscoitos. Eu rio com ele, aliviada que as coisas entre nós pareçam mais perto do normal como antes. Assim que pego um biscoito, um grito agudo ecoa pelo vinhedo.

É Eva.

Ela grita novamente.

Josh já está correndo em sua direção quando eu pulo de pé. Ele grita para não irmos lá, mas é tarde demais. Já estou bem atrás dele.

— *Meu...* — alguém atrás de mim diz. Dolce está emitindo um uivo constante que sei que nunca serei capaz de apagar da minha memória. Sua perna da frente está inchada e sangrando, seu corpo minúsculo se contorcendo a cada uivo. Suas pernas traseiras convulsionam incontrolavelmente.

Engasgo com o ar, tentando processar o que está acontecendo. Eva começa a andar ao redor de Dolce, as mãos cobrindo seus sons agudos de arfar. Ela se dobra e olha para o chão como se fosse vomitar.

A bile sobe na minha garganta. — *O que aconteceu?*

Todd se inclina sobre Dolce. — Parece que algo a mordeu — diz ele. As pernas de Dolce diminuem a velocidade e param de se contrair, como se tivessem ficado paralisadas de repente. Seus olhos estão vazios e com medo, e ela não para de fazer aquele som horrível. Todd me lança um olhar preocupado e desvia o olhar. Arrepios se espalham como uma erupção em meus braços quando me lembro da cobra em meu quarto.

Meu rosto fica entorpecido. Quero gritar, mas minha garganta está tão seca que não consigo falar. Examino a área em pânico. Não vejo nada, exceto Dolce chorando de agonia.

Josh empurra Todd para o lado e vai direto para o galpão próximo. Ele volta com uma pá, o rosto determinado e vermelho de raiva.

— Virem-se — diz Josh.

Ficamos ali congelados, olhando para ele em choque.

— SE. VIREM. *AGORA*.

E enquanto faço isso, o som da pá cortando o ar e um baque surdo põe fim imediato ao uivo e à dor da nossa pobre gatinha.

Eva soluça com suspiros curtos e erráticos, com as mãos sobre os olhos. Shannon não mostra nenhuma emoção. Percebo suas mãos tremendo ao se aproximar para confortar Eva. Cheia de uma mistura de horror e gratidão pela vontade de Josh de enfrentar o impensável, uma onda de choque estrondosa se expande em minha cabeça.

Todo mundo fica em silêncio até que a voz de Shannon rompe o caos: — Foi a vontade de Deus.

Abro os olhos para ver Josh gentilmente pegando Dolce com a pá, antes de sair para enterrar o gatinho de Kara. *Kara. Terei que contar a Kara.* Fecho meus olhos e sento no chão, pondo meus braços em volta de mim. Pressiono minha testa contra meus joelhos. Eu quero chorar, mas não consigo. Eu quero gritar, mas não posso. Algo sequestrou minha capacidade de processar tudo isso.

— Está tudo bem. Foi a vontade de Deus — Shannon repete isso para ninguém em particular.

A raiva começa a nublar minha visão. Me afasto em direção a Josh.

— Como vou dizer a ela? — pareço estar com raiva. *Estou* com raiva.

Josh levanta os olhos do monte fresco de terra. — Depende. Onde ela está? — ele me pergunta.

Esta é a primeira conversa cara a cara que eu tenho com Josh desde que chegamos à Itália, e é enquanto ele enterra uma gatinha. Toda a situação é tão absurda que quase me faz rir, mas então eu noto o sangue respingado nas pernas de Josh enquanto ele limpa o túmulo de Dolce. Nada disso é engraçado.

— Não posso dizer — respondo. Não é assim que eu queria que essa conversa fosse, mas perdi o controle de tudo e está claro que não o recuperarei.

Ele se vira para mim e se inclina para a pá. — Você não pode dizer porque não sabe ou porque se recusa?

Fico olhando para o chão, tentando descobrir como consertar tudo isso. Por onde eu começo?

— Você está guardando segredos de mim agora? Depois disto? — ele olha para o monte sob sua pá. Ele olha para cima, seus olhos implorando por mim. — Depois de tudo?

Eu quero gritar, *Depois do quê?* Vim nesta missão por mim, sim, mas também por ele, por mais patético que possa parecer. E ele não fez nenhum esforço para

falar comigo até agora, como se a viagem mudasse completamente seus sentimentos por mim.

— Eu nunca trairia a confiança da minha PD — digo desafiadoramente. E com isso, me afasto.



Enquanto subo a colina no escuro, ouço música vindo da vila onde os americanos estão hospedados. As janelas piscam com velas acesas. O som do grupo despreocupado parece deslocado depois do que acabei de ver. Uma sensação de saudade se expande em meu peito.

— Emm-y! — é a garota com o cabelo com mechas. — Veja! Você está usando roupas! — ela ri e dá o nó em sua saia de seda. Fico surpresa que ela se lembre de mim, então não a corrijo por errar meu nome. E, por um momento, percebo como seria fácil só se tornar outra pessoa, ainda mais em torno deste grupo. Ela se inclina para um beijo bochecha a bochecha, deixando o cheiro de vinho entre nós. — Vamos pegar um pouco de vinho para você.

— Ah, não posso... — começo a protestar, mas ela me guia pela sala de estar por um corredor onde sinto o aroma persistente de alho e cebola. Estou morrendo de fome.

— Kiki está cozinhando. Não tem um cheiro incrível? — ela para em uma mesa lateral cheia de garrafas de vinho vazias em diferentes níveis para me servir uma taça.

— Ah. Não, obrigada — digo, minha mão para cima. — Estou bem.

Ela me lança um olhar condescendente e balança o copo embaixo do meu nariz. — Ah, não-não-não. Você tem que tentar. Fomos até Montalcino ontem e compramos duas caixas. Você nunca vai provar um Chianti melhor na sua *vida*.

Sorrio educadamente e tomo um gole rápido, embora eu saiba que isso é contra as regras do Reino. "Nada de álcool" Heather me disse em Boston, o que estava bom para mim, já que nunca tinha bebido muito, mas este Chianti tem um gosto tão bom que mesmo um gole ajuda a acalmar meus nervos. Faço um

som de aprovação e pego outro, esperando que apague as memórias de um dia tão horrendo.

— Jenna! — um homem grita da cozinha.

— Estou indo... — ela responde em uma voz monótona enquanto revira os olhos e se afasta.

Tomo um gole de vinho e caminho por um corredor em direção às vozes. *Sou outra pessoa. Sou outra pessoa.* A voz de Kara me assusta.

— Olha, olha, olha. Você bebendo Kool-Aid. Como se costumava dizer, quando na Toscana... — me viro para ver Kara em um biquíni com uma camisa de botão masculina como um disfarce. Sua voz é afiada e sarcástica, e não posso dizer se ela está feliz em me ver. Ela se inclina para frente. — Você está sozinha, né? — ela sussurra.

— Sim — digo. Tomo outro gole de vinho e meus olhos marejam. — Há algo que preciso te contar.

— Discordo — diz Kara. — Não haverá conversa sobre nada esta noite. E eu faço as regras, certo? — ela pega meu braço e me leva de volta para a mesa de vinho.

O cara vestindo a mesma camisa xadrez da noite na piscina aparece de um corredor próximo. — Outra regra? Ah, vamos lá — ele brinca com Kara como se eles se conhecessem há anos. Fico pasma com a capacidade dela de exercer controle sobre completos estranhos tão rápido.

— Onde você conseguiu esse biquíni? — pergunto, tentando esconder meu olhar prolongado em sua tatuagem. Até as escamas da cobra são visíveis de perto. Percebo que sua boca aberta é preta em vez de ter a língua vermelha representada em imagens de cobras.

— Acontece que eu sou do mesmo tamanho de Jenna — diz ela, servindo sua própria taça de vinho.

O cara alto de óculos redondos se aproxima. Sua camisa de botão, suspeitamente semelhante à de Kara, está tão desalinhada quanto seu cabelo castanho. Algo nele é atraente, embora não de uma forma convencional, e estou preocupada com Kara. — Calma, cara — ele diz ao amigo, empurrando Kevin para longe de nós. Ele coloca o braço em volta de Kara, sua mão persistindo em torno de sua cintura, caindo quase até o quadril.

— Prazer em te ver de volta. Você chegou bem na hora de comer conosco — ele pega minha taça e a enche de vinho até o topo. — Emily, né? Kara me contou tudo sobre você — diz enquanto me entrega o copo de volta.

Kara levanta as sobrancelhas e o cutuca.

— Certo. Acho que preciso verificar o jantar — diz ele antes de sair.

— O que você disse a eles? — sussurro com força.

— Ah, só que estamos mochilando depois de nos formarmos na faculdade e completar uma missão estressante com o Corpo da Paz.

— O quê?

Ela ri de repente. Provavelmente bebeu vinho o dia todo. *Como vou nos levar de volta ao nosso quarto sem que ninguém nos veja?*

— Kara. Sério. O que disse sobre nós?

Ela toma outro gole e sorri. — Corpo da Paz. África. Agora mochilando — ela aponta para as curvas arredondadas de seus seios, mal contidas pelos triângulos estampados de sua blusa. — De biquíni — ela ri, claramente bêbada.

Estou emotiva e tonta. Em um lugar vago e distante em meu cérebro, sei que preciso pensar em um plano, me concentrar. Preciso nos tirar daqui. — Kara. É sobre Dolce — digo.

— Ah! Estou tão feliz que você me lembrou. Você a alimentaria para mim?

— Hum... eu não... espera. Onde você está indo?

Kara estreita os olhos para mim. — Não estou indo a lugar nenhum — ela ajusta o elástico da barra do biquíni com um pop decisivo.

— Kara. Sei que você está se divertindo com essas pessoas, mas você não pode ficar aqui — meu pânico aumenta. Não me ocorreu que Kara não iria querer voltar de jeito nenhum. Explicar por que ela está bêbada é uma coisa; explicar por que ela desapareceu é outra.

— David me convidou para ir degustar vinhos com eles amanhã, então vou ficar, na verdade.

— A noite inteira? — minha ansiedade começa a aumentar.

— Sério, Em. Não seja uma estraga prazeres! — ela me empurra, derramando meu vinho em seu braço. Kara exala em frustração enquanto limpa o vinho com sua camisa, ou, presumo, de David, deixando uma mancha escura. — Apenas saia, certo? — ela diz.

Eu inalo para conter minha raiva. — Certo. Tudo bem. O que devo dizer quando alguém perguntar sobre você?

— Fácil — diz. — Basta encontrar Ben e dizer que a piada dele *não* foi engraçada — ela abaixa a voz para sussurrar: — Além disso, diga que você conhece minha tatuagem, e eu prometo que ninguém vai perguntar uma merda sobre qualquer outra coisa que fizermos.



Minha mente está girando quando volto para a vila. Vou direto para o meu quarto. Suspiro quando abro a porta.

Josh está parado ao lado da minha cama, tão surpreso quanto eu. A sala está uma bagunça com a agitação barulhenta de Kara antes de ela sair.

— O que você está fazendo aqui? — pergunto, meu coração ainda acelerado com sua presença inesperada.

— Eu queria ver você.

— Então por que você parece tão surpreso por eu estar aqui? — o rosto de Josh cai e imediatamente me sinto boba por estar tão na defensiva. — Desculpa. Eu não quis dizer... só estou chateada. Não tive a chance de contar a Kara sobre o que aconteceu hoje. Quer dizer, eu tentei, mas ela não deixou. Ela disse para não...

— Ei — Josh me puxa para seu peito e envolve seus braços em volta de mim. Ele começa a alisar meu cabelo. — Ei. Está tudo bem — diz ele.

Eu derreto em seu abraço, mas ainda estou chateada. — Não está tudo bem. Nada disso está bem.

— Talvez eu possa falar com ela. Se você me disser onde ela está, vou explicar o que aconteceu e consertar isso. Posso fazer com que ela volte. Posso ir agora e ela estará aqui dentro de uma hora.

Ele tem razão. Sei que devemos ir buscar Kara, mas estou com medo de como isso vai acabar. Trazer ela de volta bêbada depois de abandonar a missão? Não. Vou consertar isso sozinha pela manhã, quando Kara estiver sóbria. — Tenho certeza que ela está bem — digo.

A mandíbula de Josh se contrai. — Nós realmente deveríamos ir buscá-la, Em — uma tristeza abrupta me domina. Eu sei que ele está certo, devemos ir buscar Kara, mas o pensamento de que ele prefere fazer isso a ficar sozinho comigo de repente me domina com tristeza. Eu suspiro e limpo as lágrimas do meu rosto com sua camiseta. Ele me lança um olhar estranho.

— Você andou bebendo? — ele pergunta.

— Não — minto.

Ele levanta meu queixo. — Tem certeza? — seu dedo roça meu lábio inferior. Eu inalo profundamente assim que sua boca se encontra com a minha, e meus pensamentos giram em um nada escuro e estrelado até que ele se afasta.

— Vinho?

— Talvez — eu sussurro.

— Onde?

— Não aqui — ele está beijando meu pescoço agora, subindo até minha orelha. Eu expiro. — Nem lá.

— Com Kara? — ele pergunta.

— Sim.

Ele me beija de novo até fazer a próxima pergunta. — Por que você não pode me dizer onde? E se eu também quiser? — sussurra enquanto lentamente me encosta na parede. Posso sentir cada coisa horrível que aconteceu na Itália caindo enquanto nos beijamos, e eu imagino que estamos longe deste prédio, longe do Reino. A possibilidade de liberdade abre caminho através da aventura do momento até que o medo aparece.

Eu quebro o beijo, mas Josh segura minha nuca, quase com força demais. Envolvo meus braços em volta de seus ombros e o beijo até que eu não consiga dizer qual é o caminho. Minhas costas pressionam a parede enquanto nossa luta para respirar se amplifica, desencadeando milhares de pensamentos fugazes, nenhum dos quais posso identificar. Seu coração dispara contra meu peito, sua mão deslizando sob a barra da minha blusa. Seus dedos roçam minha pele nua por baixo enquanto seus dedos destravam o fecho frontal do meu sutiã e, em seguida, o botão do meu short. Ele se move para o zíper.

Ah Deus.

— Ah Deus — digo isso em voz alta, de repente me lembrando que ele terá que contar a Ben todos os detalhes disso. Ou pior, *Will*.

Eu o afasto, tentando recuperar o fôlego. Ele gentilmente pega meu rosto em suas mãos.

Expiro no silêncio, meio frustrada, meio eufórica. — Josh... — meu short parece perigosamente perto de cair. Tento fechar o botão, mas ele me impede pegando minhas mãos e entrelaçando seus dedos nos meus. Ele pressiona nossas mãos contra a parede de cada lado do meu rosto e volta a me beijar. Em seguida, suas mãos estão em todos os lugares enquanto meus pensamentos cambaleiam muito rápido para pisar no freio.

Murmuro seu nome entre as respirações. *Temos que parar.* A reação de Kara à minha cautela sobre David (sério, *Em*) passa pela minha mente. Ela estava *zombando* de mim por seguir as regras. Talvez ela esteja certa. Estou muito tensa com o Reino. E Kara ainda *é* tecnicamente minha PD... *Mas e se alguém nos pegar agora?*

Afasto Josh, com mais força desta vez, embora tudo em mim queira o oposto. — E se nós... partirmos? — digo. A vila e a piscina vazias passam por meus pensamentos. Kara e seus novos amigos irão embora amanhã durante a maior parte do dia. Minha mente está funcionando com clareza através dos meus sentidos aguçados, porque tudo o que posso pensar é em estar com ele em qualquer lugar, menos aqui, em algum lugar longe dos outros.

Ele aperta os olhos para mim, confuso. — O quê? — suas mãos caem enquanto ele dá um passo para trás.

— Sério. Conheço um lugar para onde podemos ir. Amanhã, pelo menos, até descobrirmos... hum... — eu olho para baixo, envergonhada, fechando meu short. Como posso dizer o que estou pensando em voz alta?

— Você quer dizer com Kara? — ele pergunta.

— Não. Só *nós*.

Ele me puxa para perto de novo até que eu não consiga ver seu rosto. Envolvo meus braços em volta de suas costas enquanto ele respira fundo. Seu coração ainda está acelerado, mas posso dizer que seu humor mudou. — Não podemos — diz ele. Ele fica tenso antes de escorregar para fora dos meus braços, sua expressão de repente distante e determinada.

Uma onda de pânico me atinge enquanto ele se move em direção à porta. Eu quero desesperadamente impedi-lo de sair. Em vez disso, fico lá parada.

— Desculpa, Emily — ele parece apologético de verdade. — É mais complicado do que isso. Eu só... não posso. Ele desliza para fora da porta e a fecha atrás de si.

Fico olhando enquanto meu coração se enche de arrependimento. *Por que eu tive que empurrá-lo longe demais?*

Endireitando minhas roupas na tentativa de me recompor, enxugo as lágrimas do rosto, abro a porta e corro em direção ao vinhedo. Nem percebi que dei um encontrão em Andrew até ouvir seu suspiro. Uma dor lancinante rasga minha cabeça.

— Caramba, Emily — ele está inclinado para a frente com as duas mãos nos joelhos. — O que você está fazendo?

— Trombando com você, pelo visto — eu digo. Andrew se endireita, ainda esfregando um pouco acima do olho. — O que você estava fazendo com Josh? — ele pergunta com ousadia.

— Você está me espionando? — pareço desequilibrada. *E se Josh contar a Ben e Will o que fizemos? O que eu sugeri?*

— Ah, relaxa. Sou o melhor guardião de segredos desta vila. Basta perguntar a Josh — ele diz ameaçador. — Não. Eu quis dizer o que ainda estamos fazendo aqui? — seu tom é sério.

Começo a dizer algo, mas percebo que não tenho uma resposta. — Me diga você, Andrew.

Ele corta os olhos para mim, se inclina e sussurra: — Não pensou em ir embora?

Ele ouviu a mim e a Josh?

— Bem, eu pensei —, diz Andrew. — E eu sei onde estão os passaportes.

Meu coração dá um salto de esperança.

Andrew se aproxima. — Já os verifiquei. Mas você deve saber que o seu está faltando e o de Kara também. Seus passes Eurail também sumiram. Entre outras coisas.

Estou tonta de pânico. Kara sabe sobre isso? Como vamos voltar para casa? — O que você está falando?

Andrew dá uma risada áspera. — Vamos, Emily. Você é inteligente o suficiente para saber que as coisas vão piorar muito. Onde *está* Kara, afinal? Todos nós teremos problemas maiores do que seus documentos perdidos se não descobrirmos para onde ela foi.

Esfrego minha testa. Ainda dói com a nossa colisão, e essa conversa só está piorando as coisas.

— Olha, Em — seu tom muda para simpático. — Eu não te culparia se fosse você quem os pegou de volta. Sabe disso, né? Viajar de mochila pela Europa parece muito melhor do que implorar aos italianos para se juntarem às nossas reuniões apenas para que possamos vê-los comer toda a nossa comida e partir no momento em que descobrem o que somos — ele olha para mim, esperando uma reação.

Eu paro, relutante em confiar em alguém agora, até mesmo em Andrew. Kara pode ter perdido os sentidos, mas entendo seu desespero para fugir de expectativas impossíveis — o peso esmagador da culpa que segue o fracasso inevitável. Mas Josh... Por que ele se recusaria a fugir comigo, especialmente depois do que aconteceu no meu quarto? O que eu estava disposta a arriscar apenas para estar fisicamente com ele? Então me ocorre. Talvez a fé dele seja apenas mais forte do que a minha. Se estivermos aqui pelos motivos certos, tudo dará certo. Eu só preciso ter fé.

— Você sabe o que somos, né? — a voz de Andrew é afiada. — Deixa eu dar uma dica. Começa com I. E não é igreja.

Uma fúria repentina sobe em minha garganta. — Para com isso, Andrew. Qual é o seu problema, afinal? — atiro. — Aposto que foi você quem deixou uma cobra para Kara.

— Cobra? — seu rosto está chocado, sem cor, como se eu tivesse conjurado um fantasma do vinhedo.

— Aquela na bolsa. Na *minha cama*. Havia uma nota que dizia CONFIE EM MIM. Soa familiar? Foi o que matou Dolce, sabe. Foi você?

— Não —, ele sussurra, seu tom mudou completamente. — Eu tenho que...

Esfrego meus olhos em frustração e exalo uma respiração profunda. — Andrew, desculpa...

Olho para cima e Andrew já está indo embora.

Se eu pudesse ser mais como Kara — mais impulsiva, irresponsável — talvez Josh tivesse partido comigo. Ou talvez seja Josh quem está me salvando de minhas próprias dúvidas autodestrutivas, mesmo depois de tentá-lo a ir embora. Uma ansiedade repentina se aloja na minha garganta, me fazendo querer gritar. Em vez disso, engulo e vou cambaleando para o meu quarto.

Música do Demônio

Quando acordo na manhã seguinte, Andrew e Lily já se foram.

Meu interrogatório começa com a música de Kara.

Os fones de ouvido ficam na mesa enorme de Will. Tento ignorá-los enquanto me sento na cadeira em frente a ele.

— Emily. Você perdeu algo hoje? — ele me pergunta enquanto olha para o toca-fitas da Sony, tomando cuidado para não tocar em algo tão consumido pelo pecado.

Um nó aperta minha garganta.

— Não, senhor —, eu digo. Ficar sozinha com Will é intimidante. Ele tem uma maneira de extrair a culpa mesmo daqueles que não tem ideia do que fizeram de errado.

Seus olhos azuis revelam uma mistura de diversão e desgosto, sua cor um contraste marcante contra a pele pálida. Will de alguma forma ficou mais pálido desde que chegamos aqui, quase como se o sol italiano drenasse a cor de sua pele em vez de bronzear.

— Interessante, já que Shannon disse que viu você usando eles no início desta semana.

Ele deve ter visto Kara o usando todos os dias durante semanas. Então, por que ele está tentando me encurralar? — Bem, acho que já peguei emprestado antes —, respondo.

Suas sobrancelhas se erguem. — Então, isso é a sua... *música*? Se é que pode ser chamada assim — ele murmura a última parte enquanto pega o toca-fitas e ejeta a fita. Ele a manuseia com cuidado usando as pontas dos dedos como se fosse uma lâmina de barbear recém-saída da caixa. A fita transparente expõe um

longo adesivo branco com a etiqueta *MEU MIX* nos rabiscos angulares inconfundíveis de Kara.

— Não é meu —, eu digo, grata por estar dizendo a verdade.

— Você não reconhece essas letras, então? — ele empurra um bloco de notas com palavras rabiscadas nele.

— Vá em frente. Leia —, diz ele.

Eu sento congelada, com medo de onde isso vai acabar. Ele parece desequilibrado. — Você não consegue entender minha caligrafia? — ele pergunta.

— Consigo. É só que...

Ele olha para o objeto em questão, cuidadosamente insere um lápis sob a fita marrom exposta e começa a puxar. Enquanto ele extrai as entranhas do cassete, a pilha emaranhada de laços marrons brilhantes cintila como uma pilha de vermes se contorcendo em sua mesa. — Vá em frente, então —, ele diz.

Olho para a letra e sussurro a primeira linha de "Flower" de Liz Phair. — Every time I see your face I get... — eu paro e olho para longe. De jeito nenhum vou ler o resto das letras explícitas em voz alta.

— Há algo que você gostaria de confessar?

— Não — eu digo rapidamente.

— Tem *certeza*?

Uma vespa zumbe ao longe através da janela aberta. O barulho aumenta como um inseto raivoso ao passar pela vila e desaparecer morro acima, me levando a questionar o absurdo de um interrogatório sobre um toca-fitas no meio da Itália. Tenho que ficar focada. Tenho que voltar para Kara sem ninguém saber. *Apenas jogue o jogo.*

— Olha. Prometo que esta fita não é minha. Os fones de ouvido são de Kara, mas não sei de onde veio a fita — *Merda.* Por que coloquei o nome dela nessa situação, ou até mesmo disse isso em voz alta?

— Eles vieram do seu quarto —, ele diz cautelosamente. — Então, acho que teremos que perguntar a Kara, então. Só que ela não está aqui, está?

Eu luto por uma resposta.

Em uma súbita explosão de raiva, Will se levanta e agarra os fones de ouvido, ainda conectados ao toca-fitas. — Já que ela deixou você aqui para responder, me

diga. Onde estão o resto dessas fitas? Deve haver mais — ele oscila para o lado, como se perdesse o equilíbrio, e se equilibra pressionando a mão na mesa. Posso ver gotas de suor em sua testa, embora o quarto esteja fresco e arejado.

— Não sei — eu imploro. — Elas não são minhas.

Ele se inclina sobre a mesa para entregar a massa confusa para mim. Eu a alcanço assim que ele agarra minha mão. Sua mão está úmida e fria, mas seu aperto é forte. Percebo um grande curativo em seu braço.

— Onde ela está? — seus olhos parecem selvagens.

— Não sei —, minto. Sei que ele pode sentir isso, e me preparo para sua raiva. Algo muda em sua expressão. Ele parece desesperado, com medo até.

— Estamos falando sobre o sucesso de nossa missão aqui —, diz ele. — *Precisamos* dela.

Sua mão úmida ainda está segurando a minha, mas agora ele parece estar a segurando para se equilibrar. Ele se solta e cai em sua cadeira. Após uma pausa, ele respira fundo. — Emily, olha. Se você sabe onde ela está, *por favor*, a traga de volta — ele enxuga a testa com um lenço de papel. — Sei que você é uma boa garota e quer ajudar sem trair sua PD. Sei que você vai fazer a coisa certa. Apenas pense sobre isso. Terei que tratar da situação musical, já que vários PDs sabem disso —, afirma. — Não se preocupe. Você não será marcada.

Com uma onda de alívio, levanto para sair antes que ele mude de ideia. Ele levanta a mão em um gesto de parada. — Temos uma reunião.

Meu coração pula na minha garganta. — Mas... eu... — minha mente está girando rápido demais para pensar em uma desculpa.

— Agora mesmo — ele diz.

Todos nós nos reunimos na sala principal, onde Will dirige uma televisão em um grande carrinho. Um silêncio cobre a sala quando um logotipo da MTV pisca no canto inferior direito da tela.

Um suspiro coletivo irrompe quando o vídeo revela um velho usando um chapéu de Papai Noel subindo em uma enorme cruz no meio de um campo de papoulas vermelhas. A voz rouca de Kurt Cobain murmurra a letra de "Heart-Shaped Box" enquanto Will fica parado ao lado da televisão com uma expressão exagerada de preocupação, como se alguém estivesse o torturando, o forçando a assistir à blasfêmia que se seguiu. Eu olho em volta e vejo que Shannon está

assistindo com a mesma expressão horrorizada. — Ah meu Deus — ela diz, desviando o olhar dramaticamente.

Não estou compartilhando o nível de choque exibido por todos ao meu redor. O vídeo bizarro parece reencenar o sonho desconexo de alguém. Um corvo empoleirado em uma cruz. Uma senhora gorda usando um terno do Sr. Goodbody. Kurt Cobain em coma. Centenas de papoulas vermelho-sangue como as que cobrem as colinas da Toscana ao nosso redor. Parece absurdo, embora eu imagine que Shannon está tendo uma reação diferente.

No momento em que termina, o encanto é quebrado e nos olhamos com olhares ansiosos. Will desliga a TV e faz contato visual ao redor da sala enquanto espera por uma resposta.

— Dá para acreditar que *essa* desculpa doentia para música é o que os jovens estão ouvindo hoje? Dá para fazer uma Lista de Pecados inteira com esse único vídeo —, diz ele. — Alguém quer tentar?

Estou perdida em meus próprios pensamentos. Parte de mim quer responder, acreditar que ele está certo. Eu ouço palavras com várias vozes ao meu redor flutuando para a superfície: Blasfêmia. Magia do mal. Drogas. Sexo. O Papa. Aborto. Satanás. Homossexualidade. Gula. Tenho que me impedir de rir alto e estou com medo do que isso pode significar. Summer e eu costumávamos ouvir esse álbum várias vezes, e nunca nos preocupamos com... Satanás. Tento imaginar Summer aqui comigo agora, mas tudo que posso ver é ela se levantando para gritar: *Por que vocês estão pirando com QUALQUER uma dessas coisas?*

Por algum motivo, a única palavra que consigo pensar no vídeo é "papoulas".

Will está me olhando com a cabeça inclinada em curiosidade.

Eu disse isso em voz alta?

Talvez não. Ele continua com seu discurso retórico e não consigo processar uma palavra. Estou pensando em como algo tão natural e bonito pode ser destruído e destilado em algo viciante.

Will caminha à nossa frente. — Lily e Andrew se foram. Andrew deixou um bilhete dizendo que não pode fazer parte de nossa missão. Vocês precisam considerar o que isso significa. Sabemos que Satanás se move entre nós. Ele procura nos separar de nosso trabalho, de nosso Senhor e de nossa salvação.

Todo mundo está em silêncio. Eu fico olhando para Josh, mas ele se recusa a olhar para mim.

— Vocês acham que Andrew e Lily eram os únicos agentes de Satanás aqui? — ele continua.

Um forte medo me percorre. Não lembro quando vi Lily pela última vez. A imagem dela olhando para a parede é a última coisa que me lembro. Sua tristeza era tão horrível, e fico abalada por uma intensa onda de culpa por não ter voltado para ver como ela estava, para pelo menos ver o que aconteceu com seu irmão. E se Will estiver certo? E se acontecem coisas na vida para semear dúvidas em nossos corações?

— A partir de agora, tanto Lily quanto Andrew estão marcados — ele grita. — Vocês nunca devem, sob nenhuma circunstância, falar com *nenhum* deles de novo. Eles escolheram ser egoístas, ouvir o diabo ao invés do chamado de Deus, e escolheram virar as costas ao Reino. Ambos são como cachorros voltando para a rua. Portanto, devemos virar as costas para o bem deles e para o bem de nossa missão.

Uma raiva repentina sobe na minha garganta e espalha calor pelo meu rosto. — O irmão dela sofreu um acidente muito grave. Tenho certeza de que ela estava tentando chegar à sua família e que isso é um mal-entendido. Andrew só queria ajudar.

— Ah, por favor —, diz Shannon. — Andrew tem uma queda por Lily desde o primeiro dia, então eles estão escolhendo viver em pecado. E o irmão dela nem mesmo foi salvo. Ele provavelmente estava bêbado ou drogado quando isso aconteceu.

— Mas ele é a família dela —, eu digo.

— *Nós* somos a família dela —, diz Shannon. — Havia pecado na vida dele, e foi isso que o fez bater o carro. Sua destruição foi a vontade de Deus.

Eu quero gritar na cara de Shannon. Lembro de como ela disse que a morte da gatinha era a vontade de Deus. Por que algo tão aleatório e horrível precisa ser explicado como a *vontade de Deus*?

Will coloca a mão no meu ombro para me acalmar, ou me manter calada. — Shannon está certa. Quando você tem pecado em sua vida, coisas ruins acontecem e Deus não pode te proteger.

Shannon me encara presunçosamente, e então olha ao redor da sala. — Onde está Kara? — ela me pergunta. — Não a vejo há dias.

Will interrompe rapidamente. — Kara está trabalhando em nossa missão em outro lugar — para minha surpresa, ele olha para mim e levanta a voz. — Todos precisam ouvir, porque estamos sendo testados. É só nos ver lutando entre si. Como Deus pode *nos* proteger quando damos as costas a Ele? A missão do Reino deve ter prioridade *total*, até mesmo sobre nossas famílias em casa. Temos problemas maiores do que o fato de termos conseguido perder dois discípulos. O problema está bem aqui neste grupo.

Todos nós mudamos de posição desconfortavelmente.

— Só pode haver um motivo para nossas falhas —, diz ele.

Ninguém diz uma palavra. Will abaixa a cabeça e encara o chão, e então a levanta com um olhar de tristeza.

— Há pecado neste grupo.

Com isso, Will sai furioso da sala e bate aporta do escritório. Ben corre atrás dele enquanto todos os outros ficam sentados em silêncio, olhando ao redor com rostos chocados. Antes que alguém possa me impedir, eu saio correndo de lá para ir encontrar Kara, parando apenas uma vez para ter certeza de que ninguém me seguiu. A encontro flutuando pela piscina sozinha. Seus novos amigos estão agitados com a atividade dentro da vila, então eu vou até a beira da água.

— Então é só você agora? — pergunto a ela.

— Em! — diz ela, remando com as mãos até a borda. — Não. Eles estão fazendo as malas para ir embora.

Não estou com humor para conversa fictícia. — Andrew e Lily sumiram.

— O quê? Não brinca.

— Eles fugiram juntos. "Para viver em pecado", como disse Shannon.

Kara ri. — Duvido muito *disso*.

— Acho que ele a estava ajudando a voltar para ver o irmão, mas eu os vi no vinhedo outra noite. E, como tenho *certeza* de que você sabe — acrescento com sarcasmo — não devemos ficar sozinhos com o sexo oposto — pressiono meus dedos na minha testa para bloquear as memórias muito detalhadas de Josh no meu quarto.

Kara balança as mãos na água. — Tenho certeza que Lily está a salvo de viver em pecado com Andrew. Além disso, eles deveriam repensar essa regra.

Cruzo meus braços e inclino minha cabeça para trás, inalando com frustração. — O que isso deveria significar? — ela não tem ideia de como o discurso de Will foi estranho minutos atrás, enquanto ela estava flutuando nesta piscina como se nem fizesse mais parte da nossa missão.

— *Naaaada*. — Kara torce os dedos dos pés na lateral do concreto e empurra para longe da borda para o meio. — Por que não nada comigo? Pede um biquini ou um maiô emprestado. Ou não. Eles vão embora daqui a pouco, então não precisa ficar tão envergonhada.

Tento o meu melhor para manter a calma. — Kara. Eu não quero nadar com você. Preciso da sua *ajuda*. Por favor, volta para a vila comigo. Não posso mais fazer isso. Todo mundo fica perguntando onde você está — faço uma pausa, procurando as palavras certas, mas apenas digo exatamente o que estou pensando. — Eles estão começando a me assustar.

Kara revira os olhos e ri. — Só fica aqui comigo, Em. Vamos flutuar, pular na água e comer macarrão. Vai ser divertido — eu olho além dela para as colinas verdes distantes, tentando encontrar as palavras certas. Me sinto em conflito e tão desamparada. Presa aqui tão longe de pessoas que poderiam nos ajudar, que poderiam *me* ajudar. Meus olhos umidecem quando Kara afunda na água. Ela nada de volta para mim e alcança a borda da piscina.

— Sério, Em. Venha aqui.

Sento no concreto quente na borda, onde podemos conversar calmamente. — Fica —, ela diz. — Posso tirar a gente daqui. Eu tenho um plano. Você não disse a ninguém onde estou, certo?

— Não — eu digo, deslizando a água com meus dedos.

— Bom. Alguém te seguiu?

— Não que eu saiba.

Kara está sussurrando agora. Ela está tão perto que posso sentir o cheiro do vinho em seu hálito, mas parece completamente sóbria, mais focada do que eu já a vi, na verdade. — Eles podem estar te observando. Já tenho nossas coisas —, diz ela.

Lembro de Andrew me dizendo que minhas coisas e de Kara tinham sumido. — Como é que você entrou? Quando esteve lá? *Todo mundo* está te procurando.

— É uma longa história. Olha. Eu só preciso que você pegue mais uma coisa.

— O que. Sua caixa de Tampax? Não consegue viver sem suas fitas de música?

— Elas estão aqui — Kara diz.

— Aparentemente não — eu digo. — E levei muito esporro por isso, sabe.

O rosto de Kara fica sério. Ela quase parece com medo. Ela agarra meu braço, quase me puxando para a água. — Do que você está falando?

— Alguém tinha fones de ouvido com suas fitas. Tive que responder um monte de perguntas, e Will tentou me fazer ler algumas letras sujas em voz alta enquanto ele destruía a fita como um psicopata.

Isso chama a atenção dela. — Emily. Você sabe qual foi a fita?

— Acho que dizia *MEU MIX*.

Kara suspira de alívio e solta meu braço. Mas seus olhos parecem frenéticos. — Quem esteve em nosso quarto?

Eu fico olhando para a luz do sol dançando na água, esperando que a questão desapareça por conta própria.

— Emily?

— Ninguém — eu digo. A mentira sai da minha boca com tanta facilidade. Me levanto e ando ao longo da borda da piscina.

Um silêncio constrangedor preenche a lacuna entre nós enquanto Kara estuda minha reação.

— Não consigo imaginar por que alguém em nosso grupo iria querer levar suas coisas. Quero dizer, e se fosse apenas um acidente?

Kara torce a boca como se estivesse decidindo o que dizer a seguir. — Emily, eu sei que é difícil de entender, mas você não pode confiar em *ninguém*.

Eu quero gritar. Exigir respostas diretas dela, mas ver os amigos de Kara dentro das janelas da vila me faz engolir minha frustração em vez disso. — Olha — eu digo com uma voz calma. — Tudo que eu sei é que todos estão agindo como loucos, e eu não posso mais fazer isso. Mas não sei como só... Ir embora. Quer dizer, nem sei onde meu passaporte está.

— Seu passaporte está aqui — ela diz com naturalidade, balançando as mãos na água.

Meu corpo fica tenso de preocupação. — Aqui onde?

— Aqui na vila. No quarto de David.

A compreensão corre para minha cabeça: *ela está falando sério.* — Kara, que diabos?! Você ia me sequestrar enquanto eu dormia?

— Não, boba. Eu sabia que você voltaria para me procurar. E aqui está você. É tão fácil agora. Podemos só ir — ela abre um sorriso triunfante.

— Kara. *O que está acontecendo?* Eles me disseram que eu tinha que te trazer de volta, e então Will mentiu sobre o fato de você estar sumida. Eles marcaram Lily e Andrew, nunca poderemos falar com eles de novo, o que não importa, já que duvido que eles voltem. E Dolce está morta — me arrependo no mesmo segundo de ter falado demais.

— O quê? — a voz de Kara está baixa. Seus olhos estão marejados de lágrimas.

— Desculpa. Já tentei te dizer antes. Acho que foi aquela cobra... *Por favor*, apenas me diga o que está acontecendo.

Ela se afunda na água, em seguida, volta para cima e pousa os braços na borda do concreto. Seu olhar está focado e determinado, sem um pingo de emoção.

— Se você realmente quer ir embora, posso te ajudar. Tenho tudo que precisamos, exceto uma coisa: você precisa encontrar dinheiro, ou melhor ainda, seus cartões de crédito.

— Kara... — minha cabeça está em uma névoa. Partir é a única maneira que consigo pensar para remover o peso que esmaga meu peito e a pressão que aperta minha garganta, mas algo, uma forte sensação de pavor, está me segurando. Estou com medo, mas nem sei *do que* estou com medo.

— Olha. David já nos convidou para encontrá-los em Roma, além disso seria duvidoso. E assim que sairmos da vila, é isso. Nunca poderemos voltar para ver alguém no Reino. Eles nem terão permissão para falar conosco — ela me lança um olhar sério. — Nem mesmo Josh.

— Não ligo —, eu digo. Mesmo enquanto digo isso, digo a mim mesma que Josh acabará mudando de ideia. Às vezes, quando você precisa manter a cabeça limpa, você tem que esconder suas decisões de seu coração.

Kara sorri. — Certo, peguei nossos passaportes e passes de viagem no escritório, mas o dinheiro deve estar em outro lugar. Tem que estar em algum

lugar do escritório, provavelmente trancado. Você terá que descobrir essa parte quando todos estiverem dormindo.

— Como Lily e Andrew foram embora sem dinheiro?

— Ela provavelmente pediu aos pais para que arrumassem um pouco para ela, já que ligava para casa.

— Ainda estou confusa. Por que eles não *te* marcaram e me proibiram de falar com você se nem mesmo sabem onde está?

— Porque você é a única pessoa que sabe onde estou e eu sou a única pessoa que sabe tudo.

Leve Como Uma Pena, Duro Como Uma Pedra

Espero no vinhedo até que todos pareçam estar dormindo, como Kara disse. Volto para a janela onde ouvi Ben e Will. As venezianas de madeira estão fechadas. Uma barra de luz brilha embaixo.

A vila está silenciosa enquanto corro em direção ao escritório de Will. Pego a maçaneta e paro quando ouço uma voz do outro lado da porta. *Ben*. E então outra pessoa, uma mulher, diz: — Temos que resolver isso antes que ele chegue aqui amanhã. E você vai ter que assumir este fiasco, porque estou muito ocupada.

Uma onda de medo rouba minha respiração. *Meredith*. Ouço gavetas abrindo e fechando, papéis sendo embaralhados em uma mesa. — Vejo todas as Folhas de Responsabilidade e Listas de Verificação dos PBs, mas onde estão as LPs? — ela diz.

Uma pausa, e então Ben: — Não sabemos.

Meredith ri. — Não sei como vocês dirigiram as coisas na Flórida, mas Boston é uma história totalmente diferente — mais gavetas abrem e fecham. — "Não sabemos" não vai funcionar em Boston, posso te dizer isso.

— Talvez seu marido saiba — o tom de Ben é afiado. — Eu olhei em todos os cantos desta vila e ainda não as encontrei.

Sem resposta. Apenas o som de algo mexendo. Meu instinto me diz para sair na ponta dos pés, mas meu desejo de ouvir o que está acontecendo anula o medo.

— Ele já pode falar? — Ben pergunta, seu tom agora mais simpático.

— Ele ainda está descansando. Disseram que ele precisa de algum tempo para se recuperar.

Recuperar. De que?

— É o açúcar no sangue dele? — sua voz soa hesitante. — Ele parecia muito instável nos últimos dias.

— Açúcar sanguíneo? Não. Provavelmente desidratação ou exaustão. — Ela diz as palavras como palpites improváveis de outra pessoa. — Mas são apenas sintomas... para que diabos isso serve? — seu tom muda para confusão.

— Ah. Acabei de receber da cidade para as injeções de insulina. Ele estava quase desmaiando.

— Ele não é diabético —, diz Meredith, como se Ben fosse idiota.

— Ele disse...

— Bem, ele deve estar delirando com aquela febre porque nunca tomou insulina na vida.

— Então por que ele...

Um carro subindo a colina pisca uma luz brilhante no corredor onde estou. Prendo a respiração, tentando não entrar em pânico. Exalo através de sua longa pausa o mais silenciosamente possível.

— Ben. Esta missão está condenada, e nós dois sabemos por quê. A questão é clara. Este grupo veio aqui com pecado em seus corações. Não posso acreditar que você reuniu um bando tão divisivo e rebelde. Alguém mais caiu além de Lily e Andrew?

— Bem, tecnicamente, não. Kara está trabalhando em outro local. Ou é o que dizem...

— Quem é Kara? — sua voz está tensa e irritada.

Minha mente fica confusa. *Como poderia Meredith não conhecer Kara?*

— Kara da igreja da Flórida. Ela estava com a mãe dela, a enfermeira, na missão na África?

— Na *África*? Como nunca ouvi falar delas?

Silêncio.

— Bem, não tenho a menor ideia do que está acontecendo aqui e claramente você também não —, continua Meredith. — Eu nem deveria estar aqui. Estamos

nos mudando para a Califórnia em questão de semanas. Você tem ideia do quanto estou estressada?

— Olha. Eu sei como lidar com isso — Ben diz, sua voz agora autoritária e mais perto da porta. — Já estou trabalhando para colocar esta missão de volta nos trilhos, se você me deixar liderar.

— Tudo bem. Que seja. Vá em frente e assuma o controle. Mas o que realmente precisamos é de um milagre.

— Concordo —, diz Ben.

A risada de Meredith me enche de um pavor nauseante.

— Eu sei o que fazer —, diz Ben. — Só temos que erradicar o pecado. É a única maneira — seu tom definitivo me faz sair de fininho e descer a colina escura até meu prédio.

Fico surpresa ao encontrar os beliches ocupados. Kara disse nada sobre me encontrar de volta aqui. O plano era se encontrar na piscina. Dou alguns passos à frente e vejo que Eva está na minha. Um corpo adormecido está sob o cobertor de Kara. Os cachos de Shannon se espalham pelo travesseiro. *Merda.* Vou na ponta dos pés até as gavetas e abro uma. Está vazia. Me agacho para olhar embaixo da cama, onde nossas malas estavam, mas não há nada lá. Abro todas as gavetas, apenas para encontrá-las vazias.

— O que você está fazendo? — diz Eva, meio adormecida.

— O que *você* está fazendo? Onde estão as minhas coisas? — eu digo, me fazendo de sonsa.

— Ben nos disse para dormir aqui esta noite com você e Kara. Não tenho ideia de onde estão suas coisas. Ele nos trouxe aqui cerca de uma hora atrás. Você pode não fazer barulho? Estou exausta — ela se vira e puxa as cobertas sobre a cabeça.

Ben? Fico paralisada de pânico, não tenho certeza se devo correr de volta para Kara ou tentar voltar para a vila. Penso melhor sobre o último, já que Meredith provavelmente ainda está lá.

Ouço vozes vindo em direção à porta. De repente, ela se abre e Ben entra com Josh e Todd meio adormecidos atrás dele. Se Josh está surpreso em me ver ali, ele não demonstra.

— Aqui estão suas instruções —, diz Ben. Ele entrega um pedaço de papel dobrado para Todd. — Há pecado nesta sala, vivendo em alguns ou todos vocês. Está acabando com a nossa missão, então vão ficar aqui até que ele acabe —, ele diz calmamente.

Antes que alguém tenha a chance de se opor, Ben sai e fecha a porta. Assim que meus olhos se acostumam com a escuridão, um som de bloqueio vem do lado de fora. Eu me viro e vejo que as venezianas de madeira estão fechadas. Corro para abrir uma, mas está protegida por fora.

Todd desdobra o pedaço de papel. — Como vou ler isso? — ele pergunta.

Josh clica em uma pequena lanterna. Ele ilumina o papel:

> *Assim, façam morrer tudo o que pertence à natureza terrena de vocês... É por causa dessas coisas que vem a ira de Deus sobre os que vivem na desobediência.*
>
> *Colossenses 3: 5-6*

Reconheço a caligrafia na etiqueta com a cobra. Estou com a cabeça leve, como se estivesse prestes a cair de uma saliência alta. — Esta é a letra de Ben? — pergunto a Josh.

— Sim, por quê? — ele murmura.

Merda. Corro de volta para as venezianas e tento novamente. Quando elas não se movem, começo a bater com os punhos. Josh me abraça e me afasta da janela. — Shhh —, ele sussurra em meu ouvido. — A última coisa que precisamos fazer é acordar Shannon antes de descobrirmos um plano.

Sei que Kara disse para não confiar em Josh, mas depois da conversa bizarra que acabei de ouvir, nem sei se posso confiar em Kara. Por que Meredith nunca ouviu falar de Kara, embora Kara fizesse parte da notória missão na África? A própria Kara se tornou um mistério ainda maior do que antes. — Há algo que eu tenho que te perguntar —, eu sussurro de volta. — O que são "LPs"? Ouvi Ben dizer que não consegue encontrá-los.

Josh me encara, preocupado. *Ah Deus.*

— O que está acontecendo? — Todd está bem ao nosso lado. — Por que vocês estão sussurrando? Sabem de alguma coisa? Por que diabos Ben nos trancaria aqui?

Josh cutuca minhas costas levemente, um sinal para ter cuidado. Eu fico composta. — Eu não tenho ideia — digo. A mão de Josh permanece nas minhas costas. É um gesto de proteção, mas não posso deixar de pensar no que aconteceu quando estávamos sozinhos neste quarto.

Todd anda de um lado para o outro e faz perguntas. — Como podemos saber quem está pecando? Todos nós não pecamos todos os dias? Quero dizer, não é por isso que precisamos de PDs, para que possamos confessar?

— Bem — Josh diz, olhando para mim. — A PD de Emily está sei lá onde, então não tenho certeza do que isso faria.

— Talvez Eva e Shannon pudessem ter uma sessão de PB —, implora Todd. — Talvez isso deixasse Ben feliz. Eu não posso fazer isso por muito tempo. Eu fico claustrofóbico.

— Por favor, não as acorde —, diz Josh.

— Tarde demais — Shannon, que obviamente ouviu tudo, se senta na cama. — Não entendo por que somos *nós* que somos forçados a consertar as coisas aqui, enquanto nossa maior pecadora está lá fora, provavelmente morando com algum cara. *Kara* é o problema, e todos nós sabemos disso. Ben sabe disso também.

— Do que você está falando? — pergunto a Shannon.

Ela sai da cama e me encara. — Não sei. Talvez *você* saiba do que estou falando.

— Eu sei! Eu sei —, diz Eva. Maníaca e animada. — Podemos fingir que *eu* sou ela. Vou confessar por ela! Funcionaria?

Shannon estreita os olhos. — Não, Eva. Não funcionaria — seu tom condescendente envia Eva ao desânimo silencioso. Shannon se vira para mim. — Mas *você* poderia fazer isso. Você e Kara estão próximas. E ela sabe tudo sobre você, então seus pecados são uma parte dela, o que forma uma conexão — sua lógica incoerente é assustadora. Embora Kara saiba muito sobre mim, ela é mais um mistério para mim agora do que no primeiro dia em que a conheci.

— Vamos, Emily. Ajude a equipe —, diz Todd. Eva está sorrindo para Todd, balançando a cabeça.

Todos me olham com expectativa, mas parece uma ameaça. É como se eu fosse a presa, e eles estão prestes a atacar. Procuro em Josh qualquer tipo de

apoio. Ele fica em silêncio como se estivesse imerso em pensamentos, como se... ele pudesse estar disposto a concordar com o que os outros decidirem.

De repente, a porta se abre e se fecha e tranca novamente. Todo mundo foge em confusão.

— Ei — Todd diz do outro lado do quarto. Ele está olhando para a base da porta. Abro meus olhos. Ele se abaixa para pegar uma pequena caixa preta com uma inscrição retangular de prata.

— O que está escrito? — Josh pergunta.

Estou pesada de cansaço.

— "Para a purificação", e tem uma cruz em cima.

— Abre —, diz Shannon.

O interior forrado de veludo vermelho contém uma fileira de pequenas vasilhas transparentes, quase como minúsculos copos. O frasco maior com tampa de rosca do meio está cheio com um líquido amarelado. Percebo Josh tenso.

— Acho que Ben quer que a gente faça a comunhão —, diz Todd. Ele levanta o frasco cheio de líquido. — Mas isso não é suco de uva.

— Então o que é? — Eva pergunta.

— Acho que teremos que descobrir —, diz Shannon.

— Não —, diz Josh.

— Você vai ir contra Ben? — Todd pergunta.

Josh me cutuca atrás dele. — Não vou fazer isso. E nem Em — ele diz.

Shannon dá um passo em direção a Josh e o encara. — Você está de brincadeira? Você iria contra o plano do Reino por causa *dela*?

Josh fica parado, seu corpo inteiro rígido como se estivesse pronto para atacar, se necessário.

Shannon me olha com ar condescendente. — Bem, acho que encontramos os pecadores — os outros se voltam para mim.

— Há quanto tempo vocês dois estão se escondendo como um casal secreto?

— Não somos um casal secreto —, digo.

— Bem, talvez Josh pense assim — Shannon caminha até ele. — Aposto que você tem pensamentos impuros sobre ela. E sobre Kara também. Talvez até as duas ao mesmo tempo.

— Chega, Shannon — nunca vi Josh bravo assim.

— Vocês dois obviamente precisam da comunhão mais do que *qualquer* um de nós — Shannon inclina a cabeça para o lado e se vira para mim, tão perto que está cuspindo palavras na minha cara. — Deus não pode te ajudar até que se arrependa e limpe sua alma.

— Deixa ela em paz —, diz Josh.

— Ah, realmente —, diz Shannon. — Você não quer explicar para sua namorada como você conseguiu aquela fita deste quarto? O que mais você tem feito aqui, Josh?

Me viro para Josh, que parece horrorizado. Minha cabeça está girando. — Sobre o que ela está falando? — lhe pergunto.

Josh encara Shannon.

— Vai. Conta a verdade a ela —, diz Shannon.

Ele me olha com uma expressão tensa.

Não. Quando ele estava nesta sala outro dia, ele estava procurando por algo — não por mim. *As fitas de música de Kara.* Mas por que ele iria querer as coisas de Kara? Nada faz sentido. Meus olhos ardem de lágrimas enquanto Josh se afasta.

— Ha! — Shannon diz. — Eu sabia.

Tenho que sair desta sala e voltar para Kara. Me viro para a janela novamente. Deve haver outra maneira de destravar. Kara provavelmente está se perguntando onde estou agora. *E se ela me deixar aqui?* Então eu vejo uma linha escura deslizar pelos meus pés e ir para o outro lado do quarto. Eva grita. Minha cabeça começa a girar tão rápido que não consigo dizer qual é o caminho para cima. Estou empurrando a janela, mas está trancada por fora. Bato meus punhos contra ela. Estou tão tonta que mal consigo ficar de pé. *Por favor me ajude!* Não consigo nem dizer se estou dizendo isso em voz alta ou na minha própria cabeça. Então, uma sensação repentina de elevação — quase de êxtase — é liberada pelo meu corpo um pouco antes de atingir o chão.

EMILY X—

(continuação)

Cory Daniel acorda todas as manhãs em sua casa com jardim na Flórida às 5:45 da manhã para fazer café para sua esposa e alimentar seu pastor alemão chamado Ace.

Às 8h, nosso horário designado, bato levemente em uma porta de metal flanqueada pelo exterior de estuque bege recém-pintado de sua garagem. Estou aqui para conhecer Cory e ver sua coleção. Ele ainda está segurando seu café quando abre a porta, revelando uma sala escura com piso de concreto.

Uma luz fluorescente produz um brilho sobre uma parede de recipientes Tupperware forrados com jornal. Se não fosse pela luz, poderíamos imaginar isso como um depósito comum nos fundos de uma garagem, os recipientes de plástico cheios de enfeites de Natal e roupas fora de época que dão coceira.

À primeira vista, os recipientes parecem quase vazios, mas se olhar em sua direção, verá que eles contêm formas vivas, algumas enroladas em um canto como um brinquedo de borracha, mas outras em movimento perpétuo, explorando com as cabeças, procurando uma maneira de sair de suas prisões claras.

— A maioria dos meus clientes são outros colecionadores —, diz Cory. — Mas eles têm que ter licenças. Não posso só vendê-las a ninguém.

Ele alegremente se oferece para demonstrar sua experiência"paga pelo hobby e pela Harley em minha

garagem". Eu instintivamente me afasto em direção à porta.

Ele caminha até a pia para encontrar um copo adequado e rasga um pequeno quadrado de película plástica de uma caixa amarela. Ele estica cuidadosamente a película transparente na parte superior e prende um elástico ao redor do vidro como uma precaução extra.

Ele se vira para a parede de potes, como se estivesse pensando em uma decisão crucial.

— Agora vem a parte difícil — diz ele.

ENTREVISTAS PARA EMILY X—

Artigo por Julia O. James

LÍDER DO SETOR MUNDIAL (BOSTON): Sim, a missão da Itália foi o maior fracasso na história de todas as missões ativas até agora, mas gostamos de nos concentrar em nossos incontáveis sucessos, conforme descrito nos Relatórios de Vitória que enviei para seu artigo. Você gostaria de ouvir as estatísticas mais recentes?

BEN (GAINESVILLE, FLÓRIDA): O Remanescente era inevitável. Sem o Remanescente, o Reino não seria nada.

JOSH (LOCALIZAÇÃO DESCONHECIDA): Me sinto péssimo. Foi um pesadelo para todos nós. Especialmente para mim. [longa pausa] Eu amava ela.

JULIA: Ela quem?

JOSH: [silêncio antes de desligar]

PARTE TRÊS

Europa, julho de 1994

"Não há despertar de consciência sem dor."
—CARL JUNG

Em Memória de Mim

Eu acordo do lado de fora, sob estrelas espalhadas.

Tento me mover, mas não consigo. Estou muito pesada, muito entorpecida. Uma brisa passa pelo meu rosto, agitando o cheiro de sujeira sob meu cabelo.

Minha mão está cerrada ao redor do cascalho. Lembro-me do som de algo sendo esmagado sob meus pés. A dor quando caí. Uma voz na minha cabeça. *Levanta. Corre.*

Uma mão acaricia meu cabelo. Eu ouço a voz da minha mãe. *Doce menina*, ela diz.

Estou paralisada de pânico. — Eu morri?

Shhhhhhhh. Ela está acariciando meu cabelo e cantarolando.

Uma brisa sopra em meu ouvido. Tento gritar, mas minha boca tem gosto de metal. Minha língua está pesada e grossa. Algo está rastejando no meu braço. Não, sob minha pele. Aranhas. Formigas. Milhões de insetos microscópicos. Cada poro do meu corpo está tenso, coberto de arrepios. Minhas mãos queimam com arranhões. Eu aperto o cascalho na minha mão enquanto as estrelas começam a girar em um padrão, como faróis se movendo ao longo de estradas invisíveis no céu.

Um terror puro apaga meu desconforto. O zumbido para.

Mamãe? Eu fecho meus olhos com força. Eles se abrem novamente para o mesmo céu, as estrelas agora um borrão estridente. Estou sozinha.

Minhas memórias estão fora de alcance, avançando às minhas perguntas em clipes embaralhados. *Correndo. Correndo para longe* — onde está — *ai meu Deus.*

Meu primeiro pensamento coerente é como uma injeção de adrenalina: ninguém pode nos salvar.



As memórias recortadas se reordenam toda hora.

Não consigo me lembrar de tudo. Há lacunas de tempo em branco — apagadas com um gemido em expansão e pontuadas por fissuras horríveis entre elas.

Eva implorando, *não, não, não, não*. E a voz de Shannon. — Como sua PD, estou dizendo que você deve se arrepender para receber a salvação.

— Apenas beba —, Shannon retrucou.

Todd agarrou o braço dela. *Não*. Alguém empurrou Shannon. Foi *Josh*?

Então estou correndo.

A voz assustada de Eva ainda falando *não*.

As memórias se misturam e se atropelam novamente: Eva gemendo e tossindo, quase engasgando. Estou correndo. Escorregando pelo cascalho. Buscando um lugar, mas não chegando em nenhum. *Ben. Não.*

Ben estava em cima de mim, montado em meu torso, me segurando.

— É a única maneira, Emily —, disse ele. Seu dedo quente roçou suavemente em meus lábios e empurrou seu caminho para dentro da minha boca, esfregando metodicamente algo amargo e metálico em minhas gengivas. Seguiu-se um choque de florescimento lento.

Seus olhos olharam para mim com ternura e afeição, como se ele estivesse tentando salvar um animal ferido tentando fugir. — Faça isso em memória de mim.

Um terror em branco. O céu quieto. Então nada.

Sinto lágrimas no meu rosto. *Mamãe?*

Posso me ouvir gritando, mas tudo está preto.

Shhhhh. Doce menina. Está tudo bem.

Está tudo bem.

Acordo com um amanhecer brilhante. Eu aperto o cascalho. Desta vez, quando eu solto, minha mão se abre totalmente. Ouço as pedras baterem suavemente umas nas outras enquanto caem. Pego outro punhado e as solto. Eu imediatamente pego meu rosto e olho para a rápida subida e descida do meu peito. Estendo o braço acima da cabeça, onde sinto um emaranhado de videiras. Uma vaga determinação começa a se formar e se direcionar aos meus braços enquanto agarro as vinhas e me puxo para cima. Ouço um carro em uma estrada próxima. A vila onde os americanos estavam hospedados fica mais nítida. Devo ter perdido a consciência no vinhedo tentando chegar até Kara.

Kara.

Tropeço algumas vezes antes de conseguir correr.

Kara entra em foco, esticada na grama ao lado da piscina. O alívio toma conta de mim. Começo a correr em sua direção, tentando chamar seu nome com minha voz estrangulada. Então, noto seus longos cabelos molhados varridos na frente de seu rosto. Sua perna torcida em um ângulo não natural. Seu braço inchado e dobrado contra sua camiseta cinza. Seu outro braço aparentemente estendendo a mão para mim, palma para cima, dedos suavemente curvados, como se ela apenas gesticulasse para eu "vir aqui". Uma agulha está na grama ao lado de seu braço inchado.

Não. Não. Não. Não.

Uma estranha sensação de conhecimento ondula dentro de mim, cobrindo tudo o que antes era normal.

Dou um passo em direção a ela, meus pés pesados e dormentes.

— Kara? — mal consigo sufocar o nome dela. Preciso que ela responda, para vê-la se mexendo. Uma estática ensurdecedora enche meus ouvidos. Seu rosto é de um azul claro perolado.

— *Kara!* — desta vez estou gritando. Silêncio.

Um tom estridente vibra na minha garganta, mas minha boca não abre. Meus dentes cerram com tanta força que dói. *Não. Não. Não.* Eu me viro e olho para a vila, meu punho pressionado contra minha boca. Sem olhar para ela novamente, eu entro.

— Ajuda! *Por favor alguém me ajuda!* — Ninguém responde. Corro para o quarto de David, quase arrancando a porta das dobradiças. Está vazio. A mochila

de Kara está fechada e em cima da cama. Nossos documentos estão ao lado dela. Olho para baixo para ver minha mala de rodinhas no chão. Meu coração se enche de esperança e gratidão com remorso. Kara ia me tirar daqui. Olho pela janela onde seu corpo jaz retorcido e imóvel à distância. *Isso não pode ser real.*

— *Olá?!* — eu grito. Minha voz histérica ecoa pela vila vazia. A luz do sol penetra pela janela aberta em um alegre vislumbre de normalidade. Corro pela casa até encontrar o telefone em um corredor perto da porta lateral. Pegando o receptor, eu disco 0 sem ter ideia se esse é o número correto para uma emergência.

Alguém diz algo em italiano e eu sussurro: — Socorro. Por favor me ajuda — minha mão começa a tremer tão violentamente que deixo cair o telefone. Ele estala contra o ladrilho quando uma avalanche de medo me imobiliza. *É inútil. Você não pode salvar ela.* Minha mente passa por Ben em cima de mim, pelo terror absoluto e impotente de não ser capaz de me mover ou fugir. *Você tem que se salvar.* A visão de Kara sozinha na piscina quase me impede. Não quero deixar ela desse jeito, mas não há escolha.

Em um pânico cego, corro para pegar os documentos, coloco a mochila de Kara e pego minha própria. Atravesso o arco emaranhado de videiras, passo pela parede de pedra e chego à estrada estreita que serpenteia pela colina íngreme da Toscana. Tenho que correr. Me movo o mais rápido que posso para fugir.

Fileiras e mais fileiras de vinhas se espalham na periferia enquanto eu corro, nunca diminuindo a velocidade até chegar à rodovia de concreto na base da colina. Paro na passarela que paira sobre o trânsito. O rugido incessante dos carros abaixo ecoa minha confusão.

Minhas emoções acompanham meus pensamentos. Tento gritar, mas não consigo recuperar o fôlego. Algo como um gemido primitivo sai da minha garganta. Eu cubro minha boca com minha mão e me forço a continuar andando. A cidade está além da ponte e eu finalmente alcanço a normalidade de estranhos em suas rotinas matinais. Uma velha com uma cesta está perto de uma porta de pedra. Um gato malhado salta para o parapeito de uma janela forrada de flores ao lado. Jovens italianos andam pelas esquinas em todas as direções, inconscientes do horror nas colinas próximas.

Um ônibus laranja entra sibilando no estacionamento do outro lado da rua. Sento na calçada e tento me concentrar. *Respire devagar. Não há motivo para pânico. O medo não vai te matar. Basta escolher algo e se concentrar.* Me concentro no motorista corpulento saindo do ônibus. O clipe de seu crachá de prata brilha sob o sol forte enquanto ele descansa em um banco para acender um cigarro. O ônibus parado à sua frente com as portas abertas, um lembrete barulhento de que seu dia de trabalho está apenas começando.

Minhas mãos estão tremendo incontrolavelmente. *Isso não está acontecendo.*

Em seguida, a imagem do rosto sem vida de Kara se grava em minha mente. Empurro minhas palmas em meus olhos até que ela vá embora. Uma força violenta converge dentro de mim, uma queimação condensada na base da minha garganta. Pego minha mala e fico de pé enquanto o motorista joga o cigarro e entra no ônibus. Quando ele dá um aviso final, as consequências da minha nova realidade se estabelecem, e as coisas mais importantes na minha vida se misturam e se reorganizam, como os súbitos t*ique-tique-tique-tique-tique-tique-tiques* sucessivos no enorme quadro de horários pairando alto na estação de trem.

Caindo

Meu trem está indo para Paris. Isso é tudo que sei.

Não descubro para onde estou indo até encontrar um compartimento vazio. Sento em minhas mãos para evitar que tremam. Isso só me faz tremer mais. Coloco a mochila de Kara e minha mala na prateleira superior e entro no corredor onde as pessoas estão fumando. Um homem me diz algo em italiano e me oferece um cigarro. Estou prestes a acenar para ele, mas minha mão não para de tremer, então eu aceito. Eu inalo profundamente quando ele acende para mim. Ao tossir a fumaça, uma onda de calma se mistura com náusea. *O que eu vou fazer?*

Não posso ligar para meu pai. Ele ficaria furioso. E então desapontado. A parte que mais me assusta é a que se segue, ele ficaria apavorado. *O que eu fiz?* Ele se sentiria completamente impotente tão longe. Levaria dias para chegar aqui, então... Então o que? Tento imaginar ele falando com Will ou Meredith, ou mesmo com Ben, mas só consigo ver uma explosão de caos como uma bomba atômica.

Não. Eu posso consertar isso sozinha. Vou voltar para a vila e fingir, me fazer de sonsa. Mas *Kara*. Um pensamento terrível desliza em meu cérebro: *e se um deles quisesse que ela morresse?* Não. Isso é loucura. Tem que haver uma explicação. Jogo o cigarro pela janela e volto para o compartimento. O único fator conhecido desencadeia a pior realização: Kara se foi e ninguém pode trazer ela de volta.

Minhas lágrimas embaçam as luzes que se movem enquanto o trem sai gritando da estação.

O compartimento se enche rápido e não há nada a fazer a não ser sentar e esperar. Os outros passageiros colocam fones de ouvido ou pegam livros. Não consigo tirar os olhos da mochila de Kara. Não posso olhar dentro agora com todas essas pessoas ao redor. Não tenho ideia do que há nela. Abro o zíper do bolso da frente da minha mala para tirar meu passaporte e passe Eurail, grata por eles realmente estarem lá. Kara fez as malas. Tento ficar calma enquanto coloco minha mala ao lado da de Kara. Meu coração está batendo forte quando o condutor finalmente abre a porta. *E se eles estiverem procurando por mim?* Entrego meu passaporte e Eurail com um sorriso forçado. Ele os carimba sem alarde e os devolve.

Conforme os passageiros ao meu redor começam a se acomodar, tento inspirar e expirar o mais quieta possível. Um homem e uma mulher de meia-idade dão as mãos e olham juntos pela janela. O homem à minha frente tira um pouco de comida de um saco de papel para comer. Meu estômago ronca levemente, mas estou muito chateada para me imaginar comendo qualquer coisa. Minha mente não para de zumbir, como se pudesse até fazer um som. Me forço a olhar pela janela. Campos ondulam à distância e rios entram e saem de vista enquanto o movimento oscilante do trem acalma meus nervos em frangalhos. *Inspire. Expire.*

Ninguém me conhece aqui. Vai ficar tudo bem.

Em nossa próxima parada, o casal puxa suas malas e sai. Quando o trem sai da estação, o outro homem se levanta e vai para algum lugar. Eu pulo para colocar a mochila no chão perto da janela. Ninguém presta atenção, então eu desempacoto. Vasculho tudo até o fundo, mas não há nada exceto roupas, seus fones de ouvido Walkman, um par extra de sapatos e uma caixa de Tampax. Abro o zíper dos bolsos da frente para encontrar várias notas de 50.000 liras. Pego uma foto de Kara parada ao lado de uma linda mulher com cabelo preto curto que deve ser sua mãe. Elas estão com Will no que parece ser uma aldeia africana. O braço de Will está envolto em torno dos ombros de Kara como se ele estivesse orgulhoso dela. Kara olha para a câmera com um meio sorriso. Outra foto está presa atrás dessa. Eu as separo. A aldeia parece a mesma da primeira foto, mas esta mostra Josh e Kara em um abraço afetuoso.

Fico olhando para ela, cada detalhe me oprimindo com confusão. Eu me dobro e gemo como se alguém tivesse me dado um soco. Milhares de perguntas e explicações vêm e vão, mas minha sensação de pavor apenas se intensifica. Eu pego e coloco a foto de volta na mochila assim que a porta se abre atrás de mim. O homem retorna com um jornal, alheio à minha turbulência interna.

Me forço a olhar para a paisagem distorcida pela janela, para não chamar atenção para mim. As curvas suaves das colinas passam em um borrão lânguido, mas minha respiração fica irregular novamente. *Olhe a paisagem*. Exceto pelas casas, o campo quase parece um lar. *Casa*. Eu luto contra as lágrimas.

Eu não vou desmoronar.

Enquanto eu crescia, quando ficava enjoada, meu pai me dizia para olhar para o horizonte. — É sempre estável —, dizia ele. — E não importa aonde você vá, nunca há um fim.

Observo o horizonte, esperando desesperadamente por algo melhor além dele.



Estou tremendo sob um cobertor frágil de albergue. A chuva lá fora bate sob o grande vão entre a parte inferior da porta trancada e o chão do meu quarto em Paris. Manadas de botas barulhentas cruzam a abertura. Mesmo com a tempestade barulhenta, ouço conversas animadas, jovens mochileiros discutindo seus planos para o dia.

Este albergue é barato e decadente, mas não quero gastar muito do pouco dinheiro que tenho. Tento imaginar o Golfo do Mexico brilhando ao sol pela janela. O pensamento faz com que lágrimas corram pelo meu rosto. *É minha culpa,* eu me lembro. Eu costumava imaginar como seria Paris. Essa versão nunca me ocorreu — fria, chuvosa, deprimente e sob essas circunstâncias.

A chuva sangra por baixo da porta e gela a sala, me fazendo estremecer novamente. Meu cabelo ainda está molhado. Fico olhando para o frasco vazio de tinta de cabelo ao lado da pia, que agora está manchado com o mesmo marrom escuro do meu novo cabelo. Caminhando da estação de trem, vi um grupo de

jovens usando adesivos de rosto sorridente. Parte de mim queria virar e contar a verdade. Em vez disso, corri para o outro lado.

Uma batida na porta faz meu coração disparar. Uma grande mochila cai do lado de fora com um baque pouco antes de uma chave arranhar a fechadura. Não consigo me mover. Uma garota alta e magra abre a porta e arrasta sua enorme mochila para dentro. — Desculpa —, ela sussurra para mim. — Não sabia que tinha alguém aqui. Você estava dormindo?

— Não — digo.

— Ah, bom. Sou Freedom. E, sim, é meu nome verdadeiro — não tenho certeza se ela vê meu rosto ou apenas continua por hábito. — Pais hippies. *Muitas* drogas — ela abre o zíper da mochila e tira algumas roupas secas.

Eu não digo nada.

— Você está doente? — ela pergunta.

Desvio o olhar e aceno com a cabeça, tentando não chorar.

Ela pega o recipiente vazio de tinta de cabelo ao lado da pia. — Ah, merda. Já passei por isso — ela diz com simpatia. — Escolhi o vermelho. E *não* era bonito, literal *ou* metaforicamente.

Puxo o cobertor sobre meus ombros.

— Escuta, eu sairei do seu caminho em alguns minutos —, diz ela enquanto ajusta uma bandana azul sobre seu cabelo longo e liso que é tão loiro que é quase branco. Ela me lembra uma versão mais ousada da minha meia-irmã, mas não consigo parar de olhar para a bandana. Meus pensamentos voltam para os jogos de confiança que tivemos na Itália.

— Onde você conseguiu essa bandana? — pergunto, tentando não entrar em pânico.

— Do Colorado. É o meu visual Axl Rose — ela ri, imitando a dança de "Sweet Child o' Mine".

Começo a relaxar. Ninguém no Reino faria isso. *Exceto Kara.* Então as lágrimas voltam.

Ela me olha com preocupação. — Ei. Tem certeza de que está bem?

— Não — digo. — Não estou.

Freedom vai embora e volta com um pouco de aspirina e McDonald's. No momento em que sinto o cheiro das batatas fritas, percebo que estou morrendo de fome.

— Odeio comer essa merda quando estou na porcaria de Paris, mas é barato e está virando a esquina, então c'est la vie — ela levanta seu refrigerante para brindar o meu. Quanto mais ela fala e age como uma estudante universitária normal, mais eu relaxo.

— Então. Qual a sua história? — ela pergunta. — Você já foi ao Balmer's? Ah, Deus. É *incrível*.

— Ainda não — eu digo. Sorrio, só porque estou com medo de que ela descubra minha história real se eu não o fizer.

— Vou para a Itália depois. Estou tentando ir a todos os países antes de agosto.

Tento manter minha expressão neutra enquanto tomo um gole da minha Coca.

Freedom se levanta abruptamente enquanto ela embala sua sacola do McDonald's. — Certo. Este é o acordo. Esse quarto é um verdadeiro buraco de merda. Você está obviamente um pouco melhor. A chuva parou e o sol saiu. Estamos em *Paris*, pelo amor de Deus. Vamos *fazer* alguma coisa.

Desesperada para evitar me denunciar, concordo.

O sol parece quase antinatural enquanto caminhamos pelas ruas parisienses chiques. A multidão aumenta à medida que nos aproximamos da Torre Eiffel. Um mímico vestindo uma camisa listrada em preto e branco e uma boina preta está se empurrando contra uma parede invisível com suas mãos enluvadas de branco. Seu rosto está coberto de maquiagem branca, suas sobrancelhas pintadas e enrugadas mostram uma frustração exagerada. Os turistas que se alinham nas fileiras de degraus de pedra batem palmas e aplaudem com admiração. Ele bate no ar como se estivesse tentando sair. A Torre Eiffel assoma atrás dele como se de alguma forma tivéssemos tropeçado na falsa Paris — a filmagem que indica onde devemos estar. Às vezes, o que realmente está acontecendo é surreal demais para acreditar.

As pessoas estão se movendo ao meu redor e começam a parecer muito próximas. Estou ficando tonta de novo.

Freedom agarra meu braço. — Vamos.

Eu olho para a torre. — Hum. Não gosto de altura —, minto, na esperança de ter a chance de descobrir um plano enquanto espero a resposta de Freedom.

— Certo, tudo bem, mas tira uma foto minha? — ela me entrega sua câmera e fica em primeiro plano com os braços estendidos em uma pose de *ta-da*. Eu tiro a foto e devolvo a câmera, e ela desaparece sob os arcos de metal no caminho para cima.

Um jovem casal americano me pede para tirar uma foto deles. Conto até "três" e eles se beijam quando aperto o botão. A esposa me agradece quando devolvo a câmera. Seu colar de diamantes brilha ao sol. Uma compreensão repentina fica presa na minha garganta quando minha mão toca meu pescoço nu. *Meu colar*.

Quando a Freedom volta, estou doente de pânico.

— O que está errado? — ela pergunta.

— Tenho que voltar para o albergue — a náusea volta a me dominar.

Quando finalmente voltamos, rasgo cada item da minha mala. Abro a caixa de Tampax de Kara, onde ela esconde coisas que não quer que os outros encontrem. Meu coração afunda quando vejo que está cheio apenas de suas fitas. Verifico os zíperes da frente. Nada. A crescente sensação de arrependimento assume como um vírus repentino. Tento me lembrar de quando o tirei. Tudo na Itália parece confuso e borrado. Não consigo nem me lembrar da última vez que o vi.

— O que diabos você está procurando? — Freedom pergunta.

— Eu perdi algo. Quer dizer, acho que deixei algo na Itália.

— Isso é péssimo —, diz Freedom. — Você se lembra exatamente onde? Talvez ainda esteja lá. A maioria dos albergues tem achados e perdidos.

— Eu não estava em um albergue.

— Vou me encontrar com alguns amigos em Florença em alguns dias. Por que não vem conosco?

A ideia de voltar para Florença é muito arriscada. Nem sei se alguém ainda está lá. *Ou se alguém está me procurando.* Talvez eu estivesse louca quando

encontrei Kara. Talvez eu tenha imaginado tudo... *não*. Eu sei o que vi. Minha mente passa por Josh, como ele me protegeu de Shannon e dos outros naquela noite. *Mas por que ele mentiu sobre Kara?* Minhas memórias do que aconteceu estão fragmentadas. Josh é o único que teria me ajudado a fugir. De que outra forma eu poderia sair daquele quarto e correr? *Até que Ben o alcançasse.* Eu estremeço e esfrego minhas têmporas. — Eu não posso voltar para Florença — eu deixo escapar, e imediatamente percebo o quão estranho isso deve soar.

Freedom espera pela minha explicação enquanto mastiga ruidosamente uma maçã que tirou de sua mochila.

— Quero dizer... — eu nivelo minha voz, olhando para a pilha de mapas de viagem em sua cama. — Já fiz outros planos de viagem.

Freedom me encara com uma expressão de apoio. Ela está resolvendo problemas em seu caminho pela Europa há meses por conta própria. Claro que ela tentaria me ajudar. — Hmm. Com quem você estava viajando quando esteve lá? Talvez eles tenham encontrado e guardado para você —, diz ela.

Suas palavras fazem sentido, mesmo nas minhas circunstâncias perturbadoras. O vislumbre de uma ideia desperta esperança. Alguém como Freedom poderia mandar uma mensagem para Josh se eu dissesse a ela exatamente aonde ir e o que dizer. Eu poderia encontrá-lo em uma estação de trem neutra. Olho para a Freedom, que é tão confiante e despreocupada. Se alguém poderia fazer isso, é ela.

— Preciso que você me faça o maior favor que já pedi a alguém.

Eu (Não) Sou Ela

Espero na estação ferroviária de Milão com o máximo de otimismo que consigo imaginar.

Freedom prometeu entregar meu bilhete a Josh depois que eu disse a ela onde eles recrutam em Florença. A nota afirmava essa data e hora específicas com base no horário do trem para Milão, que parecia um terreno neutro e era apenas a duas horas de Florença. Todas as variáveis desconhecidas aumentam minha ansiedade. Ele teria que vir sozinho. Teria que manter isso em segredo. Teria que encontrar o colar e de alguma forma conseguir o passe de trem. Teria que mentir de forma convincente o suficiente para se afastar do grupo por algumas horas. *Por favor, venha a Milão com o colar da minha mãe*, escrevi. *Eu tenho dinheiro.*

Depois de tudo o que passamos, esperava que ele quisesse me ajudar, mas não tenho certeza. Porém, se houvesse pelo menos 1% de chance, eu teria que tentar. O colar da minha mãe é a coisa mais importante que tenho dela, e me recuso a sair sem tentar recuperá-lo. Penso na última vez em que estive a sós com ele, em como teria feito qualquer coisa para que ele fosse embora comigo. E tenho quase certeza de que ele empurrou Shannon para fora do meu caminho quando eu corri. Sua voz é a última que ecoa na minha cabeça desde aquela noite horrível — a última coisa que ouvi antes de sair daquele quarto trancado.

A estação está lotada de viajantes: mochileiros, moradores locais e turistas carregando malas em todas as direções. Encontro um local com uma visão clara de sua trilha um pouco antes da hora de chegada. Quando o vejo atravessar a plataforma, minhas pernas ficam dormentes. Fico aliviada por ele estar aqui pessoalmente, mas não posso acreditar que ele apareceu. Me movo para trás de uma coluna onde ele não pode me ver. Eu não tinha um plano para isso. O que

eu estava pensando? Josh olha em volta. Não tenho certeza de como ler sua expressão. Suas mãos estão segurando as alças de sua mochila e remexendo no clipe ajustável. Procuro mais alguém do Reino na estação de trem, mas não vejo ninguém. Corro em direção a ele.

Ele parece chocado ao me ver. Em seguida, uma profunda tristeza obscurece suas feições. A foto que encontrei de Kara e Josh pisca em meus pensamentos. Toco meu cabelo mais escuro e me pergunto se por uma fração de segundo ele pensou que eu era Kara. Meu coração afunda quando percebo por que ele parece tão desapontado. *Eu não sou ela.*

Anúncios soam em italiano nos alto-falantes enquanto a programação do trem gira suas mudanças infinitas — novos horários, diferentes cidades — em cliques rápidos. Já se passaram anos desde a última vez que vi Josh. Seus olhos estão vermelhos e inchados. Eu nunca o vi assim tão mal.

Meus próprios olhos se enchem de lágrimas. — Ela realmente se foi? — pergunto.

Ele olha em volta, ainda mexendo nas alças da mochila. Ele coloca o braço em volta do meu ombro e me leva mais para baixo na plataforma, para longe da área principal cheia de pessoas. Sua mão está tremendo. Ele toca meu cabelo como se estivesse confuso com a nova cor. Não diz nada, mas é bastante claro pela dor em seus olhos que ele não quer responder à minha pergunta.

Uma dor intensa explode dentro do meu peito, a mesma dor me rasgando novamente. — Sabe, eu não... eu estava tão assustada... — paramos na coluna onde eu estava escondida antes.

— Ninguém te culpa, Emily. Foi um acidente — ele não olha para mim quando diz isso. Sigo seu olhar até uma lata de Fanta laranja no chão. Qualquer coisa para evitar falar sobre o que aconteceu na vila.

Mas a imagem sempre reaparece, ignorando meus desejos. Novos detalhes surgem em minha memória a cada vez. O corpo de Kara. Seu cabelo molhado. Seu braço inchado. Apenas deixada lá sozinha. Por mim. A vergonha e o arrependimento me dominam.

— Eu não entendo —, eu digo, pressionando minhas palmas em meus olhos.

— Ela se afogou. Foi um acidente. Ela estava bêbada — ele diz como se estivesse recitando versos que memorizou. Isso me lembra muito o

comportamento estranho de Lily naquele dia com Shannon.

Quero muito acreditar nele, mas sei o que vi. Kara estava ao lado da piscina, não dentro dela. E ninguém mais estava por perto. Ou pelo menos eu não vi... Arrepios se espalham pelos meus braços quando um trem guincha no trilho ao nosso lado. Enquanto as pessoas descem os degraus com suas bagagens, tenho que lutar contra a vontade repentina de ir com elas. Para seguir outra pessoa em uma viagem cuidadosamente planejada pelos pontos turísticos e museus da Itália. Eu faria qualquer coisa para sair desse pesadelo.

Ele tenta me pegar em seus braços, mas eu me afasto. — Não, Josh. Eu *vi ela*. Não foi isso que aconteceu. Alguém está mentindo para você.

Josh me lança um olhar que não reconheço. Há algo mais por trás de seus olhos vazios — algo como raiva. Ele olha em volta da estação de trem uma última vez, pensativo.

— Você tem seu passe Eurail? — ele pergunta.

— Sim.

— Vamos dar o fora daqui —, diz ele.

Fico surpresa com sua garantia. — Você não tem que voltar?

— Acho que nós dois sabemos que não há como voltar agora.

Ele olha para minha mala, confuso. — Você só tem uma?

— Sim — não digo a ele que deixei a mochila de Kara em uma lata de lixo de Paris, que peguei as coisas dela e coloquei em minha própria mala para aliviar minha carga.

Mas nada disso importa porque finalmente estamos indo embora.

— Como é a Alemanha? — ele diz indiferente enquanto estuda os sinais do trem. Em circunstâncias normais, eu riria. Talvez até o questionasse, ou pelo menos iria querer discutir um plano. Mas as circunstâncias não são normais, então eu o sigo quieta em um trem e em um compartimento vazio. Josh fecha a porta, tranca e coloca sua mochila no chão.

Fico olhando para sua mochila com um choque de esperança. — Você achou meu colar? — vê-lo cara a cara colocou a morte de Kara em primeiro plano, ofuscando todo o resto. Eu estava contando com ele para salvar a única coisa que restou de minha mãe. Por sua expressão triste, já sei o que ele vai me dizer.

— Não consegui encontrar — Josh abaixa a cabeça e olha para o chão. — Desculpa, Em. Olhei em todo o seu quarto. Todas as gavetas estavam vazias.

Uma dor surda irradia em meu peito. Sei que é apenas um objeto, mas agora parece que perdi *tudo*. Imagino o quarto, quebro a cabeça sobre onde poderia ter o deixado. Então aquela noite horrível rasteja de volta em minha mente. — Josh, o que aconteceu com a gente? Quer dizer, naquela noite. O que Ben fez comigo? Eu acordei em um vinhedo, e foi quando eu encontrei... ela — minha voz está tão trêmula que quase não consigo entender.

Josh abre o zíper de sua mochila. Ele puxa uma garrafa de bourbon, abre a tampa e inclina a garrafa, que já está meio vazia. As pessoas se movimentam pelo corredor ainda em busca de um lugar para se estabelecer, mesmo depois que o trem se afasta. O condutor bate na nossa porta até eu destrancar. Ele inspeciona nossos passes Eurail e passaportes e a fecha novamente, mas não antes de nos lançar um olhar de desaprovação. Já vi esse visual antes quando compartilhei um compartimento com um grupo de mochileiros desordeiros a caminho da Itália. Eles devem ver isso mil vezes, todos os dias: jovens americanos se embriagando em um trem, como se estar em outro país cheio de sons que eles não conseguem interpretar os tornasse invisíveis para todos ao redor. Isso não impede Josh de tomar outro longo gole.

— Josh. Por favor, me diga o que aconteceu — a memória da agulha ao lado do corpo de Kara passa pela minha mente. — Você acha que Kara estava drogada?

— Drogas? — ele me olha como se eu fosse louca. — De jeito nenhum. Não Kara.

Não posso deixar de visualizá-los juntos na fotografia, onde ele claramente a conhecia muito bem. *Pare.* Se concentre no que aconteceu com Kara. A agulha não faz sentido. Kara nunca pareceu chapada ou nervosa como Sadie ou Christina sempre pareciam. — Tem certeza? Eu vi...

— Não quero mais falar sobre Kara — Josh diz, levantando a mão em um gesto definitivo. — Foi um acidente. Ela se afogou. Os americanos fizeram check-out no dia anterior. Caso encerrado — ele toma outro gole profundo, mas não recua. Seus olhos estão cada vez mais vazios, escurecidos. Ele fala em rajadas aleatórias, como se toda a história estivesse repetindo um loop em sua mente e ele

estivesse apenas esperando as partes que está disposto a revelar em voz alta. — Aqui está o que importa. Eu sabia que tinha que ir embora. Todos eles disseram que você abandonou a igreja e Deus, e que se afastou. Eles disseram que você tem pecado em sua vida e não pode lidar com o plano de Deus para Kara. Que nunca estaria no Reino e que nunca poderíamos ter qualquer contato com você de novo. Quando aquela garota me deu sua mensagem, eu tomei como um sinal.

Minha respiração fica irregular ao ouvi-lo falar. *O plano de Deus*.

— Precisamos sair deste lugar, voltar para casa. Para nossas famílias verdadeiras. Dane-se as consequências. Eu não aguentaria essas pessoas por outro dia. Eles me fizeram sentir como se estivesse louco — sua voz treme um pouco, tropeçando no último som de *O*.

Nossas respirações irregulares preenchem o espaço entre nós. Quebro o silêncio com um quase sussurro: — O que Ben me deu naquela noite?

— Veneno. E outras coisas.

— *Veneno?* De *que*?

— De cobra.

Calafrios correm para cima e para baixo em todo o meu corpo enquanto penso sobre a cobra deixada no meu quarto e de Kara. — *O que*? Por que...?

— Para "erradicar o pecado", é o que dizem — sarcasmo amargo acompanha suas palavras arrastadas. — Já tinha feito isso antes, então eu sabia que vomitaria logo depois. Enfraquece os efeitos.

— Você... o quê? Onde? Em Boston? — eu faço uma pausa. — Ou na África? Ou talvez até na Flórida?

Josh parece atordoado. Eu estaria mentindo se dissesse que não gostei de pegá-lo desprevenido.

— Kara me contou tudo sobre isso —, minto. — Sei desde que chegamos aqui.

Ele parece tão perdido, seus olhos cheios de tristeza. Pego a garrafa de sua mão e engulo um gole de uísque. Queima minha garganta e meu estômago, mas continuo bebendo. Após a terceira inclinação, um casulo invisível irradia calor ao meu redor e, pela primeira vez desde que cheguei à Itália, talvez até antes disso, me sinto no controle.

— Você a amou? — pergunto.

— Não — ele diz isso rápido demais.

— Não acredito em você.

Josh geme, passando as mãos pelo rosto. — Estávamos juntos em uma missão, Emily. As coisas ficaram malucas. Fora de controle. Estávamos no meio do *nada*. Ela é a única pessoa no mundo que entende tudo o que passei.

— Entendi. Passado difícil. Ela se *foi* — meu medo e tristeza mudam para uma amargura concentrada. Então a primeira lágrima cai. Quando Josh começa a chorar, minhas próprias emoções vacilam enquanto ele soluça em meu ombro. Eu acaricio seus cabelos com minha mão. Mas isso ainda não acabou. Tenho que fazer com que ele me diga o que aconteceu.

— Josh — eu digo suavemente, continuando a acariciar seu cabelo. — Preciso entender o que aconteceu. Por que Ben nos daria veneno? — eu me encolho com a memória de seu dedo empurrando em minha boca. Aperto meus olhos para bloquear. — Isso tem acontecido o tempo todo? Heather estava fazendo isso também? Todo o Reino?

Ele se senta e respira fundo. Ele enxuga os olhos com a camiseta e olha pela janela. — Não. É outra coisa.

— O que você quer dizer?

— Não é como em Boston. É algo sobre o qual Boston não gosta de falar. Mais e mais pessoas praticavam após a missão na África. Alguns viram isso como um milagre.

— Praticavam o quê?

— Os rituais. Aqueles que os praticam são parte do que eles chamam de Remanescente.

Procuro respostas em seu rosto, mas agora nem tenho certeza se quero saber. Uma sensação estranha está tomando conta, como aquela sensação em um sonho lúcido quando você de repente percebe que está sonhando, mas ainda está preso naquele mundo, preso em sua própria imaginação. Fico andando de um lado para o outro. *Rituais? Remanescente? Do que diabos ele está falando?*

— Acho que começou na Flórida. Quando todos nós voltamos para os Estados Unidos, Will passou o verão inteiro lá sob cuidados médicos e trabalhou com a igreja onde Ben cresceu. Aquela onde o Reino começou pela primeira vez.

— Ben conheceu Kara? — pergunto, virando para ver sua reação. Os olhos de Josh vacilam quando digo o nome dela em voz alta. Nossa nova realidade se repete na minha cabeça: *Josh estava com Kara. Ambos esconderam de mim. Kara se foi.*

— Eles cresceram juntos, mas sempre se odiaram — Josh bebe.

— Por que?

— Nunca tive uma resposta direta sobre isso. Sei que a mãe de Kara deixou a igreja por um tempo depois da África. Ela foi rebatizada por Will na Flórida e ele a convenceu a deixar Kara vir para a Itália.

Sento em silêncio. Claro que ele era próximo o suficiente de Kara para saber desse fato em primeira mão. Ela deixou Josh dizer a ela o que fazer? Eu o escuto balbuciar enquanto banco a amiga gentil, tentando comparar suas palavras com o que Kara me disse. Eu pego a garrafa de sua mão e inclino em outro gole. O bourbon nem mesmo queima desta vez.

— Meredith ficou em Boston para coordenar as missões, mas Will queria ficar na Flórida. Pelo que eu posso dizer, ela dirigia tudo. Quando ele voltou para Boston, algo mudou. Eles estavam sempre com seus discípulos, separados. É quase como se eles os estivessem treinando para diferentes missões.

Meredith parecia tão distante naquele dia no jogo de vôlei, como se ela estivesse triste só de falar sobre como eles se conheceram.

— Você acha que eles estavam tendo problemas?

— Ouvi coisas. Não tenho ideia se elas são verdadeiras.

— Que coisas?

— Ouvi dizer que ela queria o divórcio e acho que ele também, mas o líder não permitiu.

— Por que?

— O divórcio é contra a política estrita do Reino. E mesmo que não fosse, eles nunca fariam nada para prejudicar a posição no Reino. Além disso, ela não teria permissão para liderar sem ele. As mulheres não podem ser líderes do setor sem um marido.

Penso na simpatia de Meredith no Castelo e em seu discurso missionário confiante depois da igreja, quando Will não podia estar lá. Os alunos eram tão

atraídos por ela. Ela tinha muito mais carisma do que Will, que parecia apenas zangado e errático, especialmente aqui.

— Percebi que a atitude do líder em relação a Will mudou após o incidente na África. Will voltou da África completamente mudado. Como se nada pudesse tocá-lo. Como se *ele* fosse o escolhido para liderar. Mas ele também estava muito doente. Teve que ter transfusões de sangue contínuas devido à picada de cobra. E eu também ouvi... — a voz de Josh some. Ele toma outro gole e olha pela janela, onde o sol se põe no horizonte. Ele lança um brilho quente sobre a paisagem pitoresca, um contraste gritante com o pesadelo horrível em que ambos estamos presos dentro.

Vejo Josh olhar pela janela. Quero gritar, exigir uma explicação imediata. Eu posso ouvir o tom de minha voz, embora eu esteja tentando soar calma. — Ouviu o quê?

Os olhos de Josh não saem da janela. *Por que ele não olha para mim?* — Ouvi dizer que ele mantinha cobras venenosas em casa —, ele finalmente diz.

— *O que?* — fico boquiaberta. Cobras venenosas são as últimas coisas que eu imaginaria encontrar naquela casa intocada.

— Foi aí que Meredith traçou a linha — ele continua. — Disse que não permitiria que ninguém colocasse a vida dela em perigo, ou a vida de Rachel, nem mesmo a dele. Mas o líder de alguma forma a convenceu de que tudo ficaria bem.

— Por que diabos ele faria isso? — agora sou eu quem está olhando para fora, buscando a normalidade, desesperada para dar sentido a esta informação bizarra.

Mas nada mais faz sentido. E fico apavorada pensando se nunca vai fazer.

— O Líder afirma que colocou as mãos em Will na África, e os moradores acharam que foi um milagre. Ninguém nunca tinha ouvido falar de um sobrevivente após uma mordida de mamba negra —, explica Josh. — A mãe de Kara era enfermeira e sabia do contrário, antivenenos, medicamentos, até mesmo transfusões de sangue, todas as coisas que mantinham em segredo nos bastidores. Depois disso, o ministério deles se multiplicou mais rápido do que todos os outros ministérios juntos, e Will passou a acreditar que *ele* foi escolhido para sobreviver, escolhido diretamente por Deus. Não curado pelo Líder.

Meus pensamentos racionais voam para o éter, muito além de qualquer coisa que eu possa entender como realidade. Eu olho para a garrafa de Josh, que está quase acabando. Seus olhos estão inchados e seu cabelo todo desgrenhado, mas ainda posso ver o garoto charmoso que interrompeu minha leitura de Henry James naquele primeiro dia. — Você sabe como tudo isso parece completamente louco — eu digo.

Josh olha para mim e eu quero me enrolar em seus braços, como se isso de alguma forma fizesse tudo ficar bem. *Não posso me permitir sentir isso por ele.* — Por que alguém ficaria com uma igreja que acredita que beber veneno faz parte do plano de Deus? — eu pergunto, olhando para ele em busca de uma resposta plausível.

Ele olha nos meus olhos com uma expressão atormentada. — Isso erradica o pecado. Como uma cura.

E é aí que o fluxo de informações é interrompido. Ele parece tão perturbado, e tudo que quero fazer é consertar as coisas para nós dois. Nada disso importa mais porque estamos partindo neste trem nos arremessando para longe dessas pessoas. — O que estávamos pensando? — pergunto, sentando ao lado dele em estado de choque. — O que *eu* estava pensando?

Josh se aproxima e envolve seus braços em volta de mim. Sou tomada por uma sensação repentina de calma até que olho em seus olhos. Eles têm aquele mesmo olhar desconhecido desde o primeiro momento quando ele me viu na plataforma, quase como se não me reconhecesse. Seus dedos deslizam em meu cabelo logo acima da minha nuca. Começo a me afastar, mas não quero.

— Vai ficar tudo bem. É tudo minha culpa. E eu vou afastar você deles. Confia em mim — ele murmura, pouco antes de sua boca cobrir a minha.

O peso de seu torso parece inevitável e de alguma forma reconfortante, embora eu esteja presa embaixo dele. Eu não deveria beijá-lo depois de tudo o que aconteceu, mas é tão bom fazer algo normal. *Mas eu não sou ela*.

— Josh...

Sua boca está na minha orelha, no meu pescoço, de volta na minha boca, se recusando a desconectar. Nada mais importa para mim, exceto isso. Uma mão puxa os botões do meu short enquanto a outra está no meu cabelo, puxando com urgência, como se agarrando algo que ele nunca mais poderá recuperar.

— Eu não sou ela — eu digo isso em voz alta.

Ele se levanta sobre o cotovelo e traça meu rosto com o dedo. — Eu sei — ele diz. Sou eu que estou chorando agora. Ele se afasta e se acomoda ao meu lado, seu braço em volta da minha cintura, como se certificando de que nada poderia me puxar para longe dele até que ambos adormecêssemos.



Eu acordo com um compartimento vazio. O trem está parado. Quando me sento, uma onda de náusea me atinge. O bourbon velho sobe pela minha garganta; eu vou voltar para baixo. Fecho a cortina da janela e desabo na fileira de assentos, com medo de que ele tenha me deixado. Então eu vejo a mochila verde de Josh presa sob o assento. *Ele está voltando*.

Tranco a porta para trocar de roupa. O walkman de Kara cai enquanto eu pego uma camiseta da minha bolsa. Não conseguia ouvir ele em Paris, mas ainda parecia errado jogar fora. As fitas eram tão especiais para ela. Até as deixei na caixa de Tampax — sua maneira inteligente de escondê-las do Reino. Visto roupas limpas, destranco a porta e aperto o play. Um rugido estático abafa tudo. Então, uma voz distante começa a falar.

Meu coração dá um salto quando percebo que é a voz de Heather.

— É isso. Seu passo final para a salvação. Eu sei que isso é assustador, Em. Mas eu tenho que saber seus pecados exatos para ajudar a determinar suas fraquezas espirituais. É meu trabalho te ajudar a encontrar a direção no caminho da retidão — pausa. — Emily? Você vai ter que ser *completamente* honesta comigo aqui. Eu tenho que saber *especificamente* contra o que você tem lutado para que possa lidar com seus pecados. É a única maneira de se tornar mais próxima de Deus.

— Ok.

Eu estremeço ao som da minha voz. *O que é isto*?

— No número três, por exemplo...

Josh bate no meu ombro e eu pulo da cadeira. Ele está segurando um croissant e uma xícara. Aperto o botão de parar.

— Ei, cuidado com o café —, ele diz. — O que você está ouvindo? — ele se inclina e beija minha bochecha enquanto me entrega a xícara quente, então dá um passo para trás para olhar para mim. — Algo está errado?

— Você só me assustou —, eu sussurro. Tentando pensar rápido, devolvo o café para ele. Tento limpar minha garganta. — Você se importaria de pegar um pouco de água para mim? Não me sinto bem.

— Claro —, ele diz. — Já volto — ele me olha com preocupação mais uma vez antes de descer o corredor. Observo até que ele desaparece no próximo vagão de trem.

Abro o Walkman. A fita está identificada como *LP EG*. Enfio os fones de ouvido na bolsa e abro a caixa de outras fitas, todas marcadas como *LP* com as iniciais de outros estagiários. Sinto um arrepio ao ver: *LP JS*. As pessoas estão inundando o corredor do trem e, sem nem mesmo pensar, pego minha bolsa, empurro os viajantes e desço correndo os degraus de metal, quase tropeçando no caminho para baixo. Ouço o alto *ding-dong* sinalizando uma partida seguido por anúncios em italiano assim que me movo para a segurança da multidão na plataforma.

Quando me viro para olhar para trás, o trem de Josh está saindo da estação.

Corro para o quadro de horários para encontrar o próximo trem para Florença.

Tal Mãe, Tal Filha

A vila está escura e silenciosa.

Posso ouvir minha própria respiração enquanto espero e observo a porta e a janela fechada em busca de sinais de movimento. Deixo o tempo passar enquanto as estrelas se movem e o céu parece se expandir em um vasto lugar desconhecido e assustador. Uma súbita onda de saudade de casa me atinge. Anseio por meu quarto em casa. Pela música de Tamara no quarto ao lado. Pela voz de Patti que se mistura com a do meu pai ao pé da escada da nossa cozinha. Quero rastejar para o fundo do meu armário e abraçar meus joelhos e esquecer o resto do mundo, mas a ideia parece uma impossibilidade sob este céu ameaçador.

Assim que os ouço cantando na vila principal, me levanto e corro para a porta. Eu lentamente giro a maçaneta e meu coração pula na minha garganta quando ela se abre sem nenhum esforço adicional. Decido não acender a luz, apenas no caso de alguém olhar para a janela da vila. Estendo minhas mãos, tocando a escuridão em busca de objetos familiares. Os beliches devem ter sido removidos. Ainda posso ouvir os discípulos cantando na vila e meus olhos começam a melhorar, pois me lembro da sensação que costumava ter quando estava com eles no círculo, todos cantando juntos. *Elevando nossas vozes*.

— Procurando por isso? — Meredith diz enquanto acende a luz.

Eu ofego tão forte que parece que meu coração parou.

Me viro para olhar para ela, sua expressão amigável me pegando desprevenida.

— Ah, querida. Estávamos tão preocupados com você — Meredith diz, inclinando a cabeça. Ela parece genuinamente preocupada. *Talvez eu ainda possa jogar junto.*

— Me desculpa por ter fugido. Eu só... queria consertar as coisas — eu finalmente engasguei. Olho ao redor do quarto onde as camas foram empurradas para um lado contra a janela fechada. Caixas, sacolas e pilhas de papéis estão espalhadas nos cantos e nos beliches, como se alguém tivesse mudado todo o escritório para este prédio.

— Josh está fora de si de preocupação —, diz ela.

— Josh está aqui? — eu deixo escapar.

O sorriso de Meredith não vacila. — Claro que está. Bem ali — ela aponta para a vila. — Onde mais ele estaria? Ele e Ben assumiram a liderança da missão nos guiando em uma nova direção, desde que meu marido ficou *doente*. E Josh sabia que você voltaria. Ele disse que você parecia realmente destruída. Eu sabia que os pecados de Kara não tinham nada a ver com você.

Ela dá um passo em minha direção e eu recuo instintivamente, me posicionando mais perto da porta. Não há nenhuma maneira possível de Josh ter chegado primeiro. *Ela está mentindo.*

— Emily —, diz ela, franzindo a testa em preocupação exagerada. — Por que você está chateada comigo? Sempre fui uma das poucas pessoas que se preocupa com você. Heather teria esfaqueado você nas costas em um piscar de olhos se isso significasse que ela poderia estar aqui nesta missão. Muitos alunos pegam a estrada competitiva em Boston, e isso faz com que nossos grupos não sejam diferentes de um ninho de vespas furiosas. Você sempre foi minha discípula favorita, sempre tão doce e gentil com os outros.

Sua blusa abotoada muda quando ela estende a mão para tocar meu ombro, e vejo o colar da minha mãe brilhando em sua clavícula.

Meu braço inteiro fica mole. — Onde você conseguiu isso?

Traçando os amuletos com os dedos, ela diz: — Eles encontraram na noite em que você partiu. Eu o reconheci e o estava mantendo seguro para você. Eu sabia que você voltaria.

— É da minha mãe —, eu rosno. Meus punhos cerram ao meu lado. O Reino já tirou muito de mim; eu não vou deixar que eles fiquem com mais nada. Meredith coloca a mão atrás do pescoço e o destrava. — Aqui — diz ela, o segurando na frente. — Vira. Vou prender para você.

Eu hesito. O colar está pendurado entre nós. Será mesmo assim tão fácil? Meredith nunca fez parte desta confusão. Ela acabou de chegar. Talvez... talvez ela realmente esteja aqui para ajudar. Uma mistura de desespero e confusão me leva a seguir sua sugestão.

— Ah, querida — ela puxa meu cabelo para o lado em um gesto maternal. — Eu sei que você deve sentir muito a falta dela, mesmo depois de todos esses anos — desta vez eu entendo, a falta de simpatia que não combina com suas palavras de conforto. E quando eu percebo que nunca falei com Meredith sobre minha mãe, uma onda de raiva substitui qualquer outra emoção.

No segundo em que o colar é preso ao meu pescoço, eu me afasto e a encaro. — Heather falou com você sobre minha mãe?

— Querida, Heather falou comigo sobre tudo.

— Isso não significa que você saiba de alguma coisa. Na verdade. Você não sabe nada sobre mim.

Meredith se levanta casualmente, sem fazer nenhum movimento para me impedir. — Isso não poderia estar mais longe da verdade —, diz ela. — É incrível o que um pouco de investigação pode fazer.

Eu dou um passo para longe dela, cravando minhas unhas em minhas palmas com tanta força que dói.

— Eu também descobri a verdade sobre sua mãe — seu tom é casual. — E sei que ela não se afogou por *acidente*.

Meus pés parecem presos aqui. Meu coração se aperta.

Meredith acaba com o espaço entre nós e toca meu braço.

— Tenho certeza de que você teve os mesmos pensamentos sobre se matar, e sua amiga Kara também deve ter, considerando. Que pena. Você deve ter esse efeito nas pessoas.

As palavras dela são um soco no estômago.

— Ou talvez *você* tenha ficado chateada com Kara... —, ela para de falar. — Você sabe que ouvi que Josh gostava muito dela. Mesmo com sua educação questionável. Tal mãe, tal filha, como se costuma dizer.

Minhas mãos estão tremendo incontrolavelmente. Minha mente não para de reviver o momento em que encontrei Kara. Desta vez, vejo uma pessoa na beira da piscina. Foi naquela noite? Estava tão escuro. Alguém sentado em uma

cadeira de piscina olhando para a água, mas as luzes da piscina não estavam acesas. Talvez eu não a tenha encontrado até a manhã seguinte. Talvez eu estivesse alucinando. O veneno de cobra que eles me deram poderia fazer isso? Minha cabeça está a mil. Eu não posso dizer qual é o caminho certo, o que era real ou imaginário.

— Há apenas uma coisa que eu sei com certeza — Meredith diz bem na minha cara. — Sua mãe não está no céu porque aqueles que cometem suicídio só podem queimar nas chamas do inferno.

Em um instante, minha confusão desaparece, deixando uma raiva destilada. Isso se materializa por todo o meu corpo enquanto eu me empurro em sua direção o mais forte que posso. Ela cai para trás e sua cabeça atinge o canto da cama com tanta força que posso ouvir o estalo. O som de seu gemido desaparece na noite enquanto eu corro porta a fora e para o vinhedo, e corro e corro até chegar à segurança da cidade, para a estação de trem, para o armário com minha bolsa, em outro trem longe daqui.

Confissão Sagrada

Tamara atende o telefone: — Emily. Onde diabos você está?

— Tenho que falar com papai.

— Ele não está aqui —, diz ela. — Mas ele quer falar com você. Ele está muito chateado, Em.

Meu corpo inteiro fica tenso de frustração.

— Tamara, preciso que você o encontre.

— Ele não está aqui. Eles estão fora de casa, então ele terá que ligar de volta para você. Qual é o seu número aí?

— Não sei. Estou viajando —, digo, olhando ao redor da estação de trem, sem nem mesmo ter certeza de onde estou. Assim que alcancei uma distância segura de Florença, saí durante uma parada para usar um telefone público.

— Ele está muito zangado por não ter um número de contato que funcione. Ninguém nunca atende o número que o diretor deu a ele —, diz Tamara.

Diretor? Ele falou com Will?

— Então, tentamos perguntar ao seu contato escolar sobre isso e eles disseram que as linhas telefônicas não são confiáveis.

— Contato escolar? — meu aperto no telefone fica mais forte.

— Sim. Eles passaram por minha casa no início desta semana. Mamãe falou com eles.

Puta merda. — Eles foram até em casa? O que eles disseram?

— Não sei, mas eles eram os melhores amigos de Patti no final. Ela estava animada com todos os museus que você está visitando.

— Quais eram os nomes deles?

— Não sei. Olha. Papai pode te contar. Ele deve voltar a qualquer minuto — seu tom muda para preocupação. — Emily? — ela faz uma pausa. — Está tudo bem? O que está acontecendo?

— Nada. Tudo...

Tamara me interrompe. — Papai acabou de chegar.

— Emily! — o som de sua voz faz meu coração pular, mas reconheço imediatamente o tom questionador. Gostaria que ele estivesse aqui para que eu pudesse explicar. — Me dá apenas um segundo para que eu possa atender na outra linha — ouço resmungos, uma sucessão de cliques, e então sua voz. — Onde você está agora? Preciso de uma maneira melhor de entrar em contato, querida. Aquele maldito número de telefone que você nos deu nunca conecta.

Eu quero muito contar tudo a ele, mas no momento em que ouço seu tom preocupado de tão longe, sei que não posso. Ele ficaria doente de preocupação. Isso o mataria.

Respiro fundo e tento soar como se nada estivesse errado. — Desculpa por não ter ligado. Estamos tão... ocupados. Mas agora tenho algum tempo livre e queria visitar Deborah em Zurique. É só que... perdi o número dela. Você acha que ela vai saber quem eu sou?

Sua voz se ilumina. — Deborah? Bem, espero que sua madrinha saiba quem você é. Posso ligar para ela para avisar que está indo. Tem uma caneta?

Fico tão nervosa que mal consigo escrever. Consigo soar normal quando digo que o amo.



Estar em movimento é um grande alívio. Enquanto olho pela janela, não posso deixar de imaginar como Josh deve ter reagido quando voltou com minha água para um compartimento vazio. Medo e arrependimento queimam como ácido em meu estômago. Kara estava certa o tempo todo; não posso confiar nele. *Eles são todos mentirosos.*

E se ele estivesse procurando as fitas da Lista de Pecados no meu quarto na noite em que me beijou? Se ele estava mentindo sobre isso, o que mais ele estava

escondendo? E se a morte de Kara não foi um acidente? Sei que as respostas podem estar nas fitas da Lista de Pecados. Meu rosto fica em chamas só de lembrar o que eu disse a Heather, o que ela prometeu que era apenas entre nós duas.

Uma confissão sagrada.

Uma dormência oca assume o controle. Congratulo-me com a mudança e, no momento em que troco de trem na agitação da estação de Milão, sou quase como uma turista — apenas mais uma estudante mochileira viajando pela Europa.

Exceto que as fitas são como carregar munição viva comigo aonde quer que eu vá.

Tento me concentrar no cenário em movimento pela janela: as montanhas cobertas de pinheiros, as pontes em arco de pedra, as trilhas curvas. Olho para uma enorme extensão de lago. *E se eu jogasse as fitas pela janela?* As imagino quebrando a superfície vítrea da água e desaparecendo para sempre. É o suficiente para me fazer soltar uma risada amarga.

Mesmo enquanto olho para minha bolsa, sabendo como seria fácil me livrar delas, eu não consigo. E se elas guardarem a verdade?

À medida que nos aproximamos de Zurique, as montanhas ficam cobertas de neve, mesmo no verão. O tom alto dos freios faz meu coração disparar cada vez que paramos. Examino até mesmo as menores estações de trem em busca de alguém que possa estar procurando por mim. A cada vez, prendo a respiração até ouvir o barulho esporádico do trem voltando a avançar.



Deborah Klein não está em seu escritório, mas há um sofá no final do corredor onde eu caio de exaustão. Um homenzinho de óculos grossos e redondos passa e fala comigo em alemão. Eu digo o nome dela como uma pergunta, e ele entra em um escritório e fala mais alemão para outra pessoa, então ouço alguém fazer uma ligação. Não tenho ideia de como é a aparência de Deborah, ou qualquer outra

coisa sobre ela, exceto que meu pai a conhece e ela é minha madrinha, embora não me veja desde que eu era um bebê.

Uma mulher com cabelos castanhos rebeldes corre em minha direção com pressa. — Emily! Estou tão feliz que você veio! Sabe, sua irmã deveria ter me ligado quando ela estava aqui, mas aparentemente estava muito ocupada — me levanto e ela me dá um grande abraço. — Eu coloquei você em um hotel fabuloso. Estou tão feliz que você... — ela dá um passo para trás, endireita os óculos e olha para mim com uma expressão estranha. — Meu *Deus*, você se parece com a sua mãe.

Então ela realmente me olha, meu cabelo oleoso, pele amarelada, olhos injetados de sangue, e parece registrar meu estado físico e emocional. Não consigo me lembrar da última vez que fiz uma refeição adequada e tomei banho. O pensamento disso é o suficiente para me fazer desmoronar bem na frente dela. Deborah pega as chaves e abre a porta do escritório. — Deixa eu pegar minhas coisas e vamos embora. Você vai ficar comigo esta noite.

É uma curta viagem de carro até a casa de Deborah, e ela rapidamente me conduz a um minúsculo quarto de hóspedes. Tomo o banho mais quente que posso suportar e vasculho minha bolsa para encontrar a roupa menos suja. Quase me sinto normal de novo. Entro em sua cozinha para encontrá-la com as mãos cheias de sacolas.

— Eu corri para conseguir comida. E vinho. Parece que você precisa de um pouco.

Deborah arruma nossa comida em uma pequena mesa perto da janela, que dá para uma ponte cintilante arqueada sobre um canal. Não consigo parar de olhar para a noite. — Esta cidade é tão bonita. Quase nem parece real —, eu digo. E assim que eu digo isso, o fluxo sombrio de memórias se arrasta em meus pensamentos. Meu coração dispara e não consigo recuperar o fôlego. Tomo um gole do vinho tinto que ela acabou de servir e tento me concentrar na vista.

Deborah se senta à minha frente e arruma a comida. — Eu não tinha certeza do que você gostava, então peguei um pouco de tudo — morrendo de fome, dou uma mordida gigante em uma massa folhada. Em seguida, uma onda de náusea me atinge e tenho que me forçar a engolir. Deborah observa com expectativa. Eu enchi meu prato com carnes e queijos para ser educada, mas mal os mordisquei,

esperando que ela não percebesse. — Então, me conte sobre suas viagens emocionantes —, ela diz alegremente. — Ah, queria ser jovem de novo...

Largo meu garfo e me inclino para frente. — Preciso da sua ajuda — mesmo enquanto estou deixando escapar, percebo o quão desesperador parece.

— Com o que? — Deborah toma um gole cuidadoso de seu vinho e espera que eu continue.

— Mas, por favor, não liga para o meu pai —, digo. — Quero dizer, ainda. Preciso falar sobre algo que não pode sair daqui.

— Isso é o que eu faço para viver, querida. Apenas me diga como posso te ajudar. Agora me diga por que não podemos envolver seu pai?

Eu respiro fundo. — Minha amiga morreu. Na Toscana. Na verdade, encontrei o corpo dela e... eu... eu... — as lágrimas estão caindo, mas tento manter o foco. — Eu fugi.

— Ei. Ei. Ei. Espera. Fugiu para onde?

— Aqui — eu digo.

— As autoridades italianas foram notificadas? — a voz de advogada de Deborah lembra tanto a do meu pai que simultaneamente relaxo e quase começo a soluçar.

— Sinceramente, não sei. Disseram que ela se afogou por acidente. Ou talvez cometeu suicídio. Que o caso foi encerrado.

— Quem são *eles*? E como você sabe disso se deixou a Itália?

— Eu voltei. Para encontrar o cara que eu segui até aqui. Quer dizer lá. E ele me contou. Então eu o deixei em um trem porque não tinha certeza se podia confiar, porque vi uma foto dele com minha amiga, aquela que morreu. E *eles* são o povo do Reino.

Deborah já está do outro lado da sala vasculhando freneticamente sua bolsa. — Jesus H. Cristo. Você vai precisar começar do zero — ela puxa uma caneta. — Merda —, ela diz. Ela tropeça em algo no chão e pega um bloco de notas do balcão da cozinha antes de se sentar à mesa.

— Tudo bem —, ela diz. — Comece desde o início. Achei que seu pai tivesse dito que você estava aqui para fazer um estágio na faculdade. O que é o Reino?

Começo a explicar tudo, mas Deborah me impede. — Certo. Querida? — ela segura minhas mãos nas dela. — Vamos apenas sentar em silêncio e pensar sobre

a linha do tempo por um segundo. E não se assuste, mas preciso fazer uma ligação.

Agarro o braço dela. — *Por favor*, não liga para o meu pai —, eu imploro.

Deborah esfrega a mão na minha. — Querida. Eu vou te ajudar. Mas, para fazer isso, devo ligar para o meu agente de viagens.

— Agente de viagens?

Ela corre pela sala e digita números no telefone. — Você precisa responder a todas essas perguntas nos Estados Unidos da América —, diz ela. Ela mostra uma expressão preocupada para mim e recupera a compostura. — Tudo vai ficar bem. Prometo que vou te colocar pessoalmente no avião — ela olha para mim de novo. Algo pisca em seu rosto, como uma memória. *Meu Deus, você se parece com sua mãe*.

— Ou, melhor ainda, eu vou com você. Não vejo sua família há muito tempo — ela me olha com preocupação familiar, percebo que ela está tentando parecer calma e serena para mim enquanto sua mente está provavelmente pensando freneticamente com um milhão de tarefas.

Também percebo com enorme alívio que ninguém poderia impedi-la de me levar para casa.

EMILY X—

(continuação)

Em 8 de agosto de 1994, Cory Daniel disse que um homem o contatou depois de ver um anúncio na contracapa de uma revista local de eventos na Flórida. Quando mostro a Cory as três fotos que tenho, ele franze a testa em compreensão. — Sim. Era ele.

— Ele tinha uma licença?

Cory não olha para mim, mas continua a enxaguar as bandejas em uma pia enorme. Ele as coloca de lado para secar. — Ele era um cliente regular. Mas começou apenas com o veneno.

— Por que uma pessoa comum iria querer comprar veneno de cobra?

— Você ficaria surpresa com a loucura que as pessoas fazem com isso. Já ouvi algumas pessoas dizerem que pode curar qualquer doença e até mesmo que contém a chave para a vida eterna. Mas eu realmente não faço perguntas quando eles me pagam o dobro do que os cientistas pagam.

Por fim, o homem perguntou sobre uma mamba negra, que era difícil de conseguir, mesmo com fornecedores confiáveis. — Mambas são muito difíceis de encontrar, mas ele ofereceu o preço certo e me mostrou a papelada, o que abriu novas opções.

Pergunto com que rapidez uma mordida de mamba negra mataria um homem adulto, e a resposta é em cerca de 20 minutos, às vezes menos.

Na África, eles chamam sua mordida de beijo da morte.

— Você tem uma aqui? — eu olho para as caixas novamente, levando em consideração cada fechadura fechada em cada tampa separada.

— Não. Jamais manteria uma cobra assim sem um pedido específico —, afirma. — Mas aqui está a parte estranha.

— Ele perguntou se podia tirar a mamba da caixa aqui, pensei em inspecionar. Perguntei várias vezes se ele era um treinador experiente e ele disse que sim. Eu ainda estava hesitante. Algo nele parecia um pouco estranho. Eu finalmente concordei apenas se pudesse olhar pela janela da garagem do lado de fora com a porta fechada — Cory aponta para uma pequena janela sobre a pia.

Quando questionado por que ele confia em um estranho para ficar sozinho em sua loja, Cory diz: — Eu não queria correr nenhum risco, cara. Essa cobra tinha quase 2 metros de comprimento e é a cobra mais rápida do mundo. As mambas negras são delgadas, mas podem ser cruéis filhas da puta quando você tenta manuseá-las.

De acordo com Cory, o homem a agarrou logo atrás da cabeça com uma das mãos e levantou seu corpo com a outra sem medo. — Como se fosse apenas um adereço de filme ou algo assim. Ele tinha controle total. Mesmo com o corpo se contorcendo tentando se libertar, ele segurou a cabeça dela contra o rosto como se a inspecionasse até que a cobra abriu a boca.

O interior da boca da cobra era preto como tinta. É daí que as mambas negras obtêm seu nome.

Cory faz uma pausa e olha para a janela onde ele estava naquele dia, como se não tivesse certeza de como explicar o resto.

— Então o que aconteceu? — eu cutuco.

— Então ele pegou a cabeça da cobra e a segurou bem sobre seu antebraço. E eu o observei colocar suas presas em

sua própria pele. De propósito. Ele mal se encolheu, embora seu braço estivesse sangrando. Então ele calmamente colocou a cobra de volta no recipiente e fechou a tampa como se nada tivesse acontecido.

Os olhos de Cory estão animados, como se tivesse acontecido tudo de novo.

— Eu surtei, cara. Eu não tinha ideia do que fazer. Eu não poderia deixar um cara cair morto na minha garagem. Minha esposa teria pirado. Eu estava prestes a correr para dentro e ligar para o 911, mas o homem olhou diretamente para mim pela janela e me dispensou como se dissesse que estava bem. Além do fato de que ele estava suando como um louco, ele estava tão... calmo.

Quando Cory abriu a porta e correu para ajudar o homem, ele disse a Cory para não se preocupar e que ele estava bem.

— Então ele disse algo estranho — lembra Cory. — Ele disse: "Não se preocupe. Eu não posso morrer."

E, de alguma forma, ele não o fez.

Ele ficou sentado lá por cerca de 30 minutos, suando. Então ele se levantou. Pagou Cory. Carregou a caixa com a mamba para o banco de trás do carro. E foi embora.

• • •

ENTREVISTAS PARA EMILY X—

Artigo por Julia O. James

LILY: Quando meu irmão morreu, eles me culparam — e aos meus pecados — pela morte, e então me disseram que eu iria queimar no inferno com ele se eu deixasse a missão. Você pode acreditar nisso? Só porque liguei para casa para ver como ele estava.

Disseram que eu seria como um cachorro voltando para a rua. E então eles descreveram o inferno, como seria a sensação real. Eles me contaram detalhadamente o que meu irmão estava experimentando a cada segundo de cada dia enquanto sua carne queimava, chiava e apodrecia por toda a eternidade. Eles disseram que a mesma coisa aconteceria comigo.

Lembro de estar sentada lá tão indefesa. Eu não conseguia parar de chorar. Mas então algo surgiu dentro de mim. Algo assustador. E me lembro de pensar que se o que eles estavam me dizendo é verdade, então espero que todos eles queimem no inferno conosco por sermos seres humanos tão horríveis.

DAVID: Eu não tinha ideia do que estava acontecendo. Fizemos o check-out e deixamos a vila no dia anterior, então ela deve ter voltado para lá depois de sairmos. Na verdade, eu não sabia o que aconteceu até a Sra. Klein entrar em contato comigo. É devastador.

MEREDITH: As autoridades disseram que a pobre garota não devia saber nadar. Ela devia estar sozinha quando pulou no fundo da piscina sem nenhuma maneira de chegar à lateral. Uma coisa que todos nós temos que aceitar é o fato de que Deus não pode proteger aqueles que decidem virar as costas para Ele.

PATTI, MADRASTA DE EMILY: Eu nunca vi seus olhos tão vagos, quase vazios, como se algo tivesse apagado a luz deles. Aquele olhar em seus olhos quando ela saiu do avião ainda me assombra.

PARTE QUATRO

Oceanview, Mississippi, agosto de 1994

"Tudo o que perdemos (como um você ou um eu) somos sempre nós mesmos que encontramos no mar."

–E. E. CUMMINGS

É exatamente assim que acontece todas as vezes.

Estou mergulhando no fundo de uma piscina, assim como nas aulas de natação, quando jogam os anéis coloridos na água. Os anéis começam a afundar e eu os agarro um por um antes que cheguem ao fundo. Quando estou subindo, Kara está lá. Ela tenta falar, mas bolhas saem de sua boca em sons sem palavras. Seus olhos estão calmos, como se ela estivesse simplesmente tentando me dizer algo, como se ela nem soubesse que está debaixo d'água. Ela está usando o biquíni que eu vi pela última vez, mas sua tatuagem não está ali. Prendo minha respiração o máximo que posso até saber que tenho que voltar à superfície. Quando chego lá, está coberto com uma camada sólida de vidro transparente. Os discípulos olham para a água da beira da piscina. Estou batendo forte para chamar a atenção deles para me deixar sair. Eles não conseguem me ver ou ouvir. Eles sorriem um para o outro. Eles se dão as mãos e cantam. Quando eu olho para baixo, Kara se foi. Quando eu olho para cima, uma cobra longa e esguia desliza pela superfície. E essa não é a parte mais assustadora. Na superfície, posso me ver inclinando sobre a borda para espiar dentro da água, serena e calma, observando o eu submerso me afogar. E pouco antes da minha última expiração, eu acordo.

Desta vez, estou tão suada que parece que realmente dormi em uma piscina. Arranco as cobertas e deslizo meus pés no tapete grosso. O ventilador de teto gira acima de mim.

Estou em casa agora. Eu vou ficar bem.

Uma coisa é dizer para mim mesma. Outra é acreditar que é verdade.

Coisas que você pode sentir: isolamento. Pesadelos. "Fora de si". Esses efeitos colaterais vão melhorar à medida que você se recupera. Não se force. O descanso é uma parte importante da recuperação.

Meu Fantasma

Meu reflexo me assusta quando passo pelo espelho do meu quarto.

Não sou eu. É como se eu fosse a pessoa em um filme que percebe que está sendo observada porque vê outra pessoa no espelho. Exceto que *sou* eu. O cabelo escuro. O rosto magro. Até mesmo Tamara ficou chocada com minha aparência quando entrei pela primeira vez em nossa casa. — Jesus, Em — ela me abraçou e se afastou com um olhar de real preocupação. — A aparência de criança abandonada não combina com você.

Quando Deborah e eu descemos do avião, Patti e papai estavam andando de um lado para o outro no portão do aeroporto. Os olhos de Patti estavam inchados de lágrimas quando seu olhar encontrou o meu. Papai imediatamente correu para me sufocar em um abraço, pressionando minha cabeça contra seu peito. Seu alívio ao me ver cara a cara mudou abruptamente para a tensão de ainda não saber a história completa. *Minha* história. O medo floresceu dentro de mim como uma flor podre. Eu fiquei em torno de Deborah, como se ela pudesse me proteger da enxurrada de perguntas que não estou pronta para enfrentar.

— Vamos levar ela para casa para descansar —, Deborah disse a papai e Patti em um tom tranquilizador, mas autoritário, colocando o braço em volta do meu ombro para dar ênfase. — Ela passou por um inferno de uma viagem.

De alguma forma, eles ouviram, e quando chegamos em casa, eu dormi pelo que pareceram dias, acordando com os sons abafados deles conversando no andar de baixo. Desta vez, acordei com minha janela emoldurando a escuridão do lado de fora. Meu corpo parece não saber para que lado está.

O som de uma rolha estala no andar de baixo e ouço papai rindo de alguma coisa enquanto Deborah e Patti parecem duas velhas amigas conversando. Tamara ri de algo que Deborah diz.

Finalmente estou em casa.

Então, por que estou chorando? Limpo meu rosto com minha camiseta.

Estou na porta do meu quarto, minha mão na maçaneta, mas não consigo me forçar a girá-la. Mesmo que todos pareçam felizes na cozinha, estou cheia de medo. A ideia de sair do meu quarto é assustadora, mas prometi responder a mais perguntas assim que me sentisse descansada. Tudo parece tão pesado que começo a pensar que descanso é uma coisa que nunca vai acontecer. Com uma última careta para mim mesma no espelho, limpo meus olhos e desço escada abaixo. Deborah está sentada em uma banqueta da bancada da cozinha como se estivesse em nossa casa há anos. Todo mundo tem uma taça de vinho, exceto Tamara, que está bebendo uma Coca Diet de uma lata.

Patti me vê primeiro. — Em! — um enorme sorriso se espalha em seu rosto, mas eu vejo seu olhar rápido para papai. Patti se vira para Tamara. — Vamos, T. Vamos ver o que está acontecendo — Tamara revira os olhos, então relutantemente segue Patti até a sala para assistir TV.

Deborah se levanta e toca meu braço. — Certo, querida — ela diz com uma voz gentil. — Sei que isso é muito difícil, mas você está pronta para nos falar sobre isso mais uma vez, assim como você fez comigo em Zurique? Precisamos tentar juntar algumas coisas o mais rápido possível.

Eu aceno com a cabeça que sim.

Sigo Deborah e papai em seu escritório, onde papéis estão espalhados em sua mesa. Olho para o relógio. É quase meia-noite. *Merda.* Nem sei que dia é hoje.

Meu cérebro está de cabeça para baixo. Estou exausta demais para ter medo de falar sobre o que aconteceu.

Apenas acabe com isso.

Começo conhecendo Josh em Boston, depois Heather, depois Will e Meredith e tudo o que aconteceu na Itália. Bem. Quase tudo. Minha história fica confusa quando falo como encontrei o corpo de Kara. Como eles consideraram isso um acidente.

Papai me encara o tempo todo, como se estivesse olhando para outra pessoa, qualquer pessoa, menos a garota que ele criou. Uma tristeza enche meu peito quando ele se vira para Deborah. — Você falou com algum dos americanos da Califórnia?

— Já falei com alguém chamado David em Los Angeles —, diz ela. — Ele ficou muito perturbado, mas provavelmente mais sobre a possibilidade de um escândalo na imprensa do que qualquer outra coisa. Compreensível — ela murmura a última parte e me olha com uma expressão preocupada. — Ele disse que você falou que estava mochilando depois de uma temporada do Corpo da Paz.

Papai olha para mim em busca de confirmação.

— Sim. Kara disse isso a ele — eu digo. Minha mente volta para Kara naquela noite, bebendo vinho de biquíni como se ela conhecesse aqueles estranhos há anos. Quão aventureira e destemidamente ela viveu sua vida. *Vivia. Pretérito.* Fico surpresa quando as lágrimas não seguem a memória, mas meus olhos estão secos e entorpecidos. Meu corpo inteiro está dormente.

Deborah escreve algo em seu bloco de notas. — Ele claramente não tinha ideia de que ela havia morrido. E eu não acho que ele, ou os outros, tinham qualquer ideia do que estava acontecendo com o culto.

Culto.

Continuo ouvindo esta palavra saltando por aí, mas não faz nenhum sentido. Não *entrei para um culto*. Tiro a palavra da minha cabeça.

Papai está olhando para mim, seus olhos demonstrando dor. Ele deve ver que estou ficando chateada porque diz: — Querida, por que você não vai descansar um pouco mais. Vamos resolver isso — ele se volta para Deborah como se

procurasse orientação, e ela faz um gesto sutil de aprovação. Enquanto eles voltam a uma conversa profunda, saio da sala e fecho a porta.

As portas de vidro na parte de trás da nossa casa brilham contra as luzes fortes da cozinha. Eu abro uma na escuridão, a onda de insetos gritando durante a noite. *Casa.* Eu me enrolo em uma espreguiçadeira e olho para as copas das árvores escuras. Uma pessoa normal se sentiria segura agora, aliviada. Mas a bagagem que trouxe comigo — a caixa de fitas que cuidadosamente escondi no fundo do meu armário — nunca permitirá paz.

Não posso contar a ninguém sobre as fitas. O pensamento me deixa nauseada. Quando penso sobre o que estava na minha Lista de Pecados, lágrimas enchem meus olhos. Não consigo ouvir as outras Listas de Pecados, mesmo agora quando acordo com pesadelos e não consigo voltar a dormir. Eu nem quero saber. Depois de ouvir minha própria voz em uma fita que sabe quantas pessoas ouviram, seria simplesmente... errado.

Saber os segredos mais sombrios de alguém é um fardo que ninguém deveria ter.

Anseio por paz.

Por uma noite inteira de sono sem pesadelos.

Por nenhuma memória da Europa.

Ou de Boston.

Por uma cidade onde posso ser completamente anônima.

Por uma vida nova.



Acordo com o som de batidas suaves na minha porta. — Estou bem —, digo, presumindo que seja Patti, mas para minha surpresa, Deborah coloca a cabeça dentro.

— Tem certeza? — ela diz com um sorriso amigável.

Eu me sento na minha cama. — Sim, claro.

Ela entra no meu quarto, vestida com um terninho elegante com a bolsa por cima do ombro. Ela fica perto da porta, como se tivesse o cuidado de respeitar

meu espaço. — Então, vou voar hoje, mas queria dizer um adeus apropriado.

Minha tristeza com o anúncio dela me pega de surpresa. Afinal, mal a conheço. Mas Deborah assumiu o comando de Zurique e me fez sentir segura quando eu não sabia mais para onde ir. E agora ela está indo embora. Tento não chorar enquanto ela fica parada na minha porta.

— Por favor — eu digo. — Senta — aponto para o final da minha cama. — Eu nem sei como dizer isso, mas... obrigada por... — lágrimas transformam meu quarto em um borrão gigante. — Eu estava com tanto medo, e você...

— Não, não, não — Deborah acena com a mão enquanto se move para a minha cama. — Por favor, não chora. Já falei com seu pai sobre o planejamento de nossa próxima visita. Nos encontraremos em breve, talvez em Nova York. Eu realmente quero conhecer você, Em. Ao menos para ouvir sobre a encrenca em que sua meia-irmã se mete —, ela brinca, já sabendo como me fazer rir.

E eu rio através das minhas lágrimas. No entanto, nós duas conhecemos o obviedade não dita: minha situação é o nova encrenca.

Deborah pressiona a mão na cama e a encara antes de olhar para mim. — Olha. Sei que você não gosta de falar sobre sua mãe. Patti me falou. Mas se você quiser, estou aqui. Até em Zurique, por meio daquela coisa chamada linha telefônica.

Fico sentada quieta e em silêncio, segurando o colar que não tirei por um segundo desde que deixei a Itália.

Ela olha rapidamente para o colar da minha mãe e, em seguida, para mim com uma expressão séria. — Ela era uma mulher incrível, sabe... e tão parecida com você. Uma coisa sobre sua mãe: ela era a alma mais gentil e sempre incorporou aquele ditado sobre as pessoas que assumem o peso do mundo — Deborah sorri com força. — Ás vezes o mundo queima você por isso, mas sua mãe... mesmo assim, ela nunca fechou o coração para os outros.

Não posso evitar um pequeno sorriso. Ele desaparece com a mesma rapidez. — Mal me lembro, mas eu sinto falta dela há... tanto tempo —, eu sussurro.

— Ela está com você. Eu sei isso. E tenho certeza de que você pode sentir —, diz ela, se levantando para se inclinar em minha direção e pegar minha mão na dela. — Ela *sempre* esteve com você.

É algo que as pessoas me disseram durante toda a minha vida, mas agora com Deborah, eu realmente acredito nisso.

Desassociação. Flutuando. De certa forma, vai parecer que seu antigo eu está morto. Memórias específicas podem atingi-lo inesperadamente. Reconheça-as e deixe-as passar. Não dê muito poder a essas memórias.

Pedaços Quebrados

Minha melhor amiga, Summer, mora em uma casa na árvore.

Bem, não é uma casa na árvore de verdade, mas parece uma quando você está sentado no quarto dela olhando pela janela para o denso dossel verde de galhos. Posso ouvir os sinos de vento de sua mãe, mesmo através de sua janela fechada. Uma frente de tempestade está os levando a uma urgência errática.

Não vejo Summer desde o Natal e, mesmo assim, tínhamos apenas alguns dias aleatórios entre seu horário de trabalho, mas foi Patti quem sugeriu que eu a visitasse. — Vai fazer você se sentir melhor —, disse ela. E, como sempre, Patti estava certa. Estar na casa de Summer já é um grande conforto. Sair com ela é tão parecido com um lar quanto minha própria casa, como se nenhum tempo tivesse se passado entre o ano passado e agora.

Quando apareci em sua porta, ela me deu um abraço gigante, que parecia que nunca iria acabar. Ela rapidamente me conduziu até seu quarto, onde ficamos sentadas em silêncio. Summer se joga no chão para vasculhar uma caixa de CDs como se procurasse a trilha sonora certa para este momento estranho. Ela é o

tipo de amiga que pode simplesmente sair sem falar nada. Ela sempre foi uma ouvinte, mas desta vez tudo é muito pesado e eu não sei o que dizer, então ela finalmente se vira para mim e quebra o silêncio. — Você quer falar sobre o que aconteceu, tipo, mesmo assim?

Claro que quero contar a ela, mas a ideia de reviver tudo de novo é muito assustadora, embora Summer seja minha melhor amiga desde que me lembro. Me apavora pensar que ela não entenderia. Além disso, não tenho ideia de como explicar algo que ainda não parece que acabou.

— Ei, está tudo bem. Sério. Entendi —, Summer diz com um sorriso suave e volta a vasculhar as opções de música, cada quadrado de plástico clicando contra o piso de madeira em rápida sucessão.

Meu coração incha. Lembro de como Heather arrancava informações de mim até que ela estivesse satisfeita que tivesse o suficiente para o Reino me manipular. Ela nunca foi uma amiga de verdade. Summer estará por perto para ouvir no momento em que estiver pronta para falar. *Claro que estará.* — Me fala algo feliz e emocionante —, eu digo.

Summer olha para mim. — Bem, eu consegui um novo emprego.

— De jeito nenhum. Você saiu do restaurante?

— Sim.

— Então, qual é o novo emprego? — um lampejo de normalidade ilumina nossa conversa.

— É em um resort — ela faz uma pausa. Um olhar preocupado cruza seu rosto. — Em Pensacola.

Eu faço uma pausa. — Você vai *se mudar*? — tento esconder minha decepção. Tudo o que quero é que as coisas voltem a ser como eram antes, mas a vida continua sem mim. O Reino tirou muito de mim de maneiras que estou apenas começando a entender.

— Por um tempo. É só por um mês. Ou então...

Fico olhando pela janela para as árvores farfalhando sob um sol brilhante caindo entre as nuvens. Acho que essa é a fase da vida sobre a qual todos falam — quando nossos caminhos e planos mudam e dão uma guinada em direções aleatórias sem aviso. Sempre esperei por esse momento, mas nunca pensei que seria triste... ou assustador.

— Em! Você pode vir me visitar! Na verdade, acho que seria bom para você. Quero dizer, para fugir de...

— Os rumores? — digo o que ambas estamos pensando.

Summer ri. — Fofoca com vista para o mar. É melhor do que os tablóides — Tamara sempre foi o ímã de fofocas em minha família. Eu sempre fui... bem, a chata. Isso mudou quando cheguei em casa e todos ficaram sabendo o que havia acontecido.

A expressão de Summer fica séria. — Em? Sei que as coisas estão estranhas agora, mas preciso falar uma coisa — ela abre e fecha uma caixa de CD nervosamente. — Desculpa. Quer dizer, eu continuei falando sobre ir te visitar, e eu só... sinto que deveria ter estado lá para te ajudar. Que eu poderia ter...

— Para — levanto minha mão. — Sério. Nada sobre meu desastre pessoal foi sua culpa. Eu fui... Bem, eu fui *idiota* — eu sei que fui manipulada, isso está claro agora, mesmo que muito ainda não esteja. Mas eu não posso acreditar que não vi os sinais.

— E quanto o... o cara? — Summer me lança um olhar hesitante, como se ela tivesse medo de fazer muitas perguntas além disso.

— Josh — eu digo com naturalidade. Mexo com um travesseiro no meu colo. — O que posso dizer? Eu era uma idiota *solitária* — soltei uma risada sarcástica. Meu cérebro analítico confirma, mas meu coração ainda quer saber o que aconteceu com ele, se ele realmente deixou o Reino para sempre ou se nunca o fez e estava brincando comigo o tempo todo.

Summer volta a pesquisar o CD. — Aha! — ela levanta um com um sorriso gigante. — Encontrei a música perfeita — Summer sempre sabe quando mudar de assunto. É uma das muitas coisas que amo nela.

A introdução de "Groove Is in the Heart" de Deee-Lite me faz rir enquanto Summer começa a dançar espasticamente. — Vem — ela diz. Ela me agarra. Ela balança os braços e eu faço a mesma coisa, girando e girando até que tenho que me jogar em sua cama. O fuso horário ainda me atrai como uma droga que não sai do meu sistema. — Ok. Ok — ela rola no chão para folhear mais CDs. Olho para fora da janela novamente, pensando que esta é exatamente a mesma vista que passei toda a minha infância olhando enquanto conversava com Summer sobre tudo que já me perguntei. Falar sobre os horrores da Itália contagiaria um

lugar tão especial com negatividade e arrependimento. Não vou fazer isso. Prefiro manter trancado por dentro, onde pelo menos eu sou a única afetada por ele.

Um estrondo alto ecoa do lado de fora. Eu me sento — O que foi... — em seguida, outro ruído ainda mais alto soa, como algo quebrado. Eu me levanto, mas Summer parece despreocupada enquanto folheia os CDs.

— Você ouviu isso? — pergunto.

— Ah, é apenas a Jo.

Summer sempre chamou sua mãe de Jo, em vez de Joellen (seu nome completo) ou de mãe. E elas sempre foram mais parceiras no crime do que mãe e filha. Jo sempre tratou nós duas como "pequenas adultas", um termo que ela usava para nós. A mãe de Summer é uma artista que vende seu trabalho em festivais e galerias locais e, crescendo, nunca houve regras sobre em quais partes da casa podíamos comer ou trabalhar em nossos próprios projetos criativos. Cada sala contém obras em andamento em vários estágios de conclusão, esculturas cercadas por objetos que ainda não foram cortados. Minha coisa favorita na casa de Summer é que cada janela emoldura a vista das copas das árvores; há tantas árvores que bloqueiam a vista do córrego logo atrás delas. Olhando pela janela agora para o movimento das folhas, fico hipnotizada por como elas balançam coletivamente por uma força externa, como algo sendo sacudido para a vida.

— O que diabos ela está fazendo? — pergunto.

Summer se levanta para olhar pela janela. Ela se vira para mim, seus olhos castanhos brilhando com a mesma curiosidade lúdica que ela tem desde que éramos crianças. — Quer ir ver?

Nós tropeçamos descendo a escada em espiral para o espaço no nível do solo que é o estúdio de Jo. O Sr. Gatôncio, seu gato preto gigante, está esparramado em um tapete perto da porta deslizante de vidro. Summer puxa a porta para o lado com um estrondo alto, revelando Jo no quintal, em pé sobre uma mesa de madeira cheia de pratos e quadrados coloridos de ladrilhos. Ela pega um martelo e o bate em um pedaço de ladrilho.

— Jo! — Summer grita. — Você está perturbando a paz!

Jo se vira e coloca o protetor ocular de plástico transparente na testa. Seu rosto se ilumina quando ela me vê. Seu cabelo castanho-acinzentado está tão comprido que chega quase até a cintura. Uma minúscula trança enrolada em fios coloridos pende ainda mais, alguns centímetros além do comprimento total. Jo sempre foi a mãe legal e artística.

— Emily! Olha para você! — posso dizer que ela está vendo minha aparência, e fico envergonhada. Mesmo com a comida caseira de Patti e toda a comida que eu poderia querer, ainda pareço esquelética e pálida. A expressão de Jo não é crítica. É mais como se ela estivesse olhando para algo que deseja consertar.

— Ela finalmente está em casa. —, Summer diz, como se explicando algo que não pode dizer de outra forma em voz alta, mas Jo permanece no momento, que é totalmente ela. Summer e eu uma vez a vimos pintando uma tela no quintal quando um crocodilo de tamanho médio escorregou da grama do pântano e a observou da beira do quintal. Ela não parou de pintar, mas de vez em quando reconhecia dizendo coisas como "Vejo você aí", até que ele finalmente deu meia-volta e deslizou de volta para a água.

— Estamos felizes por você estar em casa —, Jo me diz com um sorriso genuíno. — Agora — ela olha para Summer — vai encontrar algo para colocar nos pés além de chinelos para que vocês duas possam me ajudar com isso — ela puxa os óculos de proteção de volta sobre os olhos e volta sua atenção para a mesa.

Summer grita e sai correndo escada acima. Entro e sento no chão com o gato até Summer chegar com um par de Doc Martens e meias listradas de arco-íris.

— Sério?

Ela ri. — Desculpa, arco-íris. Lavar roupa não é a praia de Jo quando ela está no meio de um projeto criativo. Finja que você é uma artista.

Tiro as sandálias e coloco as meias e as botas. Me levanto e puxo meu short cáqui, como se isso fosse ajudar com esse conjunto ridículo. Quando abro a porta, uma mancha ofuscante de sol brilha no piso de ladrilhos azuis, provocando uma ansiedade repentina.

O chão se transforma em um raio de sol na piscina na Itália. *Kara.* Eu vejo seu braço, seu rosto. *Não. Não. Não. Não.* Tento parar a lembrança pisando no azulejo com as botas de Summer. Eu até bato meus calcanhares juntos. — Não

há lugar como o lar —, digo na minha melhor voz de Judy Garland para Summer. Nós duas rimos, embora eu tenha que me forçar a falar e rir. E mesmo quando minha ansiedade desaparece em segundo plano, não posso me consolar muito com isso, sua presença nunca desaparece por completo. O pânico é como um fio elétrico permanente que estou aprendendo a contornar.

Jo vasculha os pratos na mesa. Ela pega um azul que tem um ano e um prédio impresso nele. Ela me entrega.

— Por que você quebraria isso? — eu pergunto.

— Porque custava vinte e cinco centavos no Goodwill, e preciso desse tom de azul para o meu céu.

— Mas isso pertencia a alguém que queria se lembrar deste edifício em 1978.

Ela ignora meus comentários enquanto coloca os óculos de proteção sobre meus olhos. — Tudo bem, Emily Dickinson — era assim que Jo e Summer sempre me chamavam quando eu dizia coisas que pareciam muito sérias.

Coloquei o prato na mesa de madeira cheia de goivas e marcas. O vento sopra meu cabelo em meu rosto. Respiro fundo e me deixo o sentir mexendo antes de por meu cabelo para trás. Percebo os pássaros e esquilos se movendo pelas árvores. Meu coração dispara enquanto levanto o martelo. Ajusto meu aperto. Fecho meus olhos e minha fita da Lista de Pecados surge na minha cabeça.

O mundo ao meu redor fica completamente vazio até que ouço o *estalo* alto e satisfatório de força intencional.

Ansiedade diante de escolhas. Incapacidade de tomar decisões. É normal deixar outra pessoa te ajudar a tomar decisões enquanto você se orienta. Dê passos de bebê.

Surfando por Sanidade

Minhas unhas dos pés estão rosa.

É isso que estou pensando enquanto observo os surfistas deslizando pelas ondas. Afundo os pés na areia e me inclino para a brisa quente, onde o cheiro de cerveja e cigarro se mistura com resquícios de coco de nossas garrafas oleosas de Banana Boat. Levanto os dedos dos pés um de cada vez, deixo a areia cair e depois os enterro de volta.

Não escolhi esta cor de unha, mas é o tipo de coisa que acontece quando Patti assume o controle. Eu a segui pelo salão em silêncio. Quando me mandaram escolher a cor, Patti me encontrou, vinte minutos depois, apagada na frente de uma alegre exposição de garrafas.

Desde que voltei da Itália, até a decisão mais fácil pode me fazer congelar. E então o tremor segue, como um terremoto pessoal, a falha geológica sempre sob meus pés. Mas Patti fazia seu nome. Ela até ajudou o cabeleireiro. — Basta iluminar o máximo que puder. — Disse ela com uma onda de desespero. Suas finas pulseiras de prata tilintaram muito perto da minha orelha, fazendo minha pele formigar. Olhei para cima e peguei seu olhar prolongado para meus cabelos

pegajosos. Eu sabia que ela estava se encolhendo com a ideia de onde meu cabelo tinha estado, o que os becos sem saída podiam ter feito. — E corte pelo menos cinco centímetros. — Acrescentou Patti antes de sair com as batidas de seu salto aberto.

Minha nova terapeuta — a "especialista" que papai descobriu que "tem experiência com casos semelhantes ao meu" — disse que isso vai melhorar. Ela disse que começarei a sentir as coisas de novo à medida que obtiver controle sobre minha vida. Eu não respondi à sua promessa, mas fiquei sentada lá estudando sua antiga cornija de cipreste que continha uma coleção exótica de velas acesas.

Depois de nossa primeira sessão, ela me deu um artigo que descreve como devo me sentir neste momento. Ela disse que muitas pessoas que optam por deixar um grupo de "alta demanda" lutam com os mesmos sentimentos, embora os grupos sejam muito diferentes. Ela nos contou sobre uma instalação em Oklahoma, mas papai disse que não havia nenhuma maneira de ele me mandar para outro estado depois de tudo isso.

Ele abriu uma exceção para eu visitar Summer em Pensacola. Quando mencionei pela primeira vez a ideia de me encontrar com amigos na Flórida, papai hesitou, mas Patti se adiantou ao dizer que eu deveria ir curtir o verão. — Ah, querida, faltam apenas algumas horas. — argumentou Patti, colocando a mão no braço de papai. A terapeuta nos disse que quanto mais cedo eu puder assimilar a volta à normalidade de minha antiga vida com meus relacionamentos pré-cultos, melhor. Sei que Patti deve ter lembrado isso a papai assim que saí da sala.

Tudo porque ela insistiu, estou sentada ao lado de Summer observando os surfistas, como nos velhos tempos. Exceto que agora minhas unhas estão rosa brilhante, meu cabelo está cheio de mechas loiras cor de mel, e eu nem me reconheço mais — por dentro e por fora. Mas a última parte não é culpa de Patti — ela sempre tenta ajudar. E em dias como este, quando a atmosfera está carregada com algo sinistro, algo mais poderoso do que eu, não parece importar. Me volto para a intensidade do tempo, o Golfo furioso, as ondulantes bandeiras vermelhas — da mesma forma que os surfistas se entregam aos caprichos da água e à perigosa correnteza.

Enquanto nossas outras amigas conversam, riem e tomam um gole de cerveja, eu estudo o oceano, meus ouvidos sintonizados com o ritmo das ondas que chegam. Observo a maneira como os surfistas seguram suas pranchas, agachando para manter o equilíbrio à medida que continuam em frente, como caem na água turbulenta com puro abandono e sobem de volta sem hesitar para tentar novamente.

Há um cara em particular que não reconheço. Ele está caminhando em direção à praia com uma prancha de surfe gasta debaixo do braço. Quando ele se vira para encarar a água, penso que o Criador Supremo deve ter sido uma mulher — alguém com um toque cuidadoso e olhos de artista. Eu a imagino deslizando um polegar firme e forte pelo meio de suas costas, moldando o entalhe perfeito entre seus músculos como argila madura. Então me lembro que não devo pensar em Deus. A terapeuta diz que isso é algo que iremos trabalhar enquanto me distancio do que aconteceu. Me concentro no "agora", como ela sugeriu, e nas gotas de água cintilando em sua pele.

— Quem é ele? — pergunto a Summer.

Ela está tirando um cigarro de Marlboro Lights quando responde como se estivesse esperando por essa pergunta exata. — Alex. Ele acabou de se mudar para nossa amada cidade de Oceanview para o programa de laboratório marinho — Summer sorri com conhecimento. — Paul o trouxe hoje para surfar e sair com a gente — noto as trocas de olhares silenciosas entre as outras garotas, a interrupção repentina em suas brincadeiras para avaliar minha resposta. Posso dizer que meus amigos estão preocupados comigo. Bem, Summer, pelo menos. Os outros me olham como uma bomba-relógio, preocupados com os gatilhos invisíveis.

Eu me levanto e caminho pela areia em direção à beira da água. As bandeiras vermelhas ondulam ao vento como alarmes silenciosos, mas esta é a única vez que os surfistas aparecem. Mas não há muitas ondas surfáveis aqui.

A água passa pelos meus pés, então outra onda logo atrás dela passa pelas minhas pernas. Eu me equilibro enquanto a maré a puxa de volta ao horizonte. Estou presa na areia molhada, sua grande extensão marcada com vida marinha semienterrada — uma vez inteira, mas agora quebrada em fragmentos. No horizonte, posso ver vários corpos deslizando sobre a água.

Alex já está remando de volta para pegar outra onda, seu cabelo curto brilhando ao sol. Seus braços se esticam para se equilibrar e seus músculos abdominais se contraem enquanto ele desliza na frente da crista da água. E pela primeira vez desde que voltei para casa, algo corta o entorpecimento.



Naquela noite na fogueira, Summer se senta ao meu lado. Nem percebo que não estou mais sentada sozinha até que olho para cima. — Ei. Emily Dickinson. Quero que você conheça alguém. — diz ela. Então ela se inclina para trás e me apresenta a Alex.

Eu estive olhando para o fogo, então demoro alguns segundos para aliviar a visão esquisita. Conforme as manchas brilhantes desaparecem, seu rosto poderia ser de qualquer pessoa. Naqueles breves momentos, tenho que bloquear os rostos dos outros alunos da missão do Reino. Ou "culto", como minha terapeuta cuidadosamente se referiu enquanto se inclinava para frente com seus óculos retangulares pendurados em sua mão. Tive que lutar contra o desejo de pegar seus óculos e colocá-los no meu próprio rosto. Como em: *Talvez se eu pudesse ver o que você vê, então tudo faria sentido.*

— Emily — digo a Alex enquanto Summer se afasta.

— Eu sei — ele diz. — Mas não consigo fazer com que ninguém me diga nada sobre você. O que você fez... roubou um banco ou algo assim?

Eu me surpreendo com uma risada genuína.

Isso deve ter sido mais fácil para Tamara quando ela voltou da reabilitação alguns anos antes. Depois que a fofoca diminuiu, as pessoas não se importaram. Talvez seja porque, com ela, eles podem categorizá-la com facilidade. *Ah, isso.* Em seguida, é o próximo erro dela. Mas comigo, ninguém parece saber o que dizer. Eu teria sido a menos provável de meus amigos a acabar em algum tipo de problema. Mas estou aprendendo que o que aconteceu comigo desencadeia um medo específico em outras pessoas — a ideia de que algo pode arrastar um de seus entes queridos para longe de suas próprias crenças religiosas, tradições,

círculos sociais ou, pior, do controle familiar. No Sul, é a coisa mais assustadora que alguém pode imaginar.

— Tive uma ideia — digo a Alex, surpresa por minha voz não soar tão trêmula quanto me sinto. — Por que não começamos com o ontem.

Ele aperta os olhos para mim como se não tivesse certeza de como responder.

— Então, Alex. O que *você* fez ontem? — pergunto.

— Isso — ele diz, gesticulando para o oceano sem hesitação.

— E onde você aprendeu a fazer *isso* tão bem? — digo, copiando seu gesto.

Seu sorriso está mexendo com algo enterrado fundo, mas ainda é uma sensação vaga.

— San Diego.

— *Califórnia*. Eu sempre quis ir lá. Me fala sobre San Diego.

— Não. Nuh-uh. É sua vez.

Sorrio para ele, mas sei que estou forçando. Depois de três semanas, quero muito sentir algo de novo, mas não posso esquecer que me apaixonar por um cara foi o começo de como tudo deu errado. Por isso, a novidade de Alex é imprevisível e assustadora.

— Ah, espera. Desculpa, eu esqueci. O que você fez ontem, Emily? — ele imita minha voz fingindo ser amigável.

— Fiz minhas unhas — eu digo, mexendo meus dedos dos pés para o efeito completo.

Se ao menos nosso passado pudesse sempre começar com ontem.

Ele olha para os meus pés através do brilho dourado da fogueira. — Legal — ele diz. — Mas você não me parece o tipo de garota rosa choque.

— E como *você* saberia? Achei que você tinha dito que não sabia nada sobre mim.

Ele fica em silêncio por alguns segundos antes de responder com cuidado. — Eu sei que você não é como aquelas garotas —, diz ele, olhando para a equipe de Summer. Elas estão amontoadas em um semicírculo do outro lado da fogueira, provavelmente compartilhando um baseado, pelo som de suas gargalhadas desprotegidas. — Sei que você está quieta. Sei que seus pensamentos estão longe deste lugar agora.

Meus nervos estão em frangalhos com o desejo de contradizê-lo. — Olha, é aí que você está errado. Acontece que gosto das minhas unhas rosa. E recentemente tomei uma decisão consciente de viver o momento —, digo, sabendo muito bem que estou repetindo algo que minha terapeuta me disse no início desta semana, literalmente. Eu a imagino sentada em frente a nós usando sua blusa de linho com contas grossas e uma saia longa e esvoaçante, me dando um sinal de positivo. Isso me faz rir alto, mas Alex ainda parece sério.

Ele pega minha mão e gentilmente me põe de pé. Os outros estão olhando para nós enquanto ele me leva para a água. Eu não me importo. Não resisto a ele.

É tão bom ser liderada.

Ele solta minha mão para tirar o moletom e o joga na parte seca da areia.

— Vem comigo? — ele pergunta enquanto volta para o Golfo que escurece.

Meu maiô está quase seco sob meu pulôver, mas quero seguir. Então eu sinto os tremores distantes, a linha de falha ameaçando mudar.

— Vamos lá —, ele desafia, mergulhado no abismo gigante até a cintura.

Gosto que ele não tenha medo de mim. Gosto que ele não se importe com o que os outros pensam. O que eu mais gosto em Alex, porém, é o fato de que ele não sabe a diferença entre mim há um ano e a garota quebrada que está aqui agora. As ondas escuras nunca param de crescer, cascateando em todas as direções e recuando.

Puxo meu suéter pela minha cabeça e imediatamente começo a tremer. Meus dentes estão batendo, mas não posso dizer se é o frio ou meu pânico. E então, sem pensar, eu corro — primeiro para a água fria. Alex está ao meu lado em segundos. Ele envolve seus braços em volta da minha cintura, da mesma forma que um instrutor de natação faria durante uma aula. A água está muito turbulenta para nos conectarmos totalmente.

— Foi assim que aprendi a surfar sozinho —, diz ele. Ele fala em meu ouvido enquanto a água bate contra nós. — Você tem que sentir o movimento das ondas sem vê-las.

Enquanto ele me puxa para o fundo do Golfo, seguro seus ombros, fecho os olhos e sinto meu tremor inicial ceder à força turbulenta do oceano.

O pânico é desproporcional a uma situação comum. Perda de controle. Você terá uma crise. E isso vai te confundir. Prepare-se para não destruir tudo o que você conquistou. Lembre-se de que essas crises são temporárias.

Casa é Onde a Água Está

De volta a Oceanview, Alex e eu continuamos nossas aulas de surfe nos finais de semana.

Simplesmente jogamos as pranchas de surfe em sua caminhonete velha e surrada e dirigimos até a Ilha Dauphin, o local mais próximo que Alex conhece com boas ondas. Temos saído muito, apenas como amigos, embora eu saiba o que as pessoas pensam quando nos vêem juntos: um cara me conduziu a um culto, mas aqui estou eu já me prendendo a um novo.

Que seja. Eles nunca me conheceram de qualquer maneira, eu racionalizo.

Quando Alex e eu topamos com a parceira de tênis de Patti no supermercado, ela nos olhou de cima a baixo antes de dar um olá estranho, pegar algo aleatório para jogar em seu carrinho e correr na outra direção. Patti apenas riu quando contei mais tarde. — Emily? — Patti sempre diz meu nome como uma pergunta antes de dar conselhos. — Quanto mais cedo você parar de se preocupar com o que as outras pessoas pensam, melhor para você. Confia em mim. E quando você

estiver pronta para nos encontrarmos com Alex, ou não, basta dizer. Nós só nos importamos em você ser feliz de novo.

Agradeço o apoio de Patti, mas não tenho intenção de trazer Alex para conhecê-los — nem agora ou talvez nunca. O bonito sobre Alex é que ele não conhece meu passado ou o que eu passei. Ele também se formará no próximo ano e já se inscreverá em escolas de pós-graduação em todo o país. Quando estou com ele, não fico pensando no passado ou olhando para o futuro. Inferno, eu mal estou pensando em algo.

— Você já viu um elefante? — Alex me pergunta uma tarde. *Viu? Nenhum pensamento envolvido.* — Num zoológico não conta — seu sorriso revela dentes minúsculos com uma pequena lacuna entre os dois da frente. Ele está fazendo as perguntas em um jogo que aprendeu crescendo em tantos lugares diferentes, uma maneira inventada de conhecer pessoas o mais rápido possível.

— Não — coloco meu cabelo atrás dos ombros e finjo levar esta iniciação muito a sério. Seu bom humor é contagiante. Minha mente está zumbindo com a novidade do que está acontecendo entre nós. Estamos sentados no piso de madeira de sua sala de estar. Não quero ir para casa e arriscar perder aquela intensidade florescente que me inunda como um tônico calmante.

Ele se inclina quase perto o suficiente para me beijar. — Um jacaré?

Eu rio, quebrando o clima. — Hum, alô? Veja onde eu cresci.

— Certo, pergunta estúpida — ele se inclina para trás, fingindo um pensamento dramático. — Chega com os animais. Que tal um... castelo?

— Já — sorrio ao me lembrar da minha primeira viagem de trem para a Itália. Não compartilho isso com Alex, mas em vez disso, deixo a memória queimar e sumir, deixando seu familiar rastro dolorido.

— Que tal um vulcão?

Penso nisso por um segundo. — Não.

— Uma estrela de cinema?

— Acho que não. Espera, não, uma vez em Nova York.

— Sério? Quem?

— Al Pacino. Ele estava almoçando em uma cafeteria ao ar livre no SoHo. Minha meia-irmã me fez passar por sua mesa duas vezes e, na segunda vez, ele olhou para Tamara, ergueu as sobrancelhas e disse: "Ei, docinho" — eu rio da

minha própria imitação de Pacino com voz grave. É um alívio revelar uma memória emocionalmente neutra.

— Não brinca. Boa história —, diz ele, impressionado. — Está bem então. Hmmm. Que tal uma cobra-rei? — ele pergunta.

É uma pergunta inocente.

No entanto, minha mente esgotada salta para a cobra em minha cama na Itália. A tatuagem de Kara. A conversa de Josh sobre o veneno. Naquela noite, Ben me perseguiu... Meu corpo se transforma em alfinetes e agulhas quando a imagem do corpo sem vida de Kara aparece em flashes, como um filme de terror gravado na minha memória — pernas em ângulos estranhos, um braço inchado, seus longos cabelos penteados para cima de seu rosto.

Um nó sólido se expande na minha garganta, tornando difícil engolir e, em seguida, impossível respirar. As mãos de Alex estão em meus ombros, mas não consigo ver nada. Minha visão já está se fechando, se estreitando em um túnel distorcido. Tento me convencer a não entrar em pânico. *O que há de errado com você? Ele apenas perguntou sobre uma cobra estúpida. Não é nem mesmo a mesma cobra que...*

— Ah, Deus. O que está errado? — Alex está ao meu lado, seus braços em volta de mim de forma protetora.

— Não, está tudo bem — eu me ouço dizer isso, mas minha voz soa estranha, como um sussurro desencarnado. Perder Kara me atinge com uma nova dor, a memória tão intensa e surreal quanto o dia em que a encontrei.

— Emily? Emily... — Alex é um borrão na minha frente, sua voz uma bóia distante em um mar de pânico. Seus braços se fecham ao meu redor enquanto ele alisa meu cabelo nas minhas costas com a mão. — Está tudo bem. Está tudo bem — ele diz isso indefinidamente.

Lembro de duas coisas depois de tomar um comprimido da nova receita em minha bolsa: meus dentes batendo como se eu estivesse meio vestida no meio da Antártica, e a força dos braços de Alex ainda me envolvendo quando eu acordo em seu sofá no meio da noite.

Chego à consciência um pouco rápido demais, tão rápido que imagino aquele barulho de sucção nos programas de TV quando alguém está saindo ou entrando em um flashback. A névoa Xanax se desgastou, mas ainda oferece a

bendita ilusão de que nada de assustador jamais aconteceu — nada além de uma fadiga neutra. O calor de Alex me cerca, e pela primeira vez em meses, me sinto como uma universitária comum tomando decisões questionáveis, assim como as outras garotas do meu dormitório.

Eu toco seu rosto até que suas pernas começam a se mexer. Eu o beijo suavemente. Suas mãos pressionam minhas costas enquanto ele me puxa para mais perto. Nosso beijo se torna mais forte, do tipo que fecha completamente uma mente racional. Eu não quero pensar mais, *apenas sentir*. Através da escuridão silenciosa, eu sinto uma boca em minha orelha, seu peso se deslocando em cima de mim, as mãos se movendo em todos os lugares ao mesmo tempo, o duplo subir e descer da respiração. Seu dedo desliza suavemente para dentro de mim, depois para fora e para longe, me deixando com um desejo irreprimível de conduzi-lo de volta. — *Tem certeza?* — só posso responder combinando sua urgência, puxando as roupas, entrelaçando as pernas no lugar. Nunca abro totalmente meus olhos até que estejamos ambos nus e emaranhados e empurrando através da dormência. A intensidade de cada movimento me obriga a ficar com ele nesses momentos tangíveis, deixando a memória de Kara para trás em um rastro distante.



Quando abro os olhos, é dia, mas Alex ainda está dormindo. Eu alcanço o chão até encontrar uma camiseta. A princípio, a ausência de arrependimento me surpreende. O que aconteceu parecia natural naquele momento, até mesmo inevitável. E agora, sou apenas mais uma adulta comum acordando com alguém de quem gosto muito e que precisa de um café logo.

É tudo tão normal que eu poderia chorar.

A cozinha de Alex fica em um pequeno corredor na parte de trás da casa. A longa janela oferece vista para um pátio com uma mesa de piquenique de madeira. Ele me disse que esta era uma casa de campo para aluguel por temporada, mas fechou um contrato de longo prazo com os proprietários. Assim que encontro um filtro de café, seu telefone toca. Eu congelo, sem saber o que

fazer. Nunca passei a noite com alguém antes, e não pensei em ligar para alguém para dizer onde eu estava. Ouço a secretária eletrônica atender e a voz de Tamara começa a falar.

— Ei, Alex, *amigo* de Emily, você pode atender, por favor?

Há uma longa pausa.

— Hum. Certo. Emily está aí? Emily, você está aí?

Merda. Pego o telefone e aperto o botão de falar.

— *Shhhhhh* — eu sussurro. — Tamara? Como você sabia que eu estava aqui?

— Que *diabos*, Em — Tamara zomba de uma repreensão. — Isso não é típico de você, dar uma aquecida. Eu me pergunto o que papai diria...

— Para com isso. Acabei caindo no sono, ok? Como você conseguiu o número dele?

— Cara. Summer é minha fonte para tudo relacionado a você. Você, de todas as pessoas, deveria saber disso. De qualquer forma, não se preocupa. Eu disse a mamãe que você estava na casa de um amigo. E papai saiu mais cedo para ir ao escritório antes de acordarmos, mas não é por isso que estou ligando.

Fico parada em silêncio, observando o gato cinza do vizinho se esgueirar para baixo da mesa de piquenique. Ele se agacha na borda de uma sombra como se perseguisse algo. Meu foco muda quando vejo meu próprio reflexo na janela. Meu cabelo parece ondulado e despenteado, quase sexy. Percebo a pequena imagem de um peixe pulando na camiseta de Alex e sinto uma onda de felicidade que me escapou por meses.

— Uma senhora está aqui para ver você —, sussurra Tamara no telefone. — Ela disse que é jornalista e veio de carro da Flórida.

— Flórida? — eu fico olhando para a pia, desejando que Tamara nunca tivesse ligado. — Quem é ela?

— Eu. Não. Sei — Tamara pronuncia cada palavra lentamente, como se estivesse falando com uma criança.

— É por isso que estou tentando te achar antes que mamãe volte da loja.

— Por que ela quer falar comigo?

— Ela disse que quer te fazer algumas perguntas. Algo sobre um incidente com um pregador em Gainesville — a palavra Gainesville faz meu estômago revirar. Tento bloquear as visões de Will e Meredith. E especialmente Kara.

— Diga a ela para me encontrar no parque do porto. Posso chegar aí em vinte minutos —, digo, sem nem mesmo pensar no que significa concordar em me encontrar com ela. — Só, *por favor*, tira ela de casa antes que alguém chegue.

— Okaaaay — Tamara diz, seu tom sinalizando que ela vai me ajudar com esta situação.

Eu ouço Alex se mexendo na outra sala. Uma onda de tontura me faz encostar no balcão. Um medo intenso anula qualquer curiosidade que eu teria sobre notícias de Gainesville.

Culpa. Vergonha. É natural se perguntar como você não percebeu o que estava acontecendo na hora, mas não fique obcecado. Concentre-se em como você pode viver uma vida autêntica agora e no futuro.

Uma Jornalista Chamada Julia

O sinal do banco diz 39 graus.

O parque está vazio, exceto por um homem pescando na ponte, e vejo a jornalista andando de um lado para o outro em torno do enorme mirante no topo da colina.

Sei que poderia ter deixado ela lá ou em casa para enfrentar papai, que sem dúvida a faria sair correndo para sempre. Mas quando liguei o motor do meu carro para sair da casa de Alex, algo apareceu em minha mente. Por mais que eu achasse que ficar em casa e dormir na minha própria cama longe do Reino resolveria tudo, não revolveu. *Nada.* A situação toda ainda parece tão instável. *Não resolvida.* E se ela tivesse informações que poderiam me ajudar a processar essa bagunça?

Quando eu ando até ela, ela imediatamente estende a mão. — Emily? Eu sou Julia James. Uma repórter trabalhando em um artigo sobre um incidente que aconteceu perto de Gainesville.

Aperto sua mão e nos sentamos em uma mesa de piquenique frágil. O vago guincho das crianças ecoa do parquinho por entre os enormes carvalhos; é um som que requer entonação constante para diferenciar a diversão de um possível terror. Sento em silêncio, a observando colocar um caderno sobre a mesa e descansar as mãos sobre ele. — Ah. Aqui está o meu cartão — ela me entrega e eu fico olhando enquanto ela fala. — Desculpa por entrar em contato do nada, mas estou cobrindo uma história sobre a qual você pode saber algo. Você conheceu um casal de Nashville que se mudou para Boston para administrar uma igreja chamada Reino? Eles atendiam pelos nomes de Meredith e Will.

Eu olho para cima, mas não digo nada. Fico quieta e imóvel até que ela comece de novo, esperando que ela responda às perguntas que tenho feito desde que deixei a Itália, sem exigir muito de mim em troca.

— Will foi encontrado morto em seu carro — Julia para de falar quando meu rosto fica dormente.

Meu estômago embrulha.

— Você está bem? — ela pergunta em um tom preocupado.

— Estou bem —, eu digo calmamente, a olhando nos olhos. Pela expressão dela, é claro que eu não pareço estar bem. — Vá em frente — eu digo, empurrando meus dedos na minha testa. Meus olhos queimam, mas não com lágrimas, é mais como uma dor de cabeça crescente.

— Uma grande caixa contendo cobras exóticas foi encontrada a mais de 18 metros do veículo, o que é estranho porque ninguém mais estava no local. Uma das cobras, uma mamba negra de um metro e meio, foi encontrada solta dentro do carro com ele. Ele também tinha um porta-luvas cheio de seringas esterilizadas. Você ouviu sobre isso no noticiário?

— Não — eu digo. Só consigo pensar em como Will parecia doente da última vez que o vi e no que Josh me contou sobre o Remanescente.

— Certo. Você conheceu um estudante universitário chamado Josh?

O que? Tento não reagir, mas posso dizer que ela sabe que está no caminho certo. Gotas de suor começam a escorrer pelas minhas costas. — Sim —, eu sussurro, olhando para o grafite na mesa de piquenique.

— Na verdade, foi ele quem me deu o seu nome — ela muda seu bloco de notas e observa minha reação.

Meus olhos se arregalam em choque. — O que? — digo em voz alta desta vez. O mundo inteiro gira. *Josh deu a ela meu nome?* — Por que ele... — pressiono meus lábios. *Não diga mais nada.* Respiro fundo e olho para o bayou. Um pelicano voa acima e pousa em um poste próximo na água. Ele enfia o bico no peito como se protegesse o coração.

— Sei que deve ser assustador falar sobre uma experiência como essa, mas às vezes pode ajudar na recuperação —, diz ela.

Seu tom gentil suaviza minha determinação. Ainda assim, não digo nada.

Ela escreve algo em seu caderno e vira para outra página. — Seu amigo Josh esperava encontrar você, mas não sabia onde você estava. Ele disse que vocês dois estavam no culto...

Eu me levanto abruptamente, minha mente girando. — Desculpa, mas tenho que ir — eu nem mesmo a deixo responder antes de sair para o meu carro.

Já estou na metade do caminho para o estacionamento quando ela grita atrás de mim. — Eu sei sobre a Itália. E sua amiga Kara.

Isso me faz parar no meio do caminho.

Raiva e medo queimam em mim, fazendo minhas mãos tremerem. Ondas de calor irradiam do asfalto preto do estacionamento. Luto contra uma onda avassaladora de náusea. Nem tenho certeza se posso chegar ao meu carro.

Julia continua calmamente, como se estivesse me dando informações mundanas que eu poderia pegar ou largar enquanto me alcança. — A história de Kara é a chave para descobrir o que aconteceu, para impedir que se repita. Acho que poderíamos juntar algumas peças —, diz ela, agora a uma distância de um aperto de mão.

— O que Josh disse? — pergunto baixinho.

— Uma coisa que ele disse é que quer muito falar com *você* — ela abaixa a voz. — Olha. Eu sei que isso deve ser difícil para você. Mas escrevo sobre as consequências das situações mais terríveis para viver, então também sei que o encerramento pode ser uma coisa poderosa.

O encerramento é tudo que eu quero. Mas não confio em ninguém para me dar o que preciso.

Eu chego ao meu carro, bato a porta e vou embora. Minhas mãos tremem com violência durante toda a viagem para casa. A casa está vazia. Vou direto para

o meu quarto e tranco a porta antes de me permitir chorar incontrolavelmente.



Tento o meu melhor para esquecer Julia, mas não consigo parar de pensar na nossa conversa. ...*Para impedir que se repita.*

Não mencionei nada disso a papai. Ele teria um ataque, já que levou semanas de telefonemas irados e cartas de advogados furiosos para finalmente enviar minhas coisas de Boston para cá. Eles tentaram dizer que eu assinei algum tipo de contrato, mas quando papai acabou com eles, meu carro foi dirigido até o final do Mississippi. (Grátis.)

Decido ir à biblioteca para verificar a história de Julia sobre Will e a cobra mamba negra. Está tudo impresso. E é tudo verdade.

Will está morto.

Caio contra as costas de uma cadeira de madeira da biblioteca. Eu me sinto... não sei como me sinto. Saber com certeza não me deixa triste, mas também não é catártico. Desde que voltei para casa, parece que o Reino abriu um canto escondido do meu coração que agora está dilacerado e exposto — como se eu tivesse feito uma cirurgia sem ser costurada de volta. E se saber que Will se foi para sempre não torna melhor, então, e se for impossível um dia se curar? Alguém provavelmente já tomou seu lugar para gritar com os novos discípulos — para despedaçar seus corações. O pensamento me enoja.

Talvez ajudar Julia a conseguir justiça para Kara pudesse funcionar. Talvez isso pudesse até mesmo parar o Reino inteiro.

Embora a ideia me assuste, não consigo rejeitá-la. Portanto, estudo os detalhes no artigo, que explica como as cobras foram enviadas por meio de uma linha aérea comercial. Will as pegou e assinou pessoalmente. Mas isso não explica por que uma estava solta em seu carro, mas a caixa que segurava as outras cobras estava a uma boa distância. Também não explica por que ele tinha seringas no porta-luvas.

Minha mente se lembra da tatuagem de cobra de Kara, da seringa ao lado de seu corpo. O fato de Josh insistir que ela não usava drogas, e eu também nunca vi

sinais disso.

Kara, o que aconteceu com você?

A notícia sugere que outra pessoa deve estar envolvida na morte de Will, mas as autoridades locais não têm pistas. Também diz que o veneno de cobra é quase impossível de identificar como causa primária de morte, devido à forma como o veneno se decompõe em um corpo.

Julia James está certa disso. As fitas assombram meus pensamentos como algo escuro e indizível. Eu gostaria de ter jogado elas em uma lata de lixo da estação de trem quando tive a chance.

Mas e se elas tiverem as respostas...?

De volta para casa, abro a porta do meu armário, meu coração disparado dentro do meu peito. O walkman de Kara está em cima da caixa de fitas. Uma onda de nervosismo me atinge quando abro uma fita aleatória e a coloco no Walkman. Aperto o play e vejo os pequenos círculos girarem por alguns segundos antes de colocar os fones nos ouvidos.

É a voz de Andrew. Quando ouço o nível de medo e tristeza em seu tom, imediatamente começo a chorar. Will está fazendo perguntas. — Quantas vezes você esteve com ele? — ele pergunta.

— Três —, diz Andrew. Eu o ouço fungando. Ele está chorando.

— Você sabia que era pecado da primeira vez?

— Sim —, sussurra Andrew.

— Então, como você poderia voltar a esse pecado, não apenas uma, mas *duas vezes*?

Andrew não responde, e ouço Will suspirar de frustração. Isso deve ser o que eles chamam de sessão de interrupção.

— Você sabe que o comportamento homossexual o afastará do Reino de Deus. Não é?

— Sim — Andrew parece estar tentando se controlar.

Will começa a gritar. — Então por que você voltaria a esse pecado como um cachorro?! Não sabe que o Senhor detesta pecadores? E que você *nunca* será capaz de entrar no Reino dos céus?

Andrew está chorando de novo. Há uma pausa longa e silenciosa.

— Eu deveria ligar para seus pais — Will diz calmamente.

— Não! — Andrew grita.

— Eu deveria dizer a eles que viado pecador e imundo você é. E que você não tem vergonha por esses pecados.

— Por favor... *Por favor*, não conta para ninguém! — Andrew implora. — Desculpa. Não vai acontecer de novo. Por favor, não diga nada.

Há uma longa pausa. Então Will fala muito baixo, quase em um sussurro. — Seus pais podem entender, mas os eleitores não.

Andrew está soluçando. — Por favor, apenas me diga o que fazer para consertar as coisas.

— Tem uma coisa. Algo muito poderoso que erradica o pecado — há uma longa pausa. — Você está disposto a experimentar?

— Sim —, diz Andrew, com a voz embargada.

Minhas mãos estão tremendo quando pressiono o botão de parar. Meu coração dispara. Lembro do rosto de Andrew da última vez que o vi. Ele ficou com medo quando contei sobre a cobra em meu quarto. Andrew sabia sobre o Remanescente. Will deve ter envenenado ele com a promessa de erradicar seus "pecados". Pego a fita, coloco de volta em seu estojo e coloco tudo na caixa. Ela se senta na minha frente como uma arma carregada.

Estou chorando enquanto a empurro de volta para a escuridão do meu armário.

Logo depois, papai começa a bater insistentemente na minha porta. Eu o deixei entrar e desabei em seus braços. Sentamos no chão juntos e eu choro até ficar exausta demais para me mover. Ele alisa meu cabelo com a mão. *Shhhhhhhh*. Ele diz isso indefinidamente. E quando estou quase dormindo, ele me carrega como uma criança e puxa as cobertas sobre meus ombros.

O mínimo que posso fazer é ajudar Julia a descobrir o que aconteceu.

Por Kara.

Mas também para Andrew e Lily. E Josh.

Na manhã seguinte, assim que papai sai para o escritório, seguro o cartão de Julia e fico olhando para o telefone. Não posso deixar de pensar naquela noite na casa de Deborah em Zurique quando eu estava uma bagunça tão desesperada, mas ela permaneceu tão calma. Ela sabia o que fazer e para quem ligar. Ela assumiu o controle e me guiou para fora do meu pesadelo, mesmo quando eu pensava que as coisas estavam perdidas, mesmo quando ela mal me conhecia. Deborah é exatamente o tipo de pessoa que desejo ser.

Ligo para Julia e dou duas estipulações para nosso próximo encontro:

1. Tem que ser em um restaurante a várias cidades de minha casa, perto de Nova Orleans.
2. Julia tem que trazer Josh.

Minha mão ainda está tremendo quando desligo, mas pela primeira vez desde que cheguei em casa, sinto que estou assumindo o controle. Mesmo que eu não saiba o que estou fazendo, eu me recuso a ficar esperando que as fitas de alguma forma desapareçam enquanto as pessoas responsáveis por nosso abuso poderiam estar lá recrutando mais pessoas. Registrando seus segredos mais profundos. Os usar em benefício próprio, não importa o custo emocional.

Não estou mais com medo — estou furiosa.



Eles estão esperando quando eu chego lá. O restaurante de frutos do mar está agitado com a multidão local do almoço. Josh não me vê até que eu me sente em frente a ele.

— Oi —, ele diz. Ele pisca nervosamente, então olha para seu colo. Meu coração dói de arrependimento. A mesma pessoa por quem me apaixonei há apenas alguns meses está bem na minha frente, perto o suficiente para tocar. E ele parece o mesmo. Minha cabeça tem que me lembrar das mentiras, *suas* mentiras, que nos trouxeram aqui.

— Você parece bem — eu digo em um tom cordial.

— Obrigado — ele sorri, mas seus olhos estão vazios e tristes, como da última vez que o vi no trem.

Julia abre o pano xadrez aninhado em uma cesta no meio da nossa mesa e tira um pedaço de pão. Ela passa manteiga com cuidado, aparentemente alheia ao nosso constrangimento. — Vamos ao que interessa —, diz ela. — Sou jornalista há quinze anos e posso dizer que esta história tem o potencial de explodir este "Reino" no minuto em que a tinta chegar à página. Todas as fontes podem ser nomes próprios apenas para proteger você e outras vítimas.

Vítimas. Engulo um gole de água, tentando ficar composta.

Julia faz uma pausa e se inclina para frente. — Vamos lá. Não acho que sua amiga Kara se afogou, e não acho que foi um acidente.

Josh e eu trocamos olhares, mas nenhum de nós fala. Ele não parece nervoso ou inquieto. Só triste. É quase um alívio ouvir alguém dizer o que pensei o tempo todo.

Julia me olha. — Como Josh e eu já discutimos, a única pessoa que tinha o poder de registrar a morte de Kara como um afogamento acidental sem desencadear um inquérito formal pelas autoridades italianas seria um pai.

— Mas a mãe dela nunca esteve lá — eu digo.

— O pai dela estava — Josh diz.

— O que? — pergunto. Em seguida, uma memória repentina da voz de Kara: *toda a minha existência é um pecado.*

Will era o pai de Kara? A sala parece distorcida e o ruído ambiente ao meu redor aumenta como se alguém estivesse aumentando o volume. Eu olho para Julia. — Hum, Julia? Posso ter um momento a sós com Josh? — pergunto educadamente.

— Claro —, diz ela, rápida para acomodar. — Preciso verificar minhas mensagens de qualquer maneira. Vi um telefone público no saguão.

As sobrancelhas de Josh franzem em pensamento quando ela se levanta e sai.

Quando ela está a uma boa distância, eu volto para Josh. — Olha. Eu sei que marquei isso, mas você tem certeza que queremos fazer isso? — pergunto. Pai e filha morreram. Tudo sobre essa situação, uma em que Josh e eu estávamos emaranhados, de repente parece perigoso.

Josh se mexe na cadeira e se inclina para frente para não ter que falar tão alto. — Vai sair de qualquer maneira. Eu só... preciso saber o que realmente aconteceu. Por ela —, diz ele.

— Eu também, mas pode haver consequências. Retaliação.

— Precisamos saber a verdade — seus olhos estão brilhando de tristeza.

— E as Listas de Pecados? — eu o observo de perto enquanto digo isso.

Uma expressão de pânico surge em seu rosto. — O que tem elas?

Não consigo evitar. Eu quero saber sua versão da verdade, então me faço de boba. — Quem as tem?

— Não sei. Ben nunca os encontrou quando estávamos na Itália. Ele estava frenético. Ouvi dizer que a igreja o culpou quando voltamos, e ele foi marcado e desconectado. Meredith procurou por todos os cantos da vila inteira antes de eu sair também. Elas simplesmente se foram.

— Você não acha que eles tinham cópias em outro lugar? — pergunto.

Ele balança a cabeça. — Pense nisso. Como éramos desorganizados ali. Pense em quantas dezenas de milhares de membros estão no Reino e quantas pessoas que confessaram foram registradas. Se eles tivessem cópias, por que destruir a vila?

— Você acha que devemos contar a Julia sobre elas?

— *Não* — Josh diz, praticamente pulando da cadeira. — Nós só queremos saber o que aconteceu com Kara. As Listas de Pecados não têm nada a ver com ela.

Eu olho para ele novamente, desta vez com desconfiança. — É por isso que você estava no meu quarto naquela noite? E por que você me encontrou na estação de trem?

Josh coloca a cabeça entre as mãos. Ele fala baixinho enquanto pressiona os dedos na testa. — Emily, você não tem ideia de como eu sinto muito. Sobre tudo. Eu disse coisas nessas confissões que nunca deveria ter discutido com *ninguém*. Coisas sobre minha família que arruinariam suas vidas para sempre, especialmente a de minha mãe, e eu nunca faria isso com ela. Eu confiei em Ben, e ele destruiu minha vida.

Estremeço com as palavras de Josh. Falei sobre coisas que gostaria que ninguém ouvisse. E não consigo nem pensar na fita de Andrew sem chorar. Eu

nunca deveria ter a escutado.

Josh está certo. Ninguém deve ouvir nenhuma das fitas.

Julia caminha de volta para nossa mesa.

— Então. Estamos bem aqui? — ela olha para nós e para trás. — Que tal pedirmos comida.

— Certo. Mas acho que é hora de te apresentar a alguém esta tarde. Não posso falar sobre nada disso sem ele.

— Quem?

— Meu pai — eu digo.



Quando estamos saindo, pergunto a Julia se ela pode nos dar mais um minuto a sós. — Eu preciso falar com Josh novamente. Em particular — eu digo.

— Sem problemas. Vou esperar no meu carro até que estejam prontos —, diz ela.

Josh e eu caminhamos ao redor do restaurante até uma área com vista para o pântano. Uma brisa sopra através do bayou, cortando a umidade sufocante. Os barcos passam ao longe, deixando o silêncio em seu rastro. Posso ouvir as pessoas rindo das mesas atrás de nós no topo da escada.

Eu volto para Josh. — Eu só quero que você saiba que eu te perdôo — eu alcanço minha bolsa e entrego a ele sua fita.

Enquanto ele lê o rótulo, seu rosto fica pálido.

— Não se preocupa. Eu não ouvi —, eu digo.

Ele estuda meu rosto.

— Sério. Não ouvi — eu digo, olhando diretamente em seus olhos.

— Obrigado —, diz ele, tocando suavemente meu braço antes de por a fita em seu bolso.

Enquanto eu o vejo se afastar, meu coração afunda.

Posso dizer que ele acreditou em mim. Mas também posso dizer que a fita era tudo o que ele queria.

Frustração com a recuperação. Lembre-se sempre de que há esperança. Eventualmente, algo vai ceder e seu novo normal irá emergir. Você pode até descobrir um novo caminho, ou um propósito mais elevado, como resultado direto de sua experiência.

A Fita Vazia

Tento fingir que as outras fitas da Lista de Pecados não existem.

Tenho estado tão ocupada saindo com Alex que quase me deixo esquecer que elas ainda estão escondidas no meu armário. Apodrecendo. Parece administrável até que eu chegue em casa e encontre um quarto silencioso, tão silencioso que quase posso ouvir as vozes falando ao mesmo tempo. Mesmo que eu não conseguisse ouvir as outras fitas, eu já sei o que há nelas. A abertura. A súplica. A dor. O medo e a vergonha. O desejo implícito de que a luta termine.

Mas é isso. Quando você está na luta, não há fim possível — é apenas um ciclo interminável de demandas inatingíveis. Quando você está vivendo isso, você não consegue ver qual é o caminho para cima. E depois que você sai, parece que você está perdido, como se alguém o tivesse levado para as profundezas de um labirinto sem um mapa e, em seguida, o abandonado para encontrar a saída.

A vergonha é avassaladora, e não apenas porque me sinto uma idiota por não ver o que estava acontecendo.

Kara morreu. Sua mãe nunca mais a verá. A lista de coisas possíveis que eu poderia ter feito — ter ficado com Kara e os americanos ou tentado mais fazer com que ela voltasse — me assombra todas as noites quando acordo dos pesadelos. Quero fazer isso parar, mas estou com medo de entrar em contato com a única pessoa que tenho mais medo de decepcionar.

Tenho medo de contar tudo ao papai. Qual será a reação dele ao fato de eu poder estar comprometida. Nem consigo imaginar como eu me faria entregar as fitas da Lista de Pecados de outras pessoas. *Talvez eu possa consertar sozinha.*

Abro meu armário e folheio as fitas. Todas as fitas são etiquetadas com as iniciais correspondentes às dos outros estagiários, exceto Kara, cuja fita sempre faltou. Algumas das fitas de música de Kara estão na caixa, talvez em uma tentativa de mascarar as outras. Eu vasculho todas elas novamente e noto uma em branco.

A puxo para fora do estojo. Não há rótulo e é rebobinada como nova. Então, noto que as abas de plástico na parte superior foram removidas para protegê-la de ser gravada ou apagada. Coloco no meu walkman, coloco os fones nos ouvidos com uma sensação de pavor e aperto o play.

Calafrios se espalham pelos meus braços quando ouço a voz de Kara.

— Você prometeu —, diz Kara.

— Deus tem um plano para mim.

— Na Califórnia?

— Para de fazer perguntas sobre minha esposa, Kara. Eu sabia que não devia confiar em você como PD.

— É? Quais foram suas outras opções? Ter Shannon como minha e me perguntar sobre todos os meus pecados para que ela pudesse contar a sua família em Boston? Minha existência inteira é um pecado e você sabe disso —, diz Kara.

Lembro de ouvir essa conversa na vila. Uma longa sequência de estalos estáticos em seu silêncio.

— Então *eu* vou contar a ela — Kara finalmente diz.

— O que?

— Juro por Deus que vou contar se você não.

— *Kara*. Pare.

— Você. *Prometeu*. E agora você os está escolhendo ao invés de nós. Minha mãe dedicou a vida ao Reino, mesmo depois do que você fez a ela. Ela salvou *sua vida* na África. Vou contar a todos sobre isso também, que você não é um milagre vivo, seu pedaço de merda.

Silêncio.

— Conta. Ou eu farei isso por você.

O som de uma porta batendo encerra a conversa. Eu vejo as bobinas de fita girarem até o fim, mas não há mais nada para ouvir.

Tiro a fita, a prendo em seu estojo e coloco contra o estômago. Eu balanço para frente e para trás até encontrar uma maneira de me levantar e descer as escadas. Estou segurando o estojo com tanta força que a frente de plástico racha na minha mão.



Papai está sentado em sua mesa olhando um documento, os óculos empurrados até a ponta do nariz. Ele parece cansado e exausto e absorto no que está lendo.

— Preciso falar com você — eu digo. Sento na cadeira de couro gasta em frente a sua mesa e remexo a fita.

Ele olha para mim e olha para minhas mãos. — O que você tem aí? — meu pai tem anos de experiência sabendo o momento exato em que alguém está pronto para falar sobre algo importante. Sei que é por isso que ele não tem me pressionado nas últimas semanas. Ele pode ver isso vindo de um quilômetro de distância.

Ainda assim, eu hesito.

— É uma fita. E acho que poderia explicar mais sobre o que aconteceu com Kara.

— E de onde veio essa fita? — ele tira os óculos de leitura e estende o braço. Coloco a fita em sua mão.

— A princípio pensei que fosse uma fita vazia. Eu encontrei com as mixtapes de Kara.

— Mixtapes?

— É uma mistura de músicas favoritas. Esta parecia vazia, mas as guias foram empurradas para fora, então eu ouvi...

— Espera aí — ele diz. Ele levanta a mão para que eu fique quieta, coloca a fita em sua mesa e me olha da mesma forma que deve olhar para seus clientes todos os dias. — Emily, Deborah e eu temos rastreado as muitas cordas que correm em todas as direções deste caso, e acredite em mim quando digo que é diferente. Mas o fato é que o próprio pai de Kara estava lá e não questionou a conclusão das autoridades.

— Eu sei — eu digo. Penso em ouvir Meredith e Ben no escritório, sobre a agulha no braço de Kara que nunca foi mencionada por ninguém, sobre a pele azul-clara de Kara. Eu só quero fazer as memórias e os pesadelos pararem.

— Como advogado e, mais importante, como seu pai, eu nunca a aconselharia a fazer nada que pudesse colocá-la em perigo. Pense nisso — sua voz começa a aumentar com intensidade. — Absolutamente nada nessa fita me convenceria a deixar você reabrir um caso internacional baseado em um item pertencente à vítima, ah, *e* que você trouxe para casa antes de contar a alguém sobre isso até agora.

Ele levanta a fita, seu rosto fica vermelho de raiva. — No que nos diz respeito, esta *é* uma fita vazia — eu vacilo com o tom de sua voz.

Ele olha para mim novamente e se suaviza. — Querida, nada a trará de volta. As autoridades vão resolver isso, certo ou errado. De qualquer forma, este *grupo* está destruindo vidas há muito tempo, e nosso foco é colocar um fim nisso. Prometi a Julia Jones que continuaria em contato com seu artigo e pretendo cumprir essa promessa, mas isso tem que ser feito da maneira certa. Um bom jornalista pode ser muito mais eficaz do que mil advogados.

Isso tudo é tão fácil para ele. *Por que eu não liguei para ele em primeiro lugar?* Então, a onda familiar de isolamento me atinge desde todas as vezes em que mais precisei dele e ele não estava lá. De todas as vezes que Patti ligou por ele quando ele estava muito ocupado para fazer isso sozinho. Mesmo depois do terrível incidente com Sadie, a reação de papai foi um alívio desdenhoso quando ele descobriu que ela foi mandada para casa — o problema havia se resolvido. Ele não tinha ideia do medo e da solidão que eu sentia todas as noites naquele mesmo dormitório.

— Olha — ele diz. — Eu sei como consertar isso. Deixa eu fazer meu trabalho enquanto você se concentra em melhorar. Você já sofreu o suficiente — ele se levanta em um gesto de que devemos sair de seu escritório e simplesmente voltar para nossas vidas normais.

Mas eu não consigo me mover. Meu peito aperta enquanto pressiono meus dedos na minha testa. — Já sofri "o suficiente" porque você não esteva lá por mim. Por que você acha que eu queria ir para uma faculdade tão longe? Não havia *nada* para mim aqui!

Sua expressão está vazia, como se ele estivesse olhando para alguém que nem mesmo reconhece. Ele lentamente se senta de volta. — Querida, você implorou para ir para Boston. Rasgou meu coração por ter você tão longe de nós. Mas Patti e eu decidimos que era hora de deixar você tomar suas próprias decisões.

— Sim, e você deve estar *tão* orgulhoso — eu fungo. — Eu tomei algumas decisões realmente espetaculares, não é? E agora todo mundo me olha como se eu fosse uma garota estúpida que caiu em algum truque óbvio, quando ninguém entende nada. Nunca *entrei* para um culto. Essas pessoas eram minhas *amigas*. Minhas *únicas* amigas. E o triste é que ainda me importo com alguns deles — as lágrimas estão derramando agora.

Os olhos de papai se enrugam de preocupação. — Em, é assim que eles funcionam. Eles se aproveitaram de você e lamento muito que tenha passado por isso. Me deixa consertar isso. Vou derrubar eles, mas você tem que deixar eu te proteger no processo.

Quero desesperadamente aceitar sua oferta, acreditar que ele cuidará de mim e esquecer tudo o que aconteceu. Mas não consigo parar de pensar nas outras fitas que trouxe de volta e na dor que elas contêm. Ou o que Meredith me disse depois de tentar roubar o colar da minha mãe.

Estou apavorada, mas sei que tenho que perguntar a ele.

— Quando mamãe morreu, você questionou a conclusão?

A sala inteira pulsa em silêncio enquanto a questão paira entre nós. Papai está paralisado de choque. — Por que diabos você me perguntaria isso?

— É que nunca conversamos sobre isso, você e eu. E... — faço uma pausa e olho para o meu colo. — Lembro de tudo o que aconteceu naquele dia — tenho que sussurrar as duas últimas palavras.

Ele limpa a garganta como se fosse falar, mas eu o interrompo.

— Alguém na Itália disse algo para mim. Algo horrível. Sobre a morte dela não ter sido um acidente. Por que ela diria...

Uma raiva controlada cruza seu rosto. — Deixa eu te contar algo sobre essas *pessoas*. Elas diriam *qualquer coisa*, às vezes até as coisas mais calculadas e dolorosas imagináveis, para te manter dentro. Fizeram a mesma coisa com tantos outros apenas para impedi-los de partir. O objetivo deles não é a Bíblia, Emily. É para afastar os membros de suas famílias, voltar você contra nós.

Sua voz é baixa, quase baixa demais para ouvir. — Sua mãe era a mulher mais incrível e destemida que já conheci, mas ela não conseguiu superar uma mudança repentina na natureza. Ninguém poderia ter sobrevivido àquela ressaca. Ela sempre pensou que as bandeiras de advertência eram para outras pessoas, mas isso remonta a muito antes de você nascer.

Ele se aproxima de mim e coloca o braço em meu ombro, os olhos brilhando de nostalgia. — Você é tão parecida com ela. E acho que a melhor coisa que você pode fazer por todos nós, incluindo ela, é sair por aí e ser uma adolescente de novo. Não perca mais um minuto precioso de sua vida com coisas que você não pode mudar.

Mas, mesmo quando entramos na sala de estar e nos sentamos com Patti na frente da televisão, fingindo que a vida é normal, só consigo pensar em como *poderia* mudar as coisas. Como eu poderia tentar consertar toda essa situação, ou pelo menos fazer minha parte para ajudar.

Como *qualquer um* poderia seguir em frente como se tudo estivesse bem? Fingir que nada aconteceu.

Tenho de fazer alguma coisa.

Queima Controlada

Minha mãe está no final de uma estrada estreita e sinuosa.

É um lugar lindo onde o musgo espanhol fica pendurado em carvalhos antigos e as águas calmas da Baía de Biloxi cintilam em todas as direções. Há um banco ao lado dela, e eu costumava fugir para ler livros lá quando estava na escola. Nunca disse a ninguém porque sabia que as pessoas achavam que era estranho. Elas não entenderiam que era reconfortante apenas estar perto dela.

Hoje, agarro a velha fronha que enchi com as fitas da Lista de Pecados e me sento no banco. Todas as fitas estão dentro, exceto a "vazia" de Kara, que lacrei em um envelope acolchoado com o cartão de Julia no topo.

— Por favor me ajude. Eu não tenho ideia do que fazer — eu digo para o ar.

Observo a água brilhar enquanto espero por uma sensação, por algum tipo de sinal. Sento em silêncio por alguns minutos. A brisa sopra contra meu rosto, mas parece como sempre.

Finalmente me levanto e caminho até a beira da água. Para mim, a água sempre foi uma conexão com a breve existência de minha mãe. É onde a perdemos e, para mim, é onde ela ficou. Com o tempo, passei a acreditar que ela emanava de todos os lugares daquela massa viva e cintilante, cuidando de mim de onde quer que eu estivesse. Eu imagino Kara e minha mãe no Golfo — passando pelas plataformas de petróleo, pelos pescadores, além do tráfego cruzado de barcos, onde ninguém jamais poderia encontrá-las — avançando graciosamente por incontáveis ondas ao longo da curva azul profunda do globo. A imagem animada me faz sorrir, mas não sou mais uma garotinha. É como a sereia. Desta vez, eu sei que não é real — é apenas algo para me fazer sentir melhor por estar aqui em um mundo sem elas.

Fico lá tanto tempo que as fitas ficam pesadas. Eu as troco para a minha outra mão. Me afastando da água, volto para o meu carro e vou embora.



A enorme estrutura pré-fogueira surge contra um horizonte elétrico. Faixas sobrepostas de ouro, laranja e magenta brilham como um cenário de outro mundo atrás da tranquila baía azul. A mãe de Summer sempre nos disse que há uma razão para tantos artistas viverem aqui na Costa do Golfo. É por isso que ela ficou. "A inspiração da natureza é infinita", ela sempre dizia.

Vejo Summer na praia. Ela está caminhando em direção aos nossos amigos, que estão trabalhando na fogueira. Estas são as pessoas que me conhecem há anos. O velho eu, pelo menos. Mexo com a maçaneta do lado do motorista, juntando coragem para abrir a porta.

Então eu vejo Alex se aproximando de Summer. Ela o cumprimenta como se estivesse imitando um gesto de surfista em seu benefício, e isso me faz rir. Eu a vejo puxar Alex para o grupo. Um pouco além deles, o trecho orlado de pinheiros da Ilha Deer fica entre a praia e as profundezas do Golfo do México.

Algo como euforia enche meu coração: *estou em casa*.

Vejo Alex e Summer trabalhando juntos para alimentar a fogueira. Conforme as chamas começam a tremular no céu, todos se dispersam em direção à costa. Pego a fronha no banco do passageiro e abro a porta.

Todo mundo está mergulhado na água até as canelas, saindo e bebendo cerveja, mas eu caminho em direção ao fogo que crepita e estala sob a fumaça que sobe.

Eu paro perto o suficiente para sentir seu calor estrondoso enquanto pedaços de madeira desabam e se movem, fazendo as chamas subirem em direções imprevisíveis. Jogo a fronha com nó no meio e olho profundamente dentro. Observo uma mudança visível na cor ou intensidade, mas a fogueira a consome com sua queima constante como se nada tivesse sido jogado nas chamas.

EMILY X—

(continuação)

O Reino caiu na Flórida, um lugar onde os ramos extensos de um carvalho obscureciam o Ford Taurus verde estacionado embaixo. A vibração das cigarras se intensificou em uma canção matinal através do calor úmido e espesso. As portas do carro estavam fechadas, como se o carro tivesse sido abandonado para um passeio na água, ou uma tarde de pesca, ou mesmo uma rápida troca ilegal, nada do que seria incomum nesta península afastada. Em vez disso, um homem sem vida estava caído para a frente contra o volante, o vômito cobrindo sua camisa e a parte interna do para-brisa.

— Ele deveria estar a caminho para nos encontrar aqui no dia em que foi encontrado. Mas ele estava... *sofrendo* por muito tempo — a recém-viúva loira de 40 anos, que oficialmente atende por Meri agora, estava sentada com os pés descalços sob as pernas em um sofá branco com forro deslizante. A parede curva de janelas atrás dela emoldurava uma vista deslumbrante do Oceano Pacífico. Ela virou a cabeça para olhar para a sequência interminável de ondas distantes rolando, então enxugou uma lágrima de seu olho com uma mão perfeitamente cuidada, antes de falar.

Quando eu gentilmente comentei a sobrevivência milagrosa de seu falecido marido na África e os relatórios do traficante de cobras que entrevistei na Flórida, seus olhos brilharam em um toque de desafio. — Will deve ter pensado que ele era imune ao pecado. Que ele era invencível e podia fazer qualquer coisa que quisesse... — ela torceu o cabelo

comprido e o colocou sobre o ombro antes de levantar o queixo. — Mas é aí que ele se engana. A Bíblia ensina que *ninguém* está imune ao pecado, e seguir os passos específicos para a salvação estabelecidos pelo Reino é o único caminho.

Sua boca se contraiu em um sorriso amargo. — Acho que no final, nosso pobre Will descobriu isso — seu queixo tremeu quando ela se levantou e caminhou até a parede de vidro, seu vestido de verão branco girando na brisa de uma janela aberta. — Sentimos falta dele todos os dias. E é muito difícil liderar esta igreja sem ele, mas tenho que encontrar uma maneira de ser forte —, disse ela, envolvendo os braços em volta da cintura fina, como se se confortasse, sua grande aliança de casamento refletindo o sol da manhã. — Nada, e quero dizer *nada*, é mais importante do que este chamado.

Uma estudante de Boston insiste veementemente que o Reino é uma força positiva em sua vida. — Um punhado de maçãs podres que pecam no exterior não podem impedir nossa missão de ajudar os jovens a encontrar o Reino —, disse Heather, me oferecendo um panfleto. — Por meio de nossa nova liderança em Boston, mostraremos ao mundo o que realmente somos.

Muitos ex-internos, como o Reino os chama, discordam de Meri e Heather, dizendo que o culto fez com que abandonassem a faculdade. Os sortudos têm os recursos para verificar as instalações de desprogramação para desfazer a lavagem cerebral a que foram submetidos durante seu tempo no Reino; outros encontram apoio em um lugar mais inesperado: uns nos outros.

— Outros ex-membros por aí podem ser seus maiores aliados. É apenas uma questão de encontrá-los —, diz Andrew. — Emily foi quem me encontrou. Conversamos quase todos os dias agora, ajuda, você sabe. Para dar sentido a tudo, tudo o que aconteceu conosco.

À medida que os detalhes da mortal viagem missionária à Itália continuam a ser divulgados, todos — incluindo os envolvidos — ficam se perguntando: Como isso pode ter acontecido? Alguns dirão que foi manipulação predatória. Outros dirão que foram apenas alunos despreparados para o mundo real.

Para Emily, as coisas não são tão claras. — Não tenho uma resposta —, diz Emily. — Eles me fizeram sentir como se eu pertencesse, como se minha existência realmente importasse. Eles me fizeram sentir amada. E para a maioria de nós, isso é o suficiente.

Nota da Autora

Quando me mudei de uma pequena cidade no Bible Belt para a cidade de Nova York, no início dos meus vinte anos, tive dificuldade em falar sobre a criação evangélica fundamentalista que deixei para trás. Cresci frequentando a igreja três vezes por semana; os cursos da capela e da Bíblia aconteciam todos os dias da semana. Não tínhamos bailes no colégio porque dançar era uma das muitas coisas estritamente proibidas. O inferno *não* era um lugar abstrato. Meus amigos pós-faculdade tinham perguntas — compreensivelmente.

"Assim como o filme *Footloose*?" alguns eventualmente perguntaram. *Sim. Bastante*.

Então um disse: "Ah, já ouvi falar disso. É um culto." *Uau. Espera.*

Culto?

Uma seita religiosa polêmica que floresceu nos anos 90 foi, na verdade, um desdobramento da religião na qual fui criada. Embora minha igreja de infância e a infame seita compartilhassem nomes semelhantes naquela época, cada uma mantinha uma distância cautelosa da outra. Lembro de ouvir palavras como "carismático" e "ministros múltiplos" sussurradas para descrever algo controverso acontecendo em outro lugar. Quando os jornalistas começaram a expor suas práticas questionáveis, vários ex-membros se apresentaram para descrever as táticas agressivas e o comportamento de controle que acelerava o tamanho das congregações e o número de contribuições. Mas o movimento se espalhou como um incêndio na década de 1990, quando os recrutadores começaram a mirar nos campos universitários, em busca de alunos que pareciam solitários ou deslocados. Várias universidades tiveram que bani-los — não por causa de suas supostas crenças, mas por assediar os alunos.

Em 1997, o *The Washington Post* relatou que um típico estudante universitário "provavelmente seria abordado pelo menos uma vez por recrutadores de cultos". Muitos alunos nunca souberam que foram abordados, já que os cultos frequentemente mudavam seus nomes oficiais do campus para títulos benignos para escapar do radar.

Em minha pesquisa para este livro, fiquei chocada com a quantidade de cultos universitários em funcionamento desde os anos 90 e que *ainda* prosperam hoje. Eu li vários relatos pessoais de partir o coração de ex-membros — indivíduos corajosos dispostos a reviver publicamente seus pesadelos para que outros sobreviventes soubessem que não estavam sozinhos e para alertar as vítimas em potencial. Cada história da vida real pesava em meu coração. Como as pessoas podiam infligir danos voluntariamente a alunos vulneráveis longe de suas famílias pela primeira vez?

Quanto mais eu estudava vários cultos, mais via uma resposta clara.

A *lavagem cerebral* não é ficção científica — é muito real. E é extremamente perigosa. Um indivíduo que sofreu lavagem cerebral pode ser coagido a acreditar — ou fazer — quase tudo. Seja vindo de um culto baseado na Bíblia ou do "culto sexual" do NXIVM de manchetes recentes, as táticas são quase idênticas. Grupos de alta pressão são definidos como "cultos" por seu comportamento manipulador e abusivo, independentemente da doutrina específica que afirmam seguir. Como mostra *Those Who Prey*, qualquer doutrina pode ser distorcida para se adequar a um motivo.

Uma coisa que aprendi ao discutir o assunto deste livro com estranhos e amigos é que a maioria das pessoas conhece alguém afetado por um culto, e isso geralmente é mantido em segredo. Os sobreviventes, compreensivelmente, podem relutar em discutir suas experiências por medo de estigmatização. Algumas pessoas se preocupam e podem pensar que não foram inteligentes ou experientes o suficiente para reconhecer os sinais. Mas, na realidade, isso não poderia estar mais longe da verdade.

Como diz o ditado, ninguém "entra" em um culto. Buscar uma conexão genuína pode tornar qualquer pessoa vulnerável àqueles treinados para atacar os outros. Cultos também fingem ser uma coisa — prometendo mudar sua vida

para melhor — e raramente mostram suas verdadeiras cores até que você esteja em um ponto muito profundo para se afastar facilmente.

Encontrar um caminho através do labirinto escuro de medo e ansiedade pode parecer impossível, mas espero que a jornada de Emily em *Those Who Prey* ilumine um caminho. Embora os personagens, as situações e o culto no livro sejam puramente fictícios, as táticas gerais de recrutamento são realistas e ainda são usadas por muitos cultos hoje.

Eu queria que este livro mostrasse como isso acontece. Como isso poderia acontecer com *qualquer pessoa*.

Escapar de uma situação repressiva pode ser verdadeiramente assustador; entretanto, uma força inabalável e uma profunda capacidade de empatia podem ser encontradas do outro lado.

Se você ou um ente querido está lutando contra o trauma do culto, ou se simplesmente deseja aprender mais sobre os cultos de um recurso confiável, a International Cultic Studies Association é um bom ponto de partida: icsahome.com.

Agradecimentos

Preparar um livro para publicação requer mais olhos e mãos do que jamais imaginei. Gostaria de agradecer às seguintes pessoas que me ajudaram a preparar este livro para voar pelo mundo.

Shannon Hassan, minha incrível agente que acreditou neste livro desde nossa primeira conversa — por seu olhar editorial aguçado e abordagem firme que me levou ao editor dos meus sonhos. Toda a equipe da Agência Literária Marsal Lyon.

Alex Borbolla, meu brilhante editor, que dá uma visão perfeita com um toque de humor e muitas fotos de cachorro. Trabalhar com você é uma alegria absoluta! Debra Sfetsios-Conover por projetar uma capa tão atraente para este livro. E Adams Carvalho, cuja imagem de capa assombrosa ainda me faz olhar maravilhada. Obrigada também a Clare McGlade, Tatyana Rosalia, Crystal Velasquez, Chantal Gersch e a equipe de vendas e marketing da Simon Teen. Para toda a família Atheneum: Estou *incrivelmente* orgulhosa de fazer parte de sua equipe!

É difícil identificar os momentos que levam à carreira de escritor, pois estão acontecendo em tempo real. Mas quando você olha para trás, você pode ver isso claramente.

Sou extremamente grata pelo seguinte:

Amigos dos dias do SoHo na Jumbo Pictures: Assistir a todos vocês realizando seus sonhos criativos ao longo dos anos foi uma grande fonte de inspiração para mim. Ken Scarborough pelas caminhadas em museus e conversas literárias em meio às ruas e avenidas entrecruzadas que abriram meu cérebro

criativo. Al e Alysoun para as aventuras mais legais. Scott e Michelle Fellows por todos os ovos fritos!

O Departamento de Inglês da University of Mississippi — um lugar onde finalmente comecei a ouvir minha voz e desenvolvê-la na página. Donna Ladd, da *Jackson Free Press*, por me ajudar a aprender a "calar a boca e escrever", ao mesmo tempo que me deu um lugar para delirar sobre livros desde o início. Obrigada também a todos os editores de revistas que apoiaram meu trabalho ao longo dos anos.

Women of Words, o grupo de escritores da Costa do Golfo que me manteve em movimento quando uma vida agitada quase me impediu de escrever: Valerie Winn, Faith Garbin, Cynthia Tanner, Bev Blasingame. E Mary Ann O'Gorman, uma excelente parceira de crítica, querida amiga e fabulosa fada madrinha.

Aqueles que ofereceram feedback e incentivo ao longo do caminho: Matthew Pitt, Jordan Sanderson, Shelley Ingram, Barbara Lee, Tara Skelton, Javier Gómez e tantos outros colegas e amigos. Marc Poole, por me deixar entrar furtivamente em sua aula de história da arte, e Curtis Houston, da Wild Woods Creative, pela experiência em design gráfico.

A comunidade de escritores, especialmente Liz Lawson, Tanya Guerrero, Laura Taylor Namey e Eva V. Gibson por seus conselhos específicos e constantes elogios. E Shannon Takaoka, amiga estreante e extraordinária parceira de crítica. The Roaring 20s e Class of 2K20 Books estreiam grupos para a camaradagem virtual.

Kristen Brandt e a Comissão de Artes do Mississippi por apoiar a jornada deste livro durante o processo de publicação. E as livrarias independentes em todo o nosso estado por iluminar consistentemente o caminho a seguir, mesmo nos momentos mais incertos.

Minha mãe e meu pai, que sempre me incentivaram a seguir meus sonhos, mesmo quando esses sonhos eram longínquos e um tanto rebuscados para uma garota de uma pequena cidade de Arkansas.

Dra. Ann Brown, que me chamou em seu escritório depois de ler meu ensaio de graduação para me dizer que eu deveria considerar uma carreira em escrita criativa. Não processei totalmente a sugestão na época, mas agora penso muito

sobre isso e nunca hesito em dizer a mesma coisa aos meus próprios alunos de graduação cada vez que leio um texto que acende uma chama em meu coração.

Meu irmão Randy por ser o melhor guia turístico de todos os tempos. Amy Pruett Hernandez, Emily Dwight e amigos que estudaram no exterior comigo — não há nada melhor do que um companheiro de viagem com um passe Eurail, uma paixão pela arte e um senso de aventura.

Anne Daniel e Kimberley King Clearwater, pelo sistema de suporte vitalício. Todos os amigos e familiares que me incentivaram a seguir este caminho.

Os leitores desta história que podem reconhecer semelhanças em suas próprias jornadas pessoais.

Sobre a Autora



Foto cortesia da autora

JENNIFER MOFFETT é escritora, editora, professora em uma faculdade comunitária e banhista versátil. Ela morou em Arkansas até que um programa de estudos universitários no exterior na Itália despertou uma paixão vitalícia por viagens. Depois de trabalhar na televisão infantil na cidade de Nova York, ela recebeu um mestrado em redação criativa pela Universidade do Mississippi. Ela mora na Costa do Golfo do Mississippi.